

DANIVIA DA CUNHA MATTOZO WOLFF

**ESTUDO COMPARATIVO DE ADVERSATIVAS  
NO PORTUGUÊS E NO CATALÃO  
DOS SÉCS. XIII A XVI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística  
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística.  
Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Dissertação intitulada *Estudo Comparativo de Adversativas no Português e no Catalão dos Sécs. XIII a XVI*, defendida por Danivia da Cunha Mattozo Wolff e aprovada em 18 de fevereiro de 2008, pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Prof. Dr. César Nardelli Cambraia (UFMG) – Orientador

---

Profa. Dra. Valéria Gil Condé (USP)

---

Profa. Dra. Evelyne Jeanne A. A. M. Dogliani (UFMG)

“À frente do estudante existe aberta a senda de um contínuo progresso.  
Ele tem um objetivo a realizar, uma norma a alcançar,  
os quais incluem tudo que é bom, puro e nobre”.

Ellen G. White

“Feliz é o homem que acha sabedoria,  
e o homem que adquire conhecimento”.

Provérbios 3:13

“Grandes coisas fez o Senhor por nós,  
por isso estamos alegres”.

Salmos 126:3

## AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, por me capacitar para os desafios que se desdobravam à minha frente e por continuamente me dirigir os passos e me dar segurança no meu caminhar.

Ao meu orientador, Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, pela dedicação e pela generosidade em compartilhar seu conhecimento.

Ao meu marido e melhor amigo, Kelson, por andar comigo a segunda milha, por me apoiar incondicionalmente, por me ensinar o valor do constante aprender e por compartilhar dos meus sonhos.

À minha mãe e meu irmão, por terem permitido que eu trilhasse o caminho do conhecimento logo cedo, sendo generosos e compreensivos, sempre na arquibancada, torcendo por mim. Agora, eu estou na arquibancada torcendo por vocês.

Aos professores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, que, mais que grandes mestres, foram verdadeiros amigos, desejando sinceramente ver o crescimento de seus alunos, especialmente aos professores Márcia Cançado, Maria do Carmo Viegas e José Olímpio.

Aos meus amigos de faculdade, que caminharam junto comigo, alguns um passo a frente, outros, um passo atrás, mas todos ansiando chegar ao mesmo destino: o conhecimento; especialmente ao Leonardo Araújo (meu grande amigo), à Luisa Godoy, à Cynthia Vilaça e ao Marcelo Martins – ainda vai se ouvir muito falar desses nomes.

Aos meus amigos queridos, que sempre torceram por mim, compartilhando uma amizade verdadeira e desinteressada, especialmente à Pollyanna Sampaio e à Adriana Silveira.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho fosse possível - a todos vocês o meu *muito obrigada!*

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Frequência (geral).....	55
<b>Tabela 2a:</b> Valor semântico (geral) .....	59
<b>Tabela 2b:</b> Valor semântico (adversativas) .....	60
<b>Tabela 3a:</b> Acompanhamento de marca adversativa (geral).....	63
<b>Tabela 3b:</b> Acompanhamento de marca adversativa (adversativas).....	64
<b>Tabela 3c:</b> Não-acompanhamento de marca adversativa × valor semântico.....	65
<b>Tabela 4a:</b> Tipo de contexto (geral) .....	67
<b>Tabela 4b:</b> Tipo de contexto (adversativas).....	69
<b>Tabela 4c:</b> Contexto negativo × valor semântico.....	70
<b>Tabela 4d:</b> Contexto negativo × acompanhamento de marca adversativa × valor semântico (português).....	71
<b>Tabela 4e:</b> Contexto negativo × acompanhamento de marca adversativa × valor semântico (catalão).....	72
<b>Tabela 5a:</b> Nível de articulação sintática (geral) .....	74
<b>Tabela 5b:</b> Nível de articulação sintática (adversativas) .....	76
<b>Tabela 6a:</b> Posição oracional no português (geral) .....	80
<b>Tabela 6b:</b> Posição oracional no catalão (geral) .....	80
<b>Tabela 6c:</b> Posição oracional no português (adversativas) .....	82
<b>Tabela 6d:</b> Posição oracional no catalão (adversativas) .....	82

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Manifestações de adversatividade.....	20
<b>Quadro 2:</b> Confronto diacrônico de <i>pero</i> e <i>porém</i> (Mattos e Silva, 1984).....	36
<b>Quadro 3:</b> Confronto diacrônico de <i>pero</i> e <i>porém</i> (Barreto, 1999).....	42
<b>Quadro 4:</b> Confronto diacrônico de <i>pero</i> e <i>porém</i> (Barreto, 2002).....	43
<b>Quadro 5:</b> Confronto diacrônico de <i>pero</i> e <i>porém</i> (síntese).....	44
<b>Quadro 6:</b> Composição do <i>corpus</i> .....	51
<b>Quadro 7:</b> Gênese da ambigüidade de <i>pero</i> e <i>porém</i> .....	88
<b>Quadro 8:</b> Confronto diacrônico de <i>pero</i> e <i>porém</i> no <i>corpus</i> .....	95
<b>Quadro 9:</b> De adverbial para conjuncional (geral).....	101

## LISTA DE ABREVIATURAS

- A** — Adverbial  
**AD** — Valor semântico adversativo  
**Advers.** — Adversativo(a)  
**C** — Conjuncional  
**C** — *Cartinha*  
**CC** — *Carta* (de Pero Vaz de Caminha)  
**CCP** — *Crônica do Conde D. Pedro de Meneses*  
**CDJIII** — *Cartas* (de D. João III)  
**CDP** — *Crônica de D. Pedro*  
**CE** — Valor semântico conclusivo-explicativo  
**CF** — *Contes i Faules*  
**CGE** — *Crônica Geral de Espanha*  
**CIC** — *Col·loquis de la Insigne Ciutat de Tortosa*  
**CJ** — *Cartas* (de Jaime, Duque de Bragança)  
**CM** — *Cartas Miscelâneas*  
**Concl.-expl.** — Conclusivo-explicativo(a)  
**CR** — *Cartas* (de Catarina de Bragança)  
**CT** — *Cartas* (de Teodósio, filho do Duque)  
**D** — Valor semântico duvidoso  
**D#** — Definição (+ número)  
**DA** — *Décadas da Ásia*  
**DEM** — *Demanda do Santo Graal*  
**DLNL** — *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*  
**DSG** — *Diálogos de São Gregório*  
**DVV** — *Diálogo da Viçiosa Vergonha*  
**EPI** — *Epistolari del Segle XV*  
**fól.** — Fólio  
**FR** — *Foro Real*  
**GLP** — *Gramática da Língua Portuguesa*  
**H-#** — Hipótese (+ número)  
**IC** — *Imitação de Cristo*  
**Inter** — Nível de articulação inter-oracional  
**Intra** — Nível de articulação intra-oracional  
**LFR** — *Llibre dels Fets del Rei en Jaume*  
**LRR** — *Lenda de Rei Rodrigo*  
**LUS** — *Os Lusíadas*  
**+MAD** — Acompanhamento de marca adversativa  
**-MAD** — Não-acompanhamento de marca adversativa  
**+N** — Contexto negativo  
**-N** — Contexto não-negativo  
**NA** — nível de articulação  
**oc(s).** — Ocorrência(s)  
**OE** — *Orto do Esposo*  
**p.** — Página  
**PER** — *Peregrinação*  
**PFA** — Posição final absoluta (final de período)  
**PFO** — Posição final de oração  
**PIA** — Posição inicial absoluta (início do período)  
**PIO** — Posição no início da oração  
**PMO** — Posição medial ligando orações  
**PMT** — Posição medial ligando termos de uma oração  
**PO** — Posição oracional  
**séc(s).** — Século(s)

# SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>09</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>10</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 – Adversativas na história do português e do catalão.....</b>	<b>15</b>
1.1. Noção de adversatividade.....	15
1.1.1. Definições e manifestações.....	15
1.1.2. Relação entre adversatividade e concessividade.....	21
1.2. Breve histórico das adversativas.....	24
1.2.1. Adversativas no latim.....	25
1.2.1.1. Latim clássico.....	29
1.2.1.2. Latim vulgar.....	30
1.2.2. Adversativas no português arcaico.....	32
1.2.3. Adversativas no catalão arcaico.....	46
1.2.4. Considerações.....	47
<b>Capítulo 2 – Objetivos e método.....</b>	<b>49</b>
2.1. Objetivos.....	49
2.2. Método.....	50
2.2.1. <i>Corpus</i> .....	50
2.2.2. Coleta e tratamento dos dados.....	51
<b>Capítulo 3 – Descrição dos dados.....</b>	<b>54</b>
3.1. Frequência.....	54
3.2. Valor semântico.....	56
3.3. Acompanhamento de marca adversativa.....	61
3.4. Tipo de contexto.....	66
3.5. Nível de articulação sintática.....	72
3.6. Posição oracional.....	78

<b>Capítulo 4 – Discussão dos dados.....</b>	<b>84</b>
4.1. Hipóteses prévias.....	84
4.1.1. Hipóteses 2 e 3 .....	84
4.1.2. Hipóteses 4 e 7 .....	86
4.1.3. Hipótese 1.....	90
4.1.4. Hipótese 8.....	92
4.2. Novas considerações.....	94
4.2.1. Estágios da mudança.....	94
4.2.2. De adverbial para conjuncional.....	96
4.2.3. Adversativas no português × no catalão.....	102
4.3. Perspectivas.....	104
<b>Conclusão.....</b>	<b>106</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>107</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>111</b>
Anexo A - Dados do português - séc. XIII – <i>Foro Real</i> .....	111
Anexo B - Dados do português - séc. XIV – <i>Crónica Geral de Espanha</i> .....	121
Anexo C - Dados do português - séc. XV – <i>Crónica do Conde Don Pedro de Meneses</i> ..	129
Anexo D - Dados do português - séc. XVI – <i>Peregrinação</i> .....	140
Anexo E - Dados do catalão - séc. XIII – <i>Llibre dels Fets del Rei en Jaume</i> .....	149
Anexo F - Dados do catalão - séc. XIV – <i>Contes i Faules</i> .....	154
Anexo G - Dados do catalão - séc. XV – <i>Epistolari del Segle XV</i> .....	158
Anexo H - Dados do catalão - séc. XVI – <i>Los Col loquis de la Insigne Ciutat de Tortosa</i> .....	160



## RESUMO

Esta pesquisa investigou a trajetória histórica das formas adversativas *mas*, *pero* e *porém* do português e *mes* e *però* do catalão do séc. XIII ao XVI.

No capítulo 1 foi apresentada a história das adversativas do português e do catalão. Na primeira parte, analisou-se o conceito de *adversatividade*, através da consulta a gramáticas tradicionais. Em seguida, traçou-se um breve histórico das formas adversativas *mas*, *pero* e *porém* do português e *mes* e *però* do catalão, retomando-se sua trajetória desde o latim até o português e o catalão arcaicos. Nessa etapa foram listados os principais processos por que passaram as formas e as hipóteses presentes na literatura para explicá-los. No capítulo 2, foram apresentados os objetivos e o método desta pesquisa. Nesse capítulo foi apresentado o *corpus* do português e do catalão, a forma de coleta de dados e a proposta de análise. O capítulo 3 foi reservado à descrição dos dados. Foram apresentados os dados tabulados, de forma a se estabelecer uma análise quantitativa e qualitativa. Nessa análise levaram-se em conta os seguintes aspectos: frequência; valores semânticos; nível de articulação sintática; posição sintática; tipo de oração e acompanhamento de elemento adversativo. No capítulo 4, reviram-se as hipóteses pré-estabelecidas, com base nos resultados obtidos com a descrição de dados, propuseram-se novas considerações referentes a aspectos sintáticos, estabeleceu-se comparação entre os itens do português e do catalão e enumeraram-se possíveis novas investigações a partir desta pesquisa. Finalmente, na conclusão, reviram-se os resultados desta pesquisa sobre os itens *mas*, *pero* e *porém* do português e *mes* e *però* do catalão.

**Palavras-chave:** lingüística românica; língua portuguesa; língua catalã; conjunções; adversativas.

## ABSTRACT

This research went through the historical track of the Portuguese negative conjunctions *mas*, *pero* and *porém* and the Catalan negative conjunctions *mes* and *però*, both from the XIII to the XVI centuries.

In chapter 1, it was presented the history of both the Portuguese and the Catalan negative conjunctions. In this first part, the *negativeness* concept was analyzed through the study of traditional grammars. Later on, a brief review of the Portuguese negative conjunctions *mas*, *pero* and *porém* and the Catalans *mes* and *però* was made, retaking their track from Latin to archaic Portuguese and Catalan. At this moment, it is listed the main processes by which they went through and the hypotheses that there are in the literature to explain them. In chapter 2, this research goals and methods are presented. In this chapter it is presented both the Portuguese and Catalan *corpus*, the way the data is collected, and the analysis proposal. The chapter 3 was reserved to the data description. The organized data are presented in a way that one is able to make a qualitative and quantitative analysis. In this analysis, the following aspects were observed: frequency; semantic values; syntactic joints level; syntactic position; sentence type and negative element accompaniment. In chapter 4, the pre-established hypotheses were reviewed, basing in results obtained by the data description, new considerations relationed with syntax aspects were proposed, comparison between Portuguese and Catalan items was made and new possible investigations were pointed. Finally, at the conclusion, the research results about the items *mas*, *pero* and *porém* – from the Portuguese – and *mes* and *però* – from the Catalan – were reviewed.

**Key-words:** Romance linguistics; Portuguese language; Catalan language; conjunctions; negative conjunctions.

---



---

## INTRODUÇÃO

---



---

Comparem-se os dados abaixo, obtidos a partir da coleta em textos do português e do catalão medievais<sup>1</sup>:

### - Século XIII:

#### a) Português:

- (1) “Mays d(e)poys que o iuyzo for fijdo, nenhuu~ no~ possa parar ante sy nenhu~a deffensio~ se no~ mostrar que aquel que deu o juyzo no~ era alcayd(e) ne~ auia poder d'alcayd(e), ou se mostrar que aq(ue)l que trouxe o p(re)yto en seu nome no~ foy seu pessoeyro, **mas** que teue a uox falsame~te, ou se mostrar q(ue) o iuyzo foy dado p(er) falsas cartas ou p(er) falsas testemunhas.” (*Foro Real*, fól. 97v, séc. XIII; negrito nosso)
  
- (2) “Porq(ue) no~ pod(e) ome~ fallar ne~ acompanhar o escomu~gado sen peccado, mandamos q(ue) nenhuu escomungado no~ possa p(er) sy ne~ p(er) outri~ demandar nenhu~a cousa en juyzo d(e)mentre que for escomu~gado. **Pero** se algu~a demanda ouu(er) outri~ (contra) escomu~gado no~ se possa deffender o escomu~gado q(ue) no~ respo~da, q(ua) no~ e' deryto q(ua) o escomungado aya galard~ do q(ue) merece pe~a.” (*Foro Real*, fól. 97r, séc. XIII; negrito nosso)
  
- (3) “E se o alcajde iuygou torto ou mandou filhar algu~a cousa polo non entender, jure que o no~ fez por rogo nen por amor nen por p(re)ço ne~ ualla o que iuygou nen aya **poren** nenhu~a pe~a.” (*Foro Real*, fól. 87r, séc. XIII; negrito nosso)

#### b) Catalão:

- (4) “E no sabien los clergues que nós dequéssem entrar allí, **mas** entram quant cantaven aquel càntich.” (*Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, p. 10, séc. XIII; negrito nosso)

---

<sup>1</sup> As fontes dos dados aqui transcritos serão descritas na seção 2.2.1 do presente trabalho.

- (5) “È féu-se en axí: els nostres combatien-los per la entrada que era de la cova; e la muntanya era tan fort e tan alta, que feya punta; e la roca exia a fora, e en mig d’aquila roca eren les coves feytes, que neguna peyra que vengués desús no podia fer mal a les conves on los moros staven, **però** en les barraques que éls havien feytes, en algunes d’aqueles podien tirar pedres.” (*Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, p. 109, séc. XIII; negrito nosso)

**- Século XVI:**

a) Português:

- (6) “E praticando os Capitaẽs ambos & os outros companheyros sobre o que se faria neste caso, se concruyo por parecer dos mais, que os inimigos se não fossem tanto a seu saluo, **mas** que se trabalhasse tudo o possiuel pelos irmos gastãdo com a artilharia ate que fosse menham, porque então nos ficaria mais facil & menos perigoso o abalroalos, o que assi se fez.” (*Peregrinação*, p. 4, séc. XVI; negrito nosso)
- (7) “Antonio de Faria, logo ao outro dia pela menham quiz tornar a demandar a entrada do rio, **porem** foy auisado por hũs pescadores que se tomaraõ de noite, que por nenhum caso fosse surgir à cidade, porque ja là se sabia o que elle fizera a aquelle ladraõ” (*Peregrinação*, p. 58, séc. XVI; negrito nosso)

b) Catalão:

- (8) “I així s’és mostrat ésser veritat en infinites voltes, que per voler guardar lo papa allò, i per voler cobrar açò, cada dia ha de tenir en sa mà, no lo bàculo pastoral per a guardar i guiar les ovelles, **mes** l’espasa i llança per a degollar i estripar los hòmens.” (*Los Col.loquis de la Insigne Ciutat de Tortosa*, p. 64, séc. XVI; negrito nosso)
- (9) “L’estiu, a la veritat, és baix pit, i humil, mas no desconvenient a l’escriptura de col.loquis; **però** certifique a Vostra Senyoria que en lo que toca a escriure veritat, en quant possible és estat, he procurart seguir lo que han deixat per cosa més certa los més verdaders autors.” (*Los Col.loquis de la Insigne Ciutat de Tortosa*, p. 42, séc. XVI; negrito nosso)

Esses dados mostram o uso das formas *mas*, *pero* e *porém* no português e *mas/mes* e *però* no catalão do sécs. XIII e XVI.

Confrontando apenas os dados destacados do português, percebe-se que:

(a) nos dados do séc. XIII há três itens diferentes (*mas*, *pero* e *porém*) e nos do séc. XVI aparecem apenas dois (*mas* e *porém*);

(b) nos dados do séc. XIII *mas* apresenta valor adversativo, e *pero* e *porém* apresentam valor conclusivo-explicativo; mas nos dados do séc. XVI *mas* e *porém* ocorrem ambos com valor adversativo.

Confrontando apenas os dados destacados do catalão, percebe-se que:

(a) nos dados tanto do séc. XIII quanto do séc. XVI existem dois itens (*mas/mes* e *però*);

(b) nos dados tanto do séc. XIII quanto do séc. XVI os dois itens (*mas/mes* e *però*) apresentam valor adversativo.

Comparando os dados destacados do português com os do catalão, percebe-se que:

(a) nos dados do séc. XIII há três itens diferentes no português (*mas*, *pero* e *porém*) e apenas dois no catalão (*mas/mes* e *però*) mas nos do séc XVI há apenas dois em cada língua (*mas* e *porém* no português, e *mes* e *pero* no catalão);

(b) nos dados do séc. XIII, dos itens no português um apresenta valor adversativo (*mas*) e dois ocorrem com valor conclusivo-explicativo (*pero* e *porém*), e dos itens do catalão ambos apresentam valor adversativo; e nos dados do séc. XVI, ambos os itens do português (*mas* e *porém*) e do catalão (*mes* e *però*) ocorrem com valor adversativo.

Todos os fatos acima arrolados, quando comparados conjuntamente, fazem surgir uma série de questões sobre história dos itens destacados no português e no catalão, tais como:

(a) Por que um dos itens do português (*pero*) desapareceu do séc. XIII para o XVI?

(b) Por que um dos itens do português (*porém*) mudou de valor semântico (de conclusivo-explicativo para adversativo) do séc. XIII para o XVI?

(c) Por que o valor semântico do item *pero* do português (conclusivo-explicativo) era diferente do valor do seu correlato *però* no catalão (adversativo) no séc. XIII?

(d) Terá sido constante a presença de *mas/mes* e *però* como adversativas no história do catalão?

Enfim, como se vê há uma série de fatos que sugerem um percurso complexo por trás da história das formas do português e do catalão discutidas acima. O presente trabalho pretende apresentar uma pequena contribuição para a compreensão de como foi a história das formas *mas/pero/porém* no português e *mes/però* no catalão, especificamente no período compreendido entre os séculos XIII e XVI.

---

---

## CAPÍTULO 1

---

---

# ADVERSATIVAS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS E DO CATALÃO

---

---

### 1.1. Noção de adversatividade

Considerando que o objeto de estudo do presente trabalho são formas essencialmente adversativas, convirá fazer aqui uma breve reflexão sobre o conceito de adversatividade. Para tanto, recorrer-se-á a várias gramáticas tradicionais da língua portuguesa a fim de explicitar com mais clareza em que consiste o conceito de adversatividade e também para dar a conhecer as particularidades que compõem esse conceito.

#### 1.1.1. Definições e manifestações

Como o conceito de adversatividade não costuma aparecer definido de forma independente nas gramáticas tradicionais, ou seja, sem estar ligado ao conceito de conjunção ou de oração, será necessário tratar dele vinculado às definições de *conjunção* e *oração adversativas*.

Vejam-se, por exemplo, as definições de conjunção adversativa abaixo de Cunha (1971) e Cegalla (1994):

(D1) “(...) ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma idéia de contraste”. (CUNHA, 1971, p. 392)

(D2) “(...) exprimem oposição, contraste, ressalva, compensação (...)”. (CEGALLA, 1994, p. 245)

Apesar de estarem se referindo ao mesmo tipo de conjunção, as definições acima não dizem a mesma coisa. Cada autor escolheu *critérios* diferentes para compor sua definição. Note-se, por exemplo, que em D1 há referência à função sintática da conjunção, pois a conjunção é responsável por “ligar dois termos da oração ou duas orações”, mas compreende também o critério semântico, pois afirma-se que a conjunção acrescenta “uma idéia de contraste”. Em D2, porém, é usado um critério semântico, pois são apontados valores da conjunção, como “oposição, contraste, ressalva e compensação”. Além disso, há uma outra diferença interessante entre D1 e D2: no que diz respeito ao critério semântico, assinalam-se *papéis* distintos à conjunção. Em D1, a conjunção “acrescenta” a idéia de contraste (o que significa que, sem a conjunção, essa idéia não existiria entre elementos ligados pela conjunção), mas em D2 a conjunção “exprime”, dentre outras, a idéia de contraste (o que sugere que, mesmo sem a conjunção, a idéia de contraste já existiria entre os elementos ligados pela conjunção). Recolocando a questão em outros termos, pode-se dizer que em D1 a conjunção *determina* uma relação semântica entre elementos enquanto em D2 a conjunção *explicita* uma relação semântica (pré-existente) entre os elementos.

Passando a outras definições em gramáticas tradicionais, pode-se mencionar a definição de conjunções adversativas apresentada por Lima (1994), segundo o qual elas:

(D3) “Relacionam pensamentos contrastantes”. (LIMA, 1994, p. 185)

Essa definição, que apresenta apenas o critério semântico, refere-se propriamente à conjunção *mas*, considerada pelo autor como “adversativa por excelência”. Note-se que nessa definição o contraste já é parte dos elementos (os “pensamentos”) e a conjunção “relaciona” os valores de contraste presentes na frase. Assim, entende-se que, em D3, o papel da conjunção seja de *explicitar* um contraste pré-existente.

Bechara (1983) considera que se podem classificar conjunções como adversativas:



(D4) “(...) quando ligam palavras ou orações que estabelecem oposição, contraste, compensação, ressalva.” (BECHARA, 1983, p. 160)

D4 apresenta tanto critério sintático quanto semântico, assim como D1. Porém, em D1 a conjunção, além de ligar orações, liga termos, o que inclui sintagmas, e, em D4, além de orações, a conjunção liga apenas palavras. Em D4, assim com em D2, a adversatividade é manifesta através de “oposição, contraste, compensação, ressalva”. Em relação ao papel da conjunção na oração, D4 dá a entender que os valores citados só aparecem quando há a ligação entre as palavras e orações, o que significa que a conjunção *determinaria* esses valores (e não simplesmente explicitaria) tal como aparece em D2.

Diferentemente dos outros autores, Souza e Silva & Koch (2004) não definem conjunção adversativa, mas sim oração adversativa. Segundo elas, oração adversativa ocorre quando:

(D5) “(...) o conteúdo da segunda oração se opõe a alguma idéia, fato, argumento, etc., explícitos ou não, da primeira”. (SOUZA E SILVA & KOCH, 2004, p.130)

A primeira característica de D5 é que se baseia apenas no critério semântico. Não há referência a características morfossintáticas, diferentemente de D1 e D4. O papel da conjunção não é tratado diretamente, uma vez que se trabalha com o conceito de oração adversativa e não de conjunção. No entanto, quando se fala sobre “conteúdo das orações”, fica claro que o conteúdo das orações seria o responsável pelo estabelecimento da adversatividade, restando assim à conjunção a tarefa de *explicitar* essa adversatividade. Especificamente em relação à oração coordenada adversativa, Souza e Silva & Koch (2004, p. 131) declaram que “para haver oposição, há necessidade de dois enunciados contrastantes”. Isso reforça o que já foi dito sobre o papel da conjunção. E para não deixar dúvidas, mais à frente, dizem as autoras que orações assindéticas, mesmo sem conjunção, mantém nítida a relação de oposição, como em:

(10) “Estive presente à conferência; não te vi lá”. (SOUZA E SILVA & KOCH, 2004, p. 131)

Conclui-se, portanto, que para Souza e Silva & Koch (2004) o papel da conjunção seria apenas de explicitar um sentido contrastivo já estabelecido entre as orações. Nesse ponto, D5 está em acordo com D2 e D3.

Como se viu até agora, não há homogeneidade entre os critérios usados nas definições. Algumas definições apresentaram critérios sintáticos e semânticos (D1 e D4), outras apenas critérios semânticos (D2, D3 e D5). Nenhuma definição apresentou apenas critério sintático. De igual forma, não houve consenso em relação ao papel da conjunção na oração: em D1 e D4, a conjunção *determina* a adversatividade; em D2, D3 e D5, ela a *explicita*.

Algo importante que parece poder-se extrair desses dados é o fato de que não existiria apenas uma possibilidade de atuação da conjunção adversativa: ela poderia, de fato, exercer dois papéis diferentes - o de *determinar* e o de *explicitar* adversatividade.

Vejam-se os seguintes exemplos, dados por alguns dos autores estudados até agora:

(11) “A luz da tua poesia é triste *mas* pura”. (CUNHA, 1971, p. 392)

(12) “Gosto de navio, *mas* prefiro avião”. (LIMA, 1994, p. 185)

Nesses exemplos é possível observar características de tudo que foi discutido até aqui.

Em relação à sintaxe da conjunção, em (11) a conjunção está ligando dois termos da oração (predicativos do sujeito), enquanto em (12) está ligando duas orações. Logo, no aspecto sintático, é preciso considerar essas duas possibilidades, assim como foi feito em D1 e D4.

Em relação ao *papel* da conjunção, no exemplo (11) há relação de oposição, mas note-se que o contraste não está nos termos relacionados, uma vez que *triste* e *pura*, apesar de estabelecerem oposição de idéias (*triste* = carga semântica negativa × *pura* = carga semântica

positiva), não são palavras incompatíveis *a priori*, ou seja, representam idéias que podem coexistir. Nesse caso, a relação de oposição só fica evidente por causa da presença da conjunção. Assim, em (11) a conjunção é fundamental, pois é ela que *determina* a oposição. Já no exemplo (12), a relação de oposição é estabelecida entre as orações, pois as idéias apresentadas, nesse contexto, são incompatíveis (*gostar de navio* × *preferir avião*; ou *navio* × *avião*). Logo, nesse caso, o papel da conjunção é de *explicitar*, tornar mais evidente a oposição já existente no conteúdo das duas orações.

Assim, apenas com dois exemplos foi possível observar que a conjunção pode compreender diferentes funções sintáticas (ligar *termos* ou *orações*) e pode desempenhar papéis diferentes (*determinar* ou *explicitar* adversatividades). Como nenhuma das definições analisadas dá conta dessas características conjuntamente, convirá redefinir aqui conjunção adversativa para que se possam identificar os dados que são pertinentes à presente pesquisa:

(D6) Conjunção adversativa é a que liga termos da oração ou orações, determinando ou explicitando uma idéia de oposição entre esses itens.

A consulta a diversas gramáticas tradicionais mostrou que, em relação aos aspectos semânticos apresentados, há uma multiplicidade de maneiras de se manifestar a *adversatividade*, ou seja, existem muitas idéias que estão subordinadas ao conceito de adversatividade. A fim apenas de exemplificar essa multiplicidade, apresenta-se a seguir um quadro com as propostas de diferentes autores:

**Quadro 1: Manifestações de adversatividade**

Autor	Manifestações
Cunha (1971, p. 392)	Contraste.
Silveira (1972, p. 240-245)	Oposição.
	Diferença entre orações.
	Compensação.
	Restrição.
	Insistência numa idéia, insinuando-a.
	Distinção com vigor de idéias.
	Anúncio, numa narrativa, da referência a uma coisa, um acontecimento notável ou inesperado.
	Destaque de um pensamento ou idéia, às vezes com solenidade.
	Modificação de uma concepção ou idéia habitual.
	Separação de idéias que representam coisas que podem coexistir, mas, em regra, não coexistem no mesmo indivíduo.
	Denotação de acréscimo.
	Acentuação de indignação, estranheza, ansiedade, apreensão em frases interrogativas e exclamativas.
	Introdução de objeção.
	Chamada de atenção para um fato.
	Excetuar.
	Marcação da passagem de um pensamento ou assunto para outro.
Bechara (1983, p. 160)	Oposição.
	Contraste.
	Compensação.
	Ressalva.
Lima (1994, p. 185)	Contraste.
Cegalla (1994, p. 245)	Oposição.
	Contraste.
	Ressalva.
	Compensação.
Souza e Silva & Koch (2004, p. 130)	Oposição.

### 1.1.2. Relação entre adversatividade e concessividade

A noção de adversatividade parece apresentar uma grande proximidade com a de concessividade. Em função disso, convém percorrer o que dizem algumas gramáticas tradicionais sobre o tema.

Aulete (1958, p. 1070) diz que “toda oração concessiva se pode converter em coordenada da outra, tomando nesse caso o primeiro lugar, perdendo a conjunção e mudando o verbo para o indicativo”. Para exemplificar isto, Aulete (1958) propõem os seguintes dados:

(13) A rosa tem espinhos, *apesar de* ser bela. (concessiva) (AULETE, 1958, p. 1070)

(14) A rosa é bela, *mas* tem espinhos. (adversativa) (AULETE, 1958, p. 1070)

Essa definição mostra que a diferença entre as orações adversativas e as concessivas se restringiria apenas ao aspecto sintático, porque — uma vez alteradas a ordem das orações, a conjunção e o tempo verbal — a oração concessiva se tornaria adversativa.

Cunha (1971, p. 394) define conjunções concessivas como as que “iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la”. Essa definição é baseada em aspectos sintáticos e semânticos. No aspecto sintático, a conjunção concessiva se diferenciaria da adversativa por iniciar orações subordinadas (a conjunção adversativa iniciaria orações coordenadas). No aspecto semântico, no entanto, não fica clara a diferença, uma vez que, ao falar sobre *um fato contrário à ação principal*, o autor remeteria à idéia de *oposição*, base da adversatividade.

Assim, entende-se que tanto para Cunha (1971) quanto para Aulete (1958), haveria equivalência semântica entre a adversatividade e a concessividade: a diferença estaria apenas no aspecto sintático.

Lima (1985, ps. 161 e 248) se baseia em critérios semânticos para definir orações adversativas e concessivas. Para ele, a idéia de adversatividade se resume em “relacionar pensamentos contrastantes”; e de concessividade; em “expressão de um fato que poderia opor-se à realização de outro fato principal”. Essas duas definições deixam claro que, para o autor, tanto orações adversativas quanto concessivas expressariam, no fundo, oposição. Além disso, Lima (1985, p. 185) classifica o *mas* como “conjunção adversativa por excelência”, alegando que as demais conjunções adversativas não exprimem propriamente um contraste de idéias, mas sim um tipo de concessão atenuada. Assim, esse autor trata a adversatividade como um grau atenuado de concessividade, mostrando, novamente, que semanticamente esses dois valores são equivalentes.

Lapa (1984, p. 195) explica que na linguagem coloquial há tendência para se substituir o *embora* pelo *mas* para se expressar uma idéia concessiva. Ele também afirma que a conjunção *embora* tem idéia de oposição mais forte que o *mas*, porque vindo anteposta à principal, dá ênfase à oposição, anunciado-a antecipadamente. O *mas*, por sua vez, como fica fixo no meio do período, apresenta oposição atenuada. Novamente aqui há equivalência entre os valores *adversativo* e *concessivo*, uma vez que ambos expressariam oposição. Lapa (1984), assim como Lima (1985), sugere graus de oposição, mas não dá maiores explicações sobre isso.

Machado (1987) estuda a relação oposição/concessão, considerando o aspecto pragmático do enunciado. Segundo ela, as gramáticas descritivas usam o aspecto morfossintático para definir o semântico e por isso a análise tradicional dos enunciados é incapaz de explicitar os diferentes níveis de sentido a que um enunciado alude. Segundo ela, ao se comparar as diversas definições das gramáticas tradicionais:

“percebemos que, sob o ponto de vista semântico, as definições tradicionais de adversativas/concessivas estão bastante próximas, pois nestes dois tipos de orações há um contraste de sentido que se manifesta de modo semelhante. Assim, não notamos nitidamente o grau de diferença que pode haver (...). Vê-se, com isso, que mesmo o critério semântico adotado para distinguir a oposição da concessão não leva a uma nítida distinção entre as duas relações. O que faz com que o conceito de oposição adversativa e concessão não se configurem com clareza”. (MACHADO, 1987, p. 64)

Ela conclui que o melhor termo a ser empregado para definir orações adversativas é de que o falante faz uma “objeção” à oração anterior. Especificamente em relação ao aspecto sintático, Machado (1987) afirma que “A, *mas* B” e “*Embora* A, B” são sinônimos, e que “A *embora* B” é um pouco diferente. O *embora* anteposto expressa oposição análoga à do *mas*, e não apenas realça. Finalizando, Machado (1987, p. 192) diz que tanto a oposição adversativa quanto a concessão “são argumentativamente relações de oposição, ou seja, tanto em estruturas como “A, *mas* B”, como em “*Embora* A, B” (e correspondentes), tem-se uma oposição argumentativa”. Essas idéias reforçam a equivalência semântica entre os valores adversativo e concessivo, mostrando que a diferença está apenas no aspecto sintático.

Cegalla (1994, p. 364) declara que orações concessivas “exprimem um fato que se concede, que se admite, em *oposição* ao da oração principal” (grifo nosso). Cegalla (1994) é mais um autor que usa apenas o aspecto semântico em sua definição e note-se que ele usa a palavra *oposição* para resumir a relação entre a oração concessiva e a principal, assim como ocorre na oração adversativa (cf. sua definição de adversativa na p. 15 do presente trabalho). Dessa forma, nessa definição encontra-se mais uma vez equivalência semântica entre adversatividade e concessividade.

De acordo com Carone (2000, p. 76), existe correspondência entre concessivas e adversativas. Essa correspondência se evidencia quando há inversão das orações. Vejam-se estes exemplos dados pela autora:

(15) “Não havia necessidade, *mas* ele quis ajudar.” (CARONE, 2000, p. 76)

(16) “Ele quis ajudar, *embora* não houvesse necessidade.” (CARONE, 2000, p. 76)

Santos (2003, p. 107), em um estudo com alunos de nível fundamental, médio e superior, mostrou que a conjunção *mas* é a mais usada em situações de produção espontânea, envolvendo menor grau de formalidade, em relações de oposição. A conjunção *embora*, classificada por esse autor como elemento de oposição, foi usada preferencialmente em enunciados que envolviam maior grau de formalidade. Assim, além de classificar tanto *mas* quanto *embora* como elementos de oposição, Santos (2003) ainda mostra que os falantes fazem diferenciação entre esses dois itens apenas com respeito ao grau de formalidade.

Conclui-se, portanto, que existe um certo consenso entre os autores consultados com respeito à correspondência semântica entre os valores *adversativo* e *concessivo*. A diferenciação que persiste entre esses dois valores, principalmente nas gramáticas tradicionais, diz respeito a aspectos sintáticos. Assim, na classificação dos dados deste trabalho, esses dois conceitos serão tratados conjuntamente.

## **1.2. Breve histórico das adversativas**

Como este trabalho consiste em um estudo diacrônico das formas *mas*, *pero* e *porém* do português e *mes* e *però* do catalão, faz-se necessário percorrer a literatura especializada para se conhecer melhor a história dessas formas. Serão investigadas essas formas desde o latim (vulgar e clássico), até o período arcaico das duas citadas línguas românicas, período que corresponde aproximadamente do séc. XIII ao XVI.



### 1.2.1. Adversativas no latim

Em se tratando de latim, é comum ver os autores dividindo-o em duas modalidades distintas. Climent (1945) faz separação entre latim vulgar e clássico. Para ele, a despeito das diversas formas dialetais empregadas pelo povo, existe uma forma de falar comum, que se sobrepõe às formas dialetais. É um tipo de abstração, uma norma ideal que ensina como se deve falar. Essa é a língua literária, assim seria o latim clássico. Por outro lado, existem múltiplas formas lingüísticas, usadas não somente pelo povo, mas também por pessoas cultas, em situações informais, familiares. Essas formas não se submetem nem à gramática, nem à lógica, optando pela naturalidade e a espontaneidade. Assim se caracteriza a linguagem popular, e assim seria o latim vulgar para ele. Mas apesar de fazer essa separação, o autor reconhece que entre essas modalidades de língua há muitos pontos de convergência. Um completaria o outro. O latim vulgar teria superado as deficiências do latim clássico, tornando-o mais simples. Herman & Wright (2000, p. 87 e 95) concordam com Climent (1945) ao dizerem que o latim vulgar não usava construções tão complexas como o latim clássico. Manteve as técnicas de subordinação e coordenação, mas reduziu o número de conjunções e palavras relativas, substituindo muitas construções sintéticas antigas por perífrases, construções analíticas.

Climent (1945) também chama atenção para o fato de que o latim vulgar, apesar da dificuldade de ser recuperado, “es la más vital de todas las formas lingüísticas de la antigua Roma, la única que ha dejado huella fecunda de su existência em cuanto que ha sido el punto de partida de las lenguas románicas”<sup>2</sup> (p.33). Segundo ele, o ponto de diferenciação entre as duas modalidades de latim ocorre no séc. III a.C., quando surge a literatura latina, o que ocasiona a separação definitiva entre a língua popular e a literária.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa: “é a mais vital de todas as formas lingüísticas da antiga Roma, a única que deixou uma marca fecunda de sua existência uma vez que foi o ponto de partida das línguas românicas”.

De acordo com Maurer Jr. (1959), o latim vulgar tem origem nos meios plebeus de Roma. Ele é o latim falado pela plebe romana e com o tempo acaba se infiltrando nas classes média e alta. A fonte mais segura para o seu conhecimento são as línguas românicas, línguas originadas do latim vulgar, conforme apontado por Williams (1975). Mas, apesar de as línguas românicas terem descendido do latim vulgar, Maurer Jr. (1959) chama atenção para um fato importante: na grande maioria dessas línguas, houve intromissão de correntes eruditas. Diz ele: “Infelizmente, apesar do maior ou menor isolamento de algumas regiões mais afastadas dos centros culturais do Ocidente, é só no caso da Dácia que se pode ter certeza de uma herança latina vulgar sem mescla de adições eruditas posteriores” (MAURER JR., 1959, p. 10). Esse fato aponta para a necessidade de, ao se estudarem mudanças diacrônicas nas línguas românicas, recorrer-se às duas modalidades do latim, uma vez que, segundo Maurer Jr. (1959), apesar de as línguas românicas terem sua origem no latim vulgar, elas receberam também muita influência do latim clássico.

Williams (1975) distingue as duas modalidades de latim da seguinte forma: latim clássico – língua das classes cultivadas, que se torna uniforme sob a influência estabilizadora da cultura e do aprendizado; latim vulgar – língua do povo, diversificada na medida em que se dissemina com a expansão do Império Romano. Por essas características do latim vulgar, sua captação não é tarefa fácil, fato já apontado por Climent (1945). Muitos métodos foram desenvolvidos para atestar sua existência, dentre eles, o método histórico-comparativo, a partir do qual é possível reconstruir as possíveis formas do latim vulgar. Ainda assim, é difícil atestar a sua existência. Williams (1975) aponta quatro fontes que ajudam nessa tarefa:

- elementos populares de origem intencional ou acidental, que são encontrados no latim clássico;
- observações lingüísticas no latim clássico (gramáticas latinas);
- elementos latinos nas línguas dos povos com os quais os romanos entraram em contato;
- as línguas românicas.

Mesmo com essas fontes, e talvez por causa delas, Williams (1975) diz que “o latim vulgar é, por conseguinte, uma língua reconstruída de fragmentos heterogêneos e em grande parte na base de hipótese” (p. 15).

Silva Neto (1977) usa a definição de Grandgent (1952), segundo quem o latim vulgar é, na verdade, substrato das línguas românicas atuais, língua das classes médias latinas, fala dos incultos; por sua vez, o latim literário seria a língua dos cultos.

Wright (1982) aponta Schuchardt (1866-68) como o primeiro a empregar o termo *latim vulgar* (*Vulgärlateins*) para diferenciar a língua falada da língua literária. Segundo o próprio Wright, os escritos latinos mostram que havia uma língua falada por todos. Sua hipótese é de que a língua usada depois do período do Império, usada pelos educados e que é sistemática e arcaicamente distinta do Romance contemporâneo é uma invenção carolíngia, sem existência prévia e sem continuidade direta com o latim Imperial. Essa língua seria a literária.

Para Väänänen (1985) também existe diferença entre o latim chamado vulgar e o clássico. O latim vulgar designaria os diversos fenômenos da língua latina que não estariam de acordo com as normas clássicas. O autor, no entanto, se mostra tendencioso à corrente de estudiosos que critica o termo *vulgar*, argumentando que esse termo não define bem a realidade lingüística da época, referindo-se exclusivamente à fala inculta. Para ele, os romanistas, desde o início do séc. XX, não opõem latim clássico a vulgar como dois idiomas diferentes. O latim, como um todo, é visto como um estado de transição entre o indo-europeu e o romance. Por outro lado, o autor não nega que o latim literário se manteve muito mais imutável, conservando sua estrutura geral durante quase oito séculos sucessivos. Essa estabilidade não ocorreu na língua falada, que passou por numerosas mudanças e transformações. Assim, o latim que deu origem às línguas românicas se mostrou em completo desacordo com o latim literário, clássico. Ainda assim, Väänänen (1985), assim como Climent

(1945), diz que é preciso ter cuidado ao diferenciar essas duas formas de latim – falado e escrito – pois podem apresentar muitos pontos de contato. O autor finalmente conclui que, apesar de o termo não ser completamente adequado, ele ainda é o melhor para designar o latim popular, familiar, em oposição ao latim clássico, literário. Em suas palavras, o latim vulgar “comprende los estados sucesivos desde la fijación del latín común, al terminar el período arcaico, hasta la víspera de la consignación por escrito de textos en lengua romance; no se excluyen, pues, las variaciones sociales ni aun las regionales”<sup>3</sup> (VÄÄNÄNEN, 1985, p. 33-34).

Para Furlan (2006), a distância entre latim vulgar e clássico é ainda maior. O vulgar seria a variante correntemente falada pelo povo romano no Império e que deu origem aos romances ou falares neo-latinos, dos quais derivaram as línguas românicas. Já o clássico seria a língua literária e da escrita em situação formal. Com preocupações estéticas ou didáticas, estaria longe da língua falada pelo povo.

Enfim, o que se pode abstrair de todos os autores citados é que há um consenso entre eles em relação à necessidade de se distinguir duas modalidades distintas de latim: uma popular, relacionada à fala informal, mais sujeita a transformações e mudanças e que, apesar de algumas críticas, tem sido denominada até agora de *latim vulgar*; e outra, restrita às classes mais cultas, à fala formal e à literatura, denominada de *latim clássico*. As línguas românicas surgiram como resultado da evolução da modalidade vulgar, mas, de acordo com Maurer Jr. (1959), receberam muito também da modalidade clássica, por via erudita. Assim, justifica-se neste trabalho o estudo das conjunções adversativas tanto no latim vulgar, quanto no clássico, uma vez que se está estudando línguas românicas, que possuem características de ambas as modalidades.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “compreende os estados sucessivos desde a fixação do latim comum, ao terminar o período arcaico, até a véspera da consignação por escrito de textos e língua românica; não se excluem, pois, as variações sociais nem as regionais”.

### 1.2.1.1. Latim clássico

Votsch & Miral y Lopez (1943, p. 67) lista os seguintes itens de oposição do latim, estabelecendo uma relação de equivalência em relação ao espanhol:

*at* = *pero, mas*  
*sed* = *pero, sino*  
*autem* (posposto) = *pero, mas*  
*vero* (posposto) = *pero, em verdade, completamente*  
*atqui* = *pero, sin embargo*  
*tamen* = *sin embargo*

Segundo Faria (1954, p. 115), no latim clássico, as conjunções adversativas e suas respectivas equivalentes no português contemporâneo eram:

*at* = *mas*  
*ast* = *mas, ao contrário*  
*sed* = *mas*  
*autem* = *entretanto*  
*tamen* = *contudo*  
*verum* = *porém*

O mesmo fazem Florez & Penagos (1957, p. 81) - para eles, as conjunções latinas eram:

*at, sed, verum* = *pero, sino*  
*vero, autem* (pospostos) = *pero*  
*ramen, attamen* = *sin embargo*

De acordo com Alencar (1960, p. 75), as conjunções coordenativas adversativas latinas eram: *at, atque, autem, sed, vero, tamen, verum-tamen* e *vero-autem*.

Furlan (2006, p. 133) descreve as conjunções adversativas do latim, relacionando-as também aos itens aos quais seriam equivalentes no português contemporâneo. Segundo ele, as conjunções eram:

*sed, at* = *mas*  
*autem* (posp.) = *porém, entretanto*  
*tamen* = *contudo*  
*vero* ou *verum* = *mas na verdade*

### 1.2.1.2. Latim vulgar

Meyer-Lübke (1916, p. 308) cita *magis* como uma nova conjunção, usada no lugar de *sed, tamen*. Esse emprego é uma criação latina, ou seja, teve início no latim vulgar e se estendeu regularmente por toda a România. O autor ainda cita três sentidos latinos de *magis*, mas sem dar maiores explicações: sentido ilativo, comparativo e comparativo-qualitativo. Desde último teria derivado o sentido adversativo.

De acordo com Bourciez (1946, p. 121), para oposição entre frases, o emprego usual de *sed, at, verum* foi substituído pelo uso de *magis*. Mais a frente (p. 274) ele volta a dizer que o emprego de *magis*, em lugar de *sed*, como partícula adversativa, remonta ao latim vulgar. Esse uso se difundiu por toda a România, com exceção do Oriente.

Grandgent (1952, p. 79) diz, a respeito das conjunções adversativas, que *magis*, com sentido de *pero* no espanhol (o que equivaleria a *mas* em português) foi muito usado pelos chamados escritores tardios.

De acordo com Maurer Jr. (1959, p. 167), o latim vulgar eliminou muitas conjunções antigas, e criou apenas umas poucas. Herman & Wright (2000, p.95), como já foi citado (cf. p. 25), confirmam essa afirmação, dizendo que uma das tendências mais notáveis do latim vulgar em relação a preposições e conjunções foi a substituição parcial de formas sintéticas antigas por perífrases e construções analíticas, incluindo um elemento que expressasse explicitamente a função da forma sintética mais antiga. No caso das preposições e de alguns advérbios, essa tendência podia ser vista frequentemente na criação de combinações pleonásticas ou aparentemente pleonásticas de dois elementos sinônimos. Muitas dessas construções sobreviveram nas línguas românicas. Mais adiante (p. 87), confirmam novamente que o número de conjunções e relativas foi reduzido.

Segundo Maurer Jr. (1959, p.168), dentre as formas que desapareceram, estão as conjunções adversativas. *Sed, at, verum, autem e ceterum* teriam se perdido já no latim vulgar,

assumindo essa função, em praticamente todas as línguas românicas, o advérbio *magis*, como neste exemplo de Salústio (86-35 a.C.), extraído de *Bellum Iugurthinum* (§ 85), dado pelo autor:

- (17) “Neque quisquam parens liberis uti aeterni forent optavit, *magis* uti boni honestique vitam exigerent”<sup>4</sup>. (MAURER JR., 1959, p.168; grifo nosso)

Para Said Ali (1965, p. 220), “a substituição de *sed, autem*, por *mais* (depois *mas*), do advérbio *ma(g)is*, data do período pré-lusitano”. Esse é mais um autor que declara que *magis* teria assumido a função das conjunções adversativas, e isso desde o latim vulgar.

Iordan & Manoliu (1980, p. 387) explicam o desaparecimento e posterior substituição das conjunções adversativas *sed* e *at* por terem elas valor de subtração, o que as colocaria em desvantagem em relação às formas com valores de disjunção ou conjunção (adição). Além disso, perdendo a consoante final por apócope, *sed* e *at* poderiam ser confundidas com outros elementos de relação, tais como *si* e *a* (< *ad*). Para eles também, nas línguas românicas, a função adversativa desses itens foi cumprida pelos derivados do advérbio *magis*. Iordan & Manoliu (1980) confirmam o que já foi dito por Maurer Jr. (1959) e Said Ali (1965): as conjunções adversativas desapareceram no latim vulgar, tendo assumido essa função o advérbio *magis*, difundindo-se como adversativo para as línguas românicas.

Väänänen (1995, p. 272) confirma o já dito por Maurer Jr. (1959) sobre o desaparecimento das conjunções adversativas no latim vulgar. Ele é taxativo quando diz que nenhuma conjunção adversativa latina sobreviveu nas línguas românicas e vai além, estendendo esse desaparecimento também para as conjunções explicativas e conclusivas.

Enfim, pode-se dizer que conjunções adversativas desapareceram no latim vulgar e houve a necessidade de preenchimento dessa função por outro item, etimologicamente diferente – o advérbio *magis* (> *mais, mas* em português). Assim, a origem da conjunção adversativa *mas* data do latim vulgar.

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “E nenhum pai desejou para seus filhos uma vida eterna, *antes* exigiram vida boa e honesta.”

### 1.2.2. Adversativas no português arcaico

Considerando o período medieval do português como um todo, pode-se dizer que as conjunções adversativas que merecem especial atenção são basicamente três: *mas*, *pero* e *porém*. Em função disso, a exposição a seguir versará especificamente sobre a história desses três itens (a exposição segue a ordem cronológica da primeira edição de cada obra consultada).

Nunes (1989 [1ª edição 1919], p. 353 e 354) diz que, das conjunções latinas, não passam para o português nem as adversativas, nem as conclusivas e as explicativas, dentre outras. Assim, para compensar essa perda, a língua recorre a outras palavras, principalmente advérbios e preposições. Em alguns casos, é usada uma palavra apenas, que é o caso de *mas* (do advérbio *magis*); em outros casos, recorre-se a mais de uma palavra, de classes diferentes: é o caso de *per + inde = perinde/porende > porém*. Pode acontecer ainda de dois elementos de natureza variada se unirem num único vocábulo, formando uma locução conjuntiva, como *per + hoc > però* e suas variantes. Em relação a *mas*, Nunes (1989) relata que a primeira forma dessa partícula é *mais*. No entanto, já no período arcaico aparece a forma atual, resultado de uma possível próclise. Além disso, há também perda da significação primitiva, passando o *mas* de comparativo para adversativo. Sobre essa última afirmação, Nunes (1989) não dá maiores explicações. Em relação a *pero* e *porém*, segundo Nunes (1989), eles têm valor primitivo de *por isso*. *Pero*, no entanto, acompanhado da partícula *que*, pode ocorrer com sentido concessivo. Note-se que em Nunes (1989) pode-se entender que a formação de *pero* e *porém* ocorre no período arcaico do português. Da mesma forma, para esse autor, o uso de *mas* como conjunção adversativa só acontece no português, o que entra em total desacordo com alguns dos autores citados (cf. seção 1.2.1.2), como Meyer-Lübke (1916), Bourciez (1946), Maurer Jr. (1959), Said Ali (1965), Jordan & Manoliu (1980), dentre outros, para os quais o uso de *mas* como adversativo já começa no latim vulgar, o que explica sua difusão



nessa função para quase todas as línguas românicas. Seria, portanto, um fenômeno românico e não do português.

Vasconcelos (1920, p. 53) restringe-se a dizer sobre *mas* que essa forma teria se reduzido no valor vocálico (a partir de *mais*) por ser átono quando em função de conjunção adversativa. Já a forma *pero* (partícula composta historicamente de *per* + *hoc*), segundo informa Vasconcelos (1920, p. 67), exercia ora função de advérbio ora de conjunção, sendo, num primeiro momento, afirmativo, sinônimo de *sim*, *por isso*, e adquirindo força dubidativa e adversativa de *nem por isso*, *apesar disso*, em orações negativas, acompanhado da conjunção *mais*; podia ocorrer acompanhado de *que* e, com o sentido de *embora/conquanto* (concessivo), regeria indicativo ou subjuntivo. *Porém* (forma abreviada de *por ende*, derivada de *pro inde*) seria, de acordo com Vasconcelos (1920, p. 70) equivalente a *por isto*, *por este motivo*.

Silveira (1972 [1ª edição 1921-23], p. 136), em sua análise dos itens adversativos do português arcaico, apresenta sua etimologia da seguinte forma:

<i>mais (arc.)</i>	}	<i>magis</i>
<i>mas</i>		
<i>perém (arc.) &lt; per inde</i>		
<i>porém &lt; *por inde, pro inde</i>		
<i>pero &lt; per hoc</i>		

Said Ali (1965 [1ª edição 1921-23], p. 187-189) classifica os itens *mas/mais* do português arcaico como conjunção e os itens *porende/porém* como advérbio. Segundo ele, essas últimas formas são filiadas ao advérbio latino *proinde* e sua respectiva forma abreviada *proin*. O uso teria dado preferência à forma mais curta – *porém*. Em relação ao aspecto

semântico, segundo Said Ali (1965), *porém* tem inicialmente sentido de “por isso”. Essa forma então passa por uma

“(…) notável transformação semântica. Em vez de significar ‘por isso’, ‘por essa razão’, passa a dizer o mesmo que ‘mas’, ‘apesar disso’, ‘contudo’. Deixa de expressar a noção de causa determinante de certo ato, para denotar oposição de idéias ou pensamentos. O primitivo advérbio transmuta-se em conjunção adversativa”. (SAID ALI, 1965, p. 187-189)

Ainda segundo Said Ali (1965), a transição semântica de *porém* se dá por meio de frases negativas. Assim, *não porém* poderia ser substituído por *não por isso* ou *nem por isso*. Após essa mudança semântica, o emprego de formas como *e porém*, *mas porém* em orações adversativas é, segundo o autor “pela lei da inércia”. Said Ali (1965) nada comenta sobre *pero*.

Huber (1993 [1ª edição 1933], p. 268 e 269) descreve como formas adversativas do português arcaico o *mas* (e sua variante *mais*) e *pero* (e suas variantes). Esse autor não cita *porém* como conjunção adversativa, ele a classifica como conjunção consecutiva e diz que *pero* podia ocorrer também como conjunção consecutiva e concessiva. Nenhum outro autor pesquisado até então classifica ou cita o uso de *pero* e *porém* como conjunções consecutivas. Huber também é o único autor que não inclui *porém* no rol das adversativas do português arcaico.

Coutinho (1970 [1ª edição 1938], p. 270) não classifica as conjunções do português arcaico. Apenas as distingue em dois segmentos: coordenativas e subordinativas. Assim, para ele, dentre as coordenativas estão *mas*, *mais* (<*magis*) (o autor explica a redução de *mais* em *mas* por se tratar de conjunção proclítica); *porende* (< *por/pro* + *inde*) e *pero* e suas variantes *empero*, *perol* e *emperol* (< *per* + *hoc*).

Mattos e Silva (1984) estabelece um estudo comparativo entre *pero* e *porém* no português arcaico. Segundo ela, essas formas são originadas de “sintagmas circunstanciais latinos constituídos de preposição e elemento pronominal” (p. 129). *Pero*, cuja origem

apontada é a locução *per hoc*, passaria por um processo de mudança semântica do séc. XIII para o séc. XIV, quando deixaria de ter sentido conclusivo-explicativo, seu sentido etimológico, para ter sentido adversativo (equivalendo a *apesar disso*). O mesmo ocorreria com *porém*, também etimologicamente conclusivo-explicativo e cuja origem é a locução *pro inde/per inde*. No entanto, no caso de *porém*, o processo ocorreria um século depois, ou seja, do séc. XIV para o XV. Do séc. XV para o XVI, *pero* entraria em franco desaparecimento, assumindo sua função adversativa o item *porém*.

No *corpus* analisado em sua pesquisa, Mattos e Silva (1984) aponta para ocorrência de *pero* como conjunção adversativa ou concessiva; e como reforço adverbial adversativo ou conclusivo-explicativo. A autora considera o item como conjunção quando ocorre isoladamente e como reforço adverbial quando acompanhado de outro elemento coordenante, geralmente *e* ou *mais*. No caso de *porém*, ela o classifica como conjunção conclusivo-explicativa, quando ocorre sozinho e no início da oração, e como reforço adverbial conclusivo-explicativo, quando sozinho, mas no interior da sentença, ou quando seguido do elemento *e*. No entanto, na análise dos dados (p. 145), Mattos e Silva (1984) desconsidera alguns desses aspectos e classifica os itens *pero* e *porém* apenas como adversativos ou conclusivo-explicativos.

Para Mattos e Silva (1984), o desaparecimento de *pero* está diretamente relacionado à sua concorrência com *porém*. Sistematizando os processos por que *pero* e *porém* teriam passado, ela estabelece seis etapas: a primeira é a etapa em que tanto *pero* quanto *porém* são apenas explicativo-conclusivos, conforme sua etimologia; na segunda etapa, *pero* está mais difundido como conclusivo-explicativo, mas já pode ser encontrado com sentido adversativo e *porém* é apenas conclusivo-explicativo (essas duas primeiras etapas foram reconstruídas pela autora, com base em seus dados, que refletiam exatamente a terceira e próxima etapa); na terceira etapa, a situação de *pero* se inverte e seu uso se torna mais difundido como

adversativo que como conclusivo-explicativo e *porém* continua apenas como conclusivo-explicativo; na quarta etapa, *pero* é apenas adversativo e *porém* começa a ser usado como adversativo, no entanto, com menos frequência que como conclusivo explicativo; na quinta etapa, *pero* adversativo já é pouco usado e *porém* tem sua situação invertida em relação à etapa anterior, ou seja, passa a ser mais usado como adversativo que como conclusivo-explicativo; na sexta e última etapa, *pero* deixa de ser usado e *porém* permanece apenas como adversativo, tomando o lugar de *pero*. É importante observar que as etapas quatro e seis foram baseadas em outros *corpora* e que a etapa cinco é, na verdade, hipotética, sem fundamentação empírica.

As seis etapas propostas por Mattos e Silva (1984, p. 142 a 146) são descritas no quadro 2 a seguir (legenda: + = uso freqüente; - = uso menos freqüente; e  $\emptyset$  = não usado).

**Quadro 2: Confronto diacrônico de *pero* e *porém***  
(MATTOS E SILVA, 1984)

		<i>Pero</i>	<i>Porém</i>
E <sub>1</sub>	Concl.-expl.	+	+
	Advers.	$\emptyset$	$\emptyset$
E <sub>2</sub>	Concl.-expl.	+	+
	Advers.	-	$\emptyset$
E <sub>3</sub>	Concl.-expl.	-	+
	Advers.	+	$\emptyset$
E <sub>4</sub>	Concl.-expl.	$\emptyset$	+
	Advers.	+	-
E <sub>5</sub>	Concl.-expl.	$\emptyset$	-
	Advers.	-	+
E <sub>6</sub>	Concl.-expl.	$\emptyset$	$\emptyset$
	Advers.	$\emptyset$	+

Com base em seu quadro, Mattos e Silva (1984) relaciona hipóteses para explicar a mudança semântica de *pero* e *porém* e o posterior desaparecimento de *pero*. A autora analisa a hipótese de Vasconcelos (1920) para explicar a mudança semântica de *pero* e, posteriormente, a de *porém* no português. Vasconcelos (1920) sugere que *pero* teria se tornado adversativo por ser usado em orações negativas, acompanhado de *mais*, passando do

valor de “por isso” para “apesar disso”. Assim, Mattos e Silva (1984) sugere que o contexto negativo teria sido um fator favorecedor tanto da mudança de *pero* quanto de *porém*.

Mattos e Silva (1984) ainda analisa a hipótese de que o uso de *pero* e *porém* em estruturas com outros recursos adversativos, como o *mais*, teria favorecido o uso adversativo dos mesmos. Note-se que essa autora desdobra a hipótese de Vasconcelos (1920) em duas (orações negativas e contexto adversativo). Castilho (2004, p.96), que estudo especificamente o *porém*, sugere que, ao combinar-se com *mas* e *pero*, *porém* teria assimilado por metonímia o valor contrajuntivo.

Para Mattos e Silva (1984), no entanto, essas duas primeiras hipóteses (orações negativas e acompanhamento de outro item adversativo) não são suficientes para justificar a mudança semântica dos itens. Assim, ela propõe que, primeiro, teria havido perda de consciência da composição etimológica de *pero* e *porém* pelos falantes; e, só então, os contextos negativos e adversativos favoreceriam uma mudança do sentido de *pero* e *porém* para adversativo. Assim, seria a perda de consciência etimológica a condição permissiva para a mudança semântica dos itens, segundo Mattos e Silva (1984). Em relação especificamente a *pero*, Mattos e Silva (1984) declara não ter fundamentos empíricos para comprovar essa hipótese. Já em relação a *porém*, segundo ela, haveria um fundamento que daria força à hipótese: a cronologia dos fatos. Como citado por diversos autores, *porém* é resultado da junção de preposição + advérbio latinos (*per* + *inde*) e, de acordo com Mattos e Silva (1984), seria exatamente quando a forma portuguesa *en(de)* (< lat. *inde*) começa a deixar de ser usada, por volta dos sécs. XIII e XIV<sup>5</sup>, que *porém* passaria a adquirir valor adversativo, ou seja, seria o desuso de *en(de)* que teria acarretado perda da consciência da composição etimológica de *porém*. Baseando-se no caso de *porém*, a autora estende a hipótese da perda de consciência

---

<sup>5</sup>Mattos e Silva (1984, p. 148) afirma que “é exatamente quando *ende* e sua variante apocopada *en*, anafóricos correntes com valor de *isso*, *disso* nos séculos XIII e XIV, começam a deixar de ser usados na língua, que *porende/poren* adquire o valor de adversativa”, mas, em trabalho posterior, essa mesma citação é retomada com modificação em relação ao período, apresentado como “séculos XIII-XV” (MATTOS E SILVA, 1994b, p. 261).

etimológica também para *pero*, apesar de, como a própria autora esclarece, não possuir fatos para comprovar a validade da hipótese para *pero*.

Algumas observações podem ser feitas em relação a essas duas outras hipóteses (o desuso de *en(de)* e perda de consciência etimológica). Em primeiro lugar, parece inadequado se considerar a proposta de extensão do roteiro de mudança de *porém* para *pero*. No caso de *porém*, o elemento final de sua forma composta – *en(de)* – existia no português medieval (durante certo período) como forma independente (cf. Castilho, 2004), mas, no caso de *pero*, seu elemento final, do ponto de vista histórico - *o* (< lat. *hoc*) –, não ocorreria como forma autônoma, pois o demonstrativo *o* do português medieval constitui continuação histórica da forma latina *illu-* e não *hoc* (cf. MATTOS E SILVA, 1989, p. 157). Mesmo se tivesse havido uma fusão entre as continuações históricas de *illu-* e *hoc* no demonstrativo medieval *o*, esse fato não salvaria a legitimidade da extensão do roteiro de *porém* para *pero*, porque o elemento final de *pero* – *o* – não teria desaparecido como no caso de *porém* – *en(de)* –, condição necessária para a mudança semântica por que passaram ambos. Em segundo lugar, como a própria Mattos e Silva (1984, p. 129) propõe, a mudança semântica de *pero* teria ocorrido do século XIII para o XIV e a de *porém* do XIV para o XV, ou seja, se a mudança de *pero* precede a de *porém*, então seria a história de *pero* que deveria servir de modelo para a de *porém* e não o contrário (como defendido pela referida autora).

Outra hipótese de Mattos e Silva (1984) é de que os contextos em que *pero* e *porém* não ocorriam com outras marcas adversativas (definindo claramente seu caráter adversativo) seriam passíveis de ambigüidade, se o contexto maior do enunciado não explicitasse o sentido. Isso permitiria duas análises: uma como conclusivo-explicativo e outra como adversativo. Como a língua disporia de outras formas não-ambíguas conclusivo-explicativas, eliminaria o uso de *pero* e *porém* com valor conclusivo-explicativo. Por isso, *pero* e *porém* passariam a ser utilizados apenas com valor adversativo.

Um problema que pode ser apontado nessa hipótese da ambigüidade é o fato de que, por terem se tornado ambíguos, *pero* e *porém* poderiam ter permanecido apenas com valor conclusivo-explicativo, seu sentido etimológico, ao invés de mudar de sentido. Mattos e Silva (1984) justifica a “escolha” da língua em adotar o uso das formas com valor adversativo por existirem formas não-ambíguas com valor conclusivo-explicativo (p. ex., *por isso/esto, portanto*) que poderiam substituí-las nesse contexto. No entanto, também havia formas adversativas não-ambíguas, como o próprio *mas*, apontado por ela mesma (MATTOS E SILVA, 1989, p. 664) e por outros autores citados anteriormente como forma adversativa desde o latim vulgar. Assim, percebe-se que a existência de formas não-ambíguas para ambos os sentidos em questão (conclusivo-explicativo e adversativo) dificulta a validação da proposta de que as formas não-ambíguas teriam levado *pero* e *porém* a ficarem com sentido adversativo.

Para explicar o desaparecimento de *pero*, que compõe as etapas de 4 a 6 (E<sub>4</sub>-E<sub>6</sub>) no quadro 2, Mattos e Silva (1984) comenta que havendo outro item lexical para expressar a adversatividade (para ela o *porém*), “não faria falta o *pero* adversativo” (p. 149). No entanto, Mattos e Silva (1984, p. 149) admite que nada impediria a língua de ter mais de um item para expressar o mesmo significado, afinal, a sinonímia é um mecanismo fértil da língua e, além disso, o próprio *mas* já existia como forma adversativa. Assim, ela conclui que não teria sido um fator intralingüístico que teria causado o desaparecimento de *pero* do português, mas um fator extralingüístico, de ordem sociopolítica. Segundo ela, *pero* seria uma expressão típica do castelhano. Assim, quando o Estado português se consolidou (no séc. XV), teria havido uma tendência de preterimento do que fosse menos vernacular e um favorecimento de um elemento lingüístico que se identificasse com a nação, ou seja, *pero* teria desaparecido por ter sido considerado expressão típica do castelhano.

Maia (1985, p. 876-880) observa que, no português arcaico, o emprego da forma *mas* ocorre tanto como advérbio quanto como conjunção adversativa. O *mas* adversativo é encontrado desde o séc. XIII; e é desde esse século que a forma *mais* começa a sofrer concorrência de *mas* na função adversativa. No entanto, as formas vão se especializando e a forma *mais* acaba por limitar-se ao emprego adverbial, enquanto *mas*, que era resultado de *mais* empregado em posição átona, assume a função de conjunção adversativa. Essa seria uma possível hipótese para o surgimento da forma *mas* (resultado de próclise): o uso de *mais* em posição átona. A autora, no entanto, não dá exemplos, nem maiores detalhes do que seria esse uso em posição átona. Maia (1985) ainda comenta que, nos textos galego-portugueses, é muito freqüente a forma *pero*, simples ou combinada com *que* (*pero que*). Essa combinação pode ser empregada com sentido concessivo, um sentido menos recorrente. A autora também concorda com Said Ali (1965), Coutinho (1970) e Silveira (1972) quanto à origem de *pero* – resultado da locução latina *per hoc* (*por isso, portanto*). O sentido etimológico de *pero* seria equivalente ao de *porém/porende* – ambos conclusivo-explicativos. Para ela, a mudança de *pero* para adversativo se deve ao seu emprego em frases negativas, hipótese já apontada por Vasconcelos (1920) e Said Ali (1965). Com o tempo, esse sentido adversativo se atenua, tornando *pero* equivalente a *mas*. Por fim, a forma acaba por cair em desuso no português e, por volta do séc. XVI, já não é mais encontrada, sendo totalmente substituída por *mas*. Além dos sentidos adversativo, concessivo e conclusivo-explicativo, a autora ainda cita *pero* como conjunção causal, sinônima de *já que*, *visto que*, *uma vez que*. Note-se que Maia (1985) é a única autora que cita *pero* como conjunção causal. Além disso, ela sugere graus de adversatividade, quando diz que a adversatividade de *pero* se atenuou, tornando-o equivalente a *mas*, item que seria pouco adversativo, segundo esse raciocínio. Infelizmente, Maia (1985) não traz explicações sobre a gradação de adversatividade que sugeriu.

Mattos e Silva (1994a) diz que a conjunção adversativa básica no período arcaico do português é *mas*. *Pero* também ocorre com alta freqüência, ora com sentido explicativo, que é seu



valor etimológico, ora com sentido adversativo, ora com sentido concessivo. *Porém* ocorre com duas possibilidades semânticas não concomitantes: adversativo e explicativo. A autora novamente relata que “pelo século XV, *pero* já é usado só como adversativo, não é mais explicativo e no século XVI entra em desuso, enquanto *porende/poren*, por sua vez, só do século XV para o XVI é adversativo”. Note-se que neste trabalho, a referida autora classifica *pero* e *porém*, equivalentes a *por isso*, como explicativos, diferentemente de Mattos e Silva (1984), onde ela os classifica como conclusivo-explicativos.

Mattos e Silva (1994b, p. 260 e 261) classifica *pero* e *porém* com valor etimológico novamente como explicativos, como já feito em Mattos e Silva (1994a), e diferentemente do feito em Mattos e Silva (1984), onde ela os classifica como conclusivo-explicativos. Eles teriam, em momentos diferentes da história do português, adquirido valor adversativo. Segundo ela, no séc. XIV, “os dois itens ocorriam com as duas acepções, a etimológica e a adversativa”. *Pero* deixaria de ser usado com seu valor etimológico do séc. XIV para o XV e desapareceria com valor adversativo na segunda metade do séc. XVI, conforme já apontado em Mattos e Silva (1984) e Mattos e Silva (1994a).

Barreto (1996, p. 140) analisou, num *corpus* do séc. XIII a XV, a ocorrência de conjunções do período arcaico do português. Dentre as adversativas, a mais freqüente foi o *mas*, seguido de *pero* e, por último, de *porém*. Segundo ela, “*pero* e *porém* coocorreram como conjunções coordenativas adversativas, sendo *pero*, entretanto, a forma mais empregada”.

Barreto (1999, p. 169) retoma o assunto das conjunções, analisando, agora, o processo de gramaticalização de *pero* e *porém*. Segundo Barreto, *pero* e *porém* eram etimologicamente conclusivo-explicativos, adquirindo, em momentos diferentes, valor adversativo: “Uma vez possuindo idêntico valor semântico, *porém* passa a ser empregado em variação com *pero* que, posteriormente, vem a desaparecer da língua portuguesa”. A autora também cita o uso de *pero* como concessivo. Em função dos novos dados apurados, Barreto (1999, p. 140) propõe uma nova

versão do quadro elaborado por Mattos e Silva (1984, p. 142 e 144), passando de seis para sete estágios e exemplificando cada estágio com o comportamento lingüístico de *pero* e *porém* em diferentes textos da história do português. O quadro adaptado é o seguinte:

**Quadro 3: Confronto diacrônico de *pero* e *porém***<sup>6</sup>  
(BARRETO, 1999)

		<i>Pero</i>	<i>Porém</i>	Texto(s)
E <sub>1</sub>	Concl.-expl.	+	+	[Hipotético]
	Advers.	∅	∅	
E <sub>2</sub>	Concl.-expl.	∅	+	FR
	Advers.	+	∅	
E <sub>3</sub>	Concl.-expl.	-	+	DSG
	Advers.	+	∅	
E <sub>4</sub>	Concl.-expl.	-	+	DEM
	Advers.	+	-	
E <sub>5</sub>	Concl.-expl.	∅	+	OE, CDP, IC
	Advers.	+	-	
E <sub>6</sub>	Concl.-expl.	∅	∅	CC, DVV, DLNL
	Advers.	+	∅	
E <sub>7</sub>	Concl.-expl.	∅	∅	LUS
	Advers.	∅	∅	

Há nesse quadro algumas diferenças em relação ao quadro de Mattos e Silva (1984), mas os comentários pertinentes serão feitos após a apresentação da proposta de Barreto (2002), que se expõe a seguir.

Barreto (2002, p. 185 e 186) retoma o quadro evolutivo entre *pero* e *porém* sugerido por Mattos e Silva (1984). No entanto, a autora observa que, no séc. XVI, ainda há ocorrência de *pero* adversativo, *pero* e *porém* explicativos e da locução *pero que*, com sentido concessivo. Além disso, ela analisa separadamente os itens *pero* e *porém* de suas variantes e conclui que *pero* e *empero*, isolados ou associados a *que*, podiam ocorrer com sentido concessivo entre os sécs. XIII e XV. No séc. XVI, apenas *pero* e *pero que* ocorreriam com esse sentido, ou seja, *empero* já não

<sup>6</sup> As siglas utilizadas por Barreto (1999) representam os seguintes textos: FR = *Foro Real* (séc. XIII); DSG = *Diálogos de São Gregório* (anterior a 1375); DEM = *Demanda do Santo Graal* (séc. XV); OE = *Orto do Esposo* (1385-1390); CDP = *Crônica de D. Pedro* (1430-40), de Fernão Lopes; IC = *Imitação de Cristo* (1468); CC = *Carta* (1500), de Pero Vaz de Caminha; DVV = *Diálogo da Viçiosa Vergonha* (1540), de João de Barros; DLNL = *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem* (1540), de João de Barros; e LUS = *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões.

seria mais usado. Em função dos novos dados apurados, Barreto (2002, p. 174) propõe novamente uma nova versão do quadro elaborado por Mattos e Silva (1984, p. 142 e 144), passando de seis para sete estágios. Cada estágio é exemplificado com o comportamento lingüístico de *pero* e *porém* em diferentes textos da história do português, conforme quadro adaptado a seguir:

**Quadro 4: Confronto diacrônico de *pero* e *porém***<sup>7</sup>  
(BARRETO, 2002)

		<i>Pero</i>	<i>Porém</i>	Texto(s)
E <sub>1</sub>	Concl.-expl.	+	+	[Hipotético]
	Advers.	∅	∅	
E <sub>2</sub>	Concl.-expl.	+	+	FR
	Advers.	+	∅	
E <sub>3</sub>	Concl.-expl.	-	+	DSG
	Advers.	+	∅	
E <sub>4</sub>	Concl.-expl.	-	∅	DEM
	Advers.	-	+	
E <sub>5</sub>	Concl.-expl.	∅	+	LRR, OE, CDP, IC
	Advers.	+	-	
E <sub>6</sub>	Concl.-expl.	Arc.	+	C, GLP, DVV, DLNL, DA
	Advers.	+	+	
E <sub>7</sub>	Concl.-expl.	∅	∅	CDJIII, CR, CM, CT, CJ, LUS
	Advers.	∅	+	

Dado o grande volume de informação dos quadros 2, 3 e 4 e ainda a complexidade dessas informações, convirá apresentar um novo quadro que reúna os dados dos três referidos quadros, que se apresenta a seguir:

<sup>7</sup> As siglas utilizadas por Barreto (2002), que não foram listas na nota anterior, representam os seguintes textos: LRR = *Lenda de Rei Rodrigo* (séc. XV); C = *Cartinha* (1540), de João de Barros; GLP = *Gramática da Língua Portuguesa* (1540), de João de Barros; DA = *Décadas da Ásia* (1552-1553), de João de Barros; CDJIII = *Cartas* (1523-1557), de D. João III; CR = *Cartas* (séc. XVI), de Catarina de Bragança; CM = *Cartas Miscelâneas* (séc. XVI); CT = *Cartas* (séc. XVI), de Teodósio, filho do Duque; e CJ = *Cartas* (séc. XVI), de Jaime, Duque de Bragança.

Quadro 5: Confronto diacrônico de *pero* e *porém* (síntese)

		Mattos e Silva (1984)				Barreto (1999)		Barreto (2002)	
		<i>Pero</i>	<i>Porém</i>			<i>Pero</i>	<i>Porém</i>	<i>Pero</i>	<i>Porém</i>
E <sub>1</sub>	Concl.-expl.	+	+	E <sub>1</sub>	Concl.-expl.	+	+	+	+
	Advers.	∅	∅		Advers.	∅	∅	∅	∅
E <sub>2</sub>	Concl.-expl.	+	+	E <sub>2</sub>	Concl.-expl.	∅	+	+	+
	Advers.	-	∅		Advers.	+	∅	+	∅
E <sub>3</sub>	Concl.-expl.	-	+	E <sub>3</sub>	Concl.-expl.	-	+	-	+
	Advers.	+	∅		Advers.	+	∅	+	∅
				E <sub>4</sub>	Concl.-expl.	-	+	-	∅
					Advers.	+	-	-	+
E <sub>4</sub>	Concl.-expl.	∅	+	E <sub>5</sub>	Concl.-expl.	∅	+	∅	+
	Advers.	+	-		Advers.	+	-	+	-
E <sub>5</sub>	Concl.-expl.	∅	-	E <sub>6</sub>	Concl.-expl.	∅	∅	Arc.	+
	Advers.	-	+		Advers.	+	∅	+	+
E <sub>6</sub>	Concl.-expl.	∅	∅	E <sub>7</sub>	Concl.-expl.	∅	∅	∅	∅
	Advers.	∅	+		Advers.	∅	∅	∅	+

No quadro 5 foram destacadas as células em que os valores nas três propostas não são idênticos - como se pode ver, as diferenças são várias.

A primeira diferença e mais evidente é o fato de Mattos e Silva (1984) propor apenas seis estágios enquanto Barreto (1999 e 2002) propõem sete: como Mattos e Silva (1984) situa os textos *OE*, *CDP* e *IC* em E<sub>4</sub> e Barreto (1999 e 2002) em E<sub>5</sub>, vê-se que a inovação da proposta de Barreto (1999 e 2002) está na proposta do seu E<sub>4</sub>.

No quadro de Barreto (2002) chamam a atenção dois pontos que parecem inconsistentes: *pero* aparecer como mais freqüente tanto para conclusivo-explicativo quanto para adversativo em E<sub>2</sub> e *porém* aparecer como mais freqüente tanto para conclusivo-explicativo quanto para adversativo em E<sub>6</sub>. Era de se esperar que em E<sub>2</sub> *pero* aparecesse como menos freqüente como adversativo (pois é um valor que acabara de adquirir) e ainda que em E<sub>6</sub> *porém* aparecesse como menos freqüente como conclusivo-explicativo (pois é um valor que acabara de perder) - curiosamente esse dois pontos são valores que aparecem diferentes nas três propostas.

Como não são apresentadas as frequências de cada forma no três estudos de que trata do quadro 5 (apenas Mattos e Silva (1984) apresenta as frequências), não é possível avaliar a origem das diferenças.

Enfim, com base nos dados fornecidos pelos vários estudos acima citados, pode-se verificar que a história das adversativas no português medieval compreende uma série de mudanças, das quais se destacam as seguintes:

- a) as conjunções *pero* e *porém* mudaram de conclusivo-explicativas para adversativas;
- b) a conjunção *pero* desapareceu do português.

Para dar conta da primeira mudança, as hipóteses propostas foram:

- H-1:** *Pero* passou de afirmativo para dubitativo e adversativo em orações negativas quando acompanhado da conjunção *mais*. (VASCONCELOS, 1920, p. 67)
- H-2:** *Porém* passou de advérbio com noção de causa determinante para conjunção adversativa em orações negativas. (SAID ALI, 1965, p. 187)
- H-3:** A difusão do valor adversativo em *pero* e *porém* foi favorecida pelo contexto negativo (MATTOS E SILVA, 1984, p. 147)
- H-4:** A difusão do valor adversativo em *pero* e *porém* foi favorecida pelo contexto de estruturas já marcadas como adversativas por outros recursos (MATTOS E SILVA, 1984, p. 147)
- H-5:** A condição para a mudança semântica de *pero* e *porém* foi a perda de consciência, pelos falantes, da composição etimológica de *pero* e *porém*. (MATTOS E SILVA, 1984, p. 148)
- H-6:** A perda de consciência da composição etimológica de *porém* está relacionada ao progressivo desuso de *en(de)*. (MATTOS E SILVA, 1984, p. 148)
- H-7:** *Pero* e *porém* deixaram de apresentar valor conclusivo-explicativo por serem passíveis de ambigüidade em contextos sem outra marca adversativa. (MATTOS E SILVA, 1984, p. 148-149)

Para dar conta da segunda mudança, as hipóteses propostas foram:

- H-8:** *Pero* desapareceu porque teria surgido um novo item para expressão de adversatividade, o *porém*. (MATTOS E SILVA, 1984, p. 149)
- H-9:** *Pero* foi preterido em relação a outros elementos adversativos por ter a marca de menos vernáculo, ou seja, ser expressão típica da adversativa em castelhano. (MATTOS E SILVA, 1984, p. 149)

### 1.2.3. Adversativas no catalão arcaico

Badia i Margarit (1985 [1ª edição 1951], p. 232) explica que, no catalão, as conjunções adversativas podiam ser empregadas com dois valores específicos: restritivo e exclusivo. *Però*, *mes*, *emperò* e *però* (posposto) fariam parte do primeiro grupo – restritivo. O autor também diz que, em posição posposta, *però* podia ocorrer com sentido concessivo. Badia i Margarit (1985, p. 97) aponta ainda como formas adversativas atuais do catalão as conjunções *però*, *sinó*, *tanmateix* e as locuções *amb tot*, *així i tot*, *per això*, *però* (posposto), *més aviat* e *sinó que*. Esse autor cita *mas* como uma forma do catalão antigo que, no catalão moderno, tornou-se uma forma exclusiva da escrita e desaconselha o seu uso, apesar de dizer não ser incorreto. Da mesma forma, *empero* também teria caído em desuso, sendo substituído pela forma simples *però*.

Segundo Moll (1991 [1ª edição 1952], p. 236-237), no catalão arcaico, *però* (do latim *per hoc*) e *mes* (do latim *magis*) eram formas adversativas. Podia-se encontrar também a forma *per tot açò*, segundo ele, uma formação intensificada de *però*<sup>8</sup>. Acerca do uso de *mes*, o autor comenta: “*Però* i *emperò* han substituït a *mes* i són les conjuncions adversatives més usades”<sup>9</sup>. Vê-se que a forma *mes* adversativa não teve continuidade no catalão, sendo substituída por *emperò* e *però*.

Dessa forma, pode-se dizer que, no catalão, no período arcaico, havia basicamente as formas adversativas *mes* e *però* e suas variantes. Os autores sugerem que a forma *mes* teria deixado de ser usada, mas não explicam como, quando nem por que teria ocorrido esse processo. Nenhum dos autores consultados atribuiu a *però* o uso conclusivo-explicativo nem registra a existência, no catalão, de uma forma correlata ao *porém* do português.

<sup>8</sup> Esta não parece ser uma forma intensificada de *però*, mas sim uma forma alternativa, já que sua formação é diferente da de *però* (*per* + *hoc*).

<sup>9</sup> Tradução nossa: “*Però* e *emperò* substituíram a *mes* e são as conjunções adversativas mais usadas”.

#### 1.2.4. Considerações

As informações obtidas em relação à história das adversativas especialmente no português e no catalão demonstraram que há ainda muito a ser pesquisado e discutido.

Primeiramente, das sete hipóteses propostas para dar conta da mudança de significado por que passaram *pero* e *porém*, nenhuma foi propriamente testada com base em um *corpus*: embora Mattos e Silva (1984) apresente dados retirados de um *corpus* composto de cinco textos e Barreto (2002) com dados de um *corpus* de 18 textos, nenhuma das duas testou nesses mesmos *corpora*, por exemplo, H-3 (favorecimento da mudança pelo contexto negativo), H-4 (favorecimento da mudança pela presença de outra marca adversativa) nem H-6 (perda de consciência da composição etimológica por desuso de *en(de)*). Algumas hipóteses foram, aliás, descartadas *in limine*, também sem terem sido testadas: como foi o caso de H-8 (desaparecimento de *pero* por concorrência de *porém*). Além disso, embora o sistema de adversativas do português medieval seja composto basicamente de três itens (*mas* e, posteriormente, *pero* e *porém*), pouca atenção é dada ao *mas*, para avaliar seja seu papel como elemento que exerce influência sobre a história dos outros dois itens, seja as conseqüências que a história desses dois outros itens podem ter tido sobre o *mas*.

Em segundo lugar, não parece haver para o catalão nenhuma explicação na literatura especializada para dar conta do fato de que *mes* foi progressivamente substituído por *però*.

Comparando as informações apuradas para o português e o catalão, ainda outras questões surgem: não terão existido no catalão condições semelhantes às do português (contextos negativos, acompanhamento de outras marcas adversativas, etc.) sem que mudanças na mesma direção tenham ocorrido no seu sistema de adversativas? Por que o percurso histórico do *mas* foi diferente no português e no catalão?

No presente trabalho pretende-se apresentar uma pequena contribuição para o avanço do conhecimento sobre o sistema de adversativas no português e no catalão medievais,

procurando-se, sobretudo, testar, com base em dados dessas línguas, as hipóteses atualmente disponíveis na literatura especializada, mas também deixando aberta a possibilidade de se aventarem novas hipóteses.

Considerando que as hipóteses identificadas contemplam aspectos muitos diversos, faz-se necessário optar por se trabalhar neste estudo com aquelas que podem ser avaliadas com base em um *corpus* acessível e que estejam relacionadas. Sendo assim, serão avaliadas no presente estudo as hipóteses H-1, H-2, H-3, H-4, H-7 e H-8. As hipóteses H-5 e H-6 não serão testadas porque exigem coleta de dados relativos aos pronomes *en(de)* e *o*, formas que exigiriam um estudo à parte. A hipótese H-9 não será testada por não haver disponíveis dados sobre a avaliação dos falantes do valor sócio-cultural da forma *pero* no português medieval.



---

## CAPÍTULO 2

### OBJETIVOS E MÉTODO

---

#### 2.1. Objetivos

Embora o tema escolhido para o presente trabalho seja bastante instigante e permita diferentes abordagens, impõe-se estabelecer objetivos bem definidos para tornar produtiva a análise. Em função disso, estabeleceram-se para o presente estudo como objetivos:

##### a) Geral

- Analisar o comportamento lingüístico de adversativas no português (especificamente *mas*, *pero* e *porém*) e no catalão (especificamente *mes* e *però*) dos séculos XIII a XVI.

##### b) Específicos

- Descrever o comportamento lingüístico de adversativas no português (especificamente *mas*, *pero* e *porém*) dos séculos XIII a XVI.

- Descrever o comportamento lingüístico de adversativas no catalão (especificamente *mes* e *però*) dos séculos XIII a XVI.

- Comparar o comportamento lingüístico dos referidos itens no português e no catalão dos séculos XIII a XVI.

- Testar hipóteses disponíveis na literatura especializada sobre o percurso histórico desses itens no português e no catalão dos séculos XIII a XVI.

## 2.2. Método

Nesta seção apresentam-se o *corpus* escolhido em língua portuguesa e em língua catalã e os métodos usados para coleta e tratamentos dos dados.

### 2.2.1. Corpus

Foram escolhidos para fazer parte do *corpus* em língua portuguesa os seguintes textos<sup>10</sup>:

- a) 2ª metade do séc. XIII – *Foro Real*, de Afonso X (AFONSO X, 1987);
- b) 2ª metade do séc. XIV – *Crónica Geral de Espanha*, de autor anônimo (CINTRA, 1983-1990);
- c) 2ª metade do séc. XV – *Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, de Gomes Eanes de Zurara (BROCARD, 1994);
- d) 2ª metade do séc. XVI – *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (PINTO, 1989).

Foram escolhidos para fazer parte do *corpus* em língua catalã os seguintes textos:

- e) 2ª metade do séc. XIII – *Llibre dels Fets del Rei en Jaume*, de Jaume I (JAUME I, 1991);
- f) 2ª metade do séc. XIV – *Contes i Faules*, Francesc Eiximenis (EIXIMENIS, 1987);
- g) 2ª metade do séc. XV – *Epistolari del Segle XV*, de autoria diversa (EPISTOLARI, 1926);
- h) 2ª metade do séc. XVI – *Col·loquis de la Insigne Ciutat de Tortosa*, de Cristòfor Despuig (DESPUIG, 1996).

O quadro a seguir apresenta, de forma esquemática, os textos do português e do catalão que compõem o *corpus* da presente pesquisa. O quadro inclui ainda a datação dos textos e as abreviaturas que serão empregadas doravante.

---

<sup>10</sup> Os textos que compõem o *corpus* de língua portuguesa foram retirados do CIPM – *Corpus Informatizado do Português Medieval*, através do sítio <http://cipm.fesh.unl.pt>.

**Quadro 6: Composição do *corpus***

Língua	Século	Data	Título	Autor	Abreviatura
Português	XIII	± 1280	<i>Foro Real</i>	Afonso X (1221-1284)	<i>FR</i>
	XIV	Fins do séc. XIV	<i>Crónica Geral de Espanha</i>	Anônimo	<i>CGE</i>
	XV	1458-1464	<i>Crónica do Conde D. Pedro de Meneses</i>	Gomes Eanes de Zurara (1410/20-1473/74)	<i>CCP</i>
	XVI	± 1580	<i>Peregrinação</i>	Fernão Mendes Pinto (1509-1583)	<i>PER</i>
Catalão	XIII	1274	<i>Llibre dels Fets del Rei en Jaume</i>	Jaume I (1213-1276)	<i>LFR</i>
	XIV	1381-1386	<i>Contes i Faules</i>	Francesc Eiximenis (1340-1408)	<i>CF</i>
	XV	1420-1495 (seleção apenas das cartas posteriores a 1450)	<i>Epistolari del Segle XV</i>	Autores diversos	<i>EPI</i>
	XVI	1557	<i>Col.loquis de la Insigne Ciutat de Tortosa</i>	Cristòfor Despuig (1510-1580)	<i>CIC</i>

### 2.2.2. Coleta e tratamento dos dados

O recorte temporal escolhido foi do séc. XIII a XVI porque compreende o período em que, segundo Mattos e Silva (1984), *pero* e *porém* teriam se estabelecido na língua, teriam passado por mudanças semânticas, que envolveriam a concorrência entre as duas formas, e *pero* teria desaparecido do português (cf. quadro 2). Segundo ela, o séc. XVI é definitivo, pois nele, em relação às conjunções adversativas, as mudanças estão concretizadas. Escolheu-se a segunda metade de cada século porque, no início do séc. XIII, ainda há pouca literatura tanto em português quanto em catalão. Assim, para manter uma faixa mínima de distância temporal, também se analisaram dados da segunda metade dos demais séculos. O tipo de texto eleito foi principalmente o texto em narrativa, por se compreender que é o gênero textual no qual o narrador mais se aproximaria do vernáculo, possibilitando o trabalho com dados mais espontâneos da língua, conforme Tarallo (1986) - no entanto, há também um texto notarial no *corpus* do português, que corresponde ao séc. XIII.

Foram analisadas as obras selecionadas da segunda metade dos sécs. XIII, XIV, XV e XVI do português e do catalão, nas quais foram coletadas as 100 primeiras ocorrências de conjunções adversativas. Essa coleta ocorreu normalmente em português, onde os dados foram abundantes. No entanto, em catalão, nos sécs. XIV e XV, não foram encontradas 100 ocorrências. Optou-se mesmo assim por se trabalhar com os dados obtidos para o catalão, em função da restrição de acesso a outros possíveis textos.

A descrição e a discussão dos dados contemplarão prioritariamente as seis hipóteses (H-1, H-2, H-3, H-4, H-7 e H-8) eleitas para teste sobre a história das adversativas no português e no catalão (cf. seção 1.2.2). Serão considerados aspectos qualitativos (inventários de formas e padrões estruturais) e quantitativos (frequência de cada forma por padrão estrutural).

De acordo com a proposta de Weinreich, Labov & Herzog (1968 [2006, p. 121-125]), o estudo da mudança lingüística deve considerar cinco aspectos:

a) *fatores condicionantes*: “conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança”;

b) *transição*: “estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a B”;

c) *encaixamento* (na estrutura lingüística e na estrutura social): “as mudanças lingüísticas sob investigação devem ser vistas como encaixadas no sistema lingüístico como um todo”;

d) *avaliação*: “estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea”;

e) *implementação*: “estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua” envolvidos no processo global de mudança lingüística.

No presente estudo, serão contemplados especialmente a *transição*, uma vez que serão consideradas as fases por que passaram as formas ao longo dos processos de mudança; o *encaixamento* (na estrutura lingüística), pois as conjunções serão analisadas dentro do sistema

de adversativas que compõem; e a *implementação*, já que se avaliarão hipóteses que se propõem a dar conta das causas da mudança e ainda do momento em que ocorreu.

Para avaliar a procedência das hipóteses eleitas para estudo, os dados serão organizados em diferentes tabelas, a saber:

Tabela 1 — *Frequência*: essa tabela será usada para apurar a frequência de cada forma, possibilitando analisar se houve mudança de frequência durante o período em análise e em que século essa mudança se deu.

Tabelas 2a e 2b — *Valor semântico*: essas tabelas permitirão verificar com quais valores semânticos ocorriam as formas em estudo no período considerado e em que momento terão ocorrido mudanças semânticas, bem como se haveria uma relação de concorrência entre esses valores semânticos (aumento de um e diminuição de outro);

Tabelas 3a, 3b e 3c — *Acompanhamento de marca adversativa* : essas tabelas possibilitarão verificar se há relação entre o acompanhamento de marca adversativa às conjunções em análise e o valor semântico que apresentam (fatos pertinentes a H-1, H-4 e H-7);

Tabelas 4a, 4b, 4c, 4d e 4e — *Tipo de contexto*: essas tabelas permitirão verificar se há relação entre o contexto em que as conjunções em estudo eram usadas (negativas ou não-negativas) e o valor semântico que apresentam (fatos pertinentes a H-1, H-2 e H-3);

Tabela 5a e 5b — *Nível de articulação sintática*: essas tabelas permitirão contextualizar as formas em estudo estruturalmente, o que tornará possível analisar se o contexto sintático (especificamente, o nível de articulação) poderá ter tido algum papel nos processos de mudança considerados;

Tabelas 6a, 6b, 6c e 6d — *Posição oracional*: essas tabelas também permitirão contextualizar as formas em estudo estruturalmente, o que tornará possível analisar se o contexto sintático (especificamente, a posição oracional) poderá ter tido algum papel nos processos de mudança considerados.

---

## CAPÍTULO 3

### DESCRIÇÃO DOS DADOS

---

Nesta seção os dados do português e do catalão serão descritos qualitativa e quantitativamente. Serão apresentadas tabelas que contemplam os seguintes aspectos: frequência; valores semânticos; acompanhamento de marca adversativa; tipo de contexto; nível de articulação sintática e posição oracional. Após a apresentação de cada tabela serão feitos comentários com a finalidade de destacar informações relevantes para a discussão dos dados a ser realizada no capítulo 4.

#### 3.1 Frequência

A primeira tabela mostra a frequência de cada item no português e no catalão, possibilitando analisar se houve mudança na frequência dos itens durante período em estudo. São apresentados tanto o número de ocorrências quanto o percentual em relação ao total de formas coletadas por século e por língua.

Antes, no entanto, de se apresentar a tabela, serão reproduzidos exemplos de *mas*, *pero* e *porém* no português e de *mes* e *però* no catalão.

#### Português:

- (18) “E porq(ue) nossa uoontade e’ q(ue) en nosso tempo non se minge~ ne~ se p(er)çam os dereytos d(e) Deus e da S(an)c(t)a Eygreya p(er) mingua d(e) iustiça nossa, **mays** cresca~ cada dya [a] s(er)uiço d(e) D(eu)s e d(e) S(an)c(t)a Eygreya.”. (*FR*, livro 1, título 5, fól. 75v; séc XIII; negrito nosso)
- (19) “Deffendemos que nenhuu uozeyro non seya ousado d(e) auirsse est aquel d(e) que a’ de teer uoz [...] no~ tenha mays ya uoz por outro, **pero** mandamos que possa au(er) ualya da uintena da d(e)manda, assy como manda a lee”. (*FR*, livro 1, título 9, fól. 80v; séc XIII; negrito nosso)

- (20) “E q(ue~) quer q(ue) (contra) isto ueer ou faz(er) algu~a cousa moyra **porende** e no~ seya leyxado uiuo”. (*FR*, livro 1, título 2, fól. 72r; séc XIII; negrito nosso)

### Catalão:

- (21) “E no sabien los clergues que nós dequêssem entrar allí, **mas** entram quant cantaven aquel càntich..”. (*LFR*, p. 10; séc XIII; negrito nosso)
- (22) “E regoneguem que daven meylor conseyl e seguim aquel; **emperò** pesà’ns molt can no poguem fer aquel ardit.”. (*LFR*, p. 108; séc XIII; negrito nosso)

**Tabela 1: Frequência (geral)<sup>11</sup>**

	Português				Catalão		
	<i>mas</i> e variantes <sup>12</sup>	<i>pero</i> e variantes <sup>13</sup>	<i>porém</i> e variantes <sup>14</sup>	Total	<i>mes</i> e variantes <sup>15</sup>	<i>però</i> e variantes <sup>16</sup>	Total
XIII	51 (51%)	32 (32%)	17 (17%)	100 (100%)	81 (81%)	19 (19%)	100 (100%)
XIV	56 (56%)	26 (26%)	18 (18%)	100 (100%)	37 (56,1%)	29 (43,9%)	66 (100%)
XV	47 (47%)	26 (26%)	27 (27%)	100 (100%)	19 (51,3%)	18 (48,7%)	37 (100%)
XVI	69 (69%)	-	31 (31%)	100 (100%)	57 (57%)	43 (43%)	100 (100%)

A observação dos dados da tabela 1 permite concluir que, em relação às formas consideradas, há no *corpus* três itens em português (*mas*, *pero* e *porém*) e dois em catalão (*mes* e *però*) - a forma *porém* não ocorre em catalão.

Em português, *mas/porém*, por um lado, e *pero*, por outro, parecem estar em uma relação oposta: do séc. XIII para o XVI, aumenta a frequência de *mas* (51% no séc. XIII > 69% no séc. XVI) e de *porém* (17% no séc. XIII > 31% no séc. XVI) e, pelo contrário, *pero* diminui de frequência até desaparecer (32% no séc. XIII > 0 no séc. XVI).

<sup>11</sup> Como será informado nas notas que se seguem, os itens em estudo apresentam variantes morfofonológicas. Em nome de simplicidade, a referência a cada forma e suas variantes será feita através de apenas um delas: para o português, *mas*, *pero* e *porém*; para o catalão, *mes* e *però*.

<sup>12</sup> No português, constataram-se as formas *mais* (sécs. XIII e XV) e *mas* (séc. XIII a XVI).

<sup>13</sup> No português, constataram-se as formas *pero* (séc. XIII a XV) e *empero* (séc. XIII e XV).

<sup>14</sup> No português, constataram-se as formas *porende* (séc. XIII e XIV) e *porém* (séc. XIII a XVI).

<sup>15</sup> No catalão, constataram-se as formas *mas* (séc. XIII a XVI) e *mes* (séc. XIII, XV e XVI).

<sup>16</sup> No catalão, constataram-se as formas *però* (séc. XIII, XV e XVI) e *emperò* (séc. XIII a XVI).

Em catalão, uma relação oposta entre *mes* e *però* também pode ser vista, uma vez que *mes* diminui de frequência no período (81% no séc. XIII > 57% no séc. XVI), enquanto *però* aumenta (19% no séc. XIII >> 43% no séc. XVI).

É interessante notar que a relação entre os dados do português e do catalão é diferente: enquanto no português há aumento de *mas* e *porém* e diminuição de *pero*, em catalão existe aumento de *però* e diminuição de *mes*. Os itens *mas* no português e *mes* no catalão são os mais frequentes ao longo dos séculos.

### 3.2 Valor semântico

As duas próximas tabelas apresentam a classificação dos itens em estudo por valores semânticos em português e em catalão. Utilizou-se como classificação dos valores a proposta de Mattos e Silva (1984), que lida basicamente com dois valores: *conclusivo-explicativo* (CE) e *adversativo* (AD). Como já comentado na seção 1.1.2, a relação entre adversatividade e concessividade é tão estreita que se poderia até mesmo tratar conjuntamente desses dois valores, exatamente como fez Mattos e Silva (1984) em sua análise. Assim, adotou-se aqui o mesmo procedimento, sobretudo para permitir a comparabilidade entre os dados apurados por Mattos e Silva (1984) e os do presente estudo. Quando o valor semântico não pôde ser precisado, classificou-se o dado como duvidoso (D).

Os exemplos abaixo mostram a ocorrência dos valores semânticos nos dados coletados:

#### Português:

a) Valor conclusivo-explicativo (CE):

(23) “Os fidalgos emtemderam be~ q(ue) ho mouro vinha assy cautellosamente por fimgir allgu~ emgano, **empero** foram a elle por semtyre~ o que queria fazer, o quall e~ seu rretraimemto se mostrou mais temeroso do que ho caso rrequeria, saymdo-se assy como fugimdo por aver aazo de tyrar os nossos comtra hu~a çillada que deyxara detras de sy.” (FR, fól. 80r; séc. XIII; negrito nosso)



(24) “E se fez(er) diuida ou fiaduria sen mandado, nen el nen seu senur no~ seya~ teudos de responder **poren**, fora se for s(er)uo que (con)pre ou que uenda p(er) (con)sentimento de seu senhor p(er) que seya teudo **pore~**.” (*FR*, fól. 85v; séc. XIII; negrito nosso)

b) Valor adversativo (AD):

(25) “Os filhos de Sen, o mayor yrma~a~o, herdaron Asya, mas non todos, e os filhos de Cham herdaran Affryca; **mas** os filhos de Jaffeth, o meor yrma~a~o, ouverom por sua parte Europa e começaro~ a pobrar Amano e Touro, que son dous montes e~ terra de Cezilia, e pobraron outrossy en Syria, a Meor, que perteeçe a Asya”. (*CGE*, fól. 2b; séc. XIV; negrito nosso)

(26) “Qua~do Asdrubal este recado ouve de Anybal, trabalhouse de se yr. **Pero** ante guerreou com Cepion quanto pode pera o embargar, ca elle nom podia com elle pelejar (...)”. (*CGE*, fól. 23c; séc. XIV; negrito nosso)

(27) “& Antonio de Faria lha mandou trazer logo com hum frasco de confeitos, de que elle não quiz comer, **porem** da agoa bebeo hu)a grande quantidade (...)” (*PER*, p. 64; séc. XVI; negrito nosso)

c) Valor duvidoso (D):

(28) “E se ueer a terceyro plazo seya ouuydo sob(re) aq(ui)llo q(ue) lhy e’ aposto se o fez ou non, mays **p(er)o** no~ cobre a pea subredicta en q(ue) caeo per sa culpa.” (*FR*, fól. 88r; séc. XIII; negrito nosso)

No exemplo em (28), *pero* possui duas interpretações possíveis: conclusivo-explicativo ou adversativo. No primeiro caso, como conclusivo-explicativo, *pero* não formaria uma locução com *mais*: *E se vier no terceiro prazo seja ouvido sobre o que lhe é atribuído para saber se fez ou não mas, por isso* (por ser ouvido sobre a acusação), *não receba a pena sobredita na qual caiu por sua culpa*. E no segundo caso, ele formaria com *mais* uma locução adversativa (*mais pero*) e a oposição estaria entre as orações: *E se vier no terceiro prazo seja ouvido sobre o que lhe é atribuído para saber se fez ou não mas, apesar disso* (por ser ouvido sobre a acusação), *não receba a pena sobredita na qual caiu por sua culpa*.

**Catalão:**

## a) Valor adversativo (AD):

(29) “- Tostemps havia oït dir que perillosa cosa era estar entre pagesos, **mas** ara dic que és cosa mortal, car no usen de raó e creen tost tota follia, e sobte són avalotats e no guarden dret ne envers, e tostemps se deliten en minves e en dejecció d’hom d’estament e d’honor. -” (CF, p. 40; séc. XIV; negrito nosso)

(30) “Respòs la sirventa de casa que li plaïa molt, **emperò** que primerament li havia a llevar tot lo pèl de la cara; e plac a la somera que així es feés.” (CF, p. 141; séc. XIV; negrito nosso)

## b) Valor duvidoso (D):

(31) “Car aquels qui morts són han més de terra que nós, que han la glòria de Déu. **Però** lo conseyl que jo y do, però salvan lo conseyl que vós me donats, lo y do.” (LFR, p. 92; séc. XIII; negrito nosso)

O contexto do exemplo (31) é de uma conquista, uma disputa por terra, na qual muitos nobres já haviam morrido. Um conselho de nobres e religiosos se reúne para discutir se deviam continuar a batalha e qual estratégia seguir. O narrador do exemplo (31) tenta convencer o conselho de que seria melhor lutar pela conquista da terra, mesmo correndo riscos, que ficar sem nada, pois até aqueles que haviam morrido tinham mais terra que eles, pois tinham terra no Céu. Nesse exemplo, *però* possui duas interpretações possíveis: conclusivo-explicativo ou adversativo. No primeiro caso, como conclusivo-explicativo, a oração iniciada por *però* funcionaria como conclusão/explicação da oração anterior: *Pois aqueles que mortos são têm mais de terra que nós, pois têm a glória de Deus. Por isso* (por até eles terem mais terra que nós), *o conselho que eu dou, embora salvam o conselho que vós me dais, eu o dou*. E no segundo caso, *però* estabeleceria uma relação de oposição com a oração anterior. Essa relação seria reforçada pela retomada de *però* concessivo na oração seguinte (*però salvan lo conseyl que vós me donats*), ficando: *Pois aqueles que mortos são têm mais de terra que nós, pois têm a glória de Deus. Mas o conselho que eu dou, embora salvam o conselho que vós me dais, eu o dou*.

As tabelas 2a e 2b abaixo apresentam a classificação semântica dos dados do português e do catalão. A tabela 2a mostra os dados de forma geral e a tabela 2b apresenta apenas os dados adversativos:

**Tabela 2a: Valor semântico (geral)**

	Português										Catalão				
	<i>mas</i> e variantes		<i>pero</i> e variantes				<i>porém</i> e variantes				<i>mes</i> e variantes		<i>però</i> e variantes		
	AD	Total	CE	AD	D	Total	CE	AD	D	Total	AD	Total	AD	D	Total
XIII	51 (100%)	51 (100%)	4 (12,5%)	25 (78,1%)	3 (9,3%)	32 (100%)	16 (94,1%)	-	1 (5,9%)	17 (100%)	81 (100%)	81 (100%)	16 (84,2%)	3 (15,8%)	19 (100%)
XIV	56 (100%)	56 (100%)	2 (7,7%)	23 (88,5%)	1 (3,9%)	26 (100%)	17 (94,4%)	-	1 (5,6%)	18 (100%)	37 (100%)	37 (100%)	29 (100%)	-	29 (100%)
XV	47 (100%)	47 (100%)	3 (11,5%)	17 (65,4%)	6 (23,1%)	26 (100%)	14 (51,9%)	10 (37%)	3 (11,1%)	27 (100%)	19 (100%)	19 (100%)	18 (100%)	-	18 (100%)
XVI	69 (100%)	69 (100%)	-	-	-	-	-	30 (96,8%)	1 (3,2%)	31 (100%)	57 (100%)	57 (100%)	43 (100%)	-	43 (100%)

A tabela 2a mostra que *mas* em português e *mes* em catalão são sempre adversativos (AD). *Pero*, em português, ocorre como adversativo (AD) e conclusivo-explicativo (CE), mas, em catalão, *però* aparece apenas como adversativo (AD). *Porém*, presente apenas em português, ocorre também como adversativo (AD) e conclusivo-explicativo (CE).

Em português, não há, em relação a *mas*, nenhuma mudança semântica verificável. *Pero*, por outro lado, ainda que, do séc. XIII ao XV, ocorra predominantemente com valor adversativo<sup>17</sup>, apresenta também o valor conclusivo-explicativo ao longo desse período. Já *porém* se mostra exclusivamente conclusivo-explicativo nos sécs. XIII e XIV, começa a se tornar adversativo no séc. XV e é exclusivamente adversativo no séc. XVI.

Em catalão, em relação a *mes*, também não há nenhuma mudança semântica verificável. *Però* ocorre apenas com sentido adversativo.

Comparando-se os dados das duas línguas, é interessante notar que *pero* em português mantém seu valor etimológico (conclusivo-explicativo) por mais tempo do que o catalão (no português há ocorrência de *pero* com valor conclusivo-explicativo até o séc. XV; no catalão

<sup>17</sup> Esse dado coincide com a proposta de Barreto (2002, p. 185), segundo quem há ocorrências de *pero* com valor adversativo ainda no séc. XVI.

não há ocorrência de *però* com esse valor); especificamente em relação ao português, deve-se salientar que é justamente após *porém* adquirir o valor adversativo (séc. XIV para XV) que *pero* desaparece (séc. XV para XVI).

Considerando que na tabela 2a não é possível ver, pela porcentagem, a relação de concorrência entre formas que exprimem adversatividade, apresentam-se, a seguir, na tabela 2b, apenas os dados relativos a esse valor semântico:

**Tabela 2b: Valor semântico (adversativas)**

	Português				Catalão		
	<i>mas</i> e variantes	<i>pero</i> e variantes	<i>porém</i> e variantes	Total	<i>mes</i> e variantes	<i>però</i> e variantes	Total
XIII	51 (67,1%)	25 (32,9%)	-	76 (100%)	81 (83,5%)	16 (16,5%)	97 (100%)
XIV	56 (70,9%)	23 (29,1%)	-	79 (100%)	37 (56,1%)	29 (43,9%)	66 (100%)
XV	47 (63,5%)	17 (23%)	10 (13,5%)	74 (100%)	19 (51,3%)	18 (48,7%)	37 (100%)
XVI	69 (69,7%)	-	30 (30,3%)	99 (100%)	57 (57%)	43 (43%)	100 (100%)

Em português, o número de ocorrências de *mas* é superior a das demais formas do séc. XIII ao XVI mas, durante esse período, há alterações significativas de frequência. Vê-se, portanto, que há uma diferença interessante entre os dados das tabelas 1 e 2b: na tabela 1, o fato de se considerar a frequência de *mas*, *pero* e *porém* sem se levar em conta a idéia de concorrência entre formas com valor adversativo não permitiu ver, como se pode constatar pela tabela 2b, que, apesar de haver aumento do número de ocorrências (51 no séc. XIII, 56 no séc. XIV, 47 no séc. XV e 69 no séc. XVI), a frequência relativa de *mas* com valor adversativo é mais ou menos estável (67,1% no séc. XIII, 70,9% no séc. XIV, 63,5% no séc. XV e 69,7% no séc. XVI). *Pero* adversativo diminui sua frequência do séc. XIII para o XV (32,9% no séc. XIII > 29,1% no séc. XIV > 23% no séc. XV) e deixa de ser usado no XVI. *Porém* só começa a ocorrer em português como adversativo no séc. XV e, do séc. XV para o

XVI, aumenta de frequência significativamente (13,5% no séc. XV > 30,3% no séc. XVI). Note-se que isso ocorre justamente quando *pero* desaparece.

Em catalão, *mes* diminui de frequência do séc. XIII para o XV (83,5% no séc. XIII > 56,1% no séc. XIV > 51,3% no séc. XV) mas, do séc. XV para o XVI, aumenta ligeiramente de frequência (51,3% no séc. XV > 57% no séc. XVI). Já o *però* segue um caminho inverso: aumenta do séc. XIII para o XV (16,5% no séc. XIII > 43,9% no séc. XIV > 48,7% no séc. XVI) e diminui do séc. XV para o XVI (48,7% no séc. XV > 43% no séc. XVI).

É interessante notar que há assimetria entre os dados das duas línguas em análise: enquanto no português *mas* mantém uma frequência praticamente estável ao longo do período, já no catalão *mes* apresenta diminuição de frequência; por outro lado, enquanto *pero* em português desaparece com o valor adversativo, em catalão *però* aumenta sua frequência com esse valor. Outro fato observável é que a diminuição de frequência e o desaparecimento de *pero* em português com valor adversativo coincidem com o início do uso e aumento de frequência de *porém* com esse valor; já em catalão, do séc. XIII para o XVI, enquanto *mes* diminui sua frequência, *però* aumenta.

### 3.3. Acompanhamento de marca adversativa

Na tabela que se segue apresentam-se dados relativos à ocorrência ou não das formas em estudo acompanhadas de marca adversativa. No português, foram considerados adversativos, além dos itens apontados pelas gramáticas tradicionais, todos os itens que reforçassem de alguma forma a idéia de oposição, como *antes*, *embora*, *ainda*, etc. No catalão, procedeu-se da mesma forma e os itens adversativos encontrados no *corpus* de catalão foram como os seguintes: *encara* (“ainda”), *totavia* (“todavia”), *tampoc* (“tampouco”), *per tot açò* (“contudo”), etc.

A seguir apresentam-se exemplos de acompanhamento de marca adversativa:

**Português:**

- (32) “Como quer que Asdrubal fosse ve~çudo, assy como ouvystes, nom cuydees que porem quis desemparar a Spanha, **mas ante** trabalhou quanto pode de se defender con aquelles que com elle tiinham, como aquel que era muy esforçado cavalleiro”. (*CGE*, fól. 23b; séc. XIV; negrito nosso)
- (33) “E, quando Anybal esto ouvyo, ouve muy gram pesar, como quer que poucos dias avya que vencera e~ batalha a Claudio Marcel e o matara e destroyra toda a hoste dos Roma~a~os; outrossy ve~cera a Sempronio e a Marcel e a Crispino, co~sules de Roma. **Mas pero**, com todo esto, ta~ grande era o pesar que ende avya, pollo desbarato de seus irma~a~os e por que lhe tiinha~ os Roma~a~os preso Magon e por que Asdrubal perdera o senhorio d'Esanha, por que se achava como soo, por que no~ avya consigo ne~ hu~u~ dos irma~a~os, ca o outro irma~a~o meor leixara e~ Affrica, que todo prazer se lhe olvydava”. (*CGE*, fól. 23b; séc. XIV; negrito nosso)

**Catalão:**

- (34) “i també la jornada que Ramon Muntaner escriu que feren los catalans en Constantinoble, aon tant se detingueren i tantes haçanyes hi obraren, no sols a honra i glòria, **mas encara** de tota Espanya”. (*CIC*, p. 84; séc. XVI; negrito nosso)
- (35) “No tan complidament, a la veritat. **Però totavia** porten les armes i posen lo nom en los actes i firmes”. (*CIC*, p. 105; séc. XVI; negrito nosso)

Na tabela 3a abaixo, o acompanhamento de marca adversativa está representado pela sigla +MAD e o não-acompanhamento pela sigla –MAD. Em casos como o do exemplo em (33), em que ocorrem *mas* e *pero* juntos, ambos com sentido adversativo, o acompanhamento de marca adversativa foi computado na tabela para cada um dos dois itens.

Tabela 3a: Acompanhamento de marca adversativa (geral)

	Português									Catalão					
	<i>mas</i> e variantes			<i>pero</i> e variantes			<i>porém</i> e variantes			<i>mes</i> e variantes			<i>però</i> e variantes		
	+MAD	-MAD	Total	+MAD	-MAD	Total	+MAD	-MAD	Total	+MAD	-MAD	Total	+MAD	-MAD	Total
XIII	1 (2%)	50 (98%)	51 (100%)	1 (3,1%)	31 (96,9%)	32 (100%)	- (100%)	17 (100%)	17 (100%)	5 (6,2%)	76 (93,5%)	81 (100%)	4 (21,1%)	15 (78,9%)	19 (100%)
XIV	4 (7,1%)	52 (92,9%)	56 (100%)	2 (7,7%)	24 (92,3%)	26 (100%)	- (100%)	18 (100%)	18 (100%)	1 (2,7%)	36 (97,3%)	37 (100%)	2 (6,9%)	27 (93,1%)	29 (100%)
XV	-	47 (100%)	47 (100%)	-	26 (100%)	26 (100%)	-	27 (100%)	27 (100%)	-	19 (100%)	19 (100%)	-	18 (100%)	18 (100%)
XVI	-	69 (100%)	69 (100%)	-	-	-	-	31 (100%)	31 (100%)	1 (1,8%)	56 (98,2%)	57 (100%)	3 (7%)	40 (93%)	43 (100%)

Os dados da tabela 3a mostram que, com exceção de *porém* no português, todos os demais itens, nas duas línguas, ocorrem de forma geral tanto com quanto sem acompanhamento de marca adversativa.

Em português, *mas* acompanhado de marca adversativa apresenta baixa frequência nos sécs. XIII e XIV (2% no séc. XIII e 7,1% no séc. XIV); nos sécs. XV e XVI, não há ocorrência de *mas* acompanhado de marca adversativa. Vê-se, assim, que *mas* ocorre preferencialmente sem acompanhamento de marca adversativa. *Pero*, assim como *mas*, apresenta-se acompanhado de marca adversativa apenas nos sécs. XIII e XIV e, novamente assim como *mas*, com baixa frequência (3,1% no séc. XIII e 7,7% no séc. XIV). Verifica-se que *pero* também ocorre preferencialmente sem acompanhamento de marca adversativa. É interessante esclarecer que todas as ocorrências de *pero* acompanhado de marca adversativa tem *mas* como essa marca: são casos de *mas pero* (o mesmo não ocorre em relação a *mas*, que aparece acompanhado de outras marcas adversativas que não *pero*). Já *porém* ocorre 100% das vezes sem acompanhamento de marca adversativa.

Em catalão, *mes* apresenta-se, na maioria das vezes, sem acompanhamento de marca adversativa. Os casos de acompanhamento de marca adversativa são poucos (6,2% no séc. XIII, 2,7 % no séc. XIV e 1,8% no séc. XVI). No séc. XV não há ocorrência de *mes* acompanhado de outra marca adversativa. Vê-se que *mes* ocorre preferencialmente sem

acompanhamento de marca adversativa. *Però*, assim como *mes*, ocorre preferencialmente sem acompanhamento de marca adversativa. Os casos em que *però* ocorre acompanhado de marca adversativa se dão nos sécs. XIII, XIV e XVI (21,1% no séc. XIII, 6,9 % no séc. XIV e 7% no séc. XVI). No séc. XV não há ocorrência de *però* acompanhado de marca adversativa. Um fato importante que pode ser apontado a partir desses dados é que, no séc. XIII, *però* apresenta um número significativo de ocorrências acompanhado de marca adversativa (21,1%).

Comparando-se os dados das duas línguas, observa-se que, de forma geral, todos os itens ocorreram preferencialmente sem acompanhamento de marca adversativa; no entanto, em catalão há mais casos de acompanhamento de marca adversativa.

Considerando que na tabela 3a não é possível ver a relação de concorrência entre formas que exprimem adversatividade, apresentam-se, a seguir, na tabela 4b, apenas os dados relativos a esse valor semântico:

**Tabela 3b: Acompanhamento de marca adversativa (adversativas)**

	Português									Catalão					
	<i>mas</i> e variantes			<i>pero</i> e variantes			<i>porém</i> e variantes			<i>mes</i> e variantes			<i>però</i> e variantes		
	+MAD	-MAD	Total	+MAD	-MAD	Total	+MAD	-MAD	Total	+MAD	-MAD	Total	+MAD	-MAD	Total
XIII	1 (2%)	50 (98%)	51 (100%)	-	25 (100%)	25 (100%)	-	-	-	5 (6,2%)	76 (93,5%)	81 (100%)	4 (26,7%)	11 (73,3%)	15 (100%)
XIV	4 (7,1%)	52 (92,9%)	56 (100%)	2 (8,7%)	21 (91,3%)	23 (100%)	-	-	-	1 (2,7%)	36 (97,3%)	37 (100%)	2 (6,9%)	27 (93,1%)	29 (100%)
XV	-	47 (100%)	47 (100%)	-	17 (100%)	17 (100%)	-	10 (100%)	10 (100%)	-	19 (100%)	19 (100%)	-	18 (100%)	18 (100%)
XVI	-	69 (100%)	69 (100%)	-	-	-	-	30 (100%)	30 (100%)	1 (1,8%)	56 (98,2%)	57 (100%)	3 (7%)	40 (93%)	43 (100%)

Os dados da tabela 3b mostram que, em português, *mas* ocorre preferencialmente sem acompanhamento de marca adversativa. Há ocorrência de *mas* acompanhado de marca adversativa apenas nos sécs. XIII e XIV e com frequência bastante baixa (2% no séc. XIII e 7,1% no séc. XIV). *Però*, assim como *mas*, ocorre preferencialmente sem acompanhamento de marca adversativa. Há ocorrência de *però* acompanhado de marca adversativa apenas no



séc. XIV e com baixa frequência (8,7%). *Porém* ocorre a partir do séc. XV e todas as suas ocorrências se dão sem acompanhamento de marca adversativa.

Em catalão, os padrões são idênticos aos da tabela 3a, já que as formas em questão ocorrem apenas com valor adversativo.

Comparando-se os dados das duas línguas, observa-se que, em ambas as línguas os itens em questão com valor adversativo ocorrem preferencialmente sem acompanhamento de marca adversativa; no entanto, em catalão há mais casos de acompanhamento de marca adversativa.

Para poder avaliar uma das hipóteses de Mattos e Silva (1984) - cf. **H-7** (p. 45) - é necessário ser ainda mais específico em relação aos dados sobre acompanhamento de marca adversativa: é preciso examinar todos os valores semânticos também nos contextos sem acompanhamento de marca adversativa, o que se faz na tabela a seguir:

**Tabela 3c: Não-acompanhamento de marca adversativa × valor semântico**

	Português											Catalão					
	<i>mas</i> e variantes			<i>pero</i> e variantes				<i>porém</i> e variantes				<i>mes</i> e variantes			<i>però</i> e variantes		
	AD	D	Total	CE	AD	D	Total	CE	AD	D	Total	AD	D	Total	AD	D	Total
XIII	50 (100%)	-	50 (100%)	4 (12,9%)	25 (80,6%)	2 (6,5%)	31 (100%)	16 (94,1%)	-	1 (5,9%)	17 (100%)	76 (100%)	-	76 (100%)	12 (80%)	3 (20%)	15 (100%)
XIV	52 (100%)	-	52 (100%)	2 (8,3%)	21 (87,5%)	1 (4,2%)	24 (100%)	17 (94,4%)	-	1 (5,6%)	18 (100%)	36 (100%)	-	36 (100%)	27 (100%)	-	27 (100%)
XV	47 (100%)	-	47 (100%)	3 (11,5%)	17 (65,4%)	6 (23,1%)	26 (100%)	14 (51,9%)	10 (37%)	3 (11,1%)	27 (100%)	19 (100%)	-	19 (100%)	18 (100%)	-	18 (100%)
XVI	69 (100%)	-	69 (100%)	-	-	-	-	-	30 (96,8%)	1 (3,2%)	31 (100%)	56 (100%)	-	56 (100%)	40 (100%)	-	40 (100%)

Os dados da tabelas 3c mostram que, em português, todos os casos de *mas* sem acompanhamento de marca adversativa são com valor adversativo e não há casos com valor duvidoso. *Pero* sem acompanhamento de marca adversativa ocorre em maior número com valor adversativo do séc. XIII ao XV. No entanto, observa-se que a frequência no valor adversativo é estável do séc. XIII para o XIV, mas sofre uma queda do séc. XIV para o XV (80,6% no séc. XIII > 87,5% no séc. XIV > 65,4% no séc. XV). Nesse mesmo período, os

casos de dúvida, de frequência bem baixa nos sécs. XIII e XIV (6,5% e 4,2%, respectivamente), aumentam significativamente, chegando a 23,1% dos dados no séc. XV. *Porém* sem acompanhamento de marca adversativa ocorre em sua maioria com valor conclusivo-explicativo do séc. XIII ao XV (94,1% no séc. XIII > 94,4% no séc. XIV > 51,9% no séc. XV). No séc. XVI, passa a ocorrer em maior número com valor adversativo (96,8%) e deixa de ocorrer com valor conclusivo-explicativo. São poucos os casos de dúvida de *porém* sem acompanhamento de marca adversativa: apenas uma ocorrência nos sécs. XIII, XIV e XVI e três ocorrências no séc. XV.

Em catalão, tanto *mas* quanto *pero* sem acompanhamento de marca adversativa ocorrem fundamentalmente com valor adversativo do séc. XIII ao XVI. No entanto, não se deve deixar de considerar que 20% das ocorrências de *pero* sem acompanhamento de marca adversativa no séc. XIII são casos de dúvida.

Comparando-se os dados do português e do catalão, percebe-se que *mas* e *pero* no português e *mes* e *però* em catalão sem acompanhamento de marca adversativa ocorrem em maior quantidade, quando não exclusivamente, com valor adversativo. *Porém* no português é o único item que se diferencia, por ocorrer preferencialmente com valor conclusivo-explicativo do séc. XIII ao XV. Considerando ainda as duas línguas, de forma geral, há pouca ocorrência de formas em casos de dúvida.

### 3.4. Tipo de contexto

Na próxima tabela será considerado o tipo de contexto em que ocorrem os itens aqui em estudo do português e do catalão. Os contextos serão classificados em negativo ou não-negativo: consideram-se contextos *negativos* as orações em que ocorre um elemento negativo (*não*, *nunca* etc.) e contextos *não-negativos* as orações em que não ocorre elemento negativo.

Para tornar mais clara a classificação dos contextos, abaixo seguem exemplos do que foi considerado negativo ou não-negativo em português e catalão:

### Português:

#### a) Contexto negativo (+N):

(36) “O primeiro Hercoles foy em [o] tempo de Moyses, pero que naceu ante que elle, e este fez muytos grandes e bo~o~s feytos **pero nom som contados e~ estas estorias**”. (CGE, fól. 4a; séc. XIV; negrito e sublinhado nossos)

#### b) Contexto não-negativo (-N):

(37) “E ella, qua~do esto ouvyo prougelhe muyto e outorgoulhe de casar com el; **pero ouverom ambos seu acordo** que elle nom dissesse ne~ hu~a cousa ataa que os outros tevessen pouco por fazer e que ento~ casarya con elle e que elles acabarya~ despois o que ficasse por acabar”. (CGE, fól. 8d; séc. XIV; negrito e sublinhado nossos)

### Catalão:

#### a) Contexto negativo (+N):

(38) “Deus saber que pres lo bou e lo gall, e anà-se’n al mercat e a fora, lo bou que el donàs per dotze diners, e lo gall per cent sous, **mas no volia vendre la un sens l’altre**”. (CF, p. 94; séc. XIV; negrito e sublinhado nossos)

#### b) Contexto não-negativo (-N):

(39) “Per tal diu que no deu hom tant lleixar créixer lo foc fins que no es puixa apagar; **mas així com diu lo moral filòsof: “Principiis obsta”,** ço és, al començament del mal li deu hom tostemps eixir a camí...”. (CF, p. 38; séc. XIV; negrito e sublinhado nossos)

**Tabela 4a: Tipo de contexto (geral)**

	Português									Catalão					
	<i>mas</i> e variantes			<i>pero</i> e variantes			<i>porém</i> e variantes			<i>mes</i> e variantes			<i>però</i> e variantes		
	+N	-N	Total	+N	-N	Total	+N	-N	Total	+N	-N	Total	+N	-N	Total
XIII	11 (21,6%)	40 (78,4%)	51 (100%)	7 (21,9%)	25 (78,1%)	32 (100%)	5 (29,4%)	12 (70,6%)	17 (100%)	14 (12,3%)	67 (82,7%)	81 (100%)	4 (21,1%)	15 (78,9%)	19 (100%)
XIV	8 (14,3%)	48 (85,7%)	56 (100%)	4 (15,4%)	22 (84,6%)	26 (100%)	2 (11,1%)	16 (88,9%)	18 (100%)	4 (10,8%)	33 (89,2%)	37 (100%)	5 (17,2%)	24 (82,8%)	29 (100%)
XV	25 (53,2%)	22 (46,8%)	47 (100%)	4 (15,4%)	22 (84,6%)	26 (100%)	2 (7,4%)	25 (92,6%)	27 (100%)	1 (5,3%)	18 (94,7%)	19 (100%)	6 (33,3%)	12 (66,7%)	18 (100%)
XVI	12 (17,4%)	57 (82,6%)	69 (100%)	-	-	-	4 (12,9%)	27 (87,1%)	31 (100%)	17 (29,8%)	40 (70,2%)	57 (100%)	12 (27,9%)	31 (72,1%)	43 (100%)

Em português, *mas* ocorre nos sécs. XIII e XIV mais freqüentemente em contextos não-negativos (78,4% no séc. XIII e 85,7% no séc. XIV). No séc. XV, no entanto, a freqüência em contextos não-negativos cai (46,8%) e a freqüência maior é em contextos negativos (53,2%). No séc. XVI, a situação novamente se inverte e volta a predominar o uso em contextos não-negativos (82,6%). *Pero*, do séc. XIII ao XV, ocorre na maior parte das vezes em contextos não-negativos. No séc. XVI não há ocorrências de *pero*. É interessante notar que do séc. XIV para o XV não há alteração da freqüência em contextos negativos e não-negativos: os valores se mantêm os mesmos (15,4% em contextos negativos e 84,6% em contextos não-negativos). *Porém*, assim como *pero*, ocorre mais em contextos não-negativos durante todo o período. Assim, com exceção de *mas* no séc. XV, a freqüência dos dois outros itens em português é predominante em contextos não-negativos.

Em catalão, *mes* ocorre mais freqüentemente em contextos não-negativos durante todo o período (82,7% no séc. XIII, 89,2% no séc. XIV, 94,7% no séc. XV e 70,2% no séc. XVI). Note-se que a diferença de freqüência entre contextos negativos e não-negativos é maior no séc. XV (5,3% em contextos negativos e 94,7% em contextos não-negativos) e essa diferença diminui bastante no séc. XVI (29,8% em contextos negativos e 70,2% em o contextos não-negativos). *Però* também ocorre mais em contextos não-negativos durante todo o período (78,9% no séc. XIII, 82,8% no séc. XIV, 66,7% no séc. XV e 72,1% no séc. XVI).

Comparando-se as duas línguas, nota-se que há uma tendência dos itens de ambas as línguas de ocorrerem em contextos não-negativos.

Considerando que na tabela 4a não é possível ver a relação de concorrência entre formas que exprimem adversatividade, apresentam-se, a seguir, na tabela 4b apenas os dados relativos a esse valor semântico:

Tabela 4b: Tipo de contexto (adversativas)

	Português									Catalão					
	<i>mas</i> e variantes			<i>pero</i> e variantes			<i>porém</i> e variantes			<i>mes</i> e variantes			<i>però</i> e variantes		
	+N	-N	Total	+N	-N	Total	+N	-N	Total	+N	-N	Total	+N	-N	Total
XIII	11 (21,6%)	40 (78,4%)	51 (100%)	5 (20%)	20 (80%)	25 (100%)	-	-	-	14 (12,3%)	67 (82,7%)	81 (100%)	3 (20%)	12 (80%)	15 (100%)
XIV	8 (14,3%)	48 (85,7%)	56 (100%)	4 (17,4%)	19 (82,6%)	23 (100%)	-	-	-	4 (10,8%)	33 (89,2%)	37 (100%)	5 (17,2%)	24 (82,8%)	29 (100%)
XV	25 (53,2%)	22 (46,8%)	47 (100%)	3 (17,6%)	14 (82,4%)	17 (100%)	1 (10%)	9 (90%)	10 (100%)	1 (5,3%)	18 (94,7%)	19 (100%)	6 (33,3%)	12 (66,7%)	18 (100%)
XVI	12 (17,4%)	57 (82,6%)	69 (100%)	-	-	-	4 (13,3%)	26 (86,7%)	30 (100%)	17 (29,8%)	40 (70,2%)	57 (100%)	12 (27,9%)	31 (72,1%)	43 (100%)

A tabela 4b mostra que, em português, com exceção do séc. XV, há maior ocorrência de *mas* em contextos não-negativos (78,4% no séc. XIII, 85,7% no séc. XIV, 46,8% no séc. XV e 82,6% no séc. XVI). *Pero*, do séc. XIII ao XV, também apresenta maior frequência em contextos não-negativos. Note-se que a frequência de *pero* é mais ou menos estável nesse período (80% no séc. XIII > 82,6% no séc. XIV > 82,4% no séc. XV). No séc. XVI não há ocorrências de *pero*. *Porém* ocorre apenas nos sécs. XV e XVI e, assim como *pero*, apresenta maior frequência em contextos não-negativos durante esse período (90% no séc. XV e 86,7% no séc. XVI).

Em catalão, a frequência de *mes* em contextos não-negativos durante todo o período é maior que em contextos negativos. Essa frequência aumenta do séc. XIII para o XV e diminui do XV para o XVI (82,7% no séc. XIII, 89,2% no séc. XIV, 94,7% no séc. XV e 70,2% no séc. XVI). *Però* também apresenta maior frequência em contextos não-negativos durante todo o período, apesar de essa frequência cair do séc. XIII para o XVI (80% no séc. XIII, 82,8% no séc. XIV, 66,7% no séc. XV e 72,1% no séc. XVI).

Comparando as duas línguas, pode-se observar que, com exceção de *mas* no português no séc. XV, os demais itens de ambas as línguas apresentaram maior frequência em contextos não-negativos.

As tabelas 4a e 4b ainda não são suficientes para que se veja com mais clareza a relação entre a mudança semântica por que passaram *pero* e *porém* no português e especificamente o contexto negativo. Em função disso, convirá apresentar ainda mais uma tabela, que deve contemplar especificamente os contextos negativos e os valores semânticos:

**Tabela 4c: Contexto negativo × valor semântico**

	Português										Catalão			
	<i>mas</i> e variantes		<i>pero</i> e variantes				<i>porém</i> e variantes				<i>mes</i> e variantes		<i>però</i> e variantes	
	AD	Total	CE	AD	D	Total	CE	AD	D	Total	AD	Total	AD	Total
XIII	11 (100%)	11 (100%)	1 (14,3%)	5 (71,4%)	1 (14,3%)	7 (100%)	4 (80%)	-	1 (20%)	5 (100%)	14 (100%)	14 (100%)	4 (100%)	4 (100%)
XIV	8 (100%)	8 (100%)	-	4 (100%)	-	4 (100%)	2 (100%)	-	-	2 (100%)	4 (100%)	4 (100%)	5 (100%)	5 (100%)
XV	25 (100%)	25 (100%)	1 (25%)	3 (75%)	-	4 (100%)	1 (50%)	1 (50%)	-	2 (100%)	1 (100%)	1 (100%)	6 (100%)	6 (100%)
XVI	12 (100%)	12 (100%)	-	-	-	-	-	4 (100%)	-	4 (100%)	17 (100%)	17 (100%)	12 (100%)	12 (100%)

A tabela 4c verifica em especial que, no português, em contextos negativos, *pero* sempre apresenta predominantemente valor adversativo, do séc. XIII ao XV, enquanto *porém* apresenta predominantemente o valor conclusivo-explicativo entre os sécs. XIII e XIV, tem distribuição igual entre conclusivo-explicativo e adversativo no séc. XV, e passa a exclusivamente adversativo no séc. XVI.

Para poder avaliar a hipótese de Vasconcelos (1920) - cf. **H-1** (p. 45) - é necessário ser ainda mais específico em relação aos dados em contextos negativos: é preciso examinar nesses contextos os valores semânticos e o acompanhamento de marca adversativa, o que se faz nas tabelas a seguir:

**Tabela 4d: Contexto negativo × acompanhamento de marca adversativa × valor semântico (português)**

	Português																			
	<i>mas e variantes</i>				<i>pero e variantes</i>						<i>porém e variantes</i>									
	+MAD		-MAD		+MAD			-MAD			+MAD			-MAD						
	AD	Total	AD	Total	CE	AD	D	Total	CE	AD	D	Total	CE	AD	D	Total	CE	AD	D	Total
XIII	1 (100%)	1 (100%)	10 (100%)	10 (100%)	-	-	1 (100%)	1 (100%)	1 (16,7%)	5 (83,3%)	-	6 (100%)	-	-	-	-	4 (80%)	-	1 (20%)	5 (100%)
XIV	4 (100%)	4 (100%)	4 (100%)	4 (100%)	-	-	-	-	-	4 (100%)	-	4 (100%)	-	-	-	-	2 (100%)	-	-	2 (100%)
XV	-	-	25 (100%)	25 (100%)	-	-	-	-	1 (25%)	3 (75%)	-	4 (100%)	-	-	-	-	1 (50%)	1 (50%)	-	2 (100%)
XVI	-	-	12 (100%)	12 (100%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4 (100%)	-	4 (100%)

**Tabela 4e: Contexto negativo × acompanhamento de marca adversativa × valor semântico (catalão)**

	Catalão									
	<i>mes e variantes</i>				<i>però e variantes</i>					
	+MAD		-MAD		+MAD			-MAD		
	AD	Total	AD	Total	AD	D	Total	AD	D	Total
XIII	-	-	14 (100%)	14 (100%)	1 (100%)	-	1 (100%)	2 (66,7%)	1 (33,3%)	3 (100%)
XIV	-	-	4 (100%)	4 (100%)	-	-	-	5 (100%)	-	5 (100%)
XV	-	-	1 (100%)	1 (100%)	-	-	-	6 (100%)	-	6 (100%)
XVI	-	-	17 (100%)	17 (100%)	1 (100%)	-	1 (100%)	11 (100%)	-	11 (100%)

Os dados acima mostram que, em português, *mas* com acompanhamento de marca adversativa ocorre apenas nos sécs. XIII e XIV e todos os dados tem valor adversativo. *Mas* sem acompanhamento de marca adversativa ocorre do séc. XIII ao XVI e sempre com valor adversativo. *Pero* com acompanhamento de marca adversativa apresenta apenas uma ocorrência no séc. XIII e trata-se de um dado com valor duvidoso. *Pero* sem acompanhamento de marca adversativa ocorre do séc. XIII ao XV, sendo que a maioria dos casos é de dados com valor adversativo (83,3% no séc. XIII, 100% no séc. XIV e 75% no séc. XV), mas há também ocorrências com valor conclusivo-explicativo (16,7% no séc. XIII e 25% no séc. XV). *Porém* não ocorre com acompanhamento de marca adversativa. Sem acompanhamento de marca adversativa, *porém* ocorre do séc. XIII ao XVI. Nos dois

primeiros séculos, a freqüência é maior com valor conclusivo-explicativo (80% no séc. XIII e 100% no séc. XIV); no séc. XV há equivalência entre os valores conclusivo-explicativo e adversativo (50% para cada) e no séc. XVI ocorre exclusivamente com valor adversativo.

No catalão, *mes* não ocorre com acompanhamento de marca adversativa. Sem acompanhamento de marca adversativa, *mes* ocorre do séc. XIII ao XVI exclusivamente com valor adversativo. *Però* com acompanhamento de marca adversativa apresenta apenas uma ocorrência no séc. XIII e uma no séc. XVI, ambas com valor adversativo. *Però* sem acompanhamento de marca adversativa ocorre do séc. XIII ao XV, sendo que praticamente todos os dados são com valor adversativo (66,7% no séc. XIII, 100% no séc. XIV, 100% no séc. XV e 100% no séc. XVI). Há apenas uma ocorrência com valor duvidoso no séc. XIII.

Comparando-se os dados das duas línguas, verifica-se que, em ambas as línguas, todos os itens, em contexto negativo, apresentam maior ocorrência sem acompanhamento de marca adversativa. *Porém* em português e *mes* em catalão ocorrem exclusivamente sem acompanhamento de marca adversativa. Com exceção de *pero* em português, que no séc. XIII foi mais freqüente com valor duvidoso, e *porém*, que apresentou maior freqüência nos sécs. XIII e XVI com valor conclusivo-explicativo, todos os demais itens, das duas línguas, apresentaram maior freqüência com valor adversativo tanto com quanto sem acompanhamento de marca adversativa.

### 3.5. Nível de articulação sintática

Analisa-se aqui uma questão de natureza essencialmente sintática: o nível de articulação. Trata-se de classificar os itens em estudo nas categorias *inter-* ou *intra-oracional* de acordo com sua ocorrência na estrutura oracional. Um item foi classificado como *inter-oracional* quando estava ligando duas orações e como *intra-oracional* quando estava ligando



dois sintagmas dentro de uma mesma oração. Para tornar a análise mais clara, abaixo seguem exemplos das conjunções em estudo nos níveis inter- e intra-oracionais:

### Português:

a) Nível de articulação inter-oracional:

- (40) “Tanto que foy menham a Raynha mandou visitar o Capitão mór com hum grande çauguate de muytas galinhas, & frãgaõs, & ovos, que elle não quiz aceitar, **mas** mostrandose muyto colerico contra ella, soltou algũas palauras quũa mais asperas do que parecia razão (...)” (*PER*, p. 12; séc. XVI; negrito e sublinhado nossos).
- (41) “(...) dava-lhes allgu~a liçemça que escaramuçasse~ com hos mouros, **pero** que se no~ allomgassem da çidade com elles (...)” (*CCP*, livro 1, cap. 15; séc. XV; negrito e sublinhado nossos)
- (42) “(...) & Antonio de Faria lha mandou trazer logo com hum frasco de confeitos, de que elle não quiz comer, **porem** da agoa bebeo hũa grande quantidade (...)” (*PER*, p. 64; séc. XVI; negrito e sublinhado nossos)

b) Nível de articulação intra-oracional:

- (43) “Vimos mais outras cobras que não são de capello, nem tão peçonhentas como estas, **mas** muyto mais compridas & grossas, & com as cabeças do tamanho de hũa vitella (...)” (*PER*, p. 17; séc. XVI; negrito e sublinhado nossos)
- (44) “Na lanchara nos deixamos estar ate que foy menham com assaz de afflição, **porem** com boa vigia, para vermos o em que paraua a grande vnião que geralmente auia em todo o pouo (...)” (*PER*, p. 42; séc. XVI; negrito e sublinhado nossos)

### Catalão:

a) Nível de articulação inter-oracional:

- (45) “E nós ploram ab él per la dolor del partiment, **mas** playa’ns molt per la sua anada”. (*LFR*, p. 16; séc. XIII; negrito e sublinhado nossos)
- (46) “Sàpies, doncs, que jatsia que l’hom sia foro desconeixent, **emperò** alguns pocs n’hi há qui són coneixents”. (*EPI*, p. 129; séc. XV; negrito e sublinhado nossos)

b) Nível de articulação intra-oracional:

- (47) “De mi vos dic, germà, com estí sà, mercè a Déu, **més molt enujat** per ocasió de la terra e de la gent, qui és molt mala”. (*EPI*, p. 140; séc. XV; negrito e sublinhado nossos)
- (48) “És cosa molt certa que la família dels Montcada és estada molt noble, no sols per a Catalunya, **però per a tota Espanya i França...**”. (*CIC*, p. 106; séc. XVI; negrito e sublinhado nossos)

A tabela 5a a seguir mostra a freqüência dos dados nos níveis de articulação inter- e intra-oracionais:

**Tabela 5a: Nível de articulação sintática (geral)**

	Português								Catalão					
	Inter				Intra				Inter			Intra		
	<i>mas e variantes</i>	<i>pero e variantes</i>	<i>porém e variantes</i>	Total	<i>mas e variantes</i>	<i>pero e variantes</i>	<i>porém e variantes</i>	Total	<i>mes e variantes</i>	<i>però e variantes</i>	Total	<i>mes e variantes</i>	<i>però e variantes</i>	Total
<b>XIII</b>	50 (50,5%)	32 (32,3%)	17 (17,2%)	99 (100%)	1 (100%)	-	-	1 (100%)	79 (80,6%)	19 (19,4%)	98 (100%)	2 (100%)	-	2 (100%)
<b>XIV</b>	53 (54,6%)	26 (26,8%)	18 (18,6%)	97 (100%)	3 (100%)	-	-	3 (100%)	33 (53,2%)	29 (46,8%)	62 (100%)	4 (100%)	-	4 (100%)
<b>XV</b>	28 (34,6%)	26 (32,1%)	27 (33,3%)	81 (100%)	19 (100%)	-	-	19 (100%)	18 (51,4%)	17 (48,6%)	35 (100%)	1 (50%)	1 (50%)	2 (100%)
<b>XVI</b>	63 (68,5%)	-	29 (31,5%)	92 (100%)	6 (75%)	-	2 (25%)	8 (100%)	50 (54,9%)	41 (45,1%)	91 (100%)	7 (77,8%)	2 (22,2%)	9 (100%)

Pode-se constatar primeiramente na tabela 5a que há ocorrência dos itens em análise nos dois tipos de articulação nas duas línguas: inter- e intra-oracional.

Em português, no nível de articulação inter-oracional, *mas* apresenta freqüência superior à de *pero* e à de *porém* durante todo o período. A freqüência de *mas* cresce do séc. XIII para o XIV, diminui do XIV para o XV e cresce de forma bastante significativa do séc. XV para o XVI (50,5% no séc. XIII > 54,6% no séc. XIV > 34,6% no séc. XV > 68,5% no séc. XVI). *Pero*, numa relação oposta a *mas*, diminui sua freqüência do séc. XIII para o XIV, aumenta do XIV para o XV e desaparece do XV para o XVI (32,3% no séc. XIII > 26,8% no séc. XIV > 32,1% no séc. XV > 0 no séc. XVI). *Porém* apresenta crescimento da freqüência do séc. XIII para o XV e uma pequena baixa do séc. XV para o XVI (17,2% no séc. XIII > 18,6% no séc. XIV > 33,3% no séc. XV > 31,5% no séc. XVI). Note-se que no séc. XVI, quando *pero* desaparece, a freqüência de *porém* diminui (33,3% no séc. XV > 31,5% no séc.

XVI), e a frequência de *mas* aumenta significativamente (34,6% no séc. XV > 68,5% no séc. XVI).

Ainda em português, mas no nível de articulação intra-oracional, há ocorrência de *mas* do séc. XIII ao XVI. Não há ocorrência de *pero* nesse nível de articulação em todo o período analisado. Há ocorrência do *porém* apenas no séc. XVI.

Em catalão, no nível de articulação inter-oracional, apesar de a frequência de *mes* ser sempre superior, cai bastante do séc. XIII para o XVI (80,6% no séc. XIII > 54,9% no séc. XVI). *Però*, de forma inversa, aumenta sua frequência do séc. XIII para o XVI (19,4% no séc. XIII > 45,1% no séc. XVI).

Ainda no catalão, porém no nível de articulação intra-oracional, há ocorrência de *mes* em todo o período analisado. *Però*, no entanto, passa a ocorrer nos sécs. XV e XVI.

Comparando-se os dados das duas línguas, percebe-se que, no nível de articulação inter-oracional, a relação de frequência entre *mas* e *pero* em português e *mes* e *però* em catalão é inversa: quando um aumenta a sua frequência (*mas* em português e *però* em catalão), o outro diminui (*pero* em português e *mes* em catalão). No nível de articulação intra-oracional, em português não há ocorrência de *pero* durante todo o período, mas, em catalão, há *però* a partir do séc. XV.

Considerando que na tabela 5a não é possível ver a relação de concorrência entre formas que exprimem adversatividade, apresentam-se, a seguir, na tabela 5b, apenas os dados relativos a esse valor semântico:

Tabela 5b: Nível de articulação sintática (adversativas)

	Português								Catalão					
	Inter				Intra				Inter			Intra		
	<i>mas e variantes</i>	<i>pero e variantes</i>	<i>porém e variantes</i>	Total	<i>mas e variantes</i>	<i>pero e variantes</i>	<i>porém e variantes</i>	Total	<i>mes e variantes</i>	<i>però e variantes</i>	Total	<i>mes e variantes</i>	<i>però e variantes</i>	Total
XIII	50 (66,7%)	25 (33,3%)	-	75 (100%)	1 (100%)	-	-	1 (100%)	79 (84%)	15 (16%)	94 (100%)	2 (100%)	-	2 (100%)
XIV	53 (69,7%)	23 (30,3%)	-	76 (100%)	3 (100%)	-	-	3 (100%)	33 (53,2%)	29 (46,8%)	62 (100%)	4 (100%)	-	4 (100%)
XV	28 (50,9%)	17 (30,9%)	10 (18,2%)	55 (100%)	19 (100%)	-	-	19 (100%)	18 (51,4%)	17 (48,6%)	35 (100%)	1 (50%)	1 (50%)	2 (100%)
XVI	63 (69,2%)	-	28 (30,8%)	91 (100%)	6 (75%)	-	2 (25%)	8 (100%)	50 (54,9%)	41 (45,1%)	91 (100%)	7 (77,8%)	2 (22,2%)	9 (100%)

Os dados da tabela 5b mostram que, em português, no nível de articulação inter-oracional, *mas* apresenta frequência superior a de *pero* e a de *porém* durante todo o período. *Mas* aumenta a frequência do séc. XIII para o XIV, diminui do XIV para o XV e volta a aumentar do XV para o XVI (66,7% no séc. XIII > 69,7% no séc. XIV > 50,9% no séc. XV > 69,2% no séc. XVI). *Pero* mantém sua frequência mais ou menos estável do séc. XIII ao XV (33,3% no séc. XIII > 30,3% no séc. XIV > 30,9% no séc. XV). Do séc. XV para o XVI *pero* desaparece. *Porém* ocorre apenas nos sécs. XV e XVI e, nesse período, aumenta significativamente sua frequência (18,2% no séc. XV > 30,8% no séc. XVI). Diferentemente do que se viu através dos dados da tabela 5a, em que, com o desaparecimento de *pero*, a frequência de *porém* diminui e a de *mas* aumenta significativamente, observa-se, na tabela 5b, que, com o desaparecimento de *pero* do séc. XV para o XVI, há aumento de frequência tanto de *mas* (50,9% no séc. XV > 69,2% no séc. XVI) quanto de *porém* (18,2% no séc. XV > 30,8% no séc. XVI), ficando cada um com aproximadamente metade das ocorrências de *pero* ( $\pm 19\%$  foram para *mas* e  $\pm 12\%$  foram para *porém*).

Ainda em português, mas no nível de articulação intra-oracional, os dados com valor adversativo não mostram nada diferente aos dados da tabela 5a: há ocorrência de *mas* do séc. XIII ao XVI. Não há ocorrência de *pero* nesse nível de articulação em todo o período analisado. Há ocorrência do *porém* apenas no séc. XVI.

Em catalão, no nível de articulação inter-oracional, a frequência de *mes* é superior a de *però* durante todo o período. No entanto, observa-se uma queda significativa da frequência de *mes* do séc. XIII para o XVI (84% no séc. XIII > 54,9% no séc. XVI). De forma contrária, *però*, aumenta sua frequência do séc. XIII para o XVI (16% no séc. XIII > 45,1% no séc. XVI). Note-se que a passagem do séc. XIII para o XIV parece ser decisiva, pois é nesse período que *mes* sofre a maior queda na frequência e *però*, pelo contrário, tem o maior crescimento. A partir do séc. XIV, não há mudanças significativas de frequência em ambas as formas. Esses resultados repetem o padrão dos dados da tabela 5a.

Ainda no catalão, mas no nível de articulação intra-oracional, há ocorrência de *mes* em todo o período analisado. A frequência de *mes* é estável do séc. XIII para o XIV, cai pela metade do XIV para o XV e volta a aumentar do XV para o XVI (100% no séc. XIII > 100% no séc. XIV > 50% no séc. XV > 77,8% no séc. XVI). *Però* ocorre apenas nos sécs. XV e XVI. Nesse período, sua frequência cai (50% no séc. XV > 22,2% no séc. XVI), conforme também ocorre na tabela 5a.

Comparando-se os dados das duas línguas, pode-se observar que há diferenças entre o português e o catalão. No nível de articulação inter-oracional, em português, *mas* aumenta sua frequência do séc. XIII para o XVI (66,7% no séc. XIII > 69,2% no séc. XVI), enquanto no catalão, no mesmo período, a frequência de *mes* diminui (84% no séc. XIII > 54,9% no séc. XVI). No português, *pero* mantém sua frequência mais ou menos estável do séc. XIII ao XV e desaparece do XV para o XVI (33,3% no séc. XIII > 30,3% no séc. XIV > 30,9% no séc. XV > 0 no séc. XVI). Já no catalão, do séc. XIII ao XVI, a frequência de *però* aumenta (16% no séc. XIII > 45,1% no séc. XVI). No nível de articulação intra-oracional, não há ocorrência de *pero* em português do séc. XIII ao XVI, enquanto em catalão há dados de *però* a partir do séc. XV.

### 3.6. Posição oracional

Nas tabelas 6a e 6b são apresentadas as formas *mas*, *pero* e *porém* no português e *mes* e *però* no catalão, apontando-se a posição das mesmas na oração. Como nas tabelas 6a e 6b, a classificação está disposta através de abreviaturas, abaixo segue cada significado e sua respectiva abreviatura, bem como um exemplo de cada tipo:

#### Português:

a) Posição inicial absoluta = início do período (PIA):

(49) “E se no~ for a [prazo] saluarsse pella iura podendo uijr, caya da demanda. **Mays** se for el e o outro non for receb(er) a iura, seya quite o q(ue) auia de iurar.” (*FR*, fól. 99v, séc. XIII; negrito e sublinhado nossos)

b) Posição de início da oração (PIO):

(50) “E porq(ue) nossa uontade e’ q(ue) en nosso tempo non se minge~ ne~ se p(er)çam os dereytos d(e) Deus e da S(an)c(t)a Eygreya p(er) mingua d(e) iustiça nossa, **mays** cresca~ cada dya [a] s(er)juico d(e) D(eu)s e d(e) S(an)c(t)a Eygreya.” (*FR*, fól. 75v; séc. XIII; negrito e sublinhado nossos)

c) Posição medial ligando de orações (PMO):

(51) “Porq(ue) sum(os) teodos d’aamar e d’onrrar a S(anct)a Eyg(re)ya sub(re) todallas cousas do mundo e porq(ue) auem(os) grande sp(er)a~ça enella que quantos a aguardamos e mantemos en sas franquezas e en sas liuridoes aueremos poren gallardon d(e) Deus e p(er)as almas e peros corpos en uida e en morte (...)” (*FR*, fól. 74v; séc. XIII; negrito e sublinhado nossos)

d) Posição medial ligando termos de uma oração (PMT):

(52) “E ento~ demandou Hercolles conselho aos estronomos se a pobraria aly e elles diseronlhe que no~, como quer que hy seeria pobrada hu~a grande cidade, mas que a no~ pobraria elle mas outro”. (*CGE*, fól. 5a; séc. XIV; negrito e sublinhado nossos)

e) Posição final de oração (PFO)

(53) “E q(ue~) quer q(ue) (contra) isto ueer ou faz(er) algu~a cousa moyra **porende** e no~ seya leyxado uiuo.” (*FR*, fól. 72r; séc. XIII; negrito e sublinhado nossos)

f) Posição final absoluta = final de período (PFA):

(54) “E se no~ ouu(er) de q(ue) os p(ey)t(e) tomenlhy o punho ou a ferida ou a chaga ou outra tamanha por ella. E se da ferida p(er)der membro peyte o couto que e’ do membro de mays desto. E se o matar mouyra **poren**.” (*FR*, fól. 87v; séc. XIII; negrito e sublinhado nossos)

### Catalão:

a) Posição inicial absoluta = início do período (PIA):

(55) “No hi cal gens dubtar. **Mas** lo que après se’n seguí i lo que après se’n féu, en lo que tractam de les llibertats, fa prou testimoni i prova que he dit.” (*CIC*, p. 116; séc. XVI; negrito e sublinhado nossos)

b) Posição de início da oração (PIO):

(56) “Ja sé que això escriu Pere Antoni, **però** no té força l’opinió sua, perquè aquelles donzelles no poblaren sinó sola València (...)” (*CIC*, p. 52; séc. XVI; negrito e sublinhado nossos)

c) Posição medial ligando orações (PMO):

(57) “Que no les entenguen los que no són llatins, no els serà, **emperò**, impediment per a l’entendre l’obra en tot lo demés”. (*CIC*, p. 43; séc. XVI; negrito e sublinhado nossos)

d) Posição medial ligando termos de uma oração (PMT):

(58) “E.l maestre levà’s ab los frares que y eren, e volgueren-nos besar la mà, e nós no la donam a él a besar, **mas** als altres frares”. (*LFR*, p. 107; séc. XIII; negrito e sublinhado nossos)

Tabela 6a: Posição oracional no português (geral)

	Português																				
	<i>mas</i> e variantes							<i>pero</i> e variantes							<i>porém</i> e variantes						
	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total
XIII	16 (31,4%)	34 (66,7%)	-	1 (1,9%)	-	-	51 (100%)	10 (31,2%)	20 (62,5%)	2 (6,3%)	-	-	-	32 (100%)	1 (5,9%)	3 (17,6%)	8 (47,1%)	-	2 (11,8%)	3 (17,6%)	17 (100%)
XIV	44 (78,6%)	10 (17,8%)	-	2 (3,6%)	-	-	56 (100%)	7 (26,9%)	18 (69,2%)	1 (3,9%)	-	-	-	26 (100%)	1 (5,6%)	2 (11,1%)	15 (83,3%)	-	-	-	18 (100%)
XV	12 (25,5%)	15 (31,9%)	-	20 (42,6%)	-	-	47 (100%)	11 (42,3%)	13 (50,0%)	2 (7,7%)	-	-	-	26 (100%)	11 (40,8%)	2 (7,4%)	12 (44,4%)	-	2 (7,4%)	-	27 (100%)
XVI	11 (15,9%)	52 (75,4%)	-	6 (8,7%)	-	-	69 (100%)	-	-	-	-	-	-	-	3 (9,7%)	26 (83,9%)	-	2 (6,4%)	-	-	31 (100%)

Tabela 6b: Posição oracional no catalão (geral)

	Catalão													
	<i>mes</i> e variantes							<i>però</i> e variantes						
	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total
XIII	40 (49,4%)	39 (48,1%)	-	2 (2,5%)	-	-	81 (100%)	9 (47,4%)	9 (47,4%)	1 (5,2%)	-	-	-	19 (100%)
XIV	15 (40,5%)	18 (48,7%)	-	4 (10,8%)	-	-	37 (100%)	18 (62,1%)	6 (20,7%)	5 (17,2%)	-	-	-	29 (100%)
XV	12 (63,2%)	6 (31,6%)	-	1 (5,3%)	-	-	19 (100%)	7 (38,9%)	8 (44,4%)	2 (11,1%)	1 (5,6%)	-	-	18 (100%)
XVI	21 (36,8%)	29 (50,9%)	-	7 (12,3%)	-	-	57 (100%)	12 (27,9%)	25 (58,1%)	4 (9,3%)	2 (4,7%)	-	-	43 (100%)

Os dados acima mostram que há ocorrência dos itens em estudo, de forma geral, em seis posições diferentes em português (PIA, PIO, PMO, PMT, PFO e PFA) e em quatro em catalão (PIA, PIO, PMO e PMT).

Em português, *mas* ocorre durante todo o período em três posições (PIA, PIO e PMT) e sua maior frequência se alterna entre essas posições: PIO no séc. XIII (66,7%), PIA no séc. XIV (78,6%), PMT no séc. XV (42,6%) e novamente PIO no séc. XVI (75,4%). *Pero* ocorre do séc. XIII ao XV nas posições PIA, PIO e PMO; e no séc. XVI desaparece. Sua frequência é maior na posição PIO, do séc. XIII ao XV. *Porém* ocorre no séc. XIII em cinco posições – é o único item que ocorre nas posições PFO e PFA. No entanto, no séc. XIV, passa a ocorrer apenas em três posições (PIA, PIO e PMO), no séc. XV em quatro posições (PIA, PIO, PMO e PFO) e novamente em três no séc. XVI (PIA, PIO e PMT). As únicas ocorrências de *porém*



em PMT ocorrem no séc. XVI. Assim, do séc. XIII para o XVI, diminui o número de posições sintáticas em que ocorre de cinco para três. Em relação à frequência de *porém*, há maior frequência na posição PMO do séc. XIII ao XV. No séc. XVI, a frequência maior passa a ser na posição PIO.

Em catalão, *mes* ocorre do séc. XIII ao XVI em três posições (PIA, PIO e PMT). Sua maior frequência se alterna entre PIA e PIO (PIA no séc. XIII, PIO no séc. XIV, PIA no séc. XV e PIO no séc. XVI). *Però* ocorre durante todo o período em quatro posições (PIO, PIA, PMO e PMT). Em relação à posição de maior frequência, assim como *mes*, alterna as posições PIO e PIA (equivalência entre PIA e PIO no séc. XIII, PIA no séc. XIV, PIO no séc. XV e XVI).

A comparação entre os dados do português e do catalão mostra que há semelhanças e diferenças entre essas duas línguas em relação à posição oracional dos itens em estudo. As semelhanças são as seguintes: *mas* em português e *mes* em catalão ocorrem nas posições mediais exclusivamente ligando termos (PMT). *Pero* e *porém* em português e *però* em catalão ocorrem na posição medial preferencialmente ligando orações (PMO). As diferenças são as seguintes: *mas* em português alterna sua maior frequência entre três posições (PIA, PIO e PMO) e *mes* em catalão entre duas posições (PIA e PIO). Em português, a frequência de *pero* é sempre maior na posição PIO e em catalão *però* alterna a maior frequência entre as posições PIA e PIO.

Considerando que nas tabelas 6a e 6b não é possível ver a relação de concorrência entre formas que exprimem adversatividade, apresentam-se, a seguir, nas tabelas 6c e 6d, os dados relativos a apenas esse valor semântico:

Tabela 6c: Posição oracional no português (adversativas)

	Português																				
	<i>mas</i> e variantes							<i>pero</i> e variantes							<i>porém</i> e variantes						
	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total
XIII	16 (31,4%)	34 (66,7%)	-	1 (1,9%)	-	-	51 (100%)	9 (36%)	15 (60%)	1 (4%)	-	-	-	25 (100%)	-	-	-	-	-	-	-
XIV	44 (78,6%)	10 (17,8%)	-	2 (3,6%)	-	-	56 (100%)	7 (30,4%)	15 (65,2%)	1 (4,3%)	-	-	-	23 (100%)	-	-	-	-	-	-	-
XV	12 (25,5%)	15 (31,9%)	-	20 (42,6%)	-	-	47 (100%)	6 (35,3%)	9 (53%)	2 (11,8%)	-	-	-	17 (100%)	6 (60%)	-	2 (20%)	-	2 (20%)	-	10 (100%)
XVI	11 (15,9%)	52 (75,4%)	-	6 (8,7%)	-	-	69 (100%)	-	-	-	-	-	-	-	3 (10%)	25 (83,3%)	-	2 (6,7%)	-	-	30 (100%)

Tabela 6d: Posição oracional no catalão (adversativas)

	Catalão														
	<i>mes</i> e variantes							<i>però</i> e variantes							
	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total	PIA	PIO	PMO	PMT	PFO	PFA	Total	
XIII	40 (49,4%)	39 (48,1%)	-	2 (2,5%)	-	-	81 (100%)	9 (47,4%)	9 (47,4%)	1 (5,2%)	-	-	-	19 (100%)	
XIV	15 (40,5%)	18 (48,7%)	-	4 (10,8%)	-	-	37 (100%)	18 (62,1%)	6 (20,7%)	5 (17,2%)	-	-	-	29 (100%)	
XV	12 (63,2%)	6 (31,6%)	-	1 (5,3%)	-	-	19 (100%)	7 (38,9%)	8 (44,4%)	2 (11,1%)	1 (5,6%)	-	-	18 (100%)	
XVI	21 (36,8%)	29 (50,9%)	-	7 (12,3%)	-	-	57 (100%)	12 (27,9%)	25 (58,1%)	4 (9,3%)	2 (4,7%)	-	-	43 (100%)	

Os dados da tabela 6c mostram que, em português, diferentemente do que acontece na tabela 6a, há ocorrência dos itens em estudo, de forma geral, em cinco posições diferentes (PIA, PIO, PMO, PMT e PFO) – na tabela 6a há em seis. Na tabela 6d, observa-se que em catalão os itens ocorrem em quatro posições diferentes (PIA, PIO, PMO e PMT), tal como já se havia visto na tabela 6b.

Em português, especificamente o *mas* apresenta os mesmos resultados da tabela 6a: ocorre durante todo o período em três posições (PIA, PIO e PMT) e sua maior frequência se alterna entre essas posições: PIO no séc. XIII (66,7%), PIA no séc. XIV (78,6%), PMT no séc. XV (42,6%) e novamente PIO no séc. XVI (75,4%). *Però* também segue os mesmos padrões apresentados na tabela 6a: ocorre do séc. XIII ao XV nas posições PIA, PIO e PMO, desaparece no séc. XVI e apresenta maior frequência na posição PIO, do séc. XIII ao XV.

*Porém* não ocorre como adversativa nos sécs. XIII e XIV; no séc. XV ocorre em três posições (PIA, PMO e PFO) e no séc. XVI deixa de ocorrer nas posições PMO e PFO, mas em compensação passa a ocorrer nas posições PIO e PMT. Assim, do séc. XV para o XVI, mantém o número de posições oracionais em que ocorre, apesar de mudar o tipo de posição (PIA, PMO e PFO no séc. XV e PIA, PIO e PMT no séc. XVI). A maior frequência de *porém* no séc. XV é na posição PIA e no séc. XVI é na posição PIO. Note-se que dos três itens do português em estudo, *porém* é o único que muda o tipo de posição em que ocorre durante o período em estudo.

Em catalão, a situação de *mes* e de *però* não apresenta diferenças em relação à situação mostrada na tabela 6b. *Mes* ocorre durante todo o período em três posições (PIA, PIO e PMT) e alterna a posição de maior frequência entre PIA e PIO. *Però* ocorre durante todo o período em quatro posições (PIA, PIO, PMO e PMT) e também alterna a posição de maior frequência entre PIA e PIO.

A comparação entre os itens com valor adversativo do português e do catalão mostra que, em português, *mas* alterna sua maior frequência entre três posições (PIO no séc. XIII, PIA no séc. XIV, PMO no séc. XV e PIO no séc. XVI), enquanto em catalão *mes* alterna apenas entre duas (PIO nos sécs. XIV e XVI, e PIA no séc. XV). Em português, a frequência de *pero* é sempre maior na posição PIO e em catalão *però* alterna a maior frequência entre duas posições (PIA no séc. XIV e PIO nos sécs. XV e XVI). Além disso, em relação às posições mediais, *mas* em português e *mes* em catalão ocorrem exclusivamente ligando termos (PMT); *pero* em português ocorre exclusivamente ligando orações (PMO) e *porém* em português e *però* em catalão ocorrem tanto ligando orações (PMO) quanto ligando termos (PMT).

---

## CAPÍTULO 4

### DISCUSSÃO DOS DADOS

---

Uma vez descritos os dados coletados no *corpus* eleito para o presente estudo, pode-se então passar à sua discussão. Primeiramente serão discutidas as hipóteses previamente identificadas na literatura especializada que foram selecionadas para teste nesta pesquisa, a saber: H-1, H-2, H-3, H-4, H-7 e H-8 (cf. p. 45 e 48 deste trabalho). Em seguida, serão feitas considerações sobre fatos que se mostraram relevantes para dar conta da história das adversativas no português e no catalão.

#### 4.1. Hipóteses prévias

A fim de tornar mais sistemática a reflexão sobre hipóteses prévias, a ordem de discussão dessas hipóteses não seguirá a cronologia das propostas (como se fez nas seções 1.2.2 e 1.2.3), mas sim uma escala das mais simples para as mais complexas.

##### 4.1.1. Hipóteses 2 e 3

Duas das hipóteses apuradas na literatura especializada para dar conta da mudança semântica de *pero* e *porém* de conclusivo-explicativos para adversativos baseiam-se fundamentalmente na questão dos contextos negativos. Vejam-se novamente essas hipóteses:

**H-2:** *Porém* passou de advérbio com noção de causa determinante para conjunção adversativa em orações negativas. (SAID ALI, 1965, p. 187)

**H-3:** A difusão do valor adversativo em *pero* e *porém* foi favorecida pelo contexto negativo (MATTOS E SILVA, 1984, p. 147)

Segundo H-2 e H-3, *pero* e *porém* teriam passado de conclusivo-explicativos para adversativos em contextos negativos. Said Ali (1965) não diz que a causa da mudança seria a presença desses itens em contextos negativos, mas assinala que a mudança teria se dado nesses contextos. Mattos e Silva (1984) apresenta opinião próxima a esta, pois considera que o contexto apenas favoreceria e não propriamente causaria.

Para testar essas hipóteses, analisou-se o tipo de contexto em que ocorriam *mas*, *pero* e *porém* no português e *mes* e *però* no catalão. Os contextos foram classificados em *negativos* e *não-negativos*. Os resultados pertinentes para a presente discussão foram apresentados nas tabelas 4a, 4b e 4c. Para que as hipóteses fossem confirmadas, esperava-se que os itens que passaram por mudança semântica no período (*pero* e *porém* no português) ocorressem **com valor adversativo apenas ou predominantemente em contextos negativos quando comessem a apresentar esse valor**.

Os dados da tabela 4b (cf. p. 69), em que se registra especificamente o tipo de contexto para as ocorrências das conjunções em estudo apenas com valor adversativo, não mostram nenhum desses dois padrões esperados. No primeiro século em que *pero* aparece com valor adversativo (já no séc. XIII), sua ocorrência em contextos negativos não é exclusiva (ocorre tanto em contextos negativos quando em não-negativos) nem é predominante (20% em contextos negativos contra 80% em contextos não-negativos) e esses padrões se repetem nos dois séculos seguintes em que ocorre (17,4% em contextos negativos contra 82,6% em contextos não-negativos no séc. XIV e 17,6% em contextos negativos contra 82,4% em contextos não-negativos no séc. XV). No primeiro século em que *porém* aparece com valor adversativo (só no séc. XV), sua ocorrência em contextos negativos não é exclusiva (ocorre tanto em contextos negativos quando em não-negativos) nem é predominante (10% em contextos negativos contra 90% em contextos não-negativos) e esses padrões se repetem no

século seguinte em que ocorre (13,3% em contextos negativos contra 86,7% em contextos não-negativos no séc. XIV).

Em síntese, **os dados do *corpus* analisado não confirmam a hipótese de que *pero* e *porém* mudaram de conclusivo-explicativos para adversativos em contextos negativos.**

#### 4.1.2. Hipóteses 4 e 7

Duas das hipóteses identificadas na literatura especializada para dar conta da mudança semântica de *pero* e *porém* de conclusivo-explicativos para adversativos fundamentam-se basicamente na questão do acompanhamento de marca adversativa - consultem-se novamente essas hipóteses:

**H-4:** A difusão do valor adversativo em *pero* e *porém* foi favorecida pelo contexto de estruturas já marcadas como adversativas por outros recursos (MATTOS E SILVA, 1984, p. 147)

**H-7:** *Pero* e *porém* deixaram de apresentar valor conclusivo-explicativo por serem passíveis de ambigüidade em contextos sem outra marca adversativa. (MATTOS E SILVA, 1984, p. 148-149)

Segundo H-4, ***pero* e *porém* teriam passado de conclusivo-explicativos para adversativos quando acompanhados de marca adversativa.** Novamente convém ressaltar que Mattos e Silva (1984) não diz que a causa da mudança seria a presença desses itens em contextos adversativos, mas sim que esse contexto apenas favoreceria a mudança.

Para testar essa hipótese, verificou-se se *mas*, *pero* e *porém* em português e *mes* e *però* em catalão ocorriam de forma isolada ou se ocorriam acompanhados de marca adversativa. Os resultados dessa análise foram apresentados através das tabelas 3a e 3b. Para que H-4 fosse confirmada, esperava-se que os itens que sofreram mudança semântica no período (*pero* e *porém* no português) ocorressem **com valor adversativo apenas ou predominantemente acompanhados de marca adversativa quando começassem a apresentar esse valor.**

Os dados da tabela 3b (cf. p. 64), em que se registra especificamente o acompanhamento ou não de marca adversativa para as ocorrências das conjunções em estudo apenas com valor adversativo, não mostram nenhum desses dois padrões esperados. No primeiro século em que *pero* aparece com valor adversativo (já no séc. XIII), ocorre apenas sem acompanhamento de marca adversativa; no século seguinte ocorre acompanhado de marca adversativa, mas com frequência baixíssima (8,7% das ocorrências com valor adversativo); e no séc. XV só ocorre sem acompanhamento de marca adversativa. Nos séculos em que *porém* aparece com valor adversativo (sécs. XV e XVI), não está acompanhado de nenhuma marca adversativa. Se, então, desde as primeiras ocorrências das formas em questão com valor adversativo (no séc. XIII para *pero* e no séc. XV para *porém*) essas formas aparecem sem acompanhamento de marca adversativa, não se pode admitir que esse contexto (acompanhamento de marca adversativa) tenha sido relevante para a mudança semântica por que passaram as formas.

Em síntese, **os dados do corpus analisado não confirmam a hipótese de que *pero* e *porém* mudaram de conclusivo-explicativos para adversativos quando acompanhados de marca adversativa.**

Segundo H-7, ***pero* e *porém* teriam passado de conclusivo-explicativos para adversativos por serem passíveis de ambigüidade em contextos sem marca adversativa.** Nesse caso, parece poder-se admitir propriamente que uma das causas da mudança seria a existência de ambigüidade enquanto o contexto seria aquele sem marca adversativa. Essa hipótese, apresentada por Mattos e Silva (1984, p. 148-149), supõe naturalmente que, em um dado momento, as formas *pero* e *porém* teriam se tornado primeiramente polissêmicas (com os valores conclusivo-explicativo e adversativo) com cada um de seus valores reconhecível em função de algum recurso: como se fala em marca adversativa, parece então que na hipótese se considera que foi nesse contexto que a mudança de sentido teria começado (como,

aliás, previa H-4). A hipótese em discussão sugere que haveria uma espécie de estágios de mudança, dentre os quais haveria um em que apareceria a ambigüidade. Pode-se imaginar que os estágios de mudança em que se inseriria a questão da ambigüidade seriam os seguintes:

**Quadro 7: Gênese da ambigüidade de *pero* e *porém***

Estágio	Combinação de formas	Descrição
1º	-MAD / CE	<i>Pero/porém</i> , desacompanhados de formas adversativas (-MAD), ocorrem apenas com valor conclusivo-explicativo (CE).
2º	+MAD / CE	<i>Pero/porém</i> , acompanhados de forma com valor adversativo (+MAD), continuam a ocorrer apenas com valor conclusivo-explicativo (CE).
3º	+MAD / CE ~ AD	<i>Pero/porém</i> , acompanhados de forma com valor adversativo (+MAD), adquirem eventualmente o valor adversativo desta e passam a ocorrer com valor conclusivo-explicativo (CE) ou adversativo (AD) [= ambíguos].
4º	-MAD / CE ~ AD	<i>Pero/porém</i> , mesmo desacompanhados de forma com valor adversativo (-MAD), ocorrem com valor conclusivo-explicativo (CE) ou adversativo (AD) [= ambíguos].
5º	-MAD / AD	<i>Pero/porém</i> , desacompanhados de forma com valor adversativo (-MAD), ocorrem apenas com valor adversativo (AD).

Nesse quadro, são sugeridos estágios de mudança de *pero* e *porém*; no entanto, não se propõe que a mudança de *pero* e de *porém* tenha ocorrido ao mesmo tempo. O que o quadro 7 procura demonstrar é que, conforme sugerido por Mattos e Silva (1984, p. 149), as duas formas teriam passado pelos mesmos estágios de mudança, ainda que em períodos diferentes (primeiro *pero* e cem anos depois *porém*). O primeiro estágio corresponde ao uso de *pero/porém* de maneira isolada, ou seja, sem influência de marca adversativa, usados apenas com valor conclusivo-explicativo. No segundo estágio, *pero/porém* passariam a ser usados acompanhados de marca adversativa. No terceiro estágio, essa marca adversativa começaria a espalhar seu sentido para *pero/porém*. Nesse ponto, já se poderia detectar certa ambigüidade, pois haveria possibilidade de dupla interpretação de *pero/porém*: como conclusivo-explicativos ou como adversativos. Nesse caso, a marca adversativa acompanhante seria



imprescindível para desambiguar o sentido de *pero/porém*, fixando a interpretação dos itens como adversativos. No *quarto* estágio, não haveria mais a presença de outra marca adversativa, o que favoreceria ainda mais a ambigüidade de sentido. No *quinto* estágio, *pero/porém*, mesmo desacompanhados de marca adversativa, apresentariam apenas o valor adversativo.

Antes mesmo de avaliar a validade de H-7 com base nos dados do *corpus* deste trabalho, deve-se admitir que essa hipótese perdeu força em função dos resultados obtidos em relação a H-4, ou seja, não se identificou um momento histórico em que as formas em análise (*pero* e *porém* no português) ocorressem com valor adversativo apenas ou predominantemente acompanhados de marca adversativa, padrão que consistiria no terceiro estágio do quadro 7 (com o roteiro da gênese da ambigüidade de *pero* e *porém* no português). Esse estágio consiste, de fato, em um pressuposto para que a hipótese da ambigüidade seja defensável. Entretanto, convém continuar a análise, pois um resultado negativo também para H-7 só contribuiria para excluir conjuntamente H-4 e H-7.

Para testar essa hipótese, verificou-se com quais valores semânticos *mas*, *pero* e *porém* em português e *mes* e *però* em catalão ocorriam quando não-acompanhados de marca adversativa. Os resultados dessa análise foram apresentados na tabela 3c. Para que H-7 fosse confirmada, esperava-se que os itens que sofreram mudança semântica no período (*pero* e *porém* no português) ocorressem **primeiramente apenas com valor conclusivo-explicativo** [1º estágio do quadro 7], **em seguida com valor duvidoso (=ambíguo)** [4º estágio do quadro 7] e **por fim apenas com valor adversativo** [5º estágio do quadro 7].

Os dados da tabela 3c (cf. p. 65), em que se registram especificamente os diferentes valores semânticos das ocorrências das conjunções em estudo quando não-acompanhadas de marca adversativa, não mostram os padrões esperados para as duas formas em foco (*pero* e *porém* no português). No período estudado, *pero* já aparece com valor adversativo desde o

século XIII, época em que também ocorrem dois casos de ambigüidade: esse padrão corresponderia ao 4º estágio do quadro 7 (= apresentar valor duvidoso), mas não há nos dados do *corpus* padrão anterior que correspondesse ao 1º estágio do quadro 7 (= apresentar apenas valor conclusivo-explicativo) nem padrão posterior que representasse o 5º estágio do quadro 7 (= apresentar apenas valor adversativo) — isso significa que, se o roteiro do quadro 7 é verdadeiro, então os dados do *corpus*, referentes aos sécs. XIII a XV corresponderiam todos ao 4º estágio. No caso de *porém*, entretanto, os dados do *corpus* são mais significativos: os dados dos sécs. XIII e XIV corresponderiam a uma fase final do 1º estágio do quadro 7, pois, embora apresente apenas valor conclusivo-explicativo de forma inequívoca, já começam a ocorrer casos de valor duvidoso; os dados do séc. XV representariam o 4º estágio do quadro 7 (= apresentar valor duvidoso), uma vez que *porém* apresenta 51,9% de ocorrências com valor conclusivo-explicativo, 37% com valor adversativo e ainda 11,1 % com valor duvidoso; os dados do séc. XVI corresponderiam a uma fase inicial do 5º estágio do quadro 7 (= apresentar apenas valor adversativo), já que não apresentam valor conclusivo-explicativo, apresentam predominantemente valor adversativo mas ainda resta um caso duvidoso.

Em síntese, **os dados do *corpus* analisado confirmam *parcialmente* a hipótese de que *pero* teria passado de conclusivo-explicativo para adversativo por ser passível de ambigüidade em contextos sem marca adversativa, mas confirmam *plenamente* essa hipótese para *porém*.**

#### 4.1.3. Hipótese 1

Dentre as hipóteses para dar conta da mudança semântica por que passaram *pero* e *porém* no português, a mais antiga é a que se segue:

**H-1:** *Pero* passou de afirmativo para dubitativo e adversativo em orações negativas quando acompanhado da conjunção *mais*. (VASCONCELOS, 1920, p. 67)

Segundo H-1, *pero* teria passado por mudança semântica em contextos negativos e quando acompanhado da conjunção *mais* (> *mas*). Essa hipótese, proposta por Vasconcelos (1920), não apresenta propriamente a causa da mudança: trata-se essencialmente do contexto em que a mudança ocorreu. É interessante notar que Vasconcelos (1920) refere-se estritamente a *pero* enquanto Mattos e Silva (1984) não só a desdobra em duas (separando contexto negativo e acompanhamento de marca adversativa) como também a estende para *porém*.

Para testar essa hipótese, analisaram-se o tipo de contexto e o acompanhamento de marca adversativa em relação às ocorrências de *mas*, *pero* e *porém* no português e *mes* e *però* no catalão. Os resultados pertinentes para a presente discussão foram apresentados nas tabelas 4d e 4e. Para que a hipótese fosse confirmada, esperava-se que os itens que passaram por mudança semântica no período (*pero* e *porém* no português) ocorressem **com valor adversativo apenas ou predominantemente em contextos negativos e acompanhados de *mas* quando comessem a apresentar esse valor.**

Os dados da tabela 4d (cf. p. 71), em que se registra especificamente as ocorrências das formas em questão em contextos negativos acompanhadas de marca adversativa por valor semântico, não mostram nenhum desses dois padrões esperados. *Pero*, ao longo do período estudado, não apresenta valor adversativo quando em contexto negativo e acompanhado de marca adversativa (há a propósito apenas um dado com valor ambíguo nesse contexto para esse século); além disso, desde o século XIII, só aparece com valor adversativo em contexto negativo quando não está acompanhado de marca adversativa (83,5% das ocs. no séc. XIII, 100% no séc. XIV e 75% no séc. XV; não havendo ocorrências para esse padrão no séc. XVI). No caso de *porém*, a situação não é muito diferente, pois não apresenta valor

adversativo quando em contexto negativo e acompanhado de marca adversativa e, desde o século XV, só aparece com valor adversativo em contexto negativo quando não está acompanhado de marca adversativa (50% das ocs. no séc. XIV e 100% no séc. XVI).

Em síntese, **os dados do corpus analisado não confirmam a hipótese de que *pero* e *porém* mudaram de conclusivo-explicativos para adversativos em contextos negativos quando acompanhados de *mais* (> *mas*).**

#### 4.1.4. Hipótese 8

A última das hipóteses a serem testadas nos dados do *corpus* da presente pesquisa é a que trata do desaparecimento de *pero*, como se pode verificar a seguir:

**H-8:** *Pero* desapareceu porque teria surgido um novo item para expressão de adversatividade, o *porém*. (MATTOS E SILVA, 1984, p. 149)

Segundo H-8, ***pero* desapareceu por existir um novo item, *porém*, para expressão da adversatividade.** Essa hipótese foi apontada por Mattos e Silva (1984), mas considerada pela própria autora como uma hipótese não-pertinente, por ser de opinião que a sinonímia é um mecanismo fértil e também pela existência de *mas* já como forma adversativa (o que, na verdade, justificaria o desaparecimento não apenas de *pero* mas também de *porém*). Ainda que Mattos e Silva (1984) a tenha descartado, considerou-se importante analisar essa hipótese neste estudo, pois permitiria confirmar que a sinonímia não seria um fator determinante no desaparecimento de formas concorrentes.

Para testar essa hipótese, analisou-se a frequência de *mas*, *pero* e *porém* no português e de *mes* e *però* no catalão de forma geral, depois levando-se em conta os valores semânticos que apresentaram e por fim considerando-se apenas o valor adversativo. Os resultados pertinentes para a presente discussão foram apresentados nas tabelas 1, 2a e 2b. Para que a

hipótese fosse confirmada, esperava-se que o **desaparecimento de *pero* em português com valor adversativo coincidissem com o aumento significativo de *porém* com esse mesmo valor**, já que *porém* é apontado por Mattos e Silva (1984) como o principal concorrente de *pero*.

Os dados da tabela 1 (cf. p. 55), em que se registra especificamente a frequência de ocorrências das conjunções em estudo, não mostram de forma consistente o padrão esperado. Primeiramente, na passagem do séc. XIII para o XIV, houve um decréscimo na frequência de *pero* (de 32% dos dados ou 32 ocs. para 26% dos dados ou 26 ocs. = diferença de 6 ocs. ou 6%), mas um aumento da frequência relativamente proporcional em relação a *porém* (de 17% dos dados ou 17 ocs. para 18% dos dados ou 18 ocs. = diferença de 1 oc. ou 1%). Em segundo lugar, na passagem do séc. XV para o XVI, enquanto *pero* desaparece (passa de 26 ocs ou 26% dos dados para nenhuma ocorrência), *porém* aumenta muito levemente (de 27% dos dados ou 27 ocs para 31% dos dados ou 31 ocs. = diferença de 4 ocs. ou 4%). Para tornar ainda mais clara essa falta de proporcionalidade entre o desaparecimento de *pero* e o aumento de *porém*, convém consultar ainda os dados da tabela 2b, em que se registra especificamente a frequência para as ocorrências das conjunções em estudo apenas com valor adversativo. Nessa tabela, vê-se que, quando *porém* passa a ocorrer com valor adversativo (de nenhuma ocorrência no séc. XIV para 10 ocs. ou 13,5% no séc. XV = diferença de 13,5%), a frequência de *pero* com valor adversativo diminui em proporção diferente (passa de 29,1% no séc. XIV para 23% no séc. XV = diferença de 6,1%). A questão que surge então é: se o desaparecimento de *pero* dentre as formas de expressão de adversatividade não gera um aumento proporcional na frequência de *porém*, qual seria o recurso utilizado para dar conta dessa diferença? Basta que se examine a tabela 2b com cuidado para se perceber que é a forma *mas* que assume essa tarefa. Quando *porém* passa a ocorrer com valor adversativo (de nenhuma ocorrência no séc. XIV para 10 ocs. ou 13,5% no séc. XV = diferença de 13,5%), a frequência de *pero* com valor adversativo diminui em proporção diferente (passa de 29,1% no

séc. XIV para 23% no séc. XV = diferença negativa de 6,1%) e também a frequência de *mas* diminui (passa de 70,9% no séc. XIV para 63,5% no séc. XV = diferença negativa de 7,4%) — esses fatos demonstrariam que *porém*, ao passar a expressar valor adversativo, tomaria parte da função exercida por *pero* (em 6,1% dos casos) e por *mas* (em 7,4%). Entretanto, no século seguinte essa concorrência entre *mas*, *pero* e *porém* expressando adversatividade toma um rumo um pouco diferente: *pero* desaparece, mas a forma *porém* assume apenas parte do espaço (aumenta em 16,8%) ocupado por *pero*, assumindo a outra parte a forma *mas* (aumenta em 6,2%). Enfim, os dados mostram que, quando *porém* passa a expressar adversatividade (séc. XV), tira parte do espaço ocupado por *pero* (que diminui em 6,1%) e *mas* (que diminui em 7,4%); e, no século seguinte (séc. XVI), *porém* continua seu processo de expansão (aumentando em 16,8%), mas o item *mas* “reage” e retoma o espaço que havia perdido (aumentando em 6,2%). Vê-se, portanto, que as adversativas funcionam de forma sistêmica: uma mudança (*porém* se tornando adversativo) no sistema afeta não apenas um elemento (*pero*), mas o conjunto (*pero* e *mas*).

Em síntese, **os dados do corpus analisado confirmam a hipótese de que *pero* desapareceu por existir um novo item, *porém*, para expressão da adversatividade, embora a existência de um outro item, *mas*, tenha exercido influência no processo.**

## 4.2. Novas considerações

### 4.2.1. Estágios da mudança

Nos três estudos mais significativos sobre as adversativas no português - os já citados trabalhos de Mattos e Silva (1984) e Barreto (1999 e 2002), a descrição dos estágios em que as mudanças se deram inclui apenas os aspectos semânticos (cf. quadro 5 na p. 44 deste trabalho). Convém aqui criar um quadro que represente os estágios de mudanças segundo os

parâmetros utilizados nesses três estudos para se verificar se os dados do *corpus* deste trabalho é compatível com alguma das três referidas propostas. Confira-se esse novo quadro a seguir:

**Quadro 8: Confronto diacrônico de *pero* e *porém* no corpus**

		<i>Pero</i>	<i>Porém</i>	Texto
Séc. XIII	Concl.-expl.	-	+	<i>FR</i>
	Advers.	+	∅	
Séc. XIV	Concl.-expl.	-	+	<i>CGE</i>
	Advers.	+	∅	
Séc. XV	Concl.-expl.	-	+	<i>CDP</i>
	Advers.	+	-	
Séc. XVI	Concl.-expl.	∅	∅	<i>PER</i>
	Advers.	∅	+	

Os dados do séc. XIII (*FR*) são compatíveis com E<sub>3</sub> de Mattos e Silva (1984) e Barreto (1999 e 2002). Entretanto, Barreto (1999 e 2002), tendo analisado o mesmo texto, situa-o em E<sub>2</sub>: Barreto (1999) sugere que não há *pero* com valor conclusivo-explicativo no *FR*, mas na presente pesquisa encontraram-se 12,5% de ocorrências ainda com esse valor (cf. tabela 2a), mesmo que seja pouco freqüente; já Barreto (2002) apresenta nesse ponto uma das inconsistências já assinaladas, ou seja, *pero* aparece como valor mais freqüente tanto para conclusivo-explicativo quanto para adversativo (o erro deve estar na atribuição de valor mais freqüente para conclusivo-explicativo).

Os dados do séc. XIV (*CGE*) também são compatíveis com E<sub>3</sub> de Mattos e Silva (1984) e Barreto (1999): essa compatibilidade confirma então que o padrão típico do final do séc. XIV seria o de E<sub>3</sub>.

Os dados do séc. XV (*CCP*) são igualmente compatíveis com E<sub>3</sub> de Mattos e Silva (1984) e Barreto (1999): nesse caso, o texto analisado estaria apresentando um padrão mais conservador do que o encontrado para textos da mesma época, como *CDP* (de 1430-1440) e *IC* (de 1468). Nesses dois, cujo padrão Mattos e Silva (1984) situa em E<sub>4</sub> e Barreto (1999) situa em E<sub>5</sub>, apresentam *pero* apenas com valor adversativo, embora em *CCP* tenham se encontrado 11,5% de ocorrências com valor conclusivo-explicativo (cf. tabela 2a).

Por fim, os dados do séc. XVI (*PER*) são compatíveis com E<sub>6</sub> de Mattos e Silva (1984) e E<sub>7</sub> de Barreto (2002) - que na verdade apresentam o mesmo padrão: essa compatibilidade

confirma então que o padrão típico do final do séc. XVI seria aquele em que *pero* já desapareceu e *porém* ocorre apenas como adversativo.

#### 4.2.2. De adverbial para conjuncional

A fim de fazer avançar o conhecimento sobre o comportamento lingüístico de adversativas no português e no catalão arcaicos, utilizou-se o mesmo *corpus* empregado para testar seis das hipóteses prévias encontradas na literatura especializada para se analisarem aspectos ainda não-contemplados: em especial, o *nível de articulação sintática* e a *posição oracional*. Esses dois aspectos permitem que se investigue uma questão importante relativa à história de *mas*, *pero* e *porém* no português e de *mes* e *però* no catalão: o processo de transformação de estruturas originalmente de natureza adverbial em conjunções.

O processo de transformação de estruturas originalmente de natureza adverbial em conjunções pode ser interpretado como um processo de *gramaticalização*, que, segundo Meillet (1982, p. 131), consiste na “attribution du caractère grammatical à un mot jadi autonome”<sup>18</sup>. Ao trabalho de Meillet, publicado originalmente em 1912, seguiram-se muitos outros, sobretudo recentemente, que contemplam o tópico da gramaticalização, como, por exemplo, Hopper & Traugott (2003). No que diz respeito à gênese de marcadores de ligação entre orações (“clause linkage markers”), informam Hopper & Traugott (2003, p. 184) que: “Clause linkage markers have their sources in nouns, verbs, adverbs, pronouns, case morphemes (including prepositionals and postpositionals), derivational affixes, and in phrasal combinations of these.”<sup>19</sup> Hopper & Traugott (2003, p. 6) consideram especialmente importante o conceito de “cline”, segundo o qual “forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of small transitions, transistions that tend to be

<sup>18</sup> Tradução nossa: “atribuição do caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”.

<sup>19</sup> Tradução nossa: “Marcadores de ligação entre orações tem suas fontes em nomes, verbos, advérbios, pronomes, morfemas casuais (incluindo antepostos e pospostos), afixos derivacionais, e em combinação sintagmáticas destes”.



similar on type across languages”<sup>20</sup>. Um “cline” de categorização proposto por Hopper & Traugott (2003, p. 107) prevê o seguinte trajeto: “major category (> intermediate category) > minor category”. Essas categorias são definidas da seguinte maneira:

“(…) the major categories are noun and verb (categories that are relatively “open” lexically), and minor categories include preposition, conjunction, auxiliary verb, pronoun, and demonstrative (relatively “closed” categories). Adjectives and adverbs comprise an intermediate degree between the major and the minor categories and can often be shown to derive straightforwardly from (participial) verbs and (locative, manner, etc.) nouns respectively”<sup>21</sup> (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 107).

Para o presente estudo, interessa especialmente a idéia de pequenas transições (“small transitions”), pois o processo de transformação de *pero* e *porém* do português e de *però* no catalão em conjunções adversativas terá, segundo a referida idéia, passado por pequenas transições que devem ser identificáveis através da análise de seu comportamento lingüístico. Compete então determinar aqui quais teriam sido essas pequenas transições na história das adversativas em estudo.

Do ponto de vista sintático, é especialmente interessante analisar o nível de articulação em que as formas ocorrem, já que, como se esclareceu na definição operacional de conjunção adversativa (cf. p. 19) adotada para este trabalho, essa conjunção tem como característica ser a que “liga termos da oração ou orações”. O papel de ligar termos de uma oração é seguramente um dos mais privativos de uma conjunção, razão pela qual se pode esperar que, na história das adversativas, as formas em estudo passassem progressivamente a exercer essas duas funções (primeiro a de ligar orações e depois também a de ligar termos de uma oração).

Para testar essa hipótese, analisou-se o comportamento lingüístico de *mas*, *pero* e *porém* no português e de *mes* e *però* no catalão segundo o nível de articulação sintática. Os

<sup>20</sup> Tradução nossa: “formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas passam por uma série de pequenas transições, transições que tendem a ser similares no seu tipo nas línguas”.

<sup>21</sup> Tradução nossa: “(...) as categorias maiores são nome e verbo (categorias que são relativamente “abertas” do ponto de vista lexical), e categorias menores incluem preposição, conjunção, verbo auxiliar, pronomes, e demonstrativo (categorias relativamente “fechadas”). Adjetivos e advérbios compreendem um grau intermediário entre as categorias maiores e menores e freqüentemente vê-se derivarem diretamente de verbos (participios) e de nomes (locativo, modal, etc.) respectivamente”.

resultados pertinentes para a presente discussão foram apresentados nas tabelas 5a e 5b. Para que a hipótese fosse confirmada, esperava-se que as formas em estudo **ocorressem primeiramente apenas ligando orações para depois aparecerem ligando orações e termos de uma oração**.

Os dados das tabelas 5a e 5b (cf. p. 74 e 76), em que se registra especificamente a frequência de ocorrências das conjunções em estudo por nível de articulação sintática, mostram o padrão esperado. Em relação ao português, verifica-se que: *mas* ocorre em nível inter-oracional e intra-oracional ao longo de todo o período estudado, o que significa que seu *status* pleno de conjunção já estaria consolidado nesse período; *pero* só ocorre em nível inter-oracional, sugerindo assim que não teria alcançado o *status* pleno de conjunção nem mesmo antes de desaparecer, do séc. XV para ao XVI; e *porém* ocorre primeiramente apenas em nível inter-oracional e só em seguida, no séc. XVI, ocorre também em nível intra-oracional, atingindo assim um *status* pleno de conjunção. É interessante notar que, considerando-se especificamente os dados da tabela 5b, nota-se que *porém* só aparece em nível intra-oracional depois de adquirir o valor adversativo (único valor, aliás, com que ocorre no nível intra-oracional). Em relação ao catalão, nota-se que: *mes* ocorre em nível inter-oracional e intra-oracional ao longo de todo o período estudado, o que significa que seu *status* pleno de conjunção já estaria consolidado nesse período; e *però* ocorre primeiramente apenas em nível inter-oracional e só em seguida, nos sécs. XV e XVI, ocorre também em nível intra-oracional, atingindo assim um *status* pleno de conjunção. É curioso que *però* do catalão tem um comportamento semelhante ao de *porém* do português em relação ao nível de articulação, e não ao de *pero* do português, seu correlato etimológico.

Ainda do ponto de vista sintático, é também interessante analisar a posição oracional em que as formas ocorrem, uma vez que a posição típica (mas não exclusiva) de uma conjunção costuma ser no início de uma oração. Uma vez que conjunções, como já se disse

antes, têm como uma das duas características privativas ligar termos de uma oração, deve-se admitir que não apenas ocupa tipicamente a posição de início de oração (absoluto ou não-absoluto), mas também a posição de meio de oração ligando termos. Assim, no processo de transformação de estrutura adverbial em conjuncional, espera-se que haja uma perda de liberdade na posição, fixando-se em início de oração (absoluto ou não-absoluto) e meio de oração ligando termos.

Para testar essa hipótese, analisou-se o comportamento lingüístico de *mas*, *pero* e *porém* no português e de *mes* e *però* no catalão segundo a posição oracional. Os resultados pertinentes para a presente discussão foram apresentados nas tabelas 6a, 6b, 6c e 6d. Para que a hipótese fosse confirmada, esperava-se que as formas em estudo **ocorressem primeiramente em posições não-iniciais (medial ligando orações e final) e iniciais para depois aparecerem apenas em posições iniciais e medial ligando termos de uma oração.**

Os dados das tabelas 6a e 6b (cf. p. 80), em que se registra especificamente a frequência de ocorrências das conjunções em estudo por posição oracional, mostram relativamente o padrão esperado (pois indicam diferentes estágios). Em relação ao português, considerando todos os valores semânticos (tabela 6a), verifica-se que: *mas* ocorre em uma posição não-inicial (medial ligando termos de uma oração) e em duas posições iniciais (inicial absoluta e início de oração) ao longo de todo o período estudado, o que significa que seu *status* pleno de conjunção já está consolidado nesse período; *pero* também ocorre em uma posição não-inicial (medial ligando orações) e em duas posições iniciais (inicial absoluto e início de oração) do séc. XIII a XV, sugerindo igualmente que não teria alcançado o *status* pleno de conjunção nem mesmo antes de desaparecer do séc. XV para ao XVI, pois não aparece em posição medial ligando termos de uma oração; e *porém* ocorre primeiramente em três posições não-iniciais (medial ligando orações, final de oração e final absoluto) e em duas posições iniciais (inicial absoluto e início de oração) no séc. XIII, depois aparece apenas em

uma posição não-inicial (medial ligando orações) e novamente em duas posições iniciais (inicial absoluta e início de oração) no séc. XIV; posteriormente ocorre em duas posições não-iniciais (medial ligando orações e final de oração) e em duas posições iniciais (inicial absoluto e início de oração) no séc. XV e volta apenas para uma, mas diferente, posição não-inicial (medial ligando termos de uma oração) e duas posições iniciais (inicial absoluta e início de oração) no séc. XVI, indicando assim que do séc. XIII ao XV ainda teria traços de comportamento adverbial (a liberdade de posição) e no séc. XVI teria assumido o *status* pleno de conjunção. Em relação ao catalão (tabela 6b e 6d), observa-se que: *mes* ocorre em uma posição não-inicial (medial ligando termos de uma oração) e em duas posições iniciais (inicial absoluta e início de oração) ao longo de todo o período estudado, o que significa que seu *status* pleno de conjunção já está consolidado nesse período; e *però* diferentemente ocorre em uma posição não-inicial (medial ligando orações) e em duas posições iniciais (inicial absoluto e início de oração) nos sécs. XIII e XIV, mas nos séculos seguintes (XV e XVI) ocorre em duas posições não-iniciais (medial ligando orações e medial ligando termos) e em duas posições iniciais (inicial absoluto e início de oração), o que sugere que nos dois primeiros séculos do período estudado ainda não teria atingido o *status* pleno de conjunção, fato que acontece na passagem do séc. XIV para XV, quando passa a ocorrer também em posição medial ligando termos.

Com base nos dados discutidos nesta seção é possível criar um quadro que expresse os diferentes estágios de transformação de estrutura adverbial (A) em conjuncional (C) para os itens em estudo. No que diz respeito ao nível de articulação (NA), pode-se estabelecer a seguinte hierarquia: inter-oracional = adverbial > inter- e intra-oracional = conjuncional. No que se refere à posição oracional (PO), a hierarquia seria: presença em posições finais = adverbial > presença em posição medial ligando orações = advérbio-conjuncional > presença em posição medial ligando termos = conjuncional. Com base nesses parâmetros, o

comportamento lingüístico de *mas*, *pero* e *porém* no português e de *mes* e *però* no catalão seria representado como se segue:

**Quadro 9: De adverbial para conjuncional (geral)**

	Português						Catalão			
	<i>mas</i> e variantes		<i>pero</i> e variantes		<i>porém</i> e variantes		<i>mes</i> e variantes		<i>però</i> e variantes	
	NA	PO	NA	PO	NA	PO	NA	PO	NA	PO
XIII	C	C	A	AC	A	A	C	C	A	AC
XIV	C	C	A	AC	A	AC	C	C	A	AC
XV	C	C	A	AC	A	A	C	C	C	C
XVI	C	C	-	-	C	C	C	C	C	C

Esse quadro permite verificar alguns fatos interessantes:

(a) *mas* do português e *mes* do catalão já apresentam um comportamento nitidamente conjuncional, significando que a conclusão da transformação do advérbio latino *magis* em conjunção terá se operado antes do séc. XIII para o português e para o catalão;

(b) curiosamente *pero* do português no período estudado não atinge o *status* pleno de conjunção nem mesmo logo antes de desaparecer, diferentemente de *però* do catalão, que alcança o *status* pleno na virada do séc. XIV para XV;

(c) *porém* só atinge o *status* pleno de conjunção no séc. XVI, exatamente quando *pero* desaparece.

Especialmente interessante é notar que é quando *pero* desaparece que *porém* passa a apresentar *status* pleno de conjunção — esse dado reforça a idéia de que *pero* e *porém* no português estariam efetivamente em concorrência para ocupar uma posição no sistema de adversativas, embora, como já se disse, não se pode ignorar o fato de que *mas* contribuiu no processo de supressão do *pero*, já que o espaço que este ocupava foi dividido entre *mas* e *pero* (cf. tabela 2b com discussão à p. 60 e 61 e seção 4.1.4 com discussão da H-8 às págs. 92 a 94).

### 4.2.3. Adversativas no português × no catalão

Como se assinalou já na introdução deste trabalho (cf. p. 13 e 14), existem diferenças especialmente interessantes na história das adversativas no português e no catalão. Compete nesta seção evidenciar melhor quais foram as diferenças apuradas com base no *corpus* analisado aqui.

No que se refere ao inventário de itens, no português medieval encontram-se *mas*, *pero* e *porém* enquanto em catalão acham-se apenas *mes* e *però*. Deixando por ora de lado as diferenças morfofonológicas, a divergência mais nítida é a ausência de correlato catalão ao item *porém* do português. *Porém* é continuação histórica de um composto (*pro inde*) existente já no latim - confira o exemplo abaixo, retirado da *Guerra da Gália* (§5.34.1), de Júlio César (100-44 a.C.):

- (59) “At barbaris consilium non defuit, nam duces eorum tota acie pronuntiari iusserunt, nequis ab loco discederet; illorum esse praedam atque illis reservari quaecumque Romani reliquissent; **proinde** omnia in victoria posita existimarent.”<sup>22</sup> (Negrito nosso)

Em função disso, não seria estranho que tal composto tivesse continuação histórica também no catalão. Uma hipótese seria a de que essa forma teria existido na história do catalão, mas teria sido suprimida em uma época anterior ao séc. XIII, data inicial dos dados do *corpus* desta pesquisa. Examinando os dados do quadro 9, em que se registra o comportamento sintático dos itens em estudo, percebe-se que *però* teria se tornado plenamente conjuncional na virada do séc. XIV para o XV, antes de *pero* no português (que desapareceu antes de atingir esse ponto) e de *porém* no português (na passagem do XV para o XVI); e analisando a tabela 2a, em que se registram os valores semânticos dos itens em estudo, nota-se que *però* já

<sup>22</sup> Tradução nossa: “Mas a inteligência não faltou aos bárbaros, pois seus generais ordenaram que se anunciasse em toda linha de batalha que ninguém deixasse seu lugar; tudo o que os romanos tivessem deixado constituía seu espólio e lhes estava reservado, **por isso** eles deveriam estimar que tudo dependia da vitória.”

apresentava apenas valor adversativo desde o séc. XIII, enquanto *pero* e *porém* do português ainda apresentava valor etimológico conclusivo-explicativo nessa época. Segundo essa hipótese, a concorrência entre adversativas no catalão teria se dado em um momento anterior ao que se deu no português, período anterior aos primeiros registros escritos em catalão, que datam do séc. XIII - consideram-se como primeiros textos escritos em catalão a tradução do *Forum Judicum* e as *Homilies d'Organyà*, ambos do séc. XIII (DUARTE & MASSIP, 1983, p. 24). Um argumento contrário a essa hipótese seria o de que em outras línguas românicas<sup>23</sup> também não houve continuação histórica de *proinde* - assim, ou também no caso das outras línguas românicas, a forma desapareceu antes do período em que foram documentadas por escrito pela primeira vez ou simplesmente se trata de um traço peculiar à história da língua portuguesa. Enfim, os dados da presente pesquisa só oferecem como contribuição para essa discussão a constatação do fato de que o sistema de adversativas do catalão estaria cronologicamente mais avançado em termos de inovação do que o do português.

No que se refere à concorrência entre formas adversativas, o momento das grandes mudanças no sistema é diferente entre português e catalão (cf. tabela 2b à p. 60): a relação entre itens com valor adversativo sofre duas grandes mudanças em um período curto de tempo no português (séc. XIV para XV e XV para XVI), enquanto em catalão há uma só mudança, que se processa do séc. XIII para o XIV. No português as duas mudanças foram: (a) a aparição do *porém* como adversativa no sistema do séc. XIV para o XV, fato que fez decrescer a frequência de *mas* (70,9% no séc. XIV > 63,5% no séc. XV) e de *pero* (29,1% no séc. XIV > 23% no séc. XV) com esse valor; e (b) o desaparecimento de *pero* do séc. XV para o XVI, fato que fez aumentar a frequência de *mas* (63,5% no séc. XV > 69,7% no séc. XVI) e de *porém* (13,5% no séc. XV > 30,3% no séc. XVI). Já no catalão, a única mudança foi o abrupto aumento de frequência de *però* (16,5% no séc. XIII > 43,9% no séc. XIV) e

---

<sup>23</sup> Segundo Körting (1923, p. 777), *prōindē* teria dado no espanhol e no português arcaicos *porende* e *poren* sobrevivendo apenas no português moderno como *porém*.

respectivo decréscimo de *mes* (83,5% no séc. XIII > 56,1% no séc. XIV) entre os séculos XIII e XIV.

Apesar da diferença cronológica em que as grandes mudanças no sistema de adversativas se deram no português e no catalão, há um fato convergente interessante: *mas* no português e *mes* no catalão são, ao longo de todo o período estudado, a forma mais freqüente de expressão de adversatividade dentre os itens em questão. Sabe-se, porém, que o curso da história dessas formas não foi idêntico: modernamente, *mas* continua sendo a adversativa por excelência no português (FERNANDES, 1997) enquanto no catalão é *però* (BADIA I MARGARIT, 1985, p. 232). Os dados do *corpus* demonstraram, no entanto, que a matriz da mudança no catalão remonta à passagem do séc. XIII para o XIV, mas não permitiram ver em que momento da história do português *porém* terá se retraído (apesar de não desaparecer).

### 4.3. Perspectivas

Apesar dos resultados produtivos do presente estudo, pode-se perceber que o tema exige novas investigações.

Primeiramente, do ponto de vista do comportamento lingüístico dos itens estudados há ainda muitos aspectos para serem analisados, tais como: (a) as mudanças morfofonológicas de *mas*, *pero* e *porém* no português e de *mes* e *però* no catalão, ou seja, a gênese e o desaparecimento de suas variantes (cf. notas 12 a 16 à p. 55); (b) a construção de um quadro de progressão das mudanças de *pero* e *porém* no português capaz de dar conta não só dos diversos estágios dessas mudanças como também dos estados lingüísticos fixados nos textos do passado (para a atual ausência de tal quadro, basta que se consulte o quadro 5 com a síntese de propostas ainda não consensuais à p. 44); (c) a incorporação dos diferentes itens empregados para expressão de adversatividade em análises futuras para se compreender



melhor sua relação sistêmica de inter-influências (cf. a discussão sobre a influência do *mas* nas mudanças de *pero* e *porém* no português na seção 4.1.4 às págs. 92 a 94); (d) articulação das mudanças levando em conta os vários níveis que foram afetados (fonético, morfológico, sintático e semântico); (e) ampliação do *corpus* com aumento do número de ocorrências, de textos e de séculos; e (f) diferenciação do uso dos itens em estudo em função do acompanhamento ou não da conjunção *que* e ainda em função do modo verbal (indicativo x subjuntivo), marcas que indicariam uma distinção entre valor adversativo e concessivo.

Do ponto de vista da tradição, restam ainda hipóteses propostas que não foram testadas, a saber: H-5 (A condição para a mudança semântica de *pero* e *porém* foi a perda de consciência, pelos falantes, da composição etimológica de *pero* e *porém*; H-6 (A perda de consciência da composição etimológica de *porém* está relacionada ao progressivo desuso de *en(de)*); e H-9 (*Pero* foi preterido em relação a outros elementos adversativos por ter a marca de menos vernáculo, ou seja, ser expressão típica da adversativa em castelhano).

Do ponto de vista teórico, impõe-se a adoção de um modelo que seja capaz de elucidar o comportamento lingüístico das formas de expressão de adversatividade, dando conta dos caminhos trilhados e de suas motivações. Para tal, parece evidente que o modelo atual mais pertinente seja o da gramaticalização (cf., p. ex., HOPPER & TRAUGOUTT, 2003), pois estabelece uma série de generalizações sobre como se dão as mudanças de formas menos gramaticais para mais gramaticais, fato que seguramente está por trás das mudanças por que passaram as formas que expressam adversatividade no português e no catalão (basicamente advérbios ou locuções adverbiais que se tornaram conjunções).

Enfim, a complexidade do tema evidencia claramente a necessidade de se levar adiante a investigação da fecunda história das adversativas no português e no catalão.

---

---

## CONCLUSÃO

---

---

O presente estudo teve como objetivo geral analisar o comportamento lingüístico de adversativas no português (especificamente *mas*, *pero* e *porém*) e no catalão (especificamente *mes* e *però*) dos séculos XIII a XVI. Como base em um conjunto de 703 dados, apresentou-se, em 18 tabelas, uma descrição do comportamento lingüístico dos referidos itens, considerando basicamente os seguintes aspectos: frequência, valor semântico, acompanhamento de marca adversativa, tipo de contexto, nível de articulação sintática e posição oracional.

Ademais, com base nessa descrição, testaram-se seis das nove hipóteses encontradas na literatura especializada sobre a história das adversativas no português e no catalão, a saber: H-1 (*Pero* passou de afirmativo para dubitativo e adversativo em orações negativas quando acompanhado da conjunção *mais*); H-2 (*Porém* passou de advérbio com noção de causa determinante para conjunção adversativa em orações negativas); H-3 (A difusão do valor adversativo em *pero* e *porém* foi favorecida pelo contexto negativo); H-4 (A difusão do valor adversativo em *pero* e *porém* foi favorecida pelo contexto de estruturas já marcadas como adversativas por outros recursos); H-7 (*Pero* e *porém* deixaram de apresentar valor conclusivo-explicativo por serem passíveis de ambigüidade em contextos sem outra marca adversativa); e H-8 (*Pero* desapareceu porque teria surgido um novo item para expressão de adversatividade, o *porém*). Os dados do *corpus* desta pesquisa não confirmaram a validade de H-1, H-2, H-3 e H-4, mas confirmam a validade de H-7 parcialmente para *pero* no português e plenamente para *porém* no português, bem como a validade de H-8 para *pero* no português.

Em função da complexidade do tema, verificou-se que são necessários mais estudos sobre a história do português e do catalão, a fim de se poder compreender com mais precisão o funcionamento sistêmico da expressão de adversatividade nessas línguas.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

AFONSO X. *Foro real*. Ed. por José de Azevedo Ferreira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987. (Linguística, 11). 2 vols. [Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt>]

ALENCAR, M. A. S. de. *O latim do clássico e do vestibular*: para as três series no curso clássico, exames de madureza colegial e adaptado aos vestibulares de direito e filosofia; textos, gramática, estilística. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1960.

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: 1958.

BADIA I MARGARIT, A. M. *Gramática catalana*. Madrid: Gredos, 1985. 2 vols.

\_\_\_\_\_. *Gramàtica històrica catalana*. 3. ed. Valência: Tres i Quatre, 1994

BARRETO, T. M. M. Perseguido as conjunções. In: MATTOS e SILVA (Org.) *A carta de Caminha*: testemunho lingüístico de 1500. Salvador: Empresa gráfica da Bahia, 1996. p. 137-148.

\_\_\_\_\_. *Pero e porém*: uma trajetória de gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 23-24, p. 169-187, jun.-dez. 1999.

\_\_\_\_\_. Observações sobre as conjunções no século XVI. In: MATTOS e SILVA, R. V. & MACHADO FILHO, A. V. L. *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 163-193.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*: cursos de 1. e 2. graus com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira e no último acordo ortográfico. 28. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.

BOURCIEZ, E. E. J. & BOURCIEZ, J. *Elements de linguistique romane*. 4. ed rev. Paris: C. Klincksieck, 1946.

BROCARD, M. T. (Ed.) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Lisboa: F.C.S.H., 1994. (Tese de Doutoramento). [Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt>]

CARONE, F. B. *Subordinação e coordenação*: confrontos e contrastes. 6.ed. São Paulo: Ática, 2000. Série Princípios, vol. 138.

CASTILHO, C. M. M. Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e de *porende/porém*. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n.1, p. 53-100, 1997.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*: com numerosos exercícios. 37. ed. melhor. e ampl. São Paulo: Nacional, 1994.

- CINTRA, L. F. L. (Ed.) *Crónica geral de Espanha de 1344*. Lisboa: INCM, 1983-1990. 4 vols. [Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt>]
- CLIMENT, M. B. de. *Sintaxis histórica de la lengua latina*. Barcelona: Claraso, 1945. v.1.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo: de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira*. 2. ed. Belo Horizonte: B. Alvares, 1971.
- DESPUIG, C. *Col·loquis de la insigne ciutat de Tortosa*. A cura de Joan Tres. Barcelona: Curial, 1996. (Lectures de Literatura Catalana, 2)
- DUARTE, C. & MASSIP, À. *Síntesi d'història de la llengua catalana*. 8. ed. Barcelona: La Magrana, 1993.
- EIXIMENIS, F. *Contes i faules*. A cura de M. Olivar. Barcelona: Barcino, 1987 (Els Nostres Classics, Col·leció A, 6).
- ENTWISTLE, W. J. *Las lenguas de España: castellano, catalán, vasco y gallego-portugués*. Madrid: Ediciones Istmo, 1969.
- EPISTOLARI del segle XV. A cura de Francesc Matorell. Barcelona: Barcino, 1926 (Els Nostres Classics, Col·leció A, 9).
- FARIA, E. *Síntese de gramática latina*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1954.
- FERNANDES, M. A. *A compreensão da conjunção e a conjunção na compreensão*. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Letras da FALE/UFMG, 1997. (Dissertação de Mestrado)
- FLOREZ, M & PENAGOS, L. *Gramática latina: teorico-practica morfologia*. 9. ed. Santander: Sal Terrae, 1957.
- FURLAN, O. A. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GRANDGENT, C. H. *Introducción al latín vulgar*. 2. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952.
- HERMAN, J. & WRIGHT, R. *Vulgar latin*. University Park, Pa: Pennsylvania State Univ. Press, 2000.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- IORDAN, I. & MANOLIU, M. *Manual de lingüística románica*. Madrid: Gredos, 1980.
- JAUME I. *Llibre dels fets del rei en Jaume*. A cura de J. Bruguera. Barcelona: Barcino, 1991 (Els Nostres Classics, Col·leció B, 10/11) 2 vols.

KÖRTING, G. *Lateinisch-romanisches wörterbuch*. 3. ed. New York: G. E. Stechert & Co., 1923.

LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 11. ed. rev. Coimbra: Coimbra Ed., 1984.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. retocada e enriquecida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.

MACHADO, J. F. V. *Aspectos argumentativos da oposição e da concessão em língua portuguesa*. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Letras da FALE/UFMG, 1987. (Dissertação de Mestrado)

MAIA, C. de A. *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1985.

MATTOS E SILVA, R. M. V. *Pero e porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa*. *Boletim de Filologia*, Lisboa, n. XXIX, v. 2, p. 129-151, 1984.

\_\_\_\_\_. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1989.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1994a. (Repensando a língua portuguesa)

\_\_\_\_\_. Para uma caracterização do período arcaico do português. *Delta*, São Paulo, v. 10, n.especial, p. ?, 1994b.

MAURER JR., T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

\_\_\_\_\_. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Reimpr. Genève/Paris: Slatkine/Champion, 1982.

MEYER-LÜBKE, W. *Introdução ao estudo da glotologia românica*. Lisboa: Livraria Clássica, 1916.

MOLL, F. B. *Gramàtica històrica catalana*. Valência: Universitat de València, 1991.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e fonologia*. 9. ed. Lisboa: Clássica, 1989.

PINTO, F. M. *Peregrinação*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998. [Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt>]

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1965.

- SANTOS, I. S. M. *A conjunção como elemento de estratégia interativa*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2003. (Dissertação de Mestrado)
- SCHUCHARDT, H. *Vokalismus des vulgärlateins*. Leipzig: Teubner, 1866-68. 3 vols.
- SILVA NETO, S. da. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- SILVEIRA, Á. F. S. da. *Lições de português*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972. (Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa)
- SOUZA E SILVA, M. C. P. de & KOCH, I. G. V. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1985.
- VASCONCELOS, C. M. de Glossário do *Cancioneiro da Ajuda*. *Revista Lusitana*, Lisboa, n. XXIII, p. 1-95, 1920.
- VOTSCH, W. & MIRAL Y LOPEZ, D. *Gramática latina*. Reimpr. Barcelona: Labor, 1943.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968. [Trad. port.: \_\_\_\_\_. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006]
- WRIGHT, R. *Late latin and early romance in Spain and carolingian France*. Liverpool: F. Cairns, 1982.

## ANEXOS

### ANEXO A – Dados do português - séc. XIII –*Foro Real*

*Mas* e variantes: 51 dados

*Pero* e variantes: 32 dados

*Porém* e variantes: 17 dados

**Total: 100 dados**

Ocorrências de <i>mas</i> e variantes			
Dados	Livro	Título	Fólio
E se el rey quiser dar algu~a re~ por sa m(er)cee aaquel a q(ue) sacou os ollos, no~ lhy possa dar do seu, <b>mays</b> de' lly daquello que lhy tomou d(e) #XX q(ui)nhoes #I e no~ mays e ne~ el ne~ outro rey q(ue) uenha depoy no~ lhy faça mayor mercee desta.	1	2	72r
E porq(ue) poderya seer q(ue) alguus omees depoy q(ue) entendesse~ que son culpados por tal feyto daria~ e aleariam todo quanto ouuesse~ a sse(us) fillos e a sas molleres e dalhuyan enalguus logares por amor que el rey no~no podesse au(er), mandam(os) que por tal preyto q(ue~) quer que o faça ou que seya feyto que no~ ualla ne~ p(er) testimo~yas nen p(er) al. <b>Mays</b> todo quanto ouuer enaquella sazón que for achado en tal feyto, todo seya entregame~te del rey.	1	2	72v
E sse p(er)uentura alguu daquelles que dissemos no~ poder uijr p(er) enfirmydad(e) ou por guarda dalgu~a cousa q(ue) perteesca a senhorio del rey e no~ por outro engano, <b>mays</b> porq(ue) entend(e) mayor parte del rey ou da raynha, enuij seu ma~dado a el rey e fazçalhy a sab(er) p(er) qual razon ficou e n  como sta a p(re)ste de faz(er) seu mandado.	1	3	74r
E non tan solame~te u deuem(os) dar, <b>mays</b> aguardar o que e' dado.	1	5	74v
E todos en huu faça~ screu(er) todas as cousas q(ue) receb(er), auer mouil e no~ mouil e p(ri)uilegios e cartas e onrramentos da eygreya e o que lhy deuen, todo en guisa q(ue) out(ro) bispo q(ue) ueer depoy que sabya demandar as cousas que fore~ da eygreya p(er)o aquelle sc(ri)pto q(ue) for feyto p(er) todos, e se algu~as cousas das eygreyas uendudas achare~ ou alleadas ou mal baratadas sen deryto, que o possa todo demandar e tornalo todo a ygreya, da~do o p(re)ço ao (con)p(ra)dor ou a q(ue~) lo arre~deu ou enp(re)stou sobre aq(ue)llo a macar q(ue) seya uendodo se o mostrar. <b>Mays</b> se por a eyg(re)ya no~ foy uendudo ne~baratado ou por p(ro)ueyto da eyg(re)ya (con)p(ri)r todo quanto for  e  no~ seya teuda a ygreya d(e) pagar nenhoo p(re)ço, mays paguesse muy be~ de ssa boa daquel que llo alleou e no~ do da eygreya.	1	5	74v
E todos en huu faça~ screu(er) todas as cousas q(ue) receb(er), auer mouil e no~ mouil e p(ri)uilegios e cartas e onrramentos da eygreya e o que lhy deuen, todo en guisa q(ue) out(ro) bispo q(ue) ueer depoy que sabya demandar as cousas que fore~ da eygreya p(er)o aquelle sc(ri)pto q(ue) for feyto p(er) todos, e se algu~as cousas das eygreyas uendudas achare~ ou alleadas ou mal baratadas sen deryto, que o possa todo demandar e tornalo todo a ygreya, da~do o p(re)ço ao (con)p(ra)dor ou a q(ue~) lo arre~deu ou enp(re)stou sobre aq(ue)llo a macar q(ue) seya uendodo se o mostrar. <b>Mays</b> se por a eyg(re)ya no~ foy uendudo ne~baratado ou por p(ro)ueyto da eyg(re)ya (con)p(ri)r todo quanto for  e  no~ seya teuda a ygreya d(e) pagar nenhoo p(re)ço, <b>mays</b> paguesse muy be~ de ssa boa daquel que llo alleou e no~ do da eygreya.	1	5	74v

Outrosy mandamos que bispo ne~ abad(e) ne~ p(re)lado non possa uender nen alhear nenhua cousa das que garo~ p(er) razon d'acrecentar en sa eygreya, <b>mays</b> se algu~a cousa gaar ou co~prar por razo~ de ssey ou por h(er)dar que~ quiser ou d(e) seu patrimonyo face en(de) o que lly p(ro)uguer e q(ui)ser.	1	5	75r
E porq(ue) nossa uoontade e' q(ue) en nosso tempo non se minge~ ne~ se p(er)çam os dereytos d(e) Deus e da S(an)c(t)a Eygreya p(er) mingua d(e) iustiça nossa, <b>mays</b> cresca~ cada dya [a] s(er)uiço d(e) D(eu)s e d(e) S(an)c(t)a Eygreya.	1	5	75v
nenhuu seya ousado de coller ne~ de midir ome~ pan que teue na eyra seno~ desta guysa: que seya p(ri)meyrame~te so~ada a campaa tres uezes a que uenham os t(er)ceyros ou aq(ue)lles q(ue) deue~ a coller os dyzimos e estes t(er)ceyros ou aq(ue)lles q(ue) an d(e) coller os dizymos deffendemos que no~ seyam ameçados d(e) nenguu ne~ corrudos nen feridos por d(e)mandare~ seu dereyto e no~ colla~ d(e) noite ne~ a ffurto, <b>mays</b> paadij~o e a uista d(e) todos e qualquer q(ue) (contra) estas cousas sobredictas ueer e algu~a re~ fez(er), peyte o dyzimo dublado a meyadad(e) p(er)a el rey e a out(ra) meadad(e) p(er)a o bispo,	1	5	76r
Nenguu seya ousado d(e) quebrantar eyg(re)ya nenhu~a nen cimiterio por seu enmijgo ne~ por faz(er)lhy força nenhua, <b>mays</b> aquel que o fez(er) p(ey)te o sacrylegyo ao bispo ou ao arçadiagoo ou ao p(re)lado da eygreya e sse o no~ quiser peytar, o meyrinho da t(er)ra ou alcayd(e) e as iustiças faça~lho au(er) aa eyg(re)ya,  e se o no~ quiser peytar  pero ma~damos que a eygreya no~ d(e)ffenda nenhuu roubador conesçudo ne~ ome q(ue) de noyte queymar as messes ou cortar ui~has ou aruores ou arra~car marcos das h(er)dades ou quabrantar ou ru~p(er) eygreyas ou cemiterios matando ou fferindo.	1	5	76v
Ben soffremos e queremos q(ue) todollos omees sabya~ outras leys por seere~ mays sabedores, <b>mays</b> no~ queremos que nenguu p(er) ellas razoe nen juyge, mays todos p(re)ytos seyam iuygados pellas leys deste liuro que nos damos a nosso poboo e mandamosllo guardar.	1	6	77r
Ben soffremos e queremos q(ue) todollos omees sabya~ outras leys por seere~ mays sabedores, mays no~ queremos que nenguu p(er) ellas razoe nen juyge, <b>mays</b> todos p(re)ytos seyam iuygados pellas leys deste liuro que nos damos a nosso poboo e mandamosllo guardar.	1	6	77r
Todos p(re)ytos q(ue) acaecere~ ta~be~ d(e) iustiça come dout(ra)s cousasiuyge~ os alcaydes q(ue) foro~ postos por el rey ou os q(ue) poseren os alcaydes en seu logar assy como manda a ley, <b>mays</b> os alcaldes q(ue) fore~ postos p(er) auença das partes non juyge~ ne~huu p(re)yto d(e) iustiça.	1	7	78r
Esto mandamos, saluo o tempo en q(ue) o alcayd(e) no~ deue a iuygar. Qual ome quer que for chamado a iuyzo dante o alcayd(e) e diser qua o suspeita e o poder prouar an(te) alguu dos outros p(er) algu~a razo~ dereyta p(er) que o a' susp(ei)to, aquel alcayd(e) no~ lhy iuygue seu p(re)yto, <b>mays</b> enuia o out(ro) alcayd(e) q(ue) no~ seya suspeito.	1	7	78v
E se p(er)uentura a todos os alcaydes [prouar] que os ha suspeytos ante do[u]s omees boos en q(ue) se auere~ as p(ar)tes por receb(er) esta proua, [ne~]huu delles non iuyge seu p(re)yto, <b>mays</b> denlly outro ome boo q(ue) iuyge que no~ seya [...] so esse nenhuu q(ue) o juyge.	1	7	78v
Depoys que o scriua~ publico fez(er) a nota da carta, faça a carta a departe e no~na lexe de (contra), p(er) o que a out(ra) p(ar)te o deffenda. <b>Mays</b> se a parte que a (contra)disser mostrar algu~a razo~ dereyta an(te) o alcayde porq(ue) no~ ha deue a auer, non lla den.	1	8	80r
E nenhuu escriua~ non meta outri~ en seu logar, <b>mays</b> cada huu faça as cartas p(er) sa mao.	1	8	80r
E sse algu~a razo~ (con)prir ao preyto q(ue) caya en deosto no~no diga, <b>mays</b> de' o en scripto ao alcayde e a ueya e a juyge e q(ue~) (contra) isto ueer no~ seya uozeyro e no~ diga nu~q(ua) por outrim.	1	9	80v
Nenhua molh(er) no~ razo~e p(re)yto alleo ne~ possa seer p(es)soeyro doutre~, <b>mays</b> seu p(re)yto publico razoe se quiser.	1	10	81r



Nenhuu non possa dar p(es)sueyro por sy en huu p(re)yto en demandar ou en respo~der que seya de justiça de morte ou dout(ra) pea do corpo nen en p(re)yto que seya d'acusaço~. <b>Mays</b> el deue a uijr ant'o alcayde a iuyzo e dalhy razo~e p(or) sy se quiser ca iustiça no~ se pode (con)pirir enout(ro), (er)go naquel q(ue) faz a culpa.	1	10	81v
Que~q(ue)r q(ue) de' pessoeyro en seu p(re)yto (contra) outro no~ de' pessueyro mays poderoso q(ua) e' seu (con)tendor. <b>Mays</b> se ome poderoso ouu(er) p(re)yto co~ pobre e no~no quiser trager p(er) sy, de' pessoeyro q(ue) no~ seya mays poderoso qua aquel cu~ q(ue) ha o p(re)yto.	1	10	82v
Nenhuu ome en preyto que faça no~ possa sa pesso~a e todas sas cousas meter a pea~ se o p(re)yto que fez(er) no~ guardar, ca cousa e' desguysada que por hu~a diuida ome~ p(er)ça todos seus bees e sa req(ue)za e sa p(es)soa. <b>Mays</b> quando algu~a pea quiser poer sobre sssy no preyto no~na ponha mayor de qual manda a lee dos titulos das peas.	1	11	83v
Se alguu louco ou sandeu fez(er) p(re)yto dementre que a sandiçe enel durar no~ ualha, <b>mays</b> se enalguu tempo cobrar en seu sen [e] en seu siso, o preyto que fez en tal tempo ualla, pero que depoyz torne en sa loucura.	1	11	83v
Outrosy mandam(os) que os q(ue) no~ son de ydad(e) de #XVI anos non possa~ faz(er) nenhuu preyto q(ue) seya de seu dano. <b>Mays</b> se faz preyto que seya da sa prol no~ seya desfeyto p(er) aquella razo~ que quando o fez no~ era d(e) ydade (con)prida.	1	11	84r
Se padre ou madre teuere~ fillo ou fillos en seu poder e elles fezere~ faz(er) preyto alguu de diuida ou de conhocença ou doutra cousa qual quer tal preyto non ualha, pero os fillos seya~ de ydade (con)prida. <b>Mays</b> depoyz que os fillos sayre~ d(e) poder de seu padre e de sa madre [ou] estando con elles e fore~ casados e ouuere~ sa casa e o seu departado recibere~ sas cousas p(er) sy, se ouuere~ ydade d(e) #XXV anos e fezere~ p(re)yto co~ seu padre ou con sa madre, tal preyto ualla e isto seya dos fillos baroes.	1	11	84r
Se alguu ouu(er) demanda (contra) iugueyro alheo ou mancebo, seu senhur seya teodo por elle o[u] dese~pareo. Os preytos no~ deue~ seer destoruados por uozes nen por uoltas. <b>Mays</b> o alcayde deue mandar seer ha hu~a parte aquelles que no~ an de ueer nada no p(re)yto e aquelles cuiu e' o p(re)yto o[u] seus uozeyros deue~ seer ant'el ta~ solamente.	2	1	85v
Se sobre hu~a demanda fore~ muytos e da hu~a p(ar)te poucos e dout(ra) muytos, o alcayde mandara' a cada hu~a das partes que den quen razo~e por sy, ca no~no deuen todos razo~ar, <b>mays</b> aquelles que foren dados d'amballas partes o razoe~ p(er) que o preyto non seya destruydo p(er) uozes de muytos.	2	1	86r
E se aquel q(ue) o fez der por conhoçudo o alcayde q(ue) lhy mandou faz(er) e aquel q(ue) o fez quer prouar que o alcayde mandou faz(er), no~ aya nenhua pea se llo poder prouar. E seno~ seya teudo d(e) responder por el. <b>Mays</b> se no~ poder prouar que o alcayde mandou faz(er) seya teudo a respo~der por aquello q(ue) fez.	2	2	86v
E se ueer a terceyro plazo seya ouuydo sob(re) aq(ui)llo q(ue) lhy e' aposto se o fez ou non, <b>mays</b> p(er)no no~ cobre a pea subredicta en q(ue) caeo per sa culpa.	2	3	88r
E se no~ ueer peyte a pe~a que e' posta do omizyo, er apregoeo de cabo ata outro mes. E se ueer seya ouuido subrelho feyto se o fez ou non, <b>mays</b> no~ cobre a pea subredicta.	2	3	88v
E quando uijr quiser façao a sab(er) aos alcaydes ca q(ue)r uijr sobre tal razo~ como e' dita, e uijndo en tal guysa no~ seya iustificado, <b>mays</b> seya recabedado como e' dito.	2	3	88v
E se o alcalde o achar en u(er)dade no~no faça uijr me~tre que for doente, <b>mays</b> depoyz que saar emp(ra)ze~no que uenha faz(er) dereyto.	2	3	88v
Qvando os co~tendedores antre sy poen p(ra)zo a q(ue) seyam dant' o alcayde, o que no~ ueer ao p(ra)zo no~ aya pe~a se a no~ possere~. <b>Mays</b> se alguu~ plazo for posto p(er) mandado do alcayde e os (con)tendedores ant(re) sy s'auere~ e talhare~ ao plazo, se isto for [con] (con)sentime~to do alcayde, o que no~ ueer aya a pea que deuia auer se no~ ueesse ao plazo que foy posto p(er) mandado do alcayde e con seus (con)sentimentos.	2	3	89v

E se per uentura no~ for ap(ra)zado nen ueer p(er) mandado del rey, <b>mays</b> ueeo p(er) seu prazer, mandamos que seya seguro #V legas d(e) cada hu~a parte do for el rey.	2	3	89v
Todo ome que demandar h(er)deyro ou outro de feyto alheo porq(ue) deua a responder, [ou] o demandado[r] no~ seya teudo a responder [a]o demandador d(e) sy nen de no~ se no~ quiser, <b>mays</b> auonda[r] que no~ diga seno~ aquel p(er) cuya uoz lhy manda~ q(ue) non lho dessem.	2	6	91r
Todo ome que fezer dema~da a outro en juyzo e aquel q(ue) demandarem, ou seu pessoeyro ou seu uozeyro, conhoçer o que demandare~, no~ seya teudo de dar out(ra) p(ro)ua enaquello que conhoceu, <b>mays</b> a ssa conhocença ualha coma se fosse prouado p(er) prouo ou p(er) carta.	2	7	91v
E se aquel que demandare~ for arreygado, este´ en seu arreygamento e faça deryto, e se reygado no~ for, de´ reygamento subre que faça deryto, <b>mays</b> se o no~ der recabedeno e faça deryto subre sa cabeça.	2	8	92v
Nenhuu ome no~ diga testimonyo p(er) carta, <b>mays</b> el seya p(re)sente ante o alcayde ou an(te) que~ o alcayd(e) disser e mandar e diga u(er)dad(e) do q(ue) uiou e do q(ue) ouuiou e o alcayd(e) faça todo escreu(er) como manda a ley	2	8	94r
Se #II omees ou mays fore~ erdeyros ou q(ui)nhueyros enalgua cousa q(ue) outro tenha en poder e huu deles demandar senos outros, aquel q(ue) a cousa teu(er) no~ possa escusar q(ue) no~ responda por diz(er) q(ue) out(ro)s h(er)deyros que a no~ ueen demandar, <b>mays</b> respo~da ia aaquel pola sa parte e depouys aos outros.	2	10	96v
Nenhuu ome~ no~ se possa escusar d(e) no~ responder a seu (con)temtor por diz(er) que subre aquella dema~da que lly dema~da no~ fez nenhua demanda en juizo aaquel d(e) que a ouue p(er) erança ou p(er) duaço~ q(ue)r p(er) out(ra) gisa qual quer. <b>Mays</b> se aquella cousa q(ue) el demanda teue tanto tempo q(ue) a aya gaada p(er) tempo, possasse p(er) tal deffenso~ emparar.	2	10	96v
Qve~ quer q(ue) aia deffenso~ subre algu~a demanda que lli faz seu (con)temtor, se a defensyo~ remata o preyto todo como se fosse p(re)yto que auya co~ seu (con)temtor q(ue) nu~nq(ua) lhy demandasse rre~ aaquel q(ue) o dema~da ou de paga q(ue) aya feyta daquel au(er) q(ue) lhy ue~ dema~da~do en iuyzo ou d(e) tempo q(ue) a´ gaada a cousa q(ue) lhy demande~ ou out(ra) cousa semellauil, atal deffe~so~ possa parar ante sy p(er) q(ue) se deffenda an(te) q(ue) o juyzo seya fijdo. <b>Mays</b> d(e)pouys que o iuyzo for fijdo, nenhuu~ no~ possa parar ante sy nenhu~a deffensio~ se no~ mostrar que aquel que deu o juyzo no~ era alcayd(e) ne~ auia poder d´alcayd(e), ou se mostrar que aq(ue)l que trouxe o p(re)yto en seu nome no~ foy seu pessoeyro, mas que teue a uox falsame~te, ou se mostrar q(ue) o iuyzo foy dado p(er) falsas cartas ou p(er) falsas testimonhas.	2	10	97v
E assy as outras deffensio~es no~ rematam a demanda, <b>mays</b> alonga~ o juyzo, assy como q(ua)ndo disser que e´ forçado ou q(ue) a´ juyz sospeyto ou outras cousas semellauees.	2	10	97v
E se esto non lhy prouar, assi como foro e´, que lhy respo~da, e se teue a erdade ou aquella cousa en penhores ou en comenda ou arrendada ou alugada ou forçada, no~ se possa d(e)ffender p(er) tempo ca estes taes non son teodores por sy, <b>mays</b> daquelles de que as teem.	2	11	98r
Nenhu~a cousa q(ue) seya d(e) senhorio del rey no~ se possa p(er)der p(er) tempo nenhuu, <b>mays</b> q(ua)ndo quer q(ue) el ou [sa] uoz a demandar, logo seya entregada e cobrada.	2	11	98r
Ond(e) stabelecem(os) que se alguu home for ena t(er)ra ou fora da t(er)ra e quiser tolher o tempo que no~ p(er)ça sa demanda, querelesse a el rey do teedor do seu ou ap(ra)zeo p(er) sinal que lly pare ou p(er) carta do alcayd(e) ou p(er) seu ome~ conoçudo, assy como manda a ley; e se o assi fez(er), tempo passado no~no enbargo ne~ sa demanda neno te~po mentres correr e andaren en contenda. <b>Mays</b> se depouys disto se leyxar & no~ quiser ne~ demandar de seu deryto & leyxar o seu p(er) #I ano e p(er) #I dia en paz seendo ena t(er)ra, se depouys daquel tempo ueer demandar, o teedor possasse deffender p(er) tempo.	2	11	98v

Se alguu~ iurar q(ue) faça algu~a cousa (contra) senhurio del rey ou de dano de ssa terra ou perijgoo d(e) sa alma, assy como matar ou forçar ou out(ra) cousa desguisada semellante a estas, tal iuramento non ualla nen (con)p(ra), ca o iuramento que e' buu e s(an)c(t)o non foy stabeleçudo p(er)a mal faz(er), <b>mays</b> pera as cousas dereytas faz(er) e aguardar.	2	12	99r
E se no~ for a [prazo] saluarsse pella iura podendo uijr, caya da demanda. <b>Mays</b> se for el e o outro non for receb(er) a iura, seya quite o q(ue) auia de iurar.	2	12	99v
E se depouys daq(ue)l dia <b>mays</b> quisere~ razo~ar no~nas ouça o alcayd(e). <b>Mays</b> d(e') logo o juyzo se ambalas partes forem deante ou punhalhys prazo a que ueham ant'el ouuir seu iuyzo cada huu.	2	13	100r
Depouys que o alcayde der a sentença ou o juyzo fijdo sobre todo o p(re)yto, no~ possa <b>mays</b> enader nen tolh(er) nen enme~dar nen hu~a cousa na sentença, <b>mays</b> sobre las custas e subrelhos fruytos possa esse meesmo dia q(ue) der a sentença iuygar e segundo como for dereyto.	2	13	100v
Se alguu ome s'agrauar do juizo que o alcayde der e sse alçar, o alcayde nono deoste nen lhy diga mal poren, <b>mays</b> receba o alçamento e faça assy como manda a ley.	2	15	102v

<b>Ocorrências de mas:</b>			
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Título</b>	<b>Fólio</b>
Mays d(e)poys que o iuyzo for fijdo, nenhuu~ no~ possa parar ante sy nenhu~a deffensio~ se no~ mostrar que aquel que deu o juyzo no~ era alcayd(e) ne~ auia poder d'alcayd(e), ou se mostrar que aq(ue)l que trouxe o p(re)yto en seu nome no~ foy seu pessoeyro, <b>mas</b> que teue a uox falsame~te, ou se mostrar q(ue) o iuyzo foy dado p(er) falsas cartas ou p(er) falsas testemonhas.	2	10	97v

<b>Ocorrências de pero:</b>			
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Título</b>	<b>Fólio</b>
E sse no~ ouu(er) de que os peyte, o corpo e quanto ouu(er) seya a m(er)cee del rey, <b>pero</b> se no~ ueer e mostrar razo~ p(er) que no~ [ue~o], p(or) enfermidad(e) ou p(ri)son ou rios ou g(ra)ndes n[e]ues, e quando ueer mostrar estas razoes dereytas, no~ aya nenhu~a pea e esto no~ se entende por aquelles que son chamados a juyzes co~ se(us) contentores e assy estes se no~ ueere~ a mandamento do juyz aya~ pe~a q(ue) e' posta (contra) aquelles a que no~ fazen o mandamento do juyz.	1	4	74r
Nenguu seya ousado d(e) quebrantar eyg(re)ya nenhu~a nen cimiterio por seu enmijgo ne~ por faz(er)lhy força nenhua, <b>mays</b> aquel que o fez(er) p(ey)te o sacrylegyo ao bispo ou ao arçadiagoo ou ao p(re)lado da eygreya e sse o no~ quiser peytar, o meyrinho da t(er)ra ou alcayd(e) e as iustiças faça~lho au(er) aa eyg(re)ya,  e se o no~ quiser peytar  <b>pero</b> ma~damos que a eygreya no~ d(e)ffenda nenhuu roubador conesçudo ne~ ome q(ue) de noyte queymar as messes ou cortar ui~has ou aruores ou arra~car marcos das h(er)dades ou quabrantar ou ru~p(er) eygreyas ou cemiterios matando ou fferindo.	1	5	76v
Deffendemos que nenhuu uozeyro non seya ousado d(e) auirsse est aquel d(e) que a' de teer uoz [...] no~ tenha <b>mays</b> ya uoz por outro, <b>pero</b> mandamos que possa au(er) ualya da uintena da d(e)manda, assy como manda a lee.	1	9	80v
Outrosy ma~dam(os) q(ue) assy como o dono da uoz quer gaar p(er) aq(ue)llo p(e)r q(ue) o pessueyro gaa ou mellorar en seu p(re)yto, outrosy mandam(os) que soffra o dano que lli ueer se p(er) sa razo~ o p(re)yto lhy peiorar. <b>Pero</b> se o pessoeyro soub(er) ou por alguu engano algu~a cousa fez(er) ou maenfestar en p(re)yto ou testimonhas q(ue) auya non quiser dar ou cartas q(ue) tija p(er)a prol d(e) seu preyto no~ quiser mostrar, e o dono da uoz p(er) y p(er)desse seu preyto, o p(es)sueyro seya teodo de peytar q(ua)nto por el p(er)deu.	1	10	82v

Todo ome q(ue) fez(er) p(re)yto ant[r]e alguus homees e foy feyto dereytamente, quer seya scripto quer no~, e <b>pero q(ue)</b> y no~ seya pea posta, firmemente seya a g(ua)rdo e o alcayde fação aguardar.	1	11	83r
E se dout(ra) guysa for pos!ta a pe~a non ualla eno preyto <b>Pero</b> se el rey mandar mayor pea eno p(re)yto meter e for posta como diz a lee, ualla.	1	11	83V
Se alguu louco ou sandeu fez(er) p(re)yto dementre que a sandiçe enel durar no~ ualha, mays se enalguu tempo cobrar en seu sen [e] en seu siso, o preyto que fez en tal tempo ualla, <b>pero que</b> depouys torne en sa loucura.	1	11	83v
Se padre ou madre teuere~ fillo ou fillos en seu poder e elles fezere~ faz(er) preyto alguu de diuida ou de conhocença ou doutra cousa qual quer tal preyto non ualha, <b>pero</b> os fillos seya~ de ydade (con)prida.	1	11	84R
E preyto que faça filla por casar, quer seya en cabellos quer seya uiuoa, se o fez(er) cu~ padre ou cum madre ou con alguu delles no~ ualla <b>pero q(ue)</b> aya #XXV anos.	1	11	84v
E se a este terceyro plazo no~ ueer deno por feytor. <b>Pero</b> se o q(ue) for #III uezes ap(ra)zado q(ui)ser mostrar alguu~ embargo dereyto, assy como enfermidade longa ou priso~ de seu corpo ou outro embargo dereyto p(er) que no~ po^de uijr, uenha ant^os alcaydes e ant^o concello ap(re)guado e se quiser p(ro)uar ca non po^de uijr ao p(ra)zo primeyro nen a segundo, seya ouuido sobre fiador.	2	3	88v
Se o alcayde mandar asseentar alguen en sa dema~da ou en boa d(e) seu (con)tendor <b>pero que</b> o (con)tendor non quis responder assy como deuia ou se ascondeu por no~ faz(er) dereyto e aquel cuyo o mandare~ asseentar se lho deffender p(er) força ou se alçar de guysa que o asseentamento no~ possa seer (con)prido e passar o ano se [for] arreygamento ou aos #VI menses se for au(er) mouil, que eneste p(ra)zo no~ uenha responder por deffender asseentamento, aya a pea que auia se outro fosse teedor do asseentamento.	2	4	90r
O alcayde no~ receba testimonhas ne~ prouas e[n] nenhuu preyto d(e) nenhua das p(ar)tes, almeos de ser o p(re)yto começado p(er) resposta. <b>Pero</b> se alguu ome disser ao alcayd(e) q(ue) a^ testimonhas dalguu p(re)yto e a^ medo de as p(er)der p(er) morte ou p(er) enfermidade ou q(ue) se yra~ da t(er)ra d(e) guysa q(ue) as no~ auera q(ua)ndo as ouu(er) mest(er), recebaas o alcayde e façaas iurar e ouçaas e escreua as parauoas que dissere~ pello scriua~ da uilla e o alcayde serre a carta cu~ seu seello e quando ueere~ ao preyto ao tempo que deue~ seer as firmas dadas, se fore~ uiuas as testemo~nhyas diga~no todo d(e) cabo e no~ ualha aquel scripto [...] e se aquel escripto (con)pir aaquel que auia d(e) p(ro)uar, ualha ta~ be~ como se o as firmas dissesse~ e[n] essa ora, saluo o dereyto da out(ra) parte  se quiser ou poder  quis(er)  diz(er) algu~a cousa per q(ue) no~ ualla.	2	8	94r
Depouys que as prouas das testimonhyas fore~ ab(er)tas ant^o alcayde enaq(ue)l preyto, o q(ue) as adusser no~ possa mays testimonhyas aduz(er) subr^aq(ue)lla razo~ ca depouys que soubesse o que dizia~ as testimo~yas e no~ (co)nprisse~ o q(ue) el quisesse prouar, amostrarya as outras testimonhyas que dissesse~ o que as outras mi~gaua~. <b>Pero</b> manda a ley que nenhuu no~ possa aduz(er) testemo~i~as nenhuas depouys que as parauoas fore~ abertas das que ante dera, ben mandam(os) que se c(ar)tas algu~as teu(er) q(ue) faça~ p(er)a seu preyto, q(ue) as possa aduz(er) e prouar per ellas ata q(ue) seya~ as razoas acabad[a]s e se depouys [da]s razo~es acabadas cartas algu~as quis(er) trager, no~ possa.	2	8	95r
Porq(ue) no~ pod(e) ome fallar ne~ acompanhar o escomu~gado sen peccado, mandamos q(ue) nenhuu escomungado no~ possa p(er) sy ne~ p(er) outri~ demandar nenhu~a cousa en juyzo d(e)mentre que for escomu~gado. <b>Pero</b> se algu~a demanda ouu(er) outri~ (contra) escomu~gado no~ se possa deffender o escomu~gado q(ue) no~ respo~da, q(ua) no~ e^ dereyto q(ua) o escomungado aya galard~ do q(ue) merece pe~a.	2	10	97R

Se herdeyros ou outros omees ouere~  d algu~a cousa de consuu que non seya p(ar)tida, <b>pero que</b> huu delles seya teedor da cousa no~ se possa deffender p(er) tempo que no~ de' seu dereyto a cada huu dos outros q(ua)ndo quer que lho demandaren.	2	11	98r
Mandam(os) que nenhuu non possa tolh(er) a out(ro) p(er) tempo rem do seu se el nono teue daq(ue)l q(ue) o ante teuera, ou se p(er) força d'auguas ou d(e) fugo o senh(ur) da cousa p(er)deu a teença, <b>pero q(ue)</b> della fora fusse huu ano e hu~ dia  e  seendo ena terra ou p(er) #XXX anos non seendo ena terra.	2	11	98v
E se outro ouer a iurar subre feyto alheo por diuida que outre~ fezesse <b>pero que</b> elhe e' teudo, iure que el nonno sabia ne~ cree nen ouiuo diz(er) aq(ue)l porq(ue) el fazem aquella demanda e deyte~ a (con)fugyo~ sub(re)dita e el responda amen e seya quite.	2	12	99r
Depoys que o alcayde der a sentença ou o juyzo fijdo sobre todo o p(re)yto, no~ possa mays enader nen tolh(er) nen enme~dar nen hu~a cousa na sentença, mays sobre las custas e subrelhos fruytos possa esse meesmo dia q(ue) der a sentença iuygar e segundo como for dereyto. <b>Pero</b> se o alcayde der iuyzo que non seya fijdo como subre testimonhyas aduz(er) ou sobre mays prazo dar ou outras cousas que acaçem eno preyto, en tal come este be~ possa seu juyzo mudar e melhorar, se entender ca e' mayor dereyto aquello q(ue) enme~da qua aquillo q(ue) ante auia iuygado.	2	13	100v
E se o alcayde lhy no~ poser prazo seia~ teudas as partes de sse ap(re)sentare~ ant'o juiz do alçamento ata #XL dias. <b>Pero</b> se o alcayd(e) no~ quiser poer o prazo, segundo o que uijr que e' guisado assy como e' ia dito, poys que for demandado, mandamos que aya en pea qual teuer por ben o que a' de juygar o alçame~to.	2	15	101v
Mandamos que nenhuu~ ome~ no~ se possa alçar a el rey de nenhuu iuyzo se a demanda non ualer des #X m(a)r(auidi)s a suso e no~ de #X  e no~ de #X ; <b>pero</b> se el rey na uilla for ou en seu t(er)mhyo, que~ quiser po'desse alçar a el de todo juyzo e quer seya demanda [grande] quer pe[que]na.	2	15	102r
S[e] o iuyzo fijdo for dado subre demanda d'arreygamento ou de mouil que o mouil no~ seya d(e) dineyros, ou non for de iuyzo o alçamento feyto ata tercer dia, ou se for feyto como deue e o juyzo for (con)firmado, assy que no~ aya y mays alçamento, e o alcayde que der o juyzo enesto façao (con)prir [...] ata #X dias. <b>Pero</b> seya estabeleçudo que o alcayde de' alçamento en todo p(re)yto, ben sum p(re)ytos alguus en que no~ queremos q(ue) o alcayde q(ue) os a' de iuygar de' alçame~to,	2	15	102v

Ocorrências de <i>p(er)o</i> :			
Dados	Livro	Título	Fólio
E todos en huu faça~ screu(er) todas as cousas q(ue) receb(er), auer mouil e no~ mouil e p(ri)uilegios e cartas e onrramentos da eygreya e o que lhy deuen, todo en guisa q(ue) out(ro) bispo q(ue) ueer depoys que sabya demandar as cousas que fore~ da eygreya <b>p(er)o</b> aquelle sc(ri)pto q(ue) for feyto p(er) todos, e se algu~as cousas das eygreyas uendudas achare~ ou alleadas ou mal baratadas sen dereyto, que o possa todo demandar e tornalo todo a ygreya, da~do o p(re)ço ao (con)p(ra)dor ou a q(ue~) lo arre~deu ou enp(re)stou sobre aq(ue)llo a macar q(ue) seya uendodo se o mostrar.	1	5	74v
E se alge~ adux(er) liuros dout(ra)s leyx p(er)a razoar e p(er)a iuygar no~ ualla e peyte. #D m(a)r(auidi)s ao rey, <b>p(er)o</b> se alguu razoar a ley q(ue) acorde cu~ este liuro e os aaiude possao faz(er) e no~ aya pore~ pea.	1	6	77r
Depoys que o scriua~ publico fez(er) a nota da carta, faça a carta a departe e no~na lexe de faz(er), <b>p(er)o que</b> a out(ra) p(ar)te o deffenda.	1	8	80r
Se alguu~ der outro por seu p(es)soeyro p(er) carta sub(re) alguu preyto, deue a nomear na carta e o p(es)soeyro e o p(re)yto subre que o da' e que estara p(er) quanto  ouu(er)  aquel p(es)soeyro fez(er) ou razoar ennaquel preyto, <b>p(er)o</b> aueença non possa faz(er) na demanda se llo non mandar seu dono da uoz assijnadame~te por aquella pessoarya e por outra q(ue) sua seya.	1	10	81v

Outrosy depouys que der outro pessueyro, o p(ri)meyro seya tollecto <b>p(er)o que</b> o dono da uoz non lha toilha ne~bradame~te.	1	10	81v
E se o demandador no~ ueer nen enuiar outro nenhuu no~ possa demandar por el <b>p(er)o</b> de' recado ca estara por el, se no~ for daquelles que ma~da a ley ca en poder e' do demandador que faz sa demanda q(ua)ndo uir guysado.	1	10	82v
E se p(er)uentura en outro logar fez(er) enprestado ou alguu p(re)yto e llo no~ (con)prir, se o demandador [...] hu foy o p(re)yto aly o demand(e) se quiser e o outro non se escuse <b>p(er)o q(ue)</b> diga ca no~ e' daly morador.	2	1	85r
Porq(ue) os comendadores de qual ordi~ quer que so~ postos enas baylias no~ poden auer se(us) mayores p(er)a demandar seus dereytos sobellas cousas que p(er)teeçen as baylias, stabellecemos que todo comendador que for posto enalgu~a baylia p(er) mandado de seu mayor, que possa demandar e querellar en iuyzo e fora de juyzo força e torto q(ue) façan ou diuidas ou outras cousas mouijs assy como e' sub(re)dito <b>p(er)o</b> que os comendadores no~ mostre~ mandado special de se(us) mayores das cousas sub(re)ditas.	2	1	86r
E se ueer a terceyro plazo seya ouuydo sob(re) aq(ui)llo q(ue) lhy e' aposto se o fez ou non, <b>mays p(er)o</b> no~ cobre a pea subredicta en q(ue) caeo per sa culpa.	2	3	88r
Non e' dereyto que dementre as partes quisere~ andar en sa razon, que lhis seya deffenduda que no~ possa~ diz(er) [ou] ennader en sas razoes; <b>p(er)o</b> se algu~a das partes ou ambas muyto alongarem o preyto p(er) sas razoes depouys que as prouas fore~ dadas, quer seyam as prouas d(e) testimonhas quer d(e) cartas, pod(e) dar o alcayde dya asijnaado ata q(ue) razoe~ ambas as partes q(ua)nto razo~aar quisere~.	2	13	99v

<b>Ocorrências de emp(er)o:</b>			
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Título</b>	<b>Fólio</b>
Este N(os)tro Senh(ur) Ih(e)su Cr(is)to a' en sy duas naturas d'omen e Deus, <b>emp(er)o</b> segund'a natura d(e) Deus non pode morrer ne~ sentir nenhuu mal, segundo n(atur)a q(ue) fillou quanto carne quis morrer por nos saluar e soffreu fame e sede e fryo e outros traballos muytos e recebeu morte na uera [cruz] e d(e)mentre q(ue) a carne foy morta, a alma d(e)lhe dece~deo aos infernos e sacou end(e) os s(an)ctos e os fiees se(us).	1	1	71v

<b>Ocorrências de poren:</b>			
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Título</b>	<b>Fólio</b>
Porq(ue) sum(os) teodos d'aamar e d'onrrar a S(anct)a Eyg(re)ya sub(re) todallas cousas do mundo e porq(ue) auem(os) grande sp(er)a~ça enella que quantos a aguardamos e manteemos en sas franquezas e en sas liuridoes aueremos <b>poren</b> gallardon d(e) Deus e p(er)as almas e peros corpos en uida e en morte e porq(ue) i e' onrra de nos e de nossos reynos, pore~ q(ue)rem(os) mostrar como se guarden por todo tempo as cousas das eygreyas.	1	5	74v
E se fez(er) diuida ou fiaduria sen mandado, nen el nen seu senur no~ seya~ teudos de responder <b>poren</b> , fora se for s(er)uo que (con)pre ou que uenda p(er) (con)sentimento de seu senhor p(er) que seya teudo pore~.	2	1	85v
E se o alcayde iuygou torto ou mandou filhar algu~a cousa polo non entender, jure que o no~ fez por rogo nen por amor nen por p(re)ço ne~ ualla o que iuygou nen aya <b>poren</b> nenhu~a pe~a.	2	2	87r
E se no~ ouu(er) de q(ue) os p(ey)t(e) tomenlhy o punho ou a ferida ou a chaga ou outra tamanha por ella. E se da ferida p(er)der membro peyte o couto que e' do membro de mays desto. E se o matar mouyra <b>poren</b> .	2	3	87v
E se ha hu~a das partes no~ quis uijr ao prazo que lhy for posto a ouuir seu juizo no~no leixe <b>poren</b> de dar ou d(e') a sentença [de] dia e no~ d(e) noyte e seya~ y omes boos q(ua)ndo der deante o juyzo p(er) que se possa prouar se for mest(er). Iuyzo q(ue) der o alcayde fação escreu(er) ant'as partes ou ant(e) os pessoeyros e escreua as razo~es & de'lhy senhas cartas feytas p(er) mao do escriua~ publico e seelladas cu~ seu seelho & tenha #I o escriua~ & o alcayd(e) a out(ra) por testimonhyo.	2	13	100r

Se alguu ome s'agrauar do juizo que o alcaide der e sse alçar, o alcaide nono deoste nen lhy diga mal <b>poren</b> , mays receba o alçamento e faça assy como manda a ley.	2	15	102v
--	---	----	------

<b>Ocorrências de <i>pore~</i>:</b>			
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Título</b>	<b>Fólio</b>
Porq(ue) os coraçoes dos omees son departidos, <b>pore~</b> n(atu)ralme~te natural cousa e' que os entendime~tos ne~ as obras non acorde~ en huu.	1	-	70v
Porq(ue) sum(os) teodos d'aamar e d'onrrar a S(anct)a Eyg(re)ya sub(re) todallas cousas do mundo e porq(ue) auem(os) grande sp(er)a~ça enella que quantos a aguardamos e manteemos en sas franquezas e en sas liuridoes aueremos poren gallardon d(e) Deus e p(er)as almas e peros corpos en uida e en morte e porq(ue) i e' onrra de nos e de nossos reynos, <b>pore~</b> q(ue)rem(os) mostrar como se guarden por todo tempo as cousas das eygreyas.	1	5	74v
E porq(ue) nossa uoontade e' q(ue) en nosso tempo non se minge~ ne~ se p(er)çam os dereytos d(e) Deus e da S(an)c(t)a Eygreya p(er) mingua d(e) iustiça nossa, mays cresca~ cada dya [a] s(er)uiço d(e) D(eu)s e d(e) S(an)c(t)a Eygreya. E nos <b>pore~</b> mandamos e stabellecem(os) p(or) semp(re) que todos os omees dos noss(os) reynos de~ seu dizimo a N(ost)ro Senh(ur) (con)p(ri)damente e d(e) pan e d(e) uinho e d(e) gaadoos e de totalhas outras cousas q(ue) deue~ a dar dereytamente segundo o que manda a S(an)c(t)a Eygreya.	1	5	75v
Todo saber esq(ui)ua no~ sab(er), ca e' escripto que que~ no~ quis entender no~ quis ben faz(er). <b>Pore~</b> estabelecemos que nenguu no~ pensse d(e) mal faz(er) porq(ue) diga ca no~ sabe as leys nen dereyto, q(ua) se fez(er) (contra) a ley non se pode escusar de culpa por no~ sab(er) a ley.	1	6	77r
#D m(ar)(audi)s ao rey, p(er)o se alguu razoar a ley q(ue) acorde cu~ este liuro e os aaiude possa faz(er) e no~ aya <b>pore~</b> pea.	1	6	77r
E se fez(er) diuida ou fiaduria sen mandado, nen el nen seu senur no~ seya~ teudos de responder poren, fora se for s(er)uo que (con)pre ou que uenda p(er) (con)sentimento de seu senhor p(er) que seya teudo <b>pore~</b> .	2	1	85v

<b>Ocorrências de <i>pore~de</i>:</b>			
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Título</b>	<b>Fólio</b>
E non tan solame~te u deuem(os) dar, mays aguardar o que e' dado. <b>E pore~d(e)</b> mandam(os) que todallas cousas que fore~ dadas as eygreyas e sera~ daq(ui) adea~te pellos rex e perlhos outros fies d(e) Deus, seya~ dadas dereytame~te e semp(re) seyam guardadas e firmadas en seu dereyto [e] en seu poder.	1	5	74v
Porq(ue) e' stabeleçudo enas leys que p(er) tempos asijnados p(er)ça ome seu dereyto, <b>pore~d(e)</b> q(ue)remos dar (con)sello aquelles que quisere~ demandar seu d(er)eyto.	2	11	98v

<b>Ocorrências de <i>porende</i>:</b>			
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Título</b>	<b>Fólio</b>
Vnde (con)uen a todo rey que ha de teer os poobos en justiça e en dereyto que faça l[e]s p(er) que os poboos sabya~ como an de uiuer, e as desauenenças e os preytos que nasçere~ antr'elles seya~ departidos de guisa q(ue) aquelles q(ue) mal faze~ receba~ pe~a e os boos uiuam seguramente en paz. <b>E porende</b> nos do~ Affonso pella g(raça) de Deus rey d(e) Castella e de Tuledo e de Leo~ e d(e) Gualiza e de Seuilha e de Cordoua e de Murça e de Beeça e de Jahe~ e de Badalhouce e da Andaluzya,	1	-	70v
E q(ue~) quer q(ue) (contra) isto ueer ou faz(er) algu~a cousa moyra <b>porende</b> e no~ seya leyxado uiuo.	1	2	72r

<p>E no~no quisero~ conhoc(er) ne~ q(ui)sero~ entender ne~ conhoc(er) que era senhorio de rey e natureza que del recebia~, ca assy como ne~huu ne~b(ro) no~ pod(e) au(er) saud(e) sen sa cabeça, assy ne~huu poboo no~ pod(e) au(er) sen seu rey q(ue) e' sa cabeça e posto por Deus en adeantar o be~ e por uedar e uingar o mal. <b>E porende</b> assy como nos deffendem(os) q(ue) nenhuu no~ proue en ne~hua guisa trayço~, nenhuu mao feyto (contra) sa p(essoa) de el rey, outrosy no~ queremos soffrer que nenhuu ly diga mal nenno deoste ne~ retrayha mal dele nen de se(us) feytos.</p>	1	2	73r
---	---	---	-----



## ANEXO B – Dados do português - séc. XIV – *Crónica Geral de Espanha*

*Mas* e variantes: 56 dados

*Pero* e variantes: 26 dados

*Porém* e variantes: 18 dados

**Total: 100 dados**

Ocorrências de <i>mas</i>		
Dados	Cap.	Fólio
E per o boo entendimento conheceram as cousas que avyam de vi~i~r. <b>Mas</b> o des[dem] de non quererem os home~e~s aprender e saber as cousas e a olvidança en que as deitam depois que as sabem f[a]ze~ perder malamente o que foy achado con muyto trabalho e co~ grande estudo; e outrossi polla preguiça que he e~miiga do saber e faz aos home~e~s que non cheguem a elle nem busquem as carreiras per que o conheçam.	1	1b
Ca, se as scripturas non fossem, qual sabedoria ou engenho d'homen se poderia recordar de totalas cousas passadas, ainda que as no~ achasse de novo que he ja cousa muy mais grave? Certo nenhu~u~. <b>Mas</b> , por que os estudos dos feitos dos home~e~s se muda~ en muitas guisas, foron en esto ben avisados os sabedores antigos que screverom os feitos passados tam ben dos sabedores como dos que foro~ sem saber e outrossi dos que foro~ fiees e~na ley de Deus e dos que nom forom e as leis dos santuaryos e as dos parvoos/sic/ e dos dereytos dos creligos e dos leygos; e escrevero~ outrossy as estorias dos principes, assy dos que bem fezerom como dos que fezerom o contrayro, por que os que depois veessen trabalhassem de fazer ben per exemplo dos bo~o~s e que pello dos maaos se castigassem.	1	1b
E achasse outrossy em este livro e~ como os do linhagem destes tres filhos de Noe, que ouvero~ nome Sen, Cam, Jaffech, veero~ [os] que co~ grande sobervha edificaro~ a Torre de Babel que he em Babillonia, a grande, e esto pera quererem saber as cousas do ceo e pera se escapare~ e~ ella doutro deluvyo, se veesse. <b>Mas</b> , por que fazia~ esto co~ grande sobervha, no~ conhocendo Deus ne~ o teme~do ne~ guardando os ensyname~tos [de Noe], e pore~ destroyo Deus as suas maas ente~ço~o~es e conffondehos e~na linguagen, de tal guisa que se no~ entendya~ os hu~u~s con os outros;	2	2a
e por esta razon leixaro~ aquelle lavor que faziam ca no~ tan solamente forom departidos em a linguagem <b>mas</b> ainda em as vo~o~tades, de tal guisa que no~ quiserom mais [mor]ar hu~u~s co~ os outros.	2	2b
E todas estas cousas e outras muytas co~ta Moyses en o dito livro que he o primeiro da Bibria. <b>Mas</b> , por que no~ fala de como aqueles que se partiron foro~ pobrar as terras e quaaes, queremos nos departi[llo] en esta estoria como aconteçeo, segundo achamos nas scripturas antigas.	2	2b
De Asya e Affrica, ja avedes ouvydo en outros livros que [maneira] son e que taaes. <b>Mas</b> da terce[i]ra parte, que he Europa, queremos aquy falar mais largo por que tange aa estoria d'Espanha de que avemos de contar en este livro.	3	2b
Os filhos de Sen, o mayor yrma~a~o, herdaron Asya, <b>mas</b> non todos, e os filhos de Cham herdaran Affryca; mas os filhos de Jaffeth, o meor yrma~a~o, ouverom por sua parte Europa e começaro~ a pobrar Amano e Touro, que son dous montes e~terra de Cezilia, e pobraron outrossy en Syria, a Meor, que perteeçe a Asya.	3	2b
Os filhos de Sen, o mayor yrma~a~o, herdaron Asya, mas non todos, e os filhos de Cham herdaran Affryca; <b>mas</b> os filhos de Jaffeth, o meor yrma~a~o, ouverom por sua parte Europa e começaro~ a pobrar Amano e Touro, que son dous montes e~terra de Cezilia, e pobraron outrossy en Syria, a Meor, que perteeçe a Asya.	3	2b
E de Tiraz veheron os Tiracianos, os quaaes pobraron hu~a terra a que poseron nome Tiracia; <b>mas</b> os que veeron depois e~curtaronlhe o nome e chamaronlhe Tracia.	4	2d
<b>Mas</b> do outro filho de Jaffeth, que ouve <F3b> nome Tubal, deste veheron os Espanhoes.	4	2d

e desy pobraron a quarta açerca deste meesimo rryo mais adeante e chamaronlhe Umpa, <b>mas</b> depois a tomou per força Julyo Cesar e mudoulhe o nome e chamaronlhe Cesar Augusta e esta he aquela a que agora chaman Saragoça.	4	3c
E composerom estes dous nomes e entom poserom nome aa terra Portugalases <b>mas</b> depois o e~curtaron e poseronlhe nome Portugal.	4	3c
Todas estas terras que ditas avemos foro~ pobradas como vos co~tamos e ouve en estes tempos hy muytos caudees que foron senhores dellas e que ouvero~ grandes guerras antre sy. <b>Mas</b> , por que os seus feytos no~ foron muyto assiinados pera contar e~ esta estoria, poren tornaremos a contar de Hercolles que foy o home~ que mais feytos assiinados fez em Spanha e~ aquella sazón, ho hu~u~ por conquistar as terras e o al em poboandoas.	4	3c
E, des o primeiro rey ataa o prestumeiro, o qual ouve nome Tranquineo, o Sobervho, que perdeo o reyno por esso e tornousse o poboo a julgar per consules como de primeiro, ouve quatrocentos e dezoyto a~nos, ataa que tornou a aver emperadores em Roma e assiinadamente Julio Cesar que Reynou despois desta conta quatro a~nos e seis meses. <b>Mas</b> , no tempo que regiam os consules, ante que Julyo Cesar Reynasse cento e sete a~nos, ouve hi hu~u~ consul que chamaron Cipion e este foy o que destroyu Affrica e Espanha por que se levantaron contra Roma.	5	4a
E, outrossy em tempo de Moyses, ante seis a~nos que tirasse o poboo de Isrrael do Egipto, foy este [segundo] Hercolles. <b>Mas</b> o gra~de Hercolles, que foy o terceiro, o qual fez muitos e grandes e famosos feytos dos quaaes todo o mundo fallou, este foy muy gra~de, muy ligeiro, muy valente mais que outro homen; e deste fallaron todos os sabedores que composeron estorias e~nas quaaes screverom os grandes feytos que elle fez per o mu~do.	5	4b
E el rey Euristeo outorgoulho, coidando que fazia bem. <b>Mas</b> , segundo co~ta~ os estoriadores que composeron os livros da sua estoria e entre todos assiinadamente Ouvidio que escreveo os seus feitos e~ certos logares, muytas metaphoras de gra~des saberes, dizem assy:	5	4c
E ento~ demandou Hercolles conselho aos estronomos se a pobraria aly e elles diseronlhe que no~, como quer que hy seeria pobrada hu~a grande cidade, <b>mas</b> que a no~ pobraria elle mas outro.	6	5a
E ento~ demandou Hercolles conselho aos estronomos se a pobraria aly e elles diseronlhe que no~, como quer que hy seeria pobrada hu~a grande cidade, mas que a no~ pobraria elle <b>mas</b> outro.	6	5a
E ento~ [a] fez aly poboar e posselhe nome Yspallis, segundo o que lhe primeiramente posera Hercolles, quando a devysara sobre as estacas. <b>Mas</b> conta dom Luchas que, despois que a ally ouve poboada, que se foy a Calez e achou hy hu~u~ gra~de templo que fezerom os gentyos e~ ho~rra de Hercolles em o qual estava~ muitas ymage~e~s, entre as quaaes achou hi hu~a que fora feyta aa semelhança do corpo de Aleyxandre en feiçon, semelhança e talho.	6	5b
E assy aconteceu despois. <b>Mas</b> agora leixaremos fallar desto e tornaremos a contar de Hercolles, por levar ordenadamente a estoria dos feytos que elle fez em Espanha.	6	5c
E por esta razon era muy mal quiste de todas as gentes da terra. <b>Mas</b> elles, por que nom achava~ nem hu~u~ que os delle quisesse ne~ podesse deffender, porem no~ se ousava~ contra elle levantar.	7	5c
Mas elles, por que nom achava~ nem hu~u~ que os delle quisesse ne~ podesse deffender, porem no~ se ousava~ contra elle levantar. <b>Mas</b> , qua~do souberon como Hercolles era viindo em Espanha, prouguelhes ende muyto, ca entenderon que per elle seeria~ livres de maa senhorio e envyaronlhe dizer em grande segredo per sua carta estas palavras:	7	5d
"A ty, Hercolles, persiguydor dos grandes e poderosos e achegador dos viis e reffeces e buscador de todo mal aos que nu~ca to mereceron, e esto fazes com grande embuberta por te averem por bo~o~; <b>mas</b> a tua maldade conhocida he!	7	6a
ca nos no~ partimos contigo de Grecia por estar esguardando as batalhas que tu fezesses <b>mas</b> por nos avermos parte dos teus grandes feytos e morrermos e vyvermos ante ti;	7	6b
E pobrou em aquelle logar onde esto fez hu~a cidade mui boa e poselhe nome Baylhos doces; <b>mas</b> despois, per alongamento dos tempos, corrompeusse o bocavollo e chamaronlhe Badalhouce.	7	6c

<p>E, despois que esto ouve feyto, deitou seu cadeado e~na casa e dessy chamou esses moradores e disselhes como Hercolles fezera aquela casa e como a ma~dara guardar e que lhes rogava que a guardassem muy bem. E dessy foyse pera Calez. <b>Mas</b>, despois que este rey Espam foy velho e sua filha Liberya foy casada con Piros, aquelle iffante de Grecia, Espon disse a Pirus todallas cousas que Hercolles fezera em Espanha e como fezera e~ Tolledo aquella casa em que eram grandes segredos e que lhe rogava que, quando rreynasse, que pobrasse aquella cidade e fizesse guardar a casa, segundo o que lhe elle devysou.</p>	8	7a
<p>E elle avya muy grande sabor de morar em aquelle monte por que era logar muy sa~a~o e tragia a cabo de sy muitos gaados. E elle cuydo[u]sse ally a defender. <b>Mas</b>, quando soube que Hercolles hya empos elle no~ ho ousou atender e fogyo pera terra de Roma a hu~u~ mo~te a que dezia~ Aventino e ally se meteu con medo em hu~a cova muy funda e çarrouha co~ hu~a pedra muy grande e pos de dentro grandes cadeas de ferro.</p>	8	7b
<p>E em aquella cova esteve grande te~po ataa que veo Hercolles que o matou em aquella cova, segundo conta~ as estorias. <b>Mas</b>, por que esto no~ co~vem aos feytos d'Espanha, leixaremos dello de fallar e tornaremos a contar de Hercolles e dos feytos que fez em Espanha despois que venço Taço.</p>	8	7c
<p>Ja ouvistes em como Taço foy vençudo de Hercolles e como o perseguyo ataa Mo~cayo. <b>Mas</b>, despois [que Hercolles] ally foy, andou buscando a terra e avysandoa e semelhoulhe muy boa.</p>	9	7c
<p>E, despois que ouve feytas todallas obras que em Espanha quis fazer, tornousse pera hyr em Grecia ou em outras partes honde achasse algu~u~s feytos grandes e perigosos pera lhe dar acabamento, como aquelle que era o mais esforçado e mais valente e mais ligeyro que entom no mundo avya. <b>Mas</b> agora leixaremos a fallar delle e tornaremos a Espam por que perte~e~ce a nossa estorya dos feytos d'Espanha.</p>	9	7d
<p>E desy falou cada hu~u~ delles com el rey e cada hu~u~ lhe pedyo a iffante, sua filha; e elle disselhes que esto no~ era em elle <b>mas</b> que fossem a ella e que, de qual se ella co~tentasse, que de tal prazia a elle.</p>	11	8c
<p>E, despois, elle con sua molher estiveron hy hu~u~ tempo adereçando o regime~to do reyno e poboando a terra. <b>Mas</b>, como el rey Pirus era mancebo, avya grande sabor de andar per os reynos; e tomou sua molher e foyse pella ribeyra do mar contra a parte de ouriente.</p>	12	9a
<p>E Tarcos, quando o vyo, ouve delle muy grande medo e quis fugyr. <b>Mas</b> Rotas lhe disse que o no~ fizesse ca elle postarya que lhe nom fizesse mal.</p>	12	9d
<p>E morreo Tarcos e ficou qua~to elle avya a Rotas. <b>Mas</b> despois lhe veo e~ mente como vyvya con o drago~ e ouve voontade de o hyr buscar; e tornousse pera a cova onde o leixara e achouho hy e esteve co~ elle hu~u~ tempo e fez hi hu~a torre sobre aquella cova.</p>	12	9d
<p>Outrossy dizen mais que, despois da morte de rey Pirus, que ficou e~ poder dos gregos e que despois veero~ outras gentes a que disseron Almonizes e que a tomaron e foron della senhores quare~e~ta annos. <b>Mas</b> de [como] esto foy a estorya o devysara em seu logar, ca a nos co~vem de leixar aqui este conto que falla dos que pobraron Espanha e compre de tornarmos a fallar per honde parten as Espanhas e dos termhos das terras e cidades e das nobrezas de cada hu~a dellas.</p>	12	10b
<p>Ca [a]quellas co~panhas de Cubal, de que vos ja avemos contado, que andaron buscando todallas partes de Europa e provando as terras que eram boas e sa~a~s e proveytosas pera pobrar, nu~ca acharon terra ne~ logar que os contentasse se no~ Espanha ca, despois que a elles ouvero~ buscada e vyron o assituame~to das terras e a bondade dos aares e a multido~ das muytas auguas, logo começaron de fazer em ella sua pobração e no~ curaro~ de mais andar buscando outras partidas. <b>Mas</b>, despois que Espanha por longo te~po foy comprida de pobração e a fama da sua nobreza e do seu avondamento sayu pellas outras terras, muytos ouverom della grande cobiiça e por esto se moverom com sobervhosa e~veja por a tomar aos seus moradores.</p>	13	11b
<p>outrossy os Almonizes e os Vandallos e os Allanos e os Suevos e despois destes os Roma~a~os; todas estas plagas padeceu Espanha por a riqueza e nobreza que em ella avya. <b>Mas</b> despois de todos estes a cobraron os Godos e muyto a preçaron por as bondades que em ella conhecerom.</p>	13	11c

Mas despois de todos estes a cobraron os Godos e muyto a preçaron por as bondades que em ella conhecerom. <b>Mas</b> agora leixaremos aquy fallar desto, ca de todo diremos e~ seu logar, e diremos das cidades, vylas e logares d'Espanha e dos seus termhos e como partem hu~u~s co~ os outros e das nobrezas de cada hu~u~termho.	13	11c
Tarique, ho filho de Nocayr, quando entrou em Espanha, matou a jente e destruyhos todos <b>mas</b> no~ pode destruyr todallas cousas, tanto as fezerom os antigos fyrmes.	21	13b
logo acerca feriron os Roma~a~os da outra parte e começaram sua lide muy forteme~te de hu~a parte e da outra. <b>Mas</b> aacima ouveron os de Affrica a seer ve~çudos por duas razo~o~es: a hu~a, por que os Roma~a~os eram muy boos cavalleiros e pellejava~ muy fortemente; e a outra, porque veherom de sospecta sobre elles.	51	19d
E, quando este Almycar tornou de Pulha a terra de Africa, assi como ja ouvistes, estes seus filhos eram pequenos, ca o mayor delles era Anibal e no~ avya mais de nove a~nos. <b>Mas</b> tamanho era o desamor que este Almycar avya co~ os Roma~a~os, pollo mal grande que delles recebera per vezes, que fez jurar sobre seus albertis/sic/ aaquelle seu filho Anibal, que era o mayor, como quer que era ainda pequeno, que nu~ca ouvesse paz com elles.	52	20a
Quando esto souberom os de Africa, ouvero~ muy gra~ pesar e quiserom passar aa Spanha pera vyngar Asdrubal. <b>Mas</b> , por que Anybal era pequeno, no~ no quiserom fazer.	52	20b
E Anybal no~ no quis fazer e cercou toda a vylla em redor e combateuhos e afficouhos qua~to elle pode. <b>Mas</b> os de Segos~ça se defendya~ muy bem, cuydando que lhes acorreryam os Roma~a~os.	53	20b
E desy saironsse pellas portas e firiro~ nos da hoste e fezerom em elles gram da~pno. <b>Mas</b> en cabo todos forom mortos que nehu~u~ no~ ficou aa vyda.	53	20c
A oytava batalha foy co~ Claudyo Marcelo, consul de Roma, como quer que Anybal no~ foy hi pello corpo. <b>Mas</b> foy hi sua hoste e foy hy vençuda a hoste de Anybal.	54	21a
E, ante que entrasse~ aa batalha, fallou Cepion co~ os Roma~a~os e disselhes que se nembrassem da postura que avyam antre sy, que ne~ hu~u~ Roma~a~o depois que entrasse em batalha que no~ fogisse nem se leixasse prender per ne~ hu~a guysa <b>mas</b> que ou morresse ou vencesse.	58	22a
E elles fezero~no assy e lidarom muy fortemente, assy que muytas vezes steverom e~ ponto de vencer a batalha. <b>Mas</b> os Roma~a~os eram muy poucos e os outros era~ muytos e cercaro~nos en derredor e tomaro~nos aas ma~a~os, assy que nem hu~u~no~ ficou aa vyda. E morreron hy ambos os Cepio~o~es.	58	22a
E ambos os irma~a~os andarom per Spanha, fazendo muyto mal e muyto destroymento pella terra, e meterom toda Spanha [so] seu senhorio mais per medo que per amor. <b>Mas</b> agora leixara a estorya de fallar desto e torna a contar de como os Roma~a~os e~vyaron Cepion, o Ma~cebo, aa Spanha contra os de Affrica.	58	22b
E, quando os Roma~a~os esto souberom, fezerom muy grandes allegrias a maravyilha. <b>Mas</b> , qua~to a elles prazia, tanto pesava a Anybal e tiinhasse por muy quebrantado por seu irma~a~o que era preso em poder de seus inmiigos.	60	22d
E demais tiinha que perderya Spanha. <b>Mas</b> Cepyon, que avya gra~ sabor de conquerer a Spanha e tolhela a seus inmiigos começou de andar per ella o mais aguçosamente que pode.	60	22d
E Asdrubal que entom tiinha o senhorio da Spanha, qua~do soube que Magon, seu irma~a~o, fora vençudo e preso, foi muy quebrantado em seu coraçom e trabalhou quanto pode de ajuntar gram poder, cuydando de o vyngar e que lhe aco~teceria como da outra vez, qua~do matara os Cipio~o~es, e esforçousse de yr contra os Roma~a~os. <b>Mas</b> , se elle avya voontade, mais a avya Cepio~, cuydando a vyngar a morte de seu padre.	61	23a
Asdrubal er faziao muy bem, como aquel que era dello husado, e esforçava os seus que nom quedava qua~to elle mais podia, assy que foy a batalha muy forte d'amballas partes, ca todos o faziam muy ben, e ouve hy muytos mortos e feridos d'amballas partes. <b>Mas</b> aacima ouvero~ de seer vençidos os de Africa e fogio Asdrubal e foron muytos dos seus mortos e cativos, assy que muy poucos scaparon.	61	23a
Como quer que Asdrubal fosse ve~çudo, assy como ouvystes, nom cuydees que porem quis desemparar a Spanha, <b>mas</b> ante trabalhou quanto pode de se defender con aquelles que com elle tiinham, como aquel que era muy esforçado cavalleiro.	62	23b

Como quer que Asdrubal fosse ve~çudo, assy como ouvystes, nom cuydees que porem quis desemparar a Spanha, mas ante trabalhou quanto pode de se defender con aquelles que com elle tiinham, como aquel que era muy esforçado cavalleiro. <b>Mas</b> Cepion era muy sesudo e franco e muy sabedor de guerra e soubeo fazer per tal guysa que o amava~ todos muyto e desamava~ todos Asdrubal.	62	23b
E, quando Anybal esto ouvvyo, ouve muy gram pesar, como quer que poucos dias avya que vencera e~ batalha a Claudio Marcel e o matara e destroyra toda a hoste dos Roma~a~os; outrossy ve~cera a Sempronio e a Marcel e a Crispino, co~sules de Roma. <b>Mas pero</b> , com todo esto, ta~ grande era o pesar que ende avya, pollo desbarato de seus irma~a~os e por que lhe tiinha~ os Roma~a~os preso Magon e por que Asdrubal perdera o senhorio d'Espanha, por que se achava como soo, por que no~ avya consigo ne~ hu~u~ dos irma~a~os, ca o outro irma~a~o meor leixara e~ Affrica, que todo plazer se lhe olvydava.	62	23b
Pero ante guerreou com Cepion quanto pode pera o embargar, ca elle nom podia com elle pelejar <b>mas pero</b> embargavao e~no al quanto mais podia pera torvar que se lhe no~ tornassem as gentes pera elle.	62	23c

<b>Ocorrências de <i>pero</i></b>		
<b>Dados</b>	<b>Cap.</b>	<b>Fólio</b>
E, depois que o ouve soterrado, tomou muy grande poder de gentes e guaanhou per força hu~a terra e, por amor de seu irma~a~o, posselhe nome Jermania, aaquella a que agora chamam Teutonia por razon de Mercurio que morou en aquella terra en tabernaculos de pano a que chamava~ te~das; <b>pero</b> todas as mais das gentes lhe chama~ Allemanha, e esto por razon de hu~u~ ryo que corre per ella que chamon Lemano.	4	2d
Ainda hi ha outra terra a que chamam Luçena e esta he entre Guadiana e Tejo; e poseronlhe assi nome hu~as ge~tes <F3d> que a poboarom a que chamaro~ Luxius; <b>pero</b> algu~u~s dizem que ouve este nome por trebelhos que hy mandou fazer Hercolles qua~do ouve hi vencido a Gedion.	4	3c
O primeiro Hercoles foy em [o] tempo de Moyses, <b>pero que</b> naceu ante que elle, e este fez muytos grandes e bo~o~s feytos pero nom som contados e~ estas estorias.	5	4a
O primeiro Hercoles foy em [o] tempo de Moyses, pero que naceu ante que elle, e este fez muytos grandes e bo~o~s feytos <b>pero</b> nom som contados e~ estas estorias.	5	4a
Ca, no~ embargando que Hercolles era do linhajen dos gigantes e muy forte, <b>pero</b> no~ era cruel nem de maaos senhorio; ante era muy piadoso aos bo~o~s e mui bravo e forte aos maaos, como aquel que nom era viindo pello mundo por outra cousa se no~ por destroyr os sobervosos e maaos e defender os bo~o~s e humyldosos.	7	5d
Hercolles lhes gradeceu muyto o que dezia <b>pero</b> , no~ embargando suas pallavras, mandou dizer a Gedeon que lhe prazia do que lhe ma~dara dizer e que escusassen batalhas e mortes de gentes ca no~ avya~ por que as fazer matar e que lhe prazia de lidarem hu~u~ por outro e o que fosse vencido perdesse toda a terra e que a cobrasse o vencedor.	7	6b
E, depois que esto ouvero~ feyto, começaram sua lide muy forte e lidaron quatro dias que se no~ poderom vencer, e~ ta~to que Hercolles foy muyto espantado por se Gedeon poder delle defender ta~ longame~te. <b>Pero</b> em fym vence[u]ho Hercolles e cortoulhe a cabeça e mandou logo em aquele logar fazer hu~a muy grande torre e fez meter a cabeça de Gedeom e~no fundame~to della.	7	6c
E no~ pode aver gentes co~ que o podesse fazer, ca em Tolledo eram ento~ mui grandes montanhas; <b>pero</b> começou de pobrar dalgu~u~s poucos moradores.	8	7a
E ella mandoulhes que em outro dya veessen todos tres em hu~u~ e que ento~ lhes darya a resposta. E elles penssaron seer escarnho <b>pero</b> fizeram~no assy.	11	8c
E ella, qua~do esto ouvvyo prouguelhe muyto e outorgoulhe de casar com el; <b>pero</b> ouverom ambos seu acordo que elle nom dissesse ne~ hu~a cousa ataa que os outros tevensen pouco por fazer e que ento~ casarya con elle e que elles acabarya~ depois o que ficasse por acabar.	11	8d
E leixou hy sua molher prenhe e fuisse aaquelle logar honde depois foy pobrada a cidade de Tolledo, que entom era muy grande montanha <b>pero que</b> eram em aquella logar duas torres, hu~a em o logar que ora he o alcacer e a outra e~no logar a que dize~ Sam Roma~a~o.	12	9a

E, quando os Troya~a~os ouvyrã o que dezia, quysero~no matar. E el rey no~quis, ca teve que ho dizia co~ sandice, <b>pero</b> mandouho meter e~ ferros por veer se seerya verdade e mandou que o guardassen.	12	9b
E Rotas, quando o vyo, ouve medo delle <b>pero</b> começou de o affaagar e rogouho que lhe nom fezesse mal, be~ como fezera ao dragon.	12	9c
E no~ quiseron pobrar em aquelle logar por que lhes pareceu logar esquyvo, <b>pero</b> leixaron as torres assy como estavam.	12	10b
E a outra he Allicante e Allicante jaz na serra de Benagaril e della [saae~] muytas outras serras em que fezeron muytas e boas vilas e em que lavraron muytas e boas terras e e~ que moraro~ muytas gentes de maa natura, <b>pero</b> eram muy sotiis em suas obras.	18	12d
E ha hy cousas tam fyrmes que se no~ desfaran por ne~ hu~u~ tempo <b>pero</b> as todas destroysem.	21	13b
Tolledo he muy boa cidade e de muy grande prazer e mui forte e muy defesa, ca, <b>pero que</b> a cercarom muytos poderes per muytas vezes, sempre se teve muy ben.	32	14d
E ta~to he bo~o~ per natura que, <b>pero</b> o posessem no pano do lynho, no~ ficarya molhado ne~ faria hy synal, tanto como se fose pedra.	38	16c
E en Saca aportou hu~a parte de gente daqueles que os crista~a~os chama~ hereges, os quaaes fezeron em Espanha grande dampno <b>pero</b> aacima hy morreron todos.	44	17d
E estiverom assy, ataa que Anybal ouve vynte a~nos, que no~ ouvero~ guerra nem paz con os da Espanha, <b>pero que</b> tamanho era o mal que querya~ aos Roma~a~os que nom leixava~ de os guerrear cada que podya~.	52	20b
A quynta batalha foy a cabo desse meesmo ryo co~ Sepronyo, consul de Roma, e foy Sepronyo ve~çudo. <b>Pero</b> Anybal foy ferido em hu~u~ olho e polla grande lazeira e fryo que passou no monte Apenistio ouveo de perder.	54	20d
E avya hy muy boa cavallarya, taaes que se atreveron a lidar com Anybal, que era o mais arreceado homen do mundo, qua~do ya contra Roma, por lhes no~ passar pella terra, como quer que foram entom os Franceses vençudos, ca Anybal levava ento~ muy gram poder. <b>Pero</b> os Cepio~o~es passarom entom per hy atrevudamente e no~ acharom quem co~ elles quisesse pelejar.	55	21c
Ento~ os Roma~a~os no~ estava~ todos juntos co~ os Capi[o~o~]es, ca era~ spargidos pella terra que avya~ gaanhada. <b>Pero</b> os Capi[o~o~]es, co~ aquella pouca gente que tinha~, no~ teverom que lhes avyam de fogyr e foro~ lidar com Asdrubal.	58	22a
E muytos dos d'Espanha se partirom de Asdrubal e vehero~sse pera elle por aquello que lhe vyron fazer e por que era muy franco e muy boo cavalleiro, <b>pero que</b> algu~as villas tomou per força e as mais per amor.	60	23a
E, quando Anybal esto ouvyo, ouve muy gram pesar, como quer que poucos dias avya que vencera e~ batalha a Claudio Marcel e o matara e destroyra toda a hoste dos Roma~a~os; outrossy ve~cera a Sempronio e a Marcel e a Crispino, co~sules de Roma. <b>Mas pero</b> , com todo esto, ta~ grande era o pesar que ende avya, pollo desbarato de seus irma~a~os e por que lhe tiinha~ os Roma~a~os preso Magon e por que Asdrubal perdera o senhorio d'Espanha, por que se achava como soo, por que no~ avya consigo ne~ hu~u~ dos irma~a~os, ca o outro irma~a~o meor leixara e~ Affrica, que todo plazer se lhe olvydava.	62	23b
Qua~do Asdrubal este recado ouve de Anybal, trabalhouse de se yr. <b>Pero</b> ante guerreou com Cepion quanto pode pera o embargar, ca elle nom podia com elle pelejar mas pero embargavao e~no al quanto mais podia pera torvar que se lhe no~ tornassem as gentes pera elle.	62	23c

Ocorrências de <i>porém</i>		
Dados	Cap.	Fólio
E per o boo entendimento conheceram as cousas que avyam de vi~i~r. Mas o des[dem] de non quererem os home~e~s aprender e saber as cousas e a olvidança en que as deitam depois que as sabem f[a]ze~ perder malamente o que foy achado con muyto trabalho e co~ grande estudo; e outrossi polla preguiça que he e~miiga do saber e faz aos home~e~s que non cheguem a elle nem busquem as carreiras per que o conheçam. <b>E poren</b> viro~ os entendidos, que o prezaro~ sobre todalas cousas e o tiveron por luz pera alumear os seus entendimentos e de todolos outros que o quiserem saber, que era bem de buscarem carreiras per que chegassem a ele e o aprendessem.	1	1b
E, por os mudamentos dos muytos senhorios, se perdero~ os livros em que era~ scriptos os grandes feitos que se em elle antigamente fizeram, assi que aadur pode seer sabudo o começo dos que a poboaron. <b>Porende</b> el rey dom Affonso de Castella, que foy filho del rey do~ Ferna~do e da raynha dona Beatriz, mandou ajuntar qua~tos livros pode aver das estorias antigas em que algu~as cousas fossen escriptas dos feytos d'Espanha.	1	1d
Mas, por que fazia~ esto co~ grande sobervha, no~ conhecendo Deus ne~ o teme~do ne~ guardando os ensyname~tos [de Noe], <b>e pore~</b> destroyo Deus as suas maas ente~ço~o~es e conffondehos e~na linguagen, de tal guisa que se no~ entendya~ os hu~u~s con os outros;	2	2b
E, como era~ home~e~s de grande entender, esguardaron hu~a estrella que faz seu curso per sobre Espanha pera oucidente, que ha nome Espero, <b>e poren</b> poseron nome aa terra Espera.	4	2d
Mas, por que os seus feytos no~ foron muyto assiados pera contar e~ esta estoria, <b>poren</b> tornaremos a contar de Hercolles que foy o home~ que mais feytos assiados fez em Spanha e~ aquella sazón, ho hu~u~ por conquistar as terras e o al em poboandoas.	4	3c
Mas elles, por que nom achava~ nem hu~u~ que os delle quisesse ne~ podesse deffender, <b>poren</b> no~ se ousava~ contra elle levantar.	7	5d
E, entre os outros destas partes, trages a my~ sempre ante os teus olhos pera me fazeres segundo deseja a tua maa entençom, seendo enduzido dos meus servos que tu recibiste em tua guarda. <b>E pore~</b> rogo aos deusses que me dem de ty dereyto, ajuntandome contigo em batalha hu~u~ por outro, ca eu te farya conhoçer os tortos que as feitos a muytos nobres baro~es.	7	6a
- Nos be~ entendemos que home~ que esta letera mandou esforçado he; <b>e poren</b> , de nosso conselho, tu no~ entraras com elle em campo soo hu~u~ por outro; ca nos no~ partimos contigo de Grecia por estar esguardando as batalhas que tu fezeses mas por nos avermos parte dos teus grandes feytos e morrermos e vyvermos ante ti;	7	6b
ca muyto melhor he a nos morrer ante ty que tu ante nos, ca tu podes cobrar muytos e bo~o~s cavalleyros melhores que nos e nos nu~ca podemos cobrar tal senhor e amigo come ty, ca o rrey ou senhor pode cobrar muitos e boos cavalleyros e elles aadur podem cobrar boo rrey se o perden. <b>E poren</b> te dizemos que nos nom praz de entrares e~ batalha soo con Gedeon.	7	6b
Quando Gedeon ouvyo este recado e soube per o seu cavalleiro a grandeza do corpo de Hercolles e seu ardimento, como aquelle que o avysara co~ toda femença, prougelhe muyto, ca se atreveo e~ sua força e valentia por que vyo que era mayor de corpo que elle; <b>e poren</b> respondeo que lhe prazia.	7	6b
Ja ouvistes em como Taço foy vençudo de Hercolles e como o persseguyo ataa Mo~cayo. Mas, depois [que Hercolles] ally foy, andou buscando a terra e avysandoa e semelhoulhe muy boa. <b>E poren</b> pobrou hu~a cidade ao pee do monte Cayo e pobrouha de hu~as gentes que com elle veheram de Grecia; e hu~u~s delles era~ de Tiran e os outros de Anssona e pore~ pos nome aa cidade Tirassona e oje em dia lhe chama~ Taraçona.	9	7c
Ja ouvistes em como Taço foy vençudo de Hercolles e como o persseguyo ataa Mo~cayo. Mas, depois [que Hercolles] ally foy, andou buscando a terra e avysandoa e semelhoulhe muy boa. E poren pobrou hu~a cidade ao pee do monte Cayo e pobrouha de hu~as gentes que com elle veheram de Grecia; e hu~u~s delles era~ de Tiran e os outros de Anssona <b>e pore~</b> pos nome aa cidade Tirassona e oje em dia lhe chama~ Taraçona.	9	7c

E, <b>por que</b> os vyo todos tres muy apostos e muy louça~a~os e soube que eram muy ricos, <b>pore</b> ~ os recebeu muy ben e fezelhos muyta honrra.	11	8c
Em Espanha ha muytas nobrezas, as quaaes nom podem seer comtadas; <b>e porende</b> os antigos que a começaram a pobrar muito a preçarom por as bondades que em ella vyron.	13	10c
E achou no camynho os mandadeiros como era ja entrada e destroyda; e tornouisse ento~ pera Roma, por que Anybal era ja partido d'Espanha pera yr contra os Roma~a~os <b>e porende</b> ouvero~ seu acordo de se tornar pera ajuntarem os Roma~a~os todo seu poder e yre~ pelear com elle, ca se lhes no~ olvydava o destruymento que os de Segonça por elles receberom.	55	21c
Como quer que Asdrubal fosse ve~çudo, assy como ouvystes, nom cuydees que <b>porem</b> quis desemparar a Spanha, mas ante trabalhou quanto pode de se defender con aquelles que com elle tiinham, como aquel que era muy esforçado cavalleiro.	62	23b
Mas pero, com todo esto, ta~ grande era o pesar que ende avya, pollo desbarato de seus irma~a~os e por que lhe tiinha~ os Roma~a~os preso Magon e por que Asdrubal perdera o senhorio d'Espanha, por que se achava como soo, por que no~ avya consigo ne~ hu~u~ dos irma~a~os, ca o outro irma~a~o meor leixara e~ Affrica, que todo plazer se lhe olvydava. <b>E poren</b> pensou que mais lhe valeria trager consigo hu~u~ dos irma~a~os que os teer assy spargidos, de mais que sabia que os d'Espanha amava~ Cepion e desamava~ a Asdrubal, seu irma~a~o, e porende que estava~ e~ aventura de se perder.	62	23b
E poren pensou que mais lhe valeria trager consigo hu~u~ dos irma~a~os que os teer assy spargidos, de mais que sabia que os d'Espanha amava~ Cepion e desamava~ a Asdrubal, seu irma~a~o, <b>e porende</b> que estava~ e~ aventura de se perder.	62	23b



**ANEXO C – Dados do português - séc. XV – Crónica do Conde Don Pedro de Meneses**

*Mas* e variantes: 47 dados

*Pero* e variantes: 26 dados

*Porém* e variantes: 27 dados

**Total: 100 dados**

Ocorrências de <i>mais</i>		
Dados	Livro	Capítulo
& como quer [que] Martym Affomso per este aazo rreçebesse prasmó, çerto he que elle o no~ fez com mymgoa de coraçã~o nem de bo~a vomtade, <b>mais</b> çegam(em)to d'afeiça~o daquelles que o comselhava~o.	1	5
&, por serem muitos, a allgu~ daquelles nossos pareço rraza~o de se tornarem, parecẽdo-lhe o perigo maior do que suas forças podiam soportar. <b>Mais</b> ho co~de teve que seria vergonhosa cousa tornare~ assy como gemte menos ousada do que elle queria que dos comtrarios fosse semtyda, pemsamdo q(ue) lhes daria ousyo pera as outras cousas.	1	18
& como naturallmemte os nobres, quamto mais crista~os, sobre todallas cousas desta vida desejam homrra, pella quall no~ soomemte as fazemdas <b>mais</b> as vidas muy ligeiramentemte offreçe~, pois que pensais, hu~ rrey, sobre semelhamte tytollo, sena~ despemder toda sua fazemda & emta~o morrer, se comp(ri)r.	1	21

Ocorrências de <i>mas</i>		
Dados	Livro	Capítulo
E porque, seg(umd)o o filosafo, o [rrecompensamentó] do ganho deve ser dado aaquelle que he mesteiroso & o rrecompensamentó da homrra aaquelle que he muyto nobre & exçellemte, devem por çerto todos os que vierem de geraçom deste comde, assy por via der(ei)ta como colaterall, ser muyto obrig(a)dos a este rrey, porque na~o soomemte se comtemtou de hos fazer es(cre)ver e~ nosso propio vullgar portugues, <b>mas</b> aynda os fez traduzir aa llymgoa llatina, porque no~ soomemte os seus naturais ouvessem c(onheçimem)to & saber das gramdes caval(a)r(i)as daquelle comde & dos outros que com elle comcorrera~o, mas que aynda fossem manyfestos a todo conheçimemto de toda a nobreza da c(ri)stamdade, per mestre Matheus de Pisano, que foy mestre deste rrey dom Affomso, o quall foy poetta [laureado] & hu~ dos sofiçiemtes philosafos & oradores que em seus dias comcorrera~o na cristamdade.	1	1
E porque, seg(umd)o o filosafo, o [rrecompensamentó] do ganho deve ser dado aaquelle que he mesteiroso & o rrecompensamentó da homrra aaquelle que he muyto nobre & exçellemte, devem por çerto todos os que vierem de geraçom deste comde, assy por via der(ei)ta como colaterall, ser muyto obrig(a)dos a este rrey, porque na~o soomemte se comtemtou de hos fazer es(cre)ver e~ nosso propio vullgar portugues, mas aynda os fez traduzir aa llymgoa llatina, porque no~ soomemte os seus naturais ouvessem c(onheçimem)to & saber das gramdes caval(a)r(i)as daquelle comde & dos outros que com elle comcorrera~o, <b>mas</b> que aynda fossem manyfestos a todo conheçimemto de toda a nobreza da c(ri)stamdade, per mestre Matheus de Pisano, que foy mestre deste rrey dom Affomso, o quall foy poetta [laureado] & hu~ dos sofiçiemtes philosafos & oradores que em seus dias comcorrera~o na cristamdade.	1	1
E na~o soomemte lhe devem ser obrigados aquestes por elle com tanto cuydado mandar fazer esta obra, <b>mas</b> aynda todollos p(ri)mçipes que depois da sua hydade vierem a pessuyr sua heremça, com todollos tres estados que a governa~ & mante~:	1	1
Quamto mais que eu achey os feitos pella mayor parte tam maravilhosos, que, se soomemte os ouvera de es(cre)ver per emformaço~ dallgu~s q(ue) ho soubera~o per ouvida doutros, eu duvidara çertamentemte de hos es(cre)ver, ne~ os es(cre)vera se na boca de dous ou de tres achara o conheçimemto destas cousas, porque emtemdera que o dezia~ por emgramdeçer seu nome & fama. <b>Mas</b> porque, aallem do que achey per es(cri)pto ((p008)) nas cartas que hos ofiçiaes que os rreis tinha~ naquella çidade pera governança dos moradores della a este rregno escreviam fallamdo nas cousas aaquelles que nellas fora~, se acordava~ na verdade, e ho que mais hera porque departidamentemte pregumtava, & no que se todos acordava~o proçedia e~ minha istoria.	1	2

E compre que tall & tamanha çidade no~ este´ vazia, <b>mas</b> bem forneçyda & acompanhada de gemte & aynda de tall man(ei)ra que, se perventura os ymigos sobr'ella vierem, achem quem lhes empache o dano que lhes pode~ fazer.	1	4
E isto convem que seja em tamanho numero que, posto que lhe tan asynha na~o venha socorro, que se possa mamter, ca, pois ha serventia de vosso rregno na~o pode ser sena~o per agua, he de entemder que na~o aveis de ter o vemto a vosso mamdado, <b>mas</b> cuydai que se pode seguyr tall azo que estara~ os navios em vossos rregnos tres & quatro meses & no~ averem tempo de viage~.	1	4
Caa no~ cuydeys que a vimda dos mouros sera de tarde em tarde, <b>mas</b> que cada dia aquy ham-de vir, no~ soomemte os da terra, mas os de todallas ((p020)) comarcas desta terra, porque deveis comsyrrar que, se a vos hu~ tall lugar fora filhado em allgu~a parte de vosso rregno, que mall vos poderia a vomtade mamter assossego ate que o tyrasseys de sugeiça~o alhea, assy que ha nossa guerra na~o soomemte he com hos moradores que foram desta çidade, mas com todollos outros que nesta p(ar)te & fora della mamtem sua danada seyta.	1	4
Caa no~ cuydeys que a vimda dos mouros sera de tarde em tarde, mas que cada dia aquy ham-de vir, no~ soomemte os da terra, <b>mas</b> os de todallas ((p020)) comarcas desta terra, porque deveis comsyrrar que, se a vos hu~ tall lugar fora filhado em allgu~a parte de vosso rregno, que mall vos poderia a vomtade mamter assossego ate que o tyrasseys de sugeiça~o alhea, assy que ha nossa guerra na~o soomemte he com hos moradores que foram desta çidade, mas com todollos outros que nesta p(ar)te & fora della mamtem sua danada seyta.	1	4
Caa no~ cuydeys que a vimda dos mouros sera de tarde em tarde, mas que cada dia aquy ham-de vir, no~ soomemte os da terra, mas os de todallas ((p020)) comarcas desta terra, porque deveis comsyrrar que, se a vos hu~ tall lugar fora filhado em allgu~a parte de vosso rregno, que mall vos poderia a vomtade mamter assossego ate que o tyrasseys de sugeiça~o alhea, assy que ha nossa guerra na~o soomemte he com hos moradores que foram desta çidade, <b>mas</b> com todollos outros que nesta p(ar)te & fora della mamtem sua danada seyta.	1	4
E pera desp(es)a de cada dia avia mester gra~de abastamça de rriquezas, assy vossas como daq(ue)les que vos em esto ouvessem de servir, quamto mais que vos no~ sabeis como estais com Castella, caa, posto que vos estas pazes assy dessem, foram dadas per ell rrey dom Fernamdo, que as ((p021)) deu como tutor & no tempo que nom podia fazer all, por aazo d'Araga~o, de que queria ser rrey, como foy. <b>Mas</b> , vimdo o rrey daquelle rregno a sua perfeita hydade, que lhe nom falleçera´ quem lhe esperte os omezios passados, e semdo vos com aquelle rregno posto em trabalho, seria esta çidade muy trabalhosa de defemder, com outros muytos ymcomvinientes que se adiamte podem seguyr, em que o emtemdimemto por agora nom pode tocar.	1	4
Ora, sen(h)or, nos comsyramos bem vossa temçom como cousa em que tanto jaz apegada vossa homrra &, visto muy bem todo & comsyrado, nosso emtemdimemto que vossa sen(h)oria aja de destruyr esta çidade, <b>mas</b> que a deve^s guardar & mamter como cousa de que se vos segue~ as p(ri)mçipaes duas cousas que sa~o como fi~s & acabamemtos de todolos bo~os feitos, s(cilicet), serviço de D(eu)s & muy grande fama de vossa homrra.	1	4
E perventura, se vos leixasseys esta çidade & os mouros a tornasse~ a rrehedeficar, que elles averiam em breve tempo bo~a emmenda de todo seu dano, caa poderiam muy bem em cada hu~ anno vesytar o Allgarve & fazer e~ elle o que jaa outras muitas vezes fezera~o, <b>mas</b> agora o fariam com mayor semtido, quamto lhe mais llembresse a magoa de tamanha perda.	1	4
Por çerto vosso feito nom pareçeria de rrey <b>mas</b> dallgum poderoso cossario, se vos esta çidade nom tevesseys & defemdesseis muy poderosam(em)te, fazemdo nella casas devotas em que se llouvasse & adorasse o nome de Nosso Sen(h)or, e que, assy como por muytos annos foy blasfemado & arrenegado, assy seja pera sempre louvado per virtude de vossa força.	1	4
A isto, sen(h)or, se pode bem rrespomder que, quamto as ge~tes, he muito melhor & mais proveitoso ser esta çidade mamtheuda que na~o, caa amtre as cousas que a caval(ar)i(a) mais aproveita assy he o [exerciço] das armas, no que os home~s no~ som(em)te ((p024)) afortalleza~o seus membros, <b>mas</b> aynda os coraçõ~es, e se emsynam a deçeplina & rregra do ofiço cavaleiroso, como diz naquelle lyvro q(ue) compos Vegeçio "D'Arte Melitar".	1	4
- (E)ssa seria - disse aquelle comde - [hu~a] das mayores merçees que me D(eu)s & ell rrey, meu sen(h)or, podia~ fazer, semdo eu em tall hydade pera o soportar, <b>mas</b> a natureza, como vos vedes, me tem jaa trazido a tamta fraqueza, que por nenhu~ modo poderia soportar semelhamte trabalho,	1	5

Por em q(ue) lhe nomeassem outro, assynamdo-lhe logo G(om)ç(all)o Vaz Coutinho, dizemdo-lhe como hera bom caval(ei)ro & home~ fidallgo & de muyta gemte & sabedor de guerra, que poderia bem soportar semelhamte emcarrego, caa no~ soomemte hera neçessario homem ardidado & forte, <b>mas</b> aynda prudemte & avisado no auto da guerra.	1	5
Leixo-vos mais - disse elle - todo meu comprido poder, perque possais mamdar e~ esta çidade como eu propiamente faria se presentem ((p036)) fosse,com ho quall podere^s poer ofiçiaes, assy de justiça como de fazemda, &, segumdo vossa comçiemçia, podeys emxecutar quallquer cousa que semtyrdes por bem do comum della, ne~ vos tomo menagem do castello nem da çidade, porque no~ soomemte aquesta <b>mas</b> outras, se mas D(eu)s nesta parte der, emtemdo comfiar de vos.	1	7
& porque des que o mundo foy criado, no~ soomemte amtre hos home~s, que sa~o criaturas rraçoaveis, <b>mas</b> amtre as brutas animallias, sempre ha' nos grandes ajuntamentos cabeça & superior,	1	8
& assy foy esto, & he, neçessario, que no~ some~te amtre muitos, <b>mas</b> aynda amtre poucos se rrequere sempre allgum que tenha carrego & rregimento dos outros.	1	8
E por çerto que eu nom me quero gabar desta comsyraça~o, antes digo que comsyrava muyto pello comtrayro, avemdo em meu escolhymemto mayor afeiça~o do que devia, <b>mas</b> D(eu)s, que tynha o verdad(ei)ro conheçimemto tambem do que eu fazia como do que devia fazer, ordenou que dom Pedro me pedisse este emcarrego, omde pellos outros hera rrefusado.	1	8
E tambem mamdou que ficassem todolos allmaze~s & artelharias q(ue) levava, com todallas outras cousas que symtio que poderiam aproveitar pera defemsa~o da çidade. & emta~o disse ao comde como elle, com ajuda de D(eu)s, logo no Março seguymte tornaria aaq(ue)la çidade, porque aquello que assy fezera no~ avia por comquista, <b>mas</b> por começo della.	1	9
& assy lhe emcomemdou q(ue) tevesse bo~o cuydado da outra gemte mais piquena, aos quais sempre mostrasse de sy bom gasalhado & os anymasse, espeçiall(em)te logo pello p(ri)meiro começo, ate que se fossem fazemdo ao seu sen(h)orio, caa, se os assy traütasse, ((p043)) que se acharia com elles muyto melhor que doutra guysa, caa nom soomemte lhes faria coraçã~o pera lhe muito melhor obedecer, <b>mas</b> aynda lhe faria soportar quaesquer mymgoas & trabalhos que lhe viessem.	1	9
Por çerto, aynda que eu quisesse, eu nom poderia (e)s(cre)ver sem lagrimas a espidiçam que estas gemtes fezera~o hu~as das outras, caa, quamdo foy a ora daquella partyda, foy amtre elles hu~o espedimemto tam doroso, que na~o somemte comovia os coraçõ~es dos naturais & daquelles que eram presentes, <b>mas</b> aynda dallgu~s allomgados a que se depois comtava per amtre meas pessoas.	1	10
Caa os que ficava~, espeçiallmemte os popullares, pemsava~ que jamais numca aviam de tornar ao rregno, caa se viam nas partes d'Africa, de hu~a p(ar)te çercados do maar & da outra dos ymigos, & no~ somemte comsyrava~o que aquella terra omde elles estava~o hera desejada dos naturais, <b>mas</b> de todallas geraço~es que adorava~o Mafamede.	1	10
Bem-aventurados vos outros que tornais a visytar vossas casas, molheres & filhos & viver & acabar amtre as cousas que amais, de cuja dor & trabalho vossos vezinhos & amigos am-de semtyr aquella parte a que costramgidos forem por divido & amizade & que, depois de nossos dias, vossos corpos ham-d'aco~panhar seus padres & avos, cujas sepullturas ham-de ser molhadas das lagrimas piadosas daquelles que vos amare~. <b>Mas</b> nos outros que aquy fycamos somos feitos como desterrados a que os mereçimemtos dos mallefiços trouvera~o causa de morte corporall	1	10
porque, se no~ abastar o poderio destes que pareçem, toda Africa lhe dara socorro, caa esta ((p046)) e~juria no~ somemte he daquestes vezinhos & naturais desta çidade, <b>mas</b> de toda a llynhage~ dos filhos d'Agaar, que sam muitos mais em nossa pequena comparaça~o que as areas dos desertos de Libia, os quais, ouvindo os gemidos da gemte de sua seyta, acudiram sobr'elles & vyram tomar aquella crua vingamça que os tais ymigos soem de desejar daquelles que os desapodera~ de sua propia terra & lhes matam & tomam aquellas cousas que amam.	1	10
He v(er)dade, diz aquy o autor desta storia, que, posto que a natureza humana naturallmemte seja temerosa, os pemsamemtos daquestes em allgu~a parte nom heram vaa~os, caa elles ficavo~ em aquella çidade que hera naquelle tempo casy a frol daquella terra d'Africa, cuja perda, de rreza~o, avia de ser dos mouros muito semtyda, no~ soomemte dos naturais & vezinhos, <b>mas</b> aynda de todolos outros que mamtynhem sua seyta,	1	10

pois do acorro que os nossos naturais esperariam, o allongamento do ((p048)) rregno & a pouca seguramça do maar, que muytas vezes he comtrario ao querer dos home~s, hera neçessario que fizesse naquelles, no~ aynda popullares, <b>mas</b> nos outros mas nobres, muyto desvayradas cuydaço~es.	1	10
Nom diremos por çerto que ho comde dom Pedro estava olhamdo o movimemto das vellas q(ue) faziam sua viage~ ne~ atemdia ao cuydado que aquelles popullares aviam, <b>mas</b> , como muito esforçado caval(ei)ro & muy dino de tall emcarrego, amdava pellos muros co~esses fidalgos que hii ficara~o, olhamdo aos lugares p(er) omde devia poer suas guardas & omde comp(ri)a mais ou menos força de gemte, de guisa q(ue) por mimgoa de bo~o avisamentto no~ rreçebesse allgu~a perda.	1	12
& a mayor força dos ymigos correo pera aq(ue)la porta que se emtom chamava de Madrabaxabe & ao despois d'Allvaro Memdez e, porque açerca desta porta esta' hu~a coyraça omde estavam allgu~s navios em seco, fora~o hos ((p064)) mouros comtra ella & poserom-lhe o fogo. <b>Mas</b> os nossos que estava~o sobre o muro, vemdo tall atrevimemto, nom quiseram esperar liçemça ne~ mamdado do capita~o, mas assy como poderam tomara~o suas armas & muy ousadamemte sairo~ a elles, omde se volveo hu~a forte & grande escaramuçã.	1	14
Mas os nossos que estava~o sobre o muro, vemdo tall atrevimemto, nom quiseram esperar liçemça ne~ mamdado do capita~o, mas assy como poderam tomara~o suas armas & muy ousadamemte sairo~ a elles, omde se volveo hu~a forte & grande escaramuçã.	1	14
Porem o mouro, como esforçado, tyrou a llamça de sy & rremessou-ha per tall força, que tramcou com ella hu~ escudo no braço a hu~ daquelles escudeyros que ally amdava~o na pelleja, <b>mas</b> , no~ lhe podemdo a força mais durar, cayo morto no cha~o, de cuja dor os outros mouros tomarom tamanho semtydo, que easy per vingamça se envolvera~o muy rrijamemte com hos cr(ist)a~os.	1	14
No q(ua)l conselho todos acordara~o, e assy tomarom por costume de chegar cada dia tam perto dos muros, que podiam ser bem vistos dos cr(ist)a~os, & ally faziam suas arremetidas por allvoroçarem os nossos & os tyrarem pera homde elles desejava~. <b>Mas</b> o comde tinha assy todos avisados que nenhu~ no~ movia da barr(ei)ra pera fora, pero, porque viu que os fidalgos se anojavam de estare~ assy ouçiosos, dava-lhes allgu~a liçemça que escaramuçasse~ com hos mouros, pero que se no~ allongassem ((p067)) da çidade com elles,	1	15
Como disse aquelle grande estoriall rromano a que chamara~o Tyto Llivio que m(ui)tas mais vezes dam as cousas conselho aos home~s do que hos home~s dam conselho as cousas, e por em o trabalho daquella sayda na~o soomemte fez omrra ao comde & aaquelles que o seguyra~o, <b>mas</b> aynda proveito, porque apremdeo pera ao diamte se avisar melhor dos emganos de seus ymigos, espiçiallmemte das çilladas.	1	16
Ouvera~o os mouros emta~o acordo de se terem de rrosto com hos nossos, rretraemdo-se, pore~, porque lhe parecia q(ue) ho perigo seria menos. <b>Mas</b> este ardimentto nom lhe po^de muito durar, caa, vemdo-se mortos & feridos, posera~ a derrad(ei)ra esperamça na ligeiriçe de seus pees.	1	18
&, como foy manha~, sairam fora da çidade, & assy aquelles bo~os escud(ey)ros de pee, & besteyros, & outra gemte miuda, com hos quais o comde logo mamdou descobrir a Alljazira. <b>Mas</b> os mouros nom quiseram sayr, nem ho comde no~ quis que os nossos fossem mais lomge por segurar os nossos de perigo.	1	20
Mas os mouros nom quiseram sayr, nem ho comde no~ quis que os nossos fossem mais lomge por segurar os nossos de perigo. <b>Mas</b> os mouros, despois que viram que na~o queriam hyr descobrir a çillada das Quimtas, omde Aabu jazia com ha p(ri)mçipall soma de sua gemte, sayram d'Alljazira, domde jaziam, & quisera~ dar de rrebato sobre a porta d'Allv(a)ro Me~dez.	1	20
& este mouro que dissemos avia nome Allmamçor, sobre cuja queda os mouros fizeram hu~a grande volta. <b>Mas</b> Pero G(omça)ll(ve)z, como muy ardido & vallemte fidaligo que hera, a despeito de tanta mulltyda~o de mouros que ally hera, estremou hu~ daquelles nobres mary~s que hera allaide d'Allaçer, ao quall deu hu~a muy grande lamçada & hu~a ferida no rrosto, queremdo-o derribar a segumda vez com ha llamça.	1	20
& çertamemte que no~ fora o dano dos comtrarios tam pequeno se Aabu no~ fora avisado de trazer a gemte da outra çillada por dar socorro aaquella, fazemdo ((p088)) mostramça de pelleja. <b>Mas</b> como vio que os nossos lhe tinham o rrosto, rreteve sua gemte.	1	20
Empero o comde se rrecolheo, no~ como home~ temeroso, <b>mas</b> como quem acaba sua vitoria & traz sua gemte acaudallada, com aquelle rreguardo que compre a todo boo duque ou p(ri)mçipall capita~o.	1	20

Por esto me parece q(ue) he bem que ajamos o comselho que ouvera~o os mouros de Tolledo quando a ouve ell rrey dom A(ffoms)o, filho do gramde rrey dom Fernamdo, o q(ua)l ouve ((p091)) a çidade por tall preitesya que nom tyvesse e~ ella sena~ allcaide & allçada, <b>mas</b> que os mouros vyvesse~ e~ toda sua amtiga llyberdade, como vyvem e~ poder do mais framco rrey que teverom.	1	21
& quem mais tardasse allgu~ tempo, que se partyria, <b>mas</b> no~ [se~] perda da mayor p(ar)te do que tevesse, o que mostrey pella pomba segumda;	1	21
E pore~ aveis de saber que depois deste ajuntamemto que hos mouros assy tevera~, como jaa temos comtado, se rrecolhera~ naq(ue)les mais p(ri)mçipaes lugares em que semtyra~ que se melhor podiam allojar, omde hordenara~o suas cavas, & taipas, vallos, & paredes, co~ quaesquer outras maneiras de çarraduras que podia~ achar pera sua seguramça. <b>Mas</b> o nobre ((p097)) comde dom Pedro nom tinha vomtade de hos leixar naquelle assesego que elles per suas ordenamças pemsavam de aver.	1	22
& hu~ de cavallo amdou embellecado amtre os de pee, & be~ podera ((p099)) ser em aquelle dia preso se lhe quiseram ferir o cavallo, <b>mas</b> pemsamdo que o poderiam av(er) vivo, vemdo a mimgoa dos cavallos que na çidade avia, pero a fim, vemdo como se começava de sahyr, lhe deram duas lamçadas no cavallo.	1	22

Ocorrências de <i>pero</i>		
Dados	Livro	Capítulo
Deyxo os da ilha de Rrodes, que casy sempre guerream com hos turcos, <b>pero</b> hu~s ne~ os outros na~o ouvera~o tam comtynuadas pellejas com hos ymfies como aquellas que os nossos naturaes com elles ouvera~o depois que aq(ue)la çidade foy trazida ao seu sen(h)orio, ne~ creo q(ue) antre os cr(ist)a~os se ache rregno que contynamemte tenha casy tres mill homes na guerra dos ymfies, pellejamdo ou per maar ou per terra & as vezes juntamemte, como o nosso rrey comtynuadamemte mamte~, nunca quemdo rreçeber paz ne~ tregoa, como quer que lhe per vezes fosse cometyda.	1	2
Outrossy foy este comde allferez do ymfamte (E)duarte, p(ri)mogenito, & sempre amado delle & homrrado, ante que fosse capita~o & m(ui)to mais depois q(ue) ho foy. <b>E pero</b> elle fosse comde feito em Castella, ell rrey nunca lhe quis dar semelhamte autoridade ne~ o chamou comde sena~o depois que por allgu~ t(em)po rregeio aquella capitania, que sentio q(ue) hera dino daquella homrra & o acreçemtou em todo, como ao diamte ouvireys.	1	3
& esto pode cada hu~ meter em espiremçia, se lhe prouver, assynamdo allgu~a cousa que de muitos seja vista, preguntamdo a cada hu~ per sy: <b>pero que</b> todos fossem presentes, em cada hu~ a'-d'achar seu desvairo, posto que se todos acordem na verdad(ei)ra sustamçia da obra.	1	3
E he cousa naturall que seg(umd)o amor ou odio assy se ymclina~ as vomtades, posto que da rraza~o sejam costramgidos, <b>pero</b> o contrario, que nunca aquelles que bem fazem pode parecer, pero se delles muito diga, que se diz todo ho que elles mereçem, e aos que nada na~o obra~ se~pre parecee muito aquillo que dos outros dizem &, se delles mesmos comtam allgu~ falleçimemto, posto que verdad(ei)ro seja, sempre lhes parece que he m(ui)to mais do que em seu herro v(er)dad(ei)ramemte pode caber.	1	3
E he cousa naturall que seg(umd)o amor ou odio assy se ymclina~ as vomtades, posto que da rraza~o sejam costramgidos, pero o contrario, que nunca aquelles que bem fazem pode parecer, <b>pero</b> se delles muito diga, que se diz todo ho que elles mereçem, e aos que nada na~o obra~ se~pre parecee muito aquillo que dos outros dizem &, se delles mesmos comtam allgu~ falleçimemto, posto que verdad(ei)ro seja, sempre lhes parece que he m(ui)to mais do que em seu herro v(er)dad(ei)ramemte pode caber.	1	3
- (E)ssa seria - disse aquelle comde - [hu~a] das mayores merçees que me D(eu)s & ell rrey, meu sen(h)or, podia~ fazer, semdo eu em tall hydade pera o suportar, mas a natureza, como vos vedes, me tem jaa trazido a tamta fraqueza, que por nenhu~ modo poderia suportar semelhamte trabalho, caa esta çidade he muy gramde & quem quer que ha ha'-de ter no~ lhe compre dormir seu sono cheo, ne~ se fiar sempre de todos, espiçiallmemte agora no começo, que lhe os mouros nunca am-de sayr da porta, <b>pero</b> eu farey o que ell rrey, meu sen(h)or, mamdar.	1	5
Martym Affomsso rrespomdeio que lho tinha m(ui)to em merçee, <b>pero que</b> lhe pedia que lhe desse tempo pera o fallar com hos seus, caa, pois os mais delles heram seus criados & os que o p(ri)mçipallmemte aviam de servir, que lhe parecia rraza~o de lho dezer, os quais parece que lhe conselhara~o que por nenhu~a guisa o fezesse, allegamdo-lhe suas rrazo~es per que de todo lhe fezera~o menospreçar aq(ue)lla homrra.	1	5

Emta~o me disse: «Filho meu, rrogo-te que no~ me digas mais das bomdades de tua çidade, caa me nom podes tu dezer tamto que eu muito mais no~ sayba. <b>Pero</b> tamto te digo que, se os mouros da terra d'Africa soubessem o que eu sey, jaa em ella no~ estarya hu~a pedra sobre outra que nom fosse derribada toda pello cha~o, caa a sua fremosura & bomdade aynda a~-de ser causa de nosso gramde mall, o quall semtyram p(ri)meiro os ((p059)) que nella morare~, e depois o semtyram os outros q(ue) morarem afastados, & porventura poucos fycara~ em esta parte d'Afr(i)ca que nom tenha~ sua parte desta perda.	1	13
E porque o comde dom Pedro hera lomge dally, na outra parte da çidade comtra ((p065)) a Allmina, ouve rraza~o de saber tarde as novas daquelle rrebate, & p(ri)mçipallmemte porque aquelles que desejavam ser na pelleja no~ ousavam de lhas hir dizer, tememdo-se que os comtrariasse da sayda. <b>Peroo</b> ho rrumor correo pella çidade & chegou omde elle estava, o q(ua)l trigosamente acudio pera aquella p(ar)te & no~ quis dar lugar que se os cr(ist)a~os allomgassem do muro, porque hera todo çercado d'arvoredos, como jaa dissemos, & temeo que porventura estevessem outros mouros emcubertos com temça~o de lhes fazer allgu~ e~gano, e por e~ fez rrecolher todolos c(ri)sta~os.	1	14
Mas o comde tinha assy todos avisados que nenhu~ no~ movia da barr(ei)ra pera fora, <b>peroo</b> , porque viu que os fidallgos se anojavam de estare~ assy ouçiosos, dava-lhes allgu~a liçemça que escaramuçasse~ com hos mouros, pero que se no~ allomgassem ((p067)) da çidade com elles, & assy o fizeram per allgu~s dias, ate que o comde teve sua çidade comçertada & conheço a maneira que os mouros queriam ter.	1	15
Mas o comde tinha assy todos avisados que nenhu~ no~ movia da barr(ei)ra pera fora, pero, porque viu que os fidallgos se anojavam de estare~ assy ouçiosos, dava-lhes allgu~a liçemça que escaramuçasse~ com hos mouros, <b>pero que</b> se no~ allomgassem ((p067)) da çidade com elles, & assy o fizeram per allgu~s dias, ate que o comde teve sua çidade comçertada & conheço a maneira que os mouros queriam ter.	1	15
Estes paços heram fortallezados de muro & torres & chamavam-se Alljazira, os quais ymda durava~o em ho tempo da feytura deste l(iv)ro & depois, <b>peroo</b> ja danyficados.	1	15
Ao rreçebimemto deste mouro ((p076)) sayram Joham P(erei)ra, & Luis Vazques da Cunha, & Luis Allv(are)z da Cunha, Rruy Gomez da Sylva, & Pero Lopez d'Azevedo, Pero G(omça)ll(ve)z Mallafaya, & Gill L(ourem)ço d'Ellvas, & Johan'Eannes Rraposo, & Allvar'Eannes de Çernache, & Allv(ar)o Memdez de Beja, se~ outra companha, porque jaa todos tinham cavallos. <b>Pero</b> , tamto que elles fora~ fora, sayram apos elles outros bo~os escud(ey)ros a pee, porque lhe parecia que rreçeberia~ abatimemto ficare~ aa sombra dos muros.	1	17
E tornamdo a nossa ((p084)) estoria, morreo ymda ally o outro negro d'Abuu, & matara~o o cavallo a Lluís Vazquez da Cunha - elle foy ferido, <b>pero</b> ligeiramemte - & matara~o hu~a (e)goa a Johan'Eanes Rraposo, e assy out(r)o cavallo a hu~ escud(ey)ro que se chamava Joham Barroso.	1	19
Pois que assy he - disse aquelle mouro amtigo - eu me quero hiir pera Allçaçar Çeguer, que he terra de meus avoos, ca de my~ pouco serviço pode^s aver, <b>pero</b> tamto vos digo que ponhaes sobre vos bom avisamemto, caa eu vejo que este capita~o que ell rrey de Portugall aquy leixou com esta gemte que comsygo tem no~ ham-de estar tras os muros, como vos dezeis, amtes sey bem que ham-de provar vossas forças muitas vezes.	1	21
& hu~ de cavallo amdou embellecado amtre os de pee, & be~ podera ((p099)) ser em aquelle dia preso se lhe quiseram ferir o cavallo, mas pemsamdo que o poderiam av(er) vivo, vemdo a mimgoa dos cavallos que na çidade avia, <b>peroo</b> a fim, vemdo como se começava de sahyr, lhe deram duas lamçadas no cavallo.	1	22

<b>Ocorrências de <i>empero</i></b>		
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Capítulo</b>
- Como quer - disse elle - que vos ate'gora conhecesse por tall que nom pode çertamemte em vos rreçeeber doesto o nobre samgue de que deçemdeis de todas vossas quatro avoemgas, <b>empero</b> na~o esperava que me tan asynha chegasse tempo em que me tam espiçiallmemte podesse de vos servir, o quall tamto mais semto & rreçebo por espiçiall quamto vos a ello movestes com melhor vomtade, & muito mais porque ho fezeistes sem rrequerimemto meu ne~ doutra p(esso)a que o de minha parte semtyssse.	1	7
He v(er)dade, diz aquy o autor desta storia, que, posto que a natureza humana naturallemte seja temerosa, os pemsamemtos daquestes em allgu~a parte nom heram	1	10

<p>vaa~os, caa elles ficavo~ em aquella çidade que hera naquelle tempo casy a frol daquella terra d'Africa, cuja perda, de rreza~o, avia de ser dos mouros muito semtyda, no~ soomemte dos naturais &amp; vezinhos, mas aymda de todos os outros que mamtynhem sua seyta, a q(ua)l, ficamdo tam azada pera a tornare~ a tomar, de crer hera que fariam sobr'ella quamto podessem, pois do acorro que os nossos naturais esperariam, o allongamento do ((p048)) rregno &amp; a pouca seguramça do maar, que muytas vezes he comtrario ao querer dos home~s, hera neçessario que fizesse naquelles, no~ aymda popullares, mas nos outros mas nobres, muyto desvayradas cuydaço~es. <b>Empero</b> aquelle que daa vida &amp; morte quamdo &amp; como lhe praz com seu ymfimdo poderio ordenou as cuydaço~es daquelles muito pello comtrario, caa, por sua ymfimda piadade, ate oge, que sam passados coremta &amp; çimco annos, sempre aquella çidade foy muy vallemtememte defemdida pellos nossos naturais &amp; socorrida nas gramdes neçessydades,</p>		
<p>Outros que tynha~ suas ferramentas naquellas quyntas deçepava~o as arbores que com tamto trabalho criarom, <b>empero</b> outros muytos hy avia que husava~o de sua sanha mais temperadam(em)te, esperamdo que aymda poderiam cobrar sua çidade, omde lhe aquellas cousas poderia~ aproveitar, trazemdo allgu~s daquelles mais sabedores a sua memoria allgu~as es(cri)pt(u)ras que lera~ nos tempos passados, nas quais achavo~ m(ui)tos acomteçimemtos doutras çidades &amp; villas que despois tornara~o a cobrar seus propios moradores, omde se tornava~o a lograr das suas p(ri)mçipaes cousas.</p>	1	13
<p>Porem o mouro, como esforçado, tyrou a llamça de sy &amp; rremessou~ha per tall força, que tramcou com ella hu~ escudo no braço a hu~ daquelles escudeyros que ally amdava~o na pelleja, mas, no~ lhe podemdo a força mais durar, cayo morto no cha~o, de cuja dor os outros mouros tomarom tamanho semtydo, que casy per vingamça se envolvera~o muy rrijamemte com hos cr(ist)a~os. <b>E~pero</b> assy se achara~o escarmentados das feridas que lhe os nossos dera~o, que per força lhes fezera~o volver as costas.</p>	1	14
<p>Os fidallgos emtemderam be~ q(ue) ho mouro vinha assy cautellosamemte por fingir allgu~ emgano, <b>empero</b> foram a elle por semtyre~ o que queria fazer, o quall e~ seu rretraimemto se mostrou mais temeroso do que ho caso rrequeria, saymdo~se assy como fugimdo por aver aazo de tyrar os nossos comtra hu~a çillada que deyxara detras de sy.</p>	1	17
<p>&amp; no dia seguynte que hordenara~o mamdou o comde hu~ de cavallo que fosse por hos home~s e~ ellas, o q(ua)l, amdando çercamdo a çidade pera descobrir allgu~s mouros, ((p079)) se hos hii avia, sayram a elle hu~a soma delles que jaziam escomdidos &amp; começara~o de ho seguyr. <b>Empero</b>, porque ho espaço hera pequeno, ouve rraza~o de se sallvar, a quall cousa vista por outra atallaya que estava sobre a torre de Fez, começou de rrepicar hu~ syno que ally estava, de dous q(ue) ally foram achados que os mouros em outro tempo llevaram de Lagos.</p>	1	18
<p>Por certo bem mostrou aquelle mouro mamçebo a grande força do amor que ha´ amtre ho padre &amp; o filho, caa quamto nelle foy nunca çessou de trabalhar por vingar a morte daq(ue)le q(ue) ho gerou, rrequeremdo seus amigos que tomassem parte daquelle semtyememto ajudamdo aaquella vingamça. <b>Empero</b> todo seu trabalho teve pouca força, caa o mais que po^de fazer foy ajuntamemto d'allmogavares, com hos quais se lamçou hu~a noite em hu~ lugar que se chama o Porto Framco.</p>	1	19
<p>&amp; e~ esta vollta apartara~o os mouros hu~u Pedr'A(ffoms)o, criado dell rrey, o quall se defemdia o melhor q(ue) podia, <b>empero</b> jaa fracamemte pello gra~de trabalho que jaa llevara.</p>	1	20
<p>O comde, da outra parte, tememdo que no Rromall ouvesse outra allgu~a çillada, porque lhe os escuitas tinham dito que semtyram em aquella noite m(ui)ta gemte de pee &amp; de cavallo em aquella parte, como de feito era, caa çertamemte se ho co~de assy no~ rrecolhera sua gemte que ally pereçera~ todos, seg(umd)o a grande mulltyda~o que a atallaya da porta de Fez vio sobre o Rromall, os quaes estavam ally com emtemça~o de se llamçar de sallto demtro na çidade. <b>Empero</b> o comde se rrecolheo, no~ como home~ temeroso, mas como quem acaba sua vitoria &amp; traz sua gemte acaudallada, com aquelle rreguardo que compre a todo boou duque ou p(ri)mçipall capita~o.</p>	1	20
<p>Aimda que amtre todallas naço~es aja gemtes de toda maneira, s(cilicet), hu~s fracos, outros ardididos, &amp; assy nos emtemdimemtos em todos os lugares se acha menos, &amp; mais, &amp; muito ((p089)) mais, <b>empero</b> os mouros naturallmemte sa~o e~temdididos.</p>	1	21

<b>Ocorrências de <i>porém</i></b>		
<b>Dados</b>	<b>Livro</b>	<b>Capítulo</b>
Porque a p(ri)mçipall parte do meu emcarreguo he daar comta & rraza~o das cousas q(ue) passa~ nos tempos de minha hydade ou daquellas q(ue) passara~o tam acerca de que eu posso aver verdad(ei)ro conhecimento - ca, seg(umd)o os amtigos (escre)vera~o este nome, s(cilicet), cronica, p(ri)mçipallmente ouve o seu orige~ & fundamemto de Saturno, que quer dezer "tempo", esto porque em grego se chama este planeta Crono~ ou Cronos, que synyfca "tempo", assy como no latym este nome quer dezer tempus, & dhy se deriva cronica, que quer dezer "estoria em que se es(cre)ve~ os feitos temporais", chama-se este planeta no latym Saturnus, cuja v(er)dadeira ymtrepretaça~o quer dezer casy saturanis, s(cilicet), "comprido ou cheo d'annos" - <b>por e</b> ~ he minha e~temço~, com ajuda da Samta Trimdade, (e)s(cre)v(er) e~ este vallume os feitos que se fezera~o na çidade de Çepta depois que p(ri)meiramemte foy tomada aos mouros por aquelle magnanimo p(ri)mçiçe, ((p002)) ell rrey dom Joha~o.	1	1
Crea~ ((p009)) os que esta storia llerem que, se na sustamçia allgu~ (e)rro ha', que he mais por se dizer menos do que a gramdeza dos feitos rrequeria, que por eu comvidar as orelhas dos ouvintes [ou] aacrecemtar de my mesmo allgu~as cousas na materia. Eu creo, <b>poem</b> , que estas escusas no~ sejam neçessarias pera as gemtes d'Espanha, que comunallm(em)te em allgu~as partes comunica~ com hos mouros, como seram pera as outras gemtes estramgeiras que nom ha~o conhecimento de suas maneiras de pelleja.	1	2
A segumda rreza~o, muy allto p(ri)mçiçe, hera porque, posto que os f(ei)tos de Çepta pareçam vossos, pois a çidade he vossa, no~ se podem dereitamente ap(r)opiar ((p010)) a vos sena~o aaquelles que se per vosso p(r)opio mamdado fezera~o depois que, per graça de D(eu)s, ouvestes o çetro da coroa rreall de vossos rreynos, em q(ue) no~ foram menos aqueçimemtos q(ue) hos p(ri)meiros, que eu com melhor vomtade es(cre)vera juntame~te com hos outros vossos feitos, que sam açaz dinos de grande memoria, sequer por vos mostrar allgu~ conhecimento da llomga criaço~ & m(ui)ta bemfeitoria que por vossa merçe, husamdo de vossa acostumada virtude, de vos rreçeby, caa se allgu~ saber e~ my~ ha', posto que seja pequeno, com has vossas migalhas o apremdi. <b>Porem</b> , comp(ri)mdo vosso mamdado, me despus aa dita obra, pedimdo aaquelle D(eu)s que em sy mesmo, com (e)ternall ordenamça, e~ p(er)ssoall ternario sem desygualleza, & sua (e)ssemçia em toda sp(er)ica, cujo çemtro, segumdo diz Ermos, he em todo lugar per modo ymfimdo, & a çircumferemçia no~ he e~ allgu~, o quall diz sam Gregorio que he dentro em todo sem emçarramemto & fora de todo no~ semdo apartado, & sem bayxeza o mundo sostem, & sobre todo se emxallça sem prellomgamça, no~ ha' cousa em que todo na~o seja & todo çercado de sy nom faz termo, que [de' allgu~a] parte dos atamos de sua graça, perque possa es(cre)ver esta obra a seu samto louvor, & homrra & bo~o ((p011)) nome dos seus fies catolicos, que pello seu amor & e~xallçamemto da sua samta ffee, tam fiellmemte satesfazemdo a vosso samto p(ro)posyto como sa~o theudo & obrigado.	1	2
Com este segumdo rrazoado se teve ell rrey, porque aquella hera de todo sua temço~, seg(umd)o pareceeo aaquelles que ally heram per allgu~s comgeitos de fora, dezemdo amte todos que conhecido estava que a D(eu)s prazia de assy ser, pois sua merçee fora de lhe dar aquella çidade com tam pouco trabalho, que assy lhe prazeria de ha defemder & guardar com ha sua ajuda & poder, <b>por em q(ue)</b> lhe rrogava que comsyrassem quem lhe parecia pertemçemte pera a rreger & defemder.	1	5
E ell rrey, allem de conhecer que hera verdade o que ho comde allegava, sabia que elle tinha temçom de se apartar pera serviço de D(eu)s no Most(ei)ro de Samta Maria do Carmo, que elle mandara fundar em Lixboa, & <b>por em</b> disse que bem conheçia a boa vomtade do comde & a sua neçessydade, a quall elles viam bem quamto hera lleytima.	1	5
E ell rrey, allem de conhecer que hera verdade o que ho comde allegava, sabia que elle tinha temçom de se apartar pera serviço de D(eu)s no Most(ei)ro de Samta Maria do Carmo, que elle mandara fundar em Lixboa, & por em disse que bem conheçia a boa vomtade do comde & a sua neçessydade, a quall elles viam bem quamto hera lleytima. <b>Por em q(ue)</b> lhe nomeassem outro, assynamdo-lhe logo G(om)ç(all)o Vaz Coutinho, dizemdo-lhe como hera bom caval(ei)ro & home~ fidallo & de muyta gemte & sabedor de guerra, que poderia bem soportar semelhamte emcarrego, caa no~ soomemte hera neçessario homem ardido & forte, mas aynda prudemte & avisado no auto da guerra.	1	5
Gonçallo Vazques disse que, assy por sua hidade como por outras cousas que ho ympidia~, que ho no~ podia fazer, do que allgu~s tevera~o que ell rrey nom fora comtemte. ((p028)) <b>Por em</b> fez chamar Marty~ Affomso de Mello & lhe disse, assy em preseança de todos,	1	5



que a elle prazia que ficasse ally por capita~o & rregedor, no q(ue) lhe faria gramde s(er)viço & a sy mesmo homrra & louvor, conheçemdo delle que hera bom caval(ei)ro & que o serviria bem em aquello, como ho jaa servira nas outras cousas que lhe emcomemudara nos tempos das guerras passadas, e que seria azo de ho acreçemtar & homrrar, como sempre tevera vontade.		
Demtro nos ymfernos, omde no~ he all sena~o trevas & aborreçimemto, seg(um)do os santos doutores dizem, ally ha' primçipes deçemdemtes per desvairadas espeçias de gra~os d'ofiços com que se rrege aquella ymfernall miseria, & a cuja sogeiça~o todollos outros guardam obidiemçia & sen(h)orio. <b>Por e~</b> , conheçemdo eu quamto isto hera neçessario amtre vos outros, comsyrey de vos leixar aqui tall pessoa de que me emtemdesse nesto melhor servir & que guardasse minha homrra & vossa, com todo bo~ rresguardo que em tais casos (e') devido, assy a my~ como a vos, conheçemdo-o por tall, assy per lynchagem como per virtudes, que fara todo como compre a meu serviço & bem de vos out(r)os.	1	8
& ally se espidio de todos pera se meter nos navios, p(ri)meiramente do comde, ao quall tornou a rrepetir o que lhe amte dissera, emcomemdamdo-lhe os fidallgos que sou sua governaçã~o ficava~, que os tratasse com toda homrra & favor, de guisa que se assen(h)oreasse de suas vomtades, dezemdo-lhe que numca poderia ser temido se na~o fosse amado, damdo-lhe, <b>porem</b> , castigo omde comprisse, com aquelle rresguardo que elle bem conheçeria ser rraza~o.	1	9
Outro muito comtrario cuydado traziam os governadores daquella frota, os quais, avemdo çerto mamdado como no outro dia avia~ ((p049)) de partir, como home~s allegres da vitoria, a q(ua)l lhes parecia tamto menos quamto tardava de se comtar per elles a seus parentes & amigos, pello quall se lhe o tempo fazia llongo pera chegarem a suas casas & se alegrare~ co~ as cousas que amavo~ rrecomtamdo os trabalhos daquella vitoria, que nom seria a elles menos descamso, <b>e por em</b> toda aquella noite passada trabalharom em comçertar seus aparelhos de guisa que, como foy manha~, tinha~ suas vellas legadas em suas vergas ficamdo sobre a amcora derrad(ei)ra.	1	11
Nom tinha~o os mouros pequena esperamça de cobrar aquella çidade, pellas rrazo~es que açima dissemos, <b>e por e~</b> se no~ quisera~ partyr daquelles valles omde tinha~o suas quymtas, espiçiallmente se confirmava~o e~ esta esperamça quamdo vyram partyr a frota d'amte os muros da çidade.	1	14
Amtre estes mouros amdava hu~ na~o menos gramde em llynhagem que em allteza de corpo, ome~ de fremosa cara & de grande coraçom, e assy como muito vallemte & esforçado hera sempre amte os outros, como home~ que na~o queria fazer vill a nobreza do sangue que tinha. <b>Por e~</b> hu~ home~ de pee de hu~ daquelles escud(ey)ros que ally leixara o ymfamte dom Amrique, que se chamava Martym do Allgarve, lhe arremessou hu~a lamça com que o ferio de mortall chaga.	1	14
Por e~ hu~ home~ de pee de hu~ daquelles escud(ey)ros que ally leixara o ymfamte dom Amrique, que se chamava Martym do Allgarve, lhe arremessou hu~a lamça com que o ferio de mortall chaga. <b>Porem</b> o mouro, como esforçado, tyrou a lamça de sy & rremessou-ha per tall força, que tramcou com ella hu~ escudo no braço a hu~ daquelles escudeyros que ally amdava~o na pelleja, mas, no~ lhe podemdo a força mais durar, cayo morto no cha~o, de cuja dor os outros mouros tomarom tamanho semtydo, que casy per vimgamça se envolvera~o muy rrijamemte com hos cr(ist)a~os.	1	14
Peroo ho rrumor correo pella çidade & chegou omde elle estava, o q(ua)l trigosamemte acudio pera aquella p(ar)te & no~ quis dar lugar que se os cr(ist)a~os allomgassem do muro, porque hera todo çercado d'arvoredos, como jaa dissemos, & temeo que porventura estevessem outros mouros emcubertos com temça~o de lhes fazer allgu~ e~gano, <b>e por e~</b> fez rrecolher todolos c(ri)sta~os.	1	14
- Sen(h)ores, irma~os, parentes & amigos, verdade he que amtre as cousas que me ell rrey p(ri)mçipallmemte emcomemdou assy foy que me trabalhasse de no~ sayr fora desta çidade sena~o por muy gramde rresguardo, & que aynda na~o fosse sena~o por cousa muy neçessaria. <b>Pore~</b> , en comsyramdo que~ vos outros soes & a vomtade que som çerto que temdes de acreçemtar e~ vosso nome, pemsey de buscar maneira p(er)a sayrmos a estes mouros, com serviço de D(eu)s, & dell rrey, nosso sen(h)or, & guarda da nossa homrra.	1	15
Tornara~o emta~o comtra os outros, pemsamdo d'acolher os nossos em meio, omde a pelleja foy m(ui)to mais gramde que da p(ri)meira. <b>Por e~</b> os cr(ist)a~os, vemdo como os mouros sobrevinham cada vez mais, começarom de se rretraer com bom avysam(em)to,	1	15

tanto mayor quanto o perigo hera mais grande, omde o comde dom P(edr)o amdava, como vallemte & esforçado caval(ei)ro, avivando aquella gente portugues, llebrando-lhes amiude a amtiga virtude de seus amteçessores.		
Como disse aquella grande estoriall romano a que chamara~o Tyto Llivio que m(ui)tas mais vezes dam as cousas comselho aos home~s do que hos home~s dam comselho as cousas, <b>e por em</b> o trabalho daquela sayda na~o soomemte fez omrra ao comde & aaquelles que o seguyra~o, mas aynda proveito, porque apremdeo pera ao diamte se avisar melhor dos emganos de seus ymigos, espiçiallmente das çilladas.	1	16
De grande proluxidade pareçeria nossa (e)s(cri)pt(u)ra se pello miudo quisessemos comtar quantas escaramuças os cr(ist)a~os ouvera~o com os comtr(a)r(i)os emquanto estivera~o çerca da çidade, caa #XX dias continuados nu~ca çessara~o de vir rrequerer os nossos de pelleja, da quall nu~mca hu~s & outros eram partydos. <b>Porem</b> , per graça ((p 75)) de D(eu)s, sempre o campo ficava por aquelles que defemdiam a çidade, & tanto que os mouros foram conheçemdo que seu p(ri)meiro pemsamemto no~ hera tam llygeiro d'acabar como elles amte cuydava~o, & por em foram-se afastando da çidade cada vez mais.	1	17
De grande proluxidade pareçeria nossa (e)s(cri)pt(u)ra se pello miudo quisessemos comtar quantas escaramuças os cr(ist)a~os ouvera~o com os comtr(ar)ios emquanto estivera~o çerca da çidade, caa #XX dias continuados nu~ca çessara~o de vir rrequerer os nossos de pelleja, da quall nu~mca hu~s & outros eram partydos. Porem, per graça ((p 75)) de D(eu)s, sempre o campo ficava por aquelles que defemdiam a çidade, & tanto que os mouros foram conheçemdo que seu p(ri)meiro pemsamemto no~ hera tam llygeiro d'acabar como elles amte cuydava~o, <b>&amp; por em</b> foram-se afastando da çidade cada vez mais.	1	17
Mais ho co~de teve que seria vergonhosa cousa tornare~ assy como gente menos ousada do que elle queria que dos comtrarios fosse semtyda, pemsamdo q(ue) lhes daria ousyo pera as outras cousas. <b>&amp; por e~</b> fallou muy rrijamente aaquelles q(ue) ho seguya~ que todavia fossem avamte, ferimdo seu cavallo rrijamente das esporas, seguymdo os mouros com grande ardimemto.	1	18
Ouvera~o os mouros emta~o acordo de se terem de rrosto com hos nossos, rretraemdo-se, <b>pore~</b> , porque lhe parecia q(ue) ho perigo seria menos.	1	18
E em esta vollta matara~o Martym Gomez, & Joham do Soaio, & outros dous moços de momte do ymfamte dom Amrrique. & assy foram os nossos com esta pressa, ate que cobrara~o o outeyro, omde se defemderam m(ui)to rrijamemte, aynda que poucos fosse~, ate que lhe começou de viir socorro da gente que vinha com ho comde, a q(ua)l os mouros na~o quiseram esperar, amtes se rrecolheram aas quyntas que tinham açerca, as quaes heram tam cubertas d'arvoredos, que hera muy perygosa cousa aos nossos quererem com hos comtrairos e~trar em ellas. <b>Pore~</b> aynda os emcallçara~o & ferira~o allgu~s, amtre os quais matara~o hu~ caval(ei)ro velho, sen(h)or de muyta gente, por cuja morte todolos mouros da terra d'Amjara tomara~o gr(am)de doo.	1	19
& sobre todo lhe dava ousyo ho bo~o aqueçimemto que ouverom omde matara~o a Martym Gomez & os outros tres que com elle ((p086)) morrera~o. <b>E por em</b> tornara~o outra vez a lançar suas çilladas, s(cilicet), hu~a na Boca d'Asna & outra demtro em Alljazira, as quaes foram semtydas pellas escuytas.	1	20
Nom porque D(eu)s partysse o emtemdimemto mais com elles que com os outros home~s, soomemte porque sa~o gentes de pouca viamda & que hos mais delles na~o husam vinho, trazem os e~te~dim(em)tos mais puros & mais despostos que os outros que se rregem pello comtraio, & por ello ham rreza~o de melhor conheçer as cousas do que fariam se doutra guisa husasse~. <b>E por em</b> , amtre aquelles que viviam naquella esperamça de tornar a cobrar a çidade, se ajuntara~o allgu~s & fallara~o amtre sy sobre aquella demanda que queriam tomaar, pera se comselhare~ do que sobr'ello deviam de fazer.	1	21
E çerto he que sua p(ri)mçipall temçom nom he outra seno~ guardarem aquella çidade, e por tanto na~o se ousa~ d'afastar llonge dos muros della. <b>&amp; por e~</b> nos aquy podemos rreparar nossa vida, ate que nos D(eu)s lleve deste mumdo, o que quanto mais çedo for tanto sera mais nossa prol, se a nossa çidade no~ ouvermos de cobrar.	1	21
Tarde seria jaa de começar d'avermos allojamemto novo & nos rreformarmos em outra vida, çertame~te vergonha & doesto seriamos amtre todallas gentes de nossa naça~o. <b>Por em</b> o que devemos de fazer - disse hu~ daquelles - assy he assemarmos-nos e~ aquestas aldeas & despemdermos nossos dias aquy, caa estes danados na~o ham-de ousar de se vyr meter amtre nos se os nom formos cometer, porque rreçeara~o o que he de temer, & esto he q(ue) nos podemos ter amtre estes arvoredos gentes com que lhe podemos empeçer.	1	21

<p>Muitas cousas deyxamos de (e)s(cre)v(er) e~ esta estoria que se passara~o amtre os crista~os &amp; os mouros emquamto vyveram a~erca da ~idade, aynda que ho tempo na~o fosse m(ui)to, porque cada dia pellejava~ &amp; fazia~ suas escaramu~as, nas quais se faziam a~az bo~as cousas, de que outros estoriadores se podera~ aproveitar pera fornymemto de seus lyvros que nom tiveram tamtas cousas notaveis pera (e)s(cre)v(er).</p> <p><b>E pore~</b> aveis de saber que depois deste ajuntamemto que hos mouros assy tevera~, como jaa temos comtado, se rrecolhera~ naq(ue)les mais p(ri)m~cipaes lugares em que semtyra~ que se melhor podiam allojar, omde hordenara~o suas cavas, &amp; taipas, vallos, &amp; paredes, co~ quaesquer outras maneiras de ~arraduras que podia~ achar pera sua seguram~a.</p>	1	22
---	---	----

## ANEXO D – Dados do português - séc. XVI – Peregrinação

*Mas* e variantes: 70 dados

*Porém* e variantes: 30 dados

**Total: 100 dados**

Ocorrências de <i>mas</i>		
Dados	Capítulo	Página
porque vejo que não contente de me por na minha patria logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nella viui sempre em miserias, & em pobreza, & não sem alguns sobresaltos & perigos da vida me quis també levar às partes da India, onde em lugar do remedio que eu hia buscar a ellas, me forão crescendo com a idade os trabalhos, & os perigos. <b>Mas</b> por outra parte quãdo vejo que do meyo de todos estes perigos & trabalhos me quis Deos tirar sempre em saluo, & porme em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados,	1	2
E praticando os Capitaes ambos & os outros companheyros sobre o que se faria neste caso, se concuryo por parecer dos mais, que os inimigos se não fossem tanto a seu saluo, <b>mas</b> que se trabalhasse tudo o possiuel pelos irmos gastãdo com a artilharia ate que fosse menham, porque então nos ficaria mais facil & menos perigoso o abalroalos, o que assi se fez.	3	4
E continuando daquy por nossas jornadas de cinco legoas por dia por campinas de trigo muyto grandes & muyto fermosas, & chegamos a hũa serra que se dizia Vangaleu, pouoada de Iudeus, gente branca, & bem proporcionada, <b>mas</b> muyto pobre, segundo o que nos pareceo della.	4	5
E depois de auer ja noue dias que aquy estauamos, nos fomos despedir della, & beijandolhe a mão nos disse: certo que me pesa de vos yrdes tão cedo, <b>mas</b> ja que he forçado ser assi, ydeuos muyto embora, & seja em tão boa hora a vossa tornada à India, que quando là chegardes vos recebão os vossos como o antigo Salamão recebeo a nossa Raynha Sabaa na casa admirauel de sua grandeza.	4	6
a que o Capitãõ respondeo que não tinha poder naquella presa para dispensar nella tão largo como lhe elle pidia, <b>mas</b> que fallasse elle ao Soleymão Dragut seu genro, porque elle o faria de muyto boa vôtade.	6	8
O que ouuindo hum Ianiçaro Capitão de hũa das tres Galeotas, homẽ honrado, & de muyto ser & valia entre elles, por nome Coja Geinal, lhe respondeo quasi menencorio do que lhe tinha ouuido em desprezo seu, & dos mais que foraõ na nossa tomada: <b>mas</b> quanto melhor vos fora para saluaçaõ da vossa alma partirdes cos pobres soldados do vosso que vos sobeja, que cõ palauras de hypocresia quererdeslhe roubar o seu, como tendes por officio fazer continuamente,	6	8
A que o Capitão mór respondeo cõ palauras prudentes & de cortesia, dizendo que beijaua as mãos a sua alteza por tamanha merce, & taõ bom conselho, <b>mas</b> que quanto a cometer os Turcos, por nenhum caso deixaria de fazer, porque não era costume de Portugueses deixarem de pelejar por medo dos inimigos serem muytos nem poucos, porque quãtos mais fossem, tanto mayor seria a sua perda delles, & com esta resposta foy o Bramene despedido, a quem o Capitão mór deu hũa peça de chamallote verde, & hum chapeo forrado de citim cramesim, com que foy muyto contente.	9	11
Despidido o Bramene, o Capitão mór Gonçallo Vaz Coutinho se determinou de todo em pelejar cos Turcos, <b>mas</b> primeyro teue auiso, por espias que nisso trazia, do modo que com nosco querias ter, & de como aquella noite, com fauor da Raynha, segũdo se dizia, meteraõ a Galé em hũa fossa, junto da qual tinhaõ feita hũa tranqueyra de vallos muyto altos, & prantadas nella vinte & seis peças de artilharia.	10	12
Tanto que foy menham a Raynha mandou visitar o Capitão mór com hum grande çauguate de muytas galinhas, & frãgaõs, & ouos, que elle não quiz aceitar, <b>mas</b> mostrandose muyto colerico contra ella, soltou algũas palauras quiça mais asperas do que parecia razão,	11	12
como se o dia de oje lhe fizeraõ comer carne de vaca na porta principal do pagode onde seu pay jaz enterrado, & por aquy senhor julgaras quanta parte tem no teu nojo, <b>mas</b> ja que no feito não pode auer o remedio que ella deseja, te pede & roga, que de nouo lhe confirmes as pazes que os Governadores passados lhe concederãõ,	11	13
O Capitão mór entendendo quão importante cousa esta era, lhe aceitou a promessa, &	11	13

lhe concedeo de nouo as pazes, as quais juradas aly logo & confirmadas de ambas as partes com as cerimonias costumadas entre aquelles Gentios, a Raynha buscou todos os meyo possiueis para cumprir sua palaura, <b>mas</b> por se não poder esperar o termo dos quatro dias que a Raynha pedira, pelo perigo dos muytos feridos que auia na armada, o Capitão mór se partio logo neste mesmo dia à tarde,		
Não me pude eu então escusar de fazer o que me elle pidia, inda que algum tanto arreceaua a yda, assi por ser terra noua, & de gente atraçoada, como porque inda então não tinha mais de meu que sós cem cruzados, por onde não esperaua fazer là proueito. <b>Mas</b> em fim me embarquey na companhia do Mouro que leuaua a fazêda.	14	16
Vimos mais outras cobras que não são de capello, nem tão peçonhentas como estas, <b>mas</b> muyto mais compridas & grossas, & com as cabeças do tamanho de hũa vitella,	14	17
De maneyra que neste primeyro dia que chegou fez estes tres feitos muyto notauéis, de que os seus todos ficaraõ taõ animados, & com tamanha ousadia, que quiseraõ logo naquella noite cometer a cidade, se o Rey para isso lhes dera licêça, <b>mas</b> por ser o escuro grande, & a gente estar muyto cansada, se contêtou co que tinha feito, dando por isso muytas graças a Deos.	16	19
O Rey Bata teue cercada esta cidade por espaço de vinte & tres dias, dêtro dos quais fizeraõ os inimigos duas saydas, & nũa dellas não ouue cousa notauel que se possa contar, porque não ouue mais que dez ou doze mortos de ambas as partes; <b>mas</b> como as victorias, & os bõs successos das guerras tem por custume darem animo & ousadia aos victoriosos, algũas vezes se acontece fazerense os fracos com isto tão ousados que de todo perdem o receyo	17	19
& como a fumaça da poluora ainda então era tamanha que não se vião hũs aos outros, tiueraõ antre sy hũa confusa, <b>mas</b> cruelissima peleja, de maneyra que por me não atreuer a dizer particularmente o como isto passou, direy assi em soma que em pouco mais de hum quarto de hora que durou esta briga, ficaraõ estirados no campo mais de quatro mil de hũs & dos outros,	17	20
& prestes para me partir, se sua alteza me desse liceça, ao que elle, fazêdome gasalhado, me respõdeo, folguey co que ontem me disse o meu Xabandar, que a fazenda do Capitão hia bê negociada, <b>mas</b> porque pode ser que nisso não pretendaria tanto dizerme a verdade, como falar-me à vontade, pelo desejo & gosto que elle sempre vio que eu tinha disso,	18	21
porque em nenhũa outra cousa imagina, se não em como vos ha de lançar fora da India, & meter nella o Turco, de quem dizem que para isso pretende grande socorro, <b>mas</b> Deos por quem he prouerà de maneyra, que todas as suas maliciosas astucias soccedeo muyto ao reuês de seus pensamentos.	18	21
E conhecendo elle então que estaua eu ja fora do sobresalto, & que podia responder a proposito, me disse, muyto bem sey Portuguez que ja te diriaõ como os dias passados matara eu meu pay, o qual fiz porque sabia que me queria elle matar a mim, por mexericos que homês maos lhe fizeraõ, certificandolhe que minha mãy era prenhe de mim, cousa que eu nunca imaginey; <b>mas</b> ja que com tanta sem razão elle tinha crido isto, & por isso tinha determinado de me dar a morte, quislha eu dar primeiro a elle, & sabe Deos quanto contra minha vontade,	19	23
Passados cinco dias depois de eu ser aly chegado, me mandou el Rey chamar, & me perguntou quando me queria yr, & eu lhe respondi, que quando sua alteza me mandasse, <b>mas</b> que folgaria que fosse logo, porque me auia o Capitão de mãdar à China com sua fazenda: a que elle respondeo, tes muyta razão,	22	28
& como não lhe acharaõ no que vomitara ouro nenhũ como tinhão para sy, quis nosso Senhor que isso foy causa para me não fazerê a mim outro tanto, <b>mas</b> ensalmourandome com a mesma beberagem as feridas dos açoutes, por não morrer dellas, foy a dôr em mym tão excessiua, que de todo estiue à morte.	24	30
Eu lhe respondi com assaz de lagrimas, que muyto bem via que não estaua eu de maneyra paraque se elle fiasse do que lhe eu dissesse, assi pelo baixo estado em que me via, como porque lhe poderia parecer que eu, por desejar de me ver liure de tão triste catiueyro, lhe podia fazer mais caso de mim do que là em Malaca podia achar, <b>mas</b> que se elle se quisesse fiar em meu juramento, ja que então não tinha outro penhor que lhe desse, que eu lhe juraria, & lhe daria hum escrito meu que se me leuasse a Malaca,	24	30
E sempre os de dentro lhe resistiraõ com tanto animo, que os inimigos perderaõ dos seus dous mil & quinhentos, todos consumidos a ferro & a fogo, a fora os feridos & queimados, que erão em mayor quantidade, que depois morreraõ ao desemparo. E dos	27	33

Aarùs morreraõ sós quatrocentos. <b>Mas</b> como estes eraõ poucos, & os inimigos muytos, & melhor armados, no derradeyro assalto, que foy dado aos treze dias da Lua, se acabou tudo de consumir,		
E desta maneyra, que assi passou realmente na verdade, se perdeo este reyno de Aarù com morte deste pobre Rey tanto nosso amigo, ao qual me parece que pudemos valer com muyto pouco custo & cabedal que puseramos de nossa parte, se no principio desta guerra, lhe acudiraõ ço que elle pidio pelo seu Embaixador, <b>mas</b> de quê teue a culpa disto (se ahy ouue algũa não quero eu ser juiz, sejao aquem lhe pertence por direyto.	27	33
& se fora possiuel continuarlhe esta guerra mais outros vinte dias, a fome os ouuera de fazer entregar inda que não quiseraõ, <b>mas</b> como as chuuas eraõ continuas por causa do clima, & a terra em sy era brejosa & alagadiça, & as frutas do mato de que se sustentauão eraõ ja todas podres, & a mayor parte da gente estaua doente & sem remedio, lhe foy forçado à Raynha passarse para hũ rio que estaua daly cinco legoas, que se chamaua Minhaçumbaa,	28	34
Fonte limpa he o Deos que naquella casa se adora, de cuja boca procede toda a verdade, <b>mas</b> os homẽs da terra saõ charcos de agoa turua, em que por natureza continuamente moraõ desuarios & faltas, pelo que se deue de auer por maldito o que confia no bocejo dos seus beijos.	30	36
E prouuera a Deos que o que eu agora conheço de vos por meus peccados, conhecera el Rey meu marido agora ha vinte & noue annos, porque nẽ elle viuera tão enganado com vosco como viueo, nẽ em fim se viera a perder por vossa causa, como se perdeo. <b>Mas</b> ja que isto assi he, hũa só cousa me resta agora para consolação de minhas queixas, que he ver muytos tão escandalizados da vossa amizade quanto a pobre de mim agora se vê.	30	36
Toma primeyro Malaca, pois que foy tua, & então entenderàs no que nunca foy teu, & eu te fauorecerey como a vassallo, <b>mas</b> não como a irmão por que te nomeas.	31	37
Sabe Deos quão arrependido eu estou disso, <b>mas</b> ja que o eu não fiz como dizeis, fazey vos agora isto que vos eu peço,	34	41
& com quanto os de dẽtro trabalharaõ quanto puderaõ pelos defenderem, em fim não lhes aproueitou nada, porque em menos de hũa hora foraõ todos rendidos com morte de setenta & quatro delles, & dos nossos tres somente, <b>mas</b> ouue muytos feridos.	35	42
E com quanto erão de pazes & se dauão por nossos amigos, todauia trabalharaõ quanto foy possiuel, com peitas que deraõ aos regedores, & aos priuados de el Rey, para que fizessem com elle que nos acoimasse o feito, & nos lançasse fora da terra, o que el Rey não quiz fazer, dizendo, que por nenhum caso auia de quebrar as pazes que seus antepassados tinhão feitas com Malaca, <b>mas</b> querêdose fazer terceiro, & meter a mão entre nos & os tomados, nos pidio que satisfazendo os tres Necodàs senhorios dos juncos o que em Pão se tomara ao Capitão de Malaca, lhes largassem liuremente as suas embarcações, o que o Ioão Fernandez Dabreu,	35	42
paraque Deos os valesse naquelle tormento tão insofriuel, <b>mas</b> forão meus peccados tamanhos que cerrarão as orelhas à clemencia infinita do Senhor de todos os senhores, paraque não ouuisse esta petição que a mim parecia ser justa, mas na verdade o que elle ordena isso he o milhor.	37	45
paraque Deos os valesse naquelle tormento tão insofriuel, mas forão meus peccados tamanhos que cerrarão as orelhas à clemencia infinita do Senhor de todos os senhores, paraque não ouuisse esta petição que a mim parecia ser justa, <b>mas</b> na verdade o que elle ordena isso he o milhor.	37	45
E discorredo assi por sua pratica, nos perguntou pela causa da nossa desauëtura, & de que maneyra vieramos ter a aquelle miserauel estado: nós lhe contamos então tudo o como passara, <b>mas</b> que não conheceramos que gente era a que nos fizera aquillo, nẽ sabiamos a rezão porque no lo fizera.	37	45
o qual lago estaua cercado de grandes serranias, & no pẽ dellas ao longo da agoa auia trinta & oito pouoações, das quais as treze somente eraõ grandes, & todas as mais muyto pequenas, <b>mas</b> que sô em hũa destas grandes por nome Xincaleu auia hũa tamanha mina douro, que se affirmaua pelo dito dos moradores da terra, que se tiraua cada dia della hum bar & meyo de ouro,	39	47
E tomando conselho sobre o que neste caso se faria, se assentou que por então nos deixassemos estar assi surtos aly onde estauamos, porque não era siso cometer cousa tão duuidosa, <b>mas</b> que como fosse menham se saberia que gente era, & que forças trazia, & que conforme ao que vissemos nos determinariamos, o qual conselho pareceo bem assi a Antonio de Faria como a todos os mais.	40	48

sy, respõdeoe elle, o que tâbem agora quisera fazer a vossa merce, porque lhe pareceo que não poderieis ser mais que até seis ou sete, & por isso se embarcou assi tão depressa, cõ determinação, como elle dizia, de vos tomar a todos às mãos, & viuos vos mandar lançar os miolos fora com hũa tranca, como fizera a meu senhor, <b>mas</b> permitio Deos que pagasse o que tinha feito.	40	49
não entendão de nos que como inimigos nos receamos delles, porque mais depressa se declararão com nosco, <b>mas</b> com sembrante alegre, & palauras brandas lhe perguntemos o que querem	41	50
este rio em que agora estàs surto se chama Tinacoreu, a que ja algus antiguamête chamarão Taraulachim, que quer dizer, massa farta, nome que com muyta razão lhe foy posto, segundo os antigos inda agora nos contão, o qual todo assi, como o vès deste proprio fundo & largura, chega até Moncalor, que he hũa serra daquy oitenta legoas, & dahy para diante he muyto mais largo, <b>mas</b> tem menos fundo, & em algũas partes tem campos baixos & alagadiços, nos quais ha infinidade de aues que cobrem toda a terra,	41	50
& são em tanta quantidade, que por respeito dellas se despououo agora faz quarenta & dous annos todo o reyno dos Chintaleuhos, que era de oito dias de caminho. <b>Mas</b> passada esta terra das aues, se entra em outra muyto mais agreste, & de grandes serranias, onde ha outros muytos animaes muyto piores inda que as aues,	41	50
E tomando hum moço pequeno para lhe fazerem o mesmo, hum velho que jazia ahy deitado que era seu pay, bradou rijo chorando que o ouuissent antes que fizessem mal aquelle moço, Antonio de Faria mandou então parar os ministros da execução, & lhe disse que dissesse o que quisesse, <b>mas</b> que fosse verdade, porque se lhe mintisse, soubesse certo que a elle & ao filho auia de mandar lançar viuos ao mar,	42	52
Chegado este homẽ juto de Antonio de Faria, vendo elle que era brãco como qualquer de nós, lhe perguntou se era Turco ou Parsio, ao que elle respondeo que não, <b>mas</b> que era Christão, natural de monte Sinay,	43	52
porque a hũs parecia bem que se tomassem as barçaças que andauão pescando o aljofre, outros dizião que não, <b>mas</b> que se ouuessem com ellas por via de resgate, porque a troco das muytas perolas que aly auia, podia bem desbaratar a mayor parte da fazenda que leuaua.	44	53
E tornandolhe a perguntar que direitos pagauão daquella pescaria, & que rendia naquelles seis meses, respondeo, que das perolas de cinco quilates acima os dous terços, & das mais baixas a metade, & do aljofre o terço; & que quanto à renda, não era certa, porque nũs annos se pescaua mais, & noutros menos, <b>mas</b> que lhe parecia que hũs por outros rendia quatrocentos mil taeis.	44	54
& em dous dias poderàs vender toda essa fazenda que leuas, & outra muyta mais se a tiueres, <b>mas</b> não te aconselho que a desembarques em terra, porque muytas vezes a vista causa cubiça, & a cubiça, desmancho na gente quieta, quanto mais na reuoltosa & de mã consciência,	45	55
como os vio ambos encadeados, logo lhe entendeo a tenção com que vinhão, & fez que lhe hia fugindo para o mar, assi por lhe ficar tempo para se aparelhar, como por lhe dar a entender que eramos outra gente; <b>mas</b> elles també como praticos neste officio em que andauão, desejando que se lhe não fosse a presa das mãos, se desferrarão hum do outro, para nos poderem melhor alcançar, & chegãdo a nos, nos abalroarão logo, & nos lançaarão tanta quantidade de lanças de arremesso, que não auia cousa que os esperasse.	46	56
porque a mayor parte dos nossos estauão feridos, <b>mas</b> prouue a nosso Senhor que com esta ajuda se lançaarão os inimigos ao mar, dos quais se afogou a mayor parte, & os juncos ficarão ambos em nosso poder.	46	56
os mandou prender a todos, & perguntandolhes que juncos erão aquelles, & como se chamaua o Capitão delles, & se era viuo ou morto, nenhum quiz fallar a proposito, <b>mas</b> deixando se emperradamente sem fazerem caso dos tratos que lhe dauão, bradou Christouão Borrallho do outro junco em que estaua, dizendo, ha senhor, ha senhor, acuda vossa merce cã,	46	56
E perguntãdolhe Antonio de Faria se eraõ aquelles mininos filhos dos Portugueses que dezia, respondeo que naõ, <b>mas</b> que eraõ filhos de Nuno Preto, & de Giaõ Diaz,	46	57
Se a fraca & molheril natureza me dera licença para daquy onde fico yr ver a tua face, sem com isso por nodoa no meu honesto viuer, crè que assi voaria meu corpo a yr beijar esses teus vagarosos peis, como o esfaimado açor no primeiro impeto de sua soltura; <b>mas</b> ja senhor meu, que eu de casa de meu pay até quy te vim buscar, vem tu dahy donde estàs a esta embarçaçã onde eu ja não estou, porque só em te ver me posso eu	47	58

ver, mas com me não veres na escoridão desta noite, não sey se na brancura da menham me poderàs enxergar entre os viuos;		
Se a fraca & molheril natureza me dera licença para daquy onde fico yr ver a tua face, sem com isso por nodoa no meu honesto viuer, crè que assi voaria meu corpo a yr beijar esses teus vagarosos peis, como o esfaimado açor no primeiro impeto de sua soltura; mas ja senhor meu, que eu de casa de meu pay até quy te vim buscar, vem tu dahy donde estàs a esta embarcaçãõ onde eu ja não estou, porque só em te ver me posso eu ver, <b>mas</b> com me não veres na escoridão desta noite, não sey se na brancura da menham me poderàs enxergar entre os viuos;	47	58
porque não duuidasse chegar a nós, a lanteaa chegandose muyto seguramẽte ao jũco, tres dos que vinhaõ nella subiraõ logo acima, & preguntaraõ pelo noiuo, <b>mas</b> a reposta que os nossos lhe deraõ foy apanhalos a todos assi como vinhão, & dar com elles da escotilha embaixo,	47	59
& toda a mais gẽte eraõ molheres ja de dias que sabião tanger, as quais nos semelhãtes tẽpos se alugaõ por dinheiro ao costume da China, as outras duas lanteaas sintindo a reuolta, largaraõ as amarras por mão, & fugirão a remo & a vella com tanta pressa, que parecia que o diabo hia nellas, <b>mas</b> nem isso bastou para deixarmos de tomar ainda hua dellas, assi que das quatro nos ficaraõ as tres.	47	59
& quando se fazião pelos rios eraõ em embarcações pequenas de remo, <b>mas</b> não em nauios grandes como aquelles que trazia, porque não auia fundo para elles,	48	60
& perguntados que tisouros & rendas tinha, responderaõ que as minas dos metais reseruados à sua coroa, rendião bem quinze mil picos de prata, de que a metade por ley diuina do Senhor que tudo criara, era dos pobres que cultiuauão as terras, para sustentação de suas familias, <b>mas</b> que por aprazimento & conformidade de todos os pouos lhe largarãõ liuremente este direyto, paraque daly por diante os não constrangesse a pagarem tributo, nem a cousa que lhes desse opressaõ algũa,	48	60
a que responderaõ que a verdadeyra verdade de toda a verdade era terem & crerem auer hum só Deos todo poderoso, o qual assi como tudo criara, tudo conseruaua, <b>mas</b> que se o nosso entendimento às vezes se embaraçaua na desordem & desconformidade de nossos desejos, não era da parte do Criador em quẽ não podia auer imperfeição, senão da parte do peccador, que por ser impaciente julgaua segundo o humor do seu mao coração;	48	60
E vendo elle que boas palauras naõ bastauaõ para quererem elles condecender co que elle lhes pidia, lhes mandou dizer por hum mercador que andaua nestes recados, que bẽ via elle quanta razão elles tinhaõ de quererem que desembarcasse elle a fazẽda em terra, como era costume, <b>mas</b> que lhes affirmaua que o não podia fazer por nenhũ modo,	49	61
porque fazia tanta agoa que seteta marinheyros naõ leuauão nunca a mão de tres bõbas, & que corria muyto risco yselhe aly ao fundo cõ quanta fazenda trazia, & que quanto aos direyos del Rey, elle era muyto contente de os pagar, porem não a trinta por cento como elles lhe pediãõ, <b>mas</b> que a dez, como nas outros terras se pagauão, lhe daria logo de muyto boa vôtade; ao que elles não quiserãõ responder, mas antes prenderãõ o mensageyro que leuou o recado;	49	61
porque fazia tanta agoa que seteta marinheyros naõ leuauão nunca a mão de tres bõbas, & que corria muyto risco yselhe aly ao fundo cõ quanta fazenda trazia, & que quanto aos direyos del Rey, elle era muyto contente de os pagar, porem não a trinta por cento como elles lhe pediãõ, mas que a dez, como nas outros terras se pagauão, lhe daria logo de muyto boa vôtade; ao que elles não quiserãõ responder, <b>mas</b> antes prenderãõ o mensageyro que leuou o recado;	49	61
Antonio de Faria lhe respõdeo, que por nenhum modo auia ja de tornar a surgir no porto, porque não tinha monçaõ para andar fazendo tantas detenças, nẽ tantos pousos, <b>mas</b> que se lhe quisessem comprar a fazenda toda por junto, trazendo logo prata quanta bastasse para isso, que lha venderia,	49	61
& roubadas as fazendas a muytos Christaõs que frequentauãõ esta enseada & costa de Ainão, os quais cossayros tinhão seus tratos cos Mandarins destes portos, a que dauão muytas & muyto grossas peitas, por lhes consentirem que vendessem na terra o que roubauão no mar. <b>Mas</b> como he costume de Deos nosso Senhor de grandes males tirar grandes beẽs, permitio pela inteireza de sua diuina justiça, que do roubo que Coja Acem nos fez na barra de Lugor, como atras fica dito, nacesse a Antonio de Faria determinar-se em Patane de o yr buscar, para castigo de outros ladroẽs que tão merecido o tinhão à nação Portuguesa.	50	62
E vendo serem moços Christãos, bradamos rijo aos marinheyros que amainassem, o que	50	63



elles não quiseraõ fazer, <b>mas</b> antes a modo de desprezo, tangendo com hum tambor, derão tres apupadas muyto grandes, capeando, & esgrimindo cõ treçados nũs, como quem nos ameaçaua.		
& mostrandolhe as feridas da cabeça, lhe deu conta do como o lá receberaõ, de que Antonio de Faria ficou muyto embaraçado por hum grande espaço, <b>mas</b> pondo logo os olhos nos que estauão presentes, lhes disse, ea senhores & irmãos meus, não aja ahy companheyro que não se faça prestes,	50	63
o negocio foy de maneyra que quasi meya hora se não conheceo melhoria em nenhũa das partes, <b>mas</b> no fim della prouue a nosso Senhor que os inimigos de muyto feridos & queimados se lançaraõ todos ao mar, com que os nossos ficaraõ de todo desafrontados, & com grandes gritas seguiraõ liuremẽte aquella boa vitoria.	50	63
E perguntado se era Christão, disse que não, <b>mas</b> que ja o fora no tempo que dom Paulo da Gama fora Capitão de Malaca	51	64
o primeyro nauio que tomara fora o junco de Luys de Pauia no rio de Liampoo, com quatrocentos bares de pimenta sem droga nenhũa, onde matara dezoito Portugueses, a fora os seus escrauos, de que não fazia caso, por não serem gente que o satisfizesse no que tinha jurado, <b>mas</b> que depois por conjunções de acertos que achara no mar, tomara mais quatro embarcações,	51	64
o primeyro nauio que tomara fora o junco de Luys de Pauia no rio de Liampoo, com quatrocentos bares de pimenta sem droga nenhũa, onde matara dezoito Portugueses, a fora os seus escrauos, de que não fazia caso, por não serem gente que o satisfizesse no que tinha jurado, mas que depois por conjunções de acertos que achara no mar, tomara mais quatro embarcações, nas quais matara perto de trezentas pessoas, <b>mas</b> que Portugueses não serão mais que setenta, & que lhe parecia que podia chegar o que tinha tomado de mil & quinhentos até mil & seiscentos bares de pimenta,	51	64
E perguntado se matara mais Portugueses, ou dera fauor para isso, respondeo que não, <b>mas</b> que estando auia dous annos no rio do Choaboquec na costa da China, fora ahy ter hum junco grande com muytos Portugueses,	51	64
& assi lho juraua como Christaõ de lhe dar por isso dous mil cruzados, o que elle aceitara, <b>mas</b> que depois de o ter recolhido, fora aconselhado pelos Mouros que se não fiasse em amizade de Christaõ, se não queria perder a vida,	51	65

<b>Ocorrências de <i>porém</i></b>		
<b>Dados</b>	<b>Capítulo</b>	<b>Página</b>
E aquelle mesmo dia fomos dormir a hum Mosteyro de officinas nobres & ricas que se dizia Satilgão, & como ao outro dia foy menham, caminhamos ao longo de hum rio mais cinco legoas, até hum lugar que se chamaua Bitonto, no qual nos agasalhamos aquella noite em hum bom Mosteyro de Religiosos que se chamaua Sao Miguel, com muyta festa & gasalhado do Prior & Sacerdotes que nelle estauão, onde nos veyo ver hum filho do Barnagais Governador deste imperio de Etyhopia, moço de idade de dezassete annos, & muyto bem desposto, acompanhado de trinta de mulas, & elle somente vinha em hum cauallo ajaezado à Portuguesa, com hum arreyo de veludo roxo franjado douro, que da India lhe mandara o Governador Nuno da Cunha auia dous annos, por hum Lopo Chanoca, que depois foy catiuo no Cayro, ao qual este Principe mandaua resgatar por hum mercador Iudeu natural de Azebibe, <b>porém</b> quãdo este lá chegou, o achou ja morto, de que dizem que mostrou muyto sentimento, & nos affirmou o Vasco Martins, que aly naquelle Mosteyro de São Miguel lhe mandara fazer o mais honrado saymento que elle nunca vira em sua vida, no qual se ajuntarão quatro mil Sacerdotes, a fora outra mór copia de nouiços aque elles chamão Santileus.	4	5
Dos nossos a este tẽpo inda auia quarẽta & dous que podiaõ pelejar, estes vẽdo que só no seu braço estaua a sua saluação, cõ tanto impeto & esforço cometeraõ a Capitaina das tres, em que vinha Soleymão Dragut, Capitão mor da frota, que a axoraraõ logo toda de popa a proa, cõ morte de vinte & sete Ianiçaros, <b>porém</b> acudindolhe então as outras duas, que estauão mais afastadas hum pouco atras, lhe lançaraõ dentro quarenta Turcos, com o qual socorro os nossos ficaraõ de todo rendidos,	5	7
ao que ella respondeo, que sua merce fosse muyto bem vindo com toda a sua companhia, que quãto ao que lhe mãdaua dizer das pazes que tinha com el Rey de Portugal, & cos	9	11

seus Governadores, era muyta verdade, & assi as teria em quanto viuesse, <b>porem</b> quanto aos Turcos em que lhe apontaua, que só Deos, aquẽ ella tomaua por Iuiz neste caso, sabia quanto contra seu gosto elles aly eraõ vindos,		
Os inimigos entendendo o dano que nos tinhão feito, derão hũa grande grita em sinal de victoria, chamando por Mafamede, <b>porem</b> o nosso Capitão mòr, vendo por quem elles chamauão, esforçando os seus lhes disse:	10	12
& arremetendo com estas palauras outra vez á tranqueyra, os inimigos voltarão logo as costas, & fugiraõ manhosamente para onde estaua a Galé, com determinação de se fazerem nella fortes, <b>porem</b> alguns dos nossos que entraraõ com elles de volta, lhe tiueraõ ganhado a mòr parte da tranqueyra, & dando elles então fogo a hũa mina que tinhão junto da porta, ficaraõ aly logo mortos seis Portugueses & oito escrauos,	10	12
Ao tempo que Pero de Faria chegou a esta fortaleza de Malaca, estaua nella por Capitaõ dom Esteuão da Gama, & esteue ainda algũs dias ate acabar o seu tempo, <b>porem</b> como Pero de Faria era Capitão chegado de nouo, & que ainda então começaua o seu tẽpo, depois de auer algũs dias que era chegado à fortaleza, os Reys comarcaõs della o mandaraõ visitar por seus Embaixadores,	13	14
o qual com cinco lancharas, & doze balloes me veyo buscar a aquelle porto onde eu estaua surto, & me leou com grande estrondo de atabaques & sinos & grita da chusma, até hum caiz da cidade, que se dizia Cãpalator, onde o Bendara, Governador do reyno me estaua esperando, acompanhado de muytos Ourobaloes, & Amborrajás, que he a mais nobre gente da corte, <b>porem</b> os mais delles, ou quasi todos pobrissimos no trato de suas pessoas, & nos seus vestidos, por onde entendi que não era esta terra tão rica como em Malaca se cuydaua.	15	17
vendo o Achẽ que os seus de cançados & muyto feridos começauão a perder alguma parte do campo, se foy retirando para hum cabeço que para a parte do Sul estaua mais adiãte obra de hum tiro de espera, cõ tẽção de se fazer aly forte nũs vallos que no topo do morro estauão feitos como cousa de horta, ou herdade de arrozes, <b>porem</b> hũ irmão del Rey de Andraguire lhe atalhou a este seu dessenho, porque com dous mil homens se lhe pos diante, pelo qual a briga tornou ao primeyro estado,	16	19
& seguindoos hum Capitão dos Batas desmandadamente, & sem ordem, por lhe parecer que ja tinha a victoria certa, os meteo por dentro dos vallos, <b>porem</b> os inimigos lhe tornaraõ aly a fazer rosto, & se defendião valerosamente.	17	20
E ficando com isto ambos quietos mais quatro dias, apareceu hũa menham no meyo do rio contra a parte do Penacão hũa armada de oitenta & seis vellas, com grande regozijo de tangeres & estas, & com muytos estendartes & bandeiras de seda, que aos Batas meteo em grande confusaõ, por não saberẽ o que era, <b>porem</b> as suas espias tomaraõ aquella noite cinco pescadores, os quais metidos a tormento confessaraõ que era a armada que o Rey Achem auia dous meses tinha mandado a Tanauçarim,	17	20
& por derradeyro ajuntou que o Rey que queria cõprir inteiramente cõ a obrigação do officio que tinha, & que por armas auia de conquistar & conseruar poucos taõ apartados da sua terra, tão necessario lhe era castigar os maos, como premiar os bõs, <b>porem</b> se elle acertaua de ser tal que ao descuydo & froxidão que tinha no dar do castigo, punha nome de clemencia, se os seus lhe conheciã esta natureza, logo punhaõ os peas sem medo por onde queriaõ, o que depois pelo tẽpo em diante vinha, ou podia vir a ser causa de porem as forças das suas conquistas no estado em que Malaca agora se via.	22	27
Passado este tempo da minha infirmitade, Pero de Faria me mandou logo chamar á fortaleza, & me perguntou pelo que passara com el Rey de Aarũ, & como, & onde me perdera, & eu lhe relatey por extenso todo o sucesso da minha viagem & perdição, de que elle ficou assaz espantado. <b>Porem</b> antes que trate de outra cousa me pareceo necessario dar relaçaõ do fim que teue esta guerra dos Achẽs, & em que parou o aparato da sua armada, paraque fique entendida a razã do pronostico,	26	31
Os Achẽs logo em chegando começaraõ a bater a cidade, & abateraõ por espaço de seis dias com muytas peças de artilharia, <b>porem</b> os de dentro a defenderaõ valerosamente, inda que foy com algum sangue, assi de hũa parte como da outra,	26	32
& de tudo o mais que socedera neste triste caso, se quisera logo aly queimar, porque assi lho tinha prometido em vida, & confirmado cõ juramento, <b>porem</b> os seus lho não consentiraõ, persuadindolhe com muytas rezoes que o não fizesse,	28	34
Ovuido Pero de Faria o que esta desconsolada Raynha publicamente lhe disse, a qual lhe trouxe aly tambem à memoria as obrigações que tinha para lhe fazer o que lhe pedia, alcançado elle de seu descuydo, & quasi corrido por esta falta em que tinha caydo, lhe	30	35

respondeo, que em ley de Christaõ, & em sua verdade lhe affirmaua, que ja sobre este caso tinha escrito duas vezes ao Visorrey, & que sem falta nenhũa esperaua aquella monção por gente & armada, se na India não ouuesse trabalho que o estoruasse, pelo que lhe aconselhaua, & pedia muyto por merce, que <b>por em</b> tanto se deixasse estar aly em Malaca, ate que este pouco tempo lhe mostrasse aquella verdade.		
Chegado este Embaixador ao Achem, elle o mandou receber honradamente, & lhe tomou a carta que lhe trazia, <b>porem</b> depois que a mandou ler & vio o que vinha nella, o quisera logo mandar matar, se algũs dos seus lhe não foraõ á mão, dizendolhe que se o fizesse seria infamia sua muyto grãde.	31	37
Tomando então conselho sobre o que se deuia de fazer, se affirmou que o voto dos mais fora, que ja que a fortaleza & o reyno eraõ tomados, & toda a sua gente morta, & os inimigos estauão taõ poderosos no mar, & na terra, que em todo caso se deuia de tornar, visto não estar o tempo conforme ao que elles cuydauão. <b>Porem</b> o Heredim Mafamede foy muyto contra isso, dizendo que antes queria morrer como homem, que viuer em deshonor como molher,	32	38
& o Tome Lobo escapou com seis cutiladas, de hũa das quais lhe derrubaraõ a face direita até o pescoço, de que esteue à morte, pelo que a ambos nos foy forçado largarmoslhe a pousada cõ toda a fazenda que nella auia, & recolhermonos à lâchara, na qual prouue a Deos que escapamos com mais cinco moços, & oyto marinheyros, <b>porem</b> da fazenda não escapou nada, a qual só em ouro & pedraria passaua de cinquenta mil cruzados.	35	42
Na lanchara nos deixamos estar ate que foy menham com assaz de afflicção, <b>porem</b> com boa vigia, para vermos o em que paraua a grande vnião que geralmente auia em todo o pouo,	35	42
& agradecerlhe o bom tratamento que no seu reyno fazia aos Portugueses, & outras cousas a este modo de boa amizade, importantes ao tempo, & ao interesse da mercancia, que na verdade era o que mais se pretendia que tudo, <b>porem</b> esta tenção vinha rebuçada com hũa carta a modo de embaixada, acompanhada de hum presente de boas peças, mandadas em nome del Rey nosso Senhor, & â custa de sua fazenda, como he custume fazerem os Capitaẽs todos naquellas partes.	36	43
E esta he a noua que achamos quando surgimos na boca do rio, cõ a qual ficamos todos bem aluoroçados & contentes, & determinamos que tanto que viesse a viração entrarmos para dentro, <b>porem</b> quiz a desauentura por nossos peccados, que não vissemos isto que tanto desejuamos, porque sendo quasi às dez horas, estando ja para jantar,	36	44
Ao que elles responderão, dizes verdade, porque aquy nesta aldeia não hia mais que redes & paraos de pescar, com que pobremête nos sustentamos, <b>porem</b> se tu fores por este rio acima â cidade de Pilaucacem onde està el Rey, nõs te segurauamos que em menos de cinco dias venderas dez juncos desses carregados de todas as fazendas que trouxeras por muyto ricas que foraõ,	41	50
& tambem disseraõ que se podia là yr por aquelle rio em dous meses até dous & meyo de caminho, & isto por respeito das agoas que decião com muyto impeto a mayor parte do anno, <b>porem</b> que à vinda se vinha em oito até dez dias.	41	50
Algũs dos inimigos que erão de mais animo, depois de tornarem em sy, quiseraõ fazer rosto aos nossos, <b>porem</b> Antonio de Faria se lançou logo dentro muyto depressa com mais outros vinte soldados que tinha consigo, & dando Santiago nelles, lhes derrubou mais de trinta,	42	52
& os que vinhão nellas, depois de fazerẽ suas saluas, entraraõ dentro no junco grande em que vinha Antonio de Faria, <b>porem</b> vendo nelle gente que até então nunca aly tinham visto, ficarão muyto espantados, & perguntãdo que homẽs eramos,	44	53
Antonio de Faria, logo ao outro dia pela menham quiz tornar a demandar a entrada do rio, <b>porem</b> foy auisado por hũs pescadores que se tomaraõ de noite, que por nenhum caso fosse surgir à cidade, porque ja là se sabia o que elle fizera a aquelle ladraõ,	47	58
porque fazia tanta agoa que seteta marinheyros naõ leuauão nunca a mão de tres bõbas, & que corria muyto risco yselhe aly ao fundo cõ quanta fazenda trazia, & que quanto aos direytos del Rey, elle era muyto contente de os pagar, <b>porem</b> não a trinta por cento como elles lhe pediã, mas que a dez, como nas outros terras se pagauão, lhe daria logo de muyto boa vôtade; ao que elles não quiserão responder, mas antes prenderão o mensageyro que leuou o recado;	49	61
temedo serem por isso castigados, & suspensos de seus officios, concederaõ em seu requerimento, <b>porem</b> com condiçãõ que ja que nõs não queriamos pagar mais que dez	49	61

por cento, pagassem elles mais cinco, paraque el Rey ficasse cõ meynos direitos, de que todos foraõ contentes.		
& lhe resumirão de nouo tudo o que tinhaõ passado co Nautarel da cidade, queixandose lhe muyto da sua má condição, & dalgũas sem razoẽs que lhes tinha feitas, <b>porem</b> ja que o elles tinhaõ pacificado com lhe darẽ quinze por cento, dos quais elles querião pagar os cinco, lhe pediãõ que quisesse elle pagar os dez que prometera, porque doutra maneyra lhe naõ poderiaõ comprar sua fazenda.	49	62
a que respondemos pelo mesmo modo, como se custuma nestas entradas, sem ate entãõ nos conhecer por Portugueses, nem nõs a elles, mais que somente cuydarmos que eraõ elles Chins como os outros, que cada hora entrauãõ por causa do tempo de que vinhaõ fugindo. <b>Porem</b> hũs cinco moços Christaõs que elle trazia catiuos nos conheceraõ, & todos juntamente derãõ hũa grande grita, dizendo por tres vezes, Senhor Deos misericordia.	50	63
& Antonio de Faria lha mandou trazer logo com hum frasco de confeitos, de que elle naõ quiz comer, <b>porem</b> da agoa bebeo hũa grande quantidade,	51	64

## ANEXO E – Dados do catalão - séc. XIII – Llibre dels Fets del Rei en Jaume

Mes e variantes: 81 dados

Però e variantes: 19 dados

**Total: 100 dados**

Ocorrências de <i>mas</i>		
Dados	Página	Prgfo.
E tornaren a fer sa resposta e dixeren a.N Guillem de Montpestler e a son conseyl que éls los porien mal er o pendre, o que la'ls tolguessen, <b>mas</b> ab la lur volentat ne a b la d'ella no farien aquel matrimoni, si, donchs, no u faÿen en aquesta manera:	8	2
E puy En Guillem de Montpestler, estant ella viva, pres .I. altra dona, que era de Castella (de què no.ns membra.l nom del pare d'aquela dona, <b>mas</b> ella avia nom Dona Agnès),	9	4
E no sabien los clergues que nós dequêssem entrar allí, <b>mas</b> entram quant cantaven aquel càntich.	10	5
E aenant, nós jaén en lo braçol, tiraren per .I. cantal, e caech prop del breçol, <b>mas</b> nostre Seyor nos volgué estorçre que no moríssem.	11	5
E poriem molt de bé dir de ella, <b>mas</b> deïm-ne aytant que fa compliment a tot l'als: que ela és amada per tots los hòmens del món qui saben de sos captenimens.	11	7
“Séyner, ¿con gitarets nostres muylers de nostres maysons? <b>Mas</b> nós e elles ne serem vostres e.n farem vostra volentat”.	12	8
E foren ab él, d'Aragó, Don Miquel de Lúzia e Don Blascho d'Alagó e Don Rodrigo Liçana e Don Ladró e Don Gomes de Luna e Don Miquel de Rada e Don Guillem de Puyo e Don Açnar Pardo et d'altres de sa maynade molts e d'altres qui a nós no poden membrar. <b>Mas</b> tant ns membre que.ns dixeren aquels que y avien estat e sabien lo feyt	13	9
e aquels fugiren ab los altres. <b>Mas</b> bé sabem per cert que Don Nuno Sanxes e En Guillem de Montcada, que fo fiyl d'En Guillem Ramon e de Na Guillema de Castel Viy, no foren en la batayla,	13	9
E nós ploram ab él per la dolor del partiment, <b>mas</b> playà'ns molt per la sua anada.	16	13
E partim-nos d'aquí e anam-nos-en a Liçana, on tenia pres Don Rodrigo a Don Lop d'Alvero, e venguem assetjar. E laÿns era per establiment Don Pero Gómeç e .I. altre cavalier de qui no.ns membra.l nom e escuders e altres companyes. <b>Mas</b> Don Pero Gómeç era cap d'aquels e del castel, e major e mellyor.	18	15
Havia .I. escuder, lo nom del qual a nós no membre, <b>mas</b> creem que era Don Pero Garçes d'Elfaro,	19	15
E sí hi ach altres paraules que començaven ja de dir, <b>mas</b> nós ho vedam, que.ls dixem que, si neguna re deÿen a Don Nuno, que ho comprarien.	24	20
E faem demanar a.N Guillem de Muncada que.ns donàs postat de Muncada, e él respòs-nos que la'ns donara volentés, si d'altra manera la li demanàssem; <b>mas</b> per ço con li havíem gran mal fet quan veníem ab ost sobre él, per ço deÿa que nos la'ns devia dar; e no la'ns donà.	25	21
E, si no fos lo conduyt que traÿen de la ost ab conseyl dels aragoneses que eran ab nós, qui.ls daven què menjar de Barchinona no haurien què menjar a .III. dies. <b>Mas</b> per la gran ninea qui era en nós no y sabíam dar conseyl.	25	21
E nós érem en Alagó, e era ab nós Don Nuno e Don Pero Ferràndez e Don Blasco d'Alagó e Don Artal e Don Rodrigo Liçana; <b>mas</b> en Alagó no eren ab nós sinó Don Nuno e Don Pero Fferrandes e Don Ató.	26	21
E sus en la truna on cantaven los clergues fo aquí Don Ferrando e Don Guillem de Muncada, e Don Pero Ahonés e Don Pero Fferrandes d'Açagra e Don Nuno, qui.s pensaven que fos de la nostra partida, <b>mas</b> emperò tots eren uns.	27	22
E jo, per tal que mal no.s capetenguen de vós, no gos començar neguna re; <b>mas</b> , tan yvàs con vós siats exida defora, los mouré paraules a Don Fferrando o a Don guillem de Muncada o a Don Pero Aonés e dir-los he que feÿen trahició de ço que feren contra nós.	29	23
E no creem que.ns encalcen, <b>mas</b> creem que nós tenrem tal caval, que no aurem temor que vinguen molt après nós.	29	23
“Don Pero Aonés, no us tardam molt per un leuga que anets ab nós, <b>mas</b> volem que hi sien dels richs hòmens d'Aragó, con nós vos mostrarem esta paraula.”	31	25
E él respòs-nos que tota re farie per nostres prechs e per nostres manamens, <b>mas</b> d'esta	32	25

cosa, pus tant li costava, que no se'n oria lexar;		
E nós dixem-li: "Sabets-hi àls?" E diz él: "No, <b>mas</b> demanats-ne de conseyl a aquests richs hòmens."	40	32
E nós demanam-los de conseyl, e deÿen que gran traÿció.ns faÿen, <b>mas</b> no daven altre recapte.	40	32
E encara dixeren que ells bé vendrien a Pertusa, <b>mas</b> havien paor que alcun vil hom no.ls mogués barayla;	42	33
E ço que yo feÿa, Déu, que sap tota re, sap cuydava fer a vostre prou e a vostra honor. <b>Mas</b> , pug veg que a vós no plau, a mi no plau, e tinch-me per errat de ço que feyt he, e així clam-vos merçè que.m perdonets a mi e als altres qui en esta cosa havem estat.	43	33
"Jo no hic vinch per àls ni per pladejar, <b>mas</b> per dir ço que.m castigaren".	46	35
"¿Havets procuració neguna vós d'En Guerau?" E dix él: "No, <b>mas</b> ço de què.ns castigaren, jo us ho é dit, e no hic son vengut per àls; e ab açò.m n'iré".	46	35
E tramesen-nos a dir que.ns acordàssem nós e ela, e éls aguisarien .I. rich hom que tingués Balaguer per En Pons e per la comtessa, que éls no gosaven desrengar, per ço car havien gran poder e.l castell e no u porien acabar de tot en tot, <b>mas</b> sol que el comte isqués defora la vila per neguna raó, que éls aguiarien que.l castel e la vila retrien a la comtessa.	52	42
E quan nós vos dixèsem les condicions ni les maraveyles que foren al nostre naxement, grans serían, <b>mas</b> lexar-nos em, per ço car al començament del libre se demostre.	58	48
E quan nós vos dixèsem les condicions ni les maraveyles que foren al nostre naxement, grans serían, mas lexar-nos em, per ço car al començament del libre se demostre. <b>Mas</b> ben sabem per cert que vós sabets que nós som vostre seyor natural, e som sols meyns de frare e de sor,	58	48
E En Guillem de Muntcada respòs per los nobles e per él e dix que molt graÿa a nostre Seyor lo bon propòsit que él nos havia dat, e, car la cosa era gran e de gran noblea, no podien respondre meyns de gran conseyl: " <b>Mas</b> açò deïm denant tots: que.l conseyl serà tal, que vós lo deurets pendre, e nós donar".	59	49
E, demés, volem que prengats lo bovatge sobre nostres hòmens, e donam-vos-ho en do, car ja altra vegada l'avets pres per vostra dretura, així con és usat dels reys que.l prenguem una vegada; <b>mas</b> aquest vos donam pe gràcia e per amor, per tal que vós façats bé vostres faenes.	61	50
E dir-vos é aytant per mi e per la Esgleya de Terragona que jo de feyt d'armes no usé anch, e só de tan gran temps que no y poria trer mal; <b>mas</b> , en quant són los meus béns ni els hòmens meus, vos do poder que us en servats així con faïets dels vostres.	63	52
A nostre Seyor graesch jo la bona voluntat que Déus ha donada a vós e a vostra cort, e poria molt dir en laor d'aquesta bona obra, si dir-hi volia; <b>mas</b> lo nostre arquibisbe e.l de Barçalona e En Guillem de Muntcada e Don Nuno e el comte d'Ampúries vos hi han tan dit, que compliment ha a açò que dir volia.	64	55
A nostre Seyor graesch jo la bona voluntat que Déus ha donada a vós e a vostra cort, e poria molt dir en laor d'aquesta bona obra, si dir-hi volia; mas lo nostre arquibisbe e.l de Barçalona e En Guillem de Muntcada e Don Nuno e el comte d'Ampúries vos hi han tan dit, que compliment ha a açò que dir volia. <b>Mas</b> profir-vos per mi e per la Església de Gerona que iré ab vós ab .XXX. cavallers;	64	53
"Yo no he tants cavallers con éls, <b>mas</b> seguir-vos he ab mi quart de cavallers e ab una galea armada".	64	54
E, quant açò aguem feyt, fo la mar abonançada, e dixeren-nos que farien encendre una lanterna, <b>mas</b> havien paor que.ls veessen les guardes de Maylorques.	67	57
E nós, quan vim aquest peryl, hagem gran desconort, <b>mas</b> tornam-nos a nostre Seyor e a la sua Mare e faem aytal oració:	69	57
Que tan bon feyt con yo he començat no.s pusca perdre, car no.l perdria jo tan solament, <b>mas</b> vós lo perdriets majorment;	69	57
E nós manam cant vingués a la mija nuyt que les galees levassen les àncores, e que nuyl hom no cridàs ayoç, <b>mas</b> en semblant d'ayoç que ferissen ab .I. fust en la proa de les tarides e de les galees al levar de la àncora,	71	59
"En Ramon, lo rey ha feyta folia, <b>mas</b> emperò a bon respit lo podem tenir d'armes e de tot bon feyt, pus així s'enfeloní cant no fo a la batayla".	73	61
No us cal, que no só leó ne leopard; e, pus tant ho volets, aturar m'è. <b>Mas</b> Déu vuyla que no.ns en vinga mal d'aquest aturar!	77	64

Barons, aquests rics hòmens són morts en servey de Déu e el nostre, e, si nós los podíem reembre, que la lur mort poguéssim tornar en vida, e que Déu nos en faés tanta de fràcia, tant ne dariem nós de nostra terra, que a folia.ns ho tendrien cels qui hoirien ço que nós ne dariem; <b>mas</b> , pus Déus nos ha aduyts aquí a nós e a vosaltres en tan gran serviý seu, no é mester que negú faça dol ni plor.	80	68
Hon vos man, sots pena de la naturalea que havem sobre vós, que negun no.n plor. <b>Mas</b> sabets qual sia.l plorar?	81	68
E açò féu aquel àngel que Déus nos envià; e, quan dich àngel, él era sarrý, <b>mas</b> tant nos tench bon loch, que per àngel lo prenguem, e per açò li faem con semblança d'àngel.	84	71
Jo no son vengut aquí per açò, <b>mas</b> vós enviàs missatge a mon seyor lo rey que us enviàs missatge en què él molt se fiàs, e trià a mi per aquel;	87	74
E, quant éls foren venguts, dix-nos con havia parlat ab lo rey de Maylorques e con él li havia respost; <b>mas</b> aquesta era la summa de les paraules:	90	78
Nós a la mort dels rics hòmens no podem dar negun conseyl, car ço que Déus vol ordonar a fer, avé que s'á a complir, <b>mas</b> segons que la manera era nostra de venir en aquesta terra per servir a Déu e per conquerir-la, e que complit havia nostre Seyor la nostra voluntat, que aquel pleyt se feya per ço perquè nós hinc venguéssim per goanyar la terra e, d'altra part, gran haver, que assats semblava cosa que nós deguéssim pendre.	92	79
E dich-vos que no.m semblaria ben feyt, que, si nós los movíem ara, seria gran flaquea. <b>Mas</b> , si éls nos parlaven lo pleyt que l'altre dia nos movien altra vegada, tenits per bo que ho façam?	93	80
E faeren-se les caves, <b>mas</b> totes les desempararen a la derreria, sinó aquela que anava sobre terra, e en aquella metem nostra punya tant fort, que a pesar <de> d'éls se féu.	94	80
E en aquela jura volguem nós jurar axí con éls juraven, e deffeneren-nos-ho los nobles, que nós no juràssem: <b>mas</b> dixem-los que en aquella manera ho teníem ab nós los bisbes e els nobles a una part, e .I. de nostra companya dix esta paraula, mas no.ns membra.l nom qui la dix:	94	81
E en aquella jura volguem nós jurar axí con éls juraven, e deffeneren-nos-ho los nobles, que nós no juràssem: mas dixem-los que en aquella manera ho teníem ab nós los bisbes e els nobles a una part, e .I. de nostra companya dix esta paraula, <b>mas</b> no.ns membra.l nom qui la dix:	94	81
E apreés d'aquests .III. Don Fferran Peris de Pina; e dels altres no.ns membren. <b>Mas</b> cada .I. entrava on abans podia.	97	84
E, quan nós fom aquí, éls no.s deffeneren; <b>mas</b> dix-nos .I. sarraí, qui sabia nostre latí, que.ls donàssem hòmens que.ls guardassen de mort, e que retrien l'Almudayna.	99	86
E nós dixem-los que sobre.n demanaven, que, pus en la vila era, a la derreria nós l'auríem; <b>mas</b> , per ço que no presés mal, dar n'íem .M. liures.	99	87
E dixem nós: "Déus ho vuyla, <b>mas</b> nós havem paor que no.ns en penidam".	101	89
E sobre açò foren aquó los rics hòmens denant nós e.ls bisbes. E dixem-los: "Barons, açò no fa a sofferir, que tant los poríem sofferir que no.n romandria .I. de vosaltres que no us metessen morts ho no us barrejassen ço que hauríets. <b>Mas</b> nós vos mostrarem bon conseyl a pendre:	102	91
E, quan nós fom sus a la montanya, envià'ns a dir aquel qui era cap de la devantera nostra que.ls peons no volien albergar en aquel loch on él los havia manat, <b>mas</b> que.s n'anaven ves Incha.	104	93
E nós responem-los que ben sabia él que totstamps l'avia amat e honrat, a él e a l'Espital, e que fariem ço de què éls nos pregaven volenters e de bon grat, e que.ns playà molt; <b>mas</b> aquest era lo major enbarch que nós havíem, per ço car la terra era ja partida e l'aver, e que n'i havia molts d'aquels qui havien presa lur part e que.s n'eren anats, que, en altra manera, leu nos era de fer.	105	95
E ajam Ramon d'Ampúries, qui sap les parts de vosaltres, emperò vosaltrs no poríets dar alqueria que a .I. no la hagués hom a pendre; <b>mas</b> prenga hom terras segons les parts que vosaltres havets preses, e ab la terra e ab la alqueria que nós li darem haurà sa part convenientment.	106	96
Ara sapiats que nós e.ls rics hòmens havem cor e volentat de fer ço de què vós nos havets pregats; <b>mas</b> aquest és l'embarch que nós havem: que les parts són feytes, e la major partida d'aquels qui presa la han se'n són tornats.	106	97
Ara sapiats que nós e.ls rics hòmens havem cor e volentat de fer ço de què vós nos havets pregats; mas aquest és l'embarch que nós havem: que les parts són feytes, e la	106	97

major partida d'aquels qui presa la han se'n són tornats. <b>Mas</b> per tot açò no romandrà que nós no us donem part a raó de .XXX. cavallers, e fer-ho em contar al libre con als altres;		
Mas per tot açò no romandrà que nós no us donem part a raó de .XXX. cavallers, e fer-ho em contar al libre con als altres; e dar-vos em nós una alqueria de les nostres, bona e honrada. <b>Mas</b> los altrs no us porían dar alqueria, e dar-vos an part de les terres que han segons la part que éls hi han, tal que us en vendrà part a .XXX. cavallers.	107	97
E.l maestre levà's ab los frares que y eren, e volguerem-nos besar la mà, e nós no la donam a él a besar, <b>mas</b> als altres frares.	107	97
E nós dixem-los que deÿen raó, <b>mas</b> que s'apparaylassen de davalalar.	111	103
E él dix-nos que u faria, <b>mas</b> que.ns pregava, per tal que coneguessen les gens que él era amat de nós que li donassen Pals, .I. castell qui és prop Torroela e de Palafragel, de sos dies; e axí entendrien les gents que nós l'amàvem.	112	105
E nós dixem: "Àvols noves aportats, <b>mas</b> nós havem creença en Déu que hi serem ans que él".	115	108
e, pus Déus la'ns ha donada, non la perdrem per perea ne per coardia, car nós hi volem ésser a l'acórrer. <b>Mas</b> aquest és lo conseyl: que donem dia a aquels que foren ab nós a pendre Maylorques e que enviem carta en Aragó que aquels qui tenen honor de nós ni són de nostra meynada, que.ns vinguen acórrar ab ço que han ni poden haven e dins .III. setmanes que sien ab nós al port de Salou.	115	108
e pregaren-nos per Déu e per la fe que éls nos havien e per bon conseyl que éls nos daven que nostra persona, no la aventuràssem, <b>mas</b> que y enviàssem aquels cavallers que aquí s'eren ajustats pel passatge, e Don Nuno que fos cap d'éls.	116	109
E él responie'n bé, <b>mas</b> anch no.n mes res en obra.	116	109
Sí m'ajut Déus, no venits bé apparaylats per passar. <b>Mas</b> veus aquí les nostres naus e les tarides que.smouen matí;	117	110
E havien tan gran força los sarraïns en les montanyes, que no.ls podien gran mal fer en les persones; <b>mas</b> d'aytant los faÿen mal:	120	114
E l'acort fo aytal, que.ls pregaren que s'esperassen tro en l'altre dia, e envia<re>ren per més veyls qui eren de la ila, <b>mas</b> en aquel loch no eren, per ço que poguessen haver lur conseyl pus complidament.	123	120
Aquí no ha altre acort <b>mas</b> que prengam ço que vosaltres havets feyt e que graescam a nostre Seyor la merçè que.ns fa.	126	123
E jo diré-us ço que a mi.n sembla: si jo us conseylava que anàssets assetjar .I. fort castell, dar-vos hia mal conseyl, car bé n'i à .XL. o .L. que, mentre que menjar aguessen, vós ni tot vostre poder no.ls poríets pendre. <b>Mas</b> conseyl-vos, en quant jo sé ni entén, que anets a Burriana per aquest raó:	129	128
Seyor, vós guabats tot dia Maylorques e.l regne de Maylorques; <b>mas</b> conquerits València e tot aquel regne, que tot és nient contra aquel:	129	129
Seyor, jo son aquí dels menors de vostre conseyl, <b>mas</b> , quesque us diga negú, a Morela anats, e manats alforrar los peons de Terol e de les aldeas, e que us siguen tant con poren e que lexen tots los serrons.	132	133
Don Blasco, ben sabets que aquest goany no tany a vós per aquesta raó: car aquest és .I. castell que val tant con .I. comptat ab ses pertinències. <b>Mas</b> açò pertayn a vós de fer:	134	136
E, jassia que la paraula del missatge fos bona e a plaer de nós, tan solament pus vós nos enviàssets missatge que nós vos víssem, venriem-vos veer a esta nuyt; <b>mes</b> és vespre, e al matí venrem aquí, e vós porets parlar ab nós aqueles paraulas que us plaurà.	136	138
E de parentesch, levat lo fiyl de la comtessa de Campanya, qui és nostre nabot. <b>Mas</b> d'aytant tenim que vós nos atanyets més que él, per ço quan vos amam més, car en ell la amor que nós li fem, alogam-la molt mal,	136	139
E fo aquesta la resposta al segon dia bon matí: que gran cosa era que ell, qui era tan veyl, s'aventuràs ab .II. persones aytals con nós e nostre fiyl érem; <b>mas</b> , però, per la gran amor que él nos havia, ab que nós li ajudàssem del rey de Castela, qui li faÿa tort e que.l deseretava, que u faria, e que.l rey metria nostre fiyl que y fos ab nós en u;	138	141
Rey, en los feits d'Espanya he jo molt assaber per una cosa: car los he vists e só usat de les coses que ben se faeren en mon temps; e hagué ja guerra entre.l rey de Castella e mon pare, e, la mercè de Déu, tota via quan s'encontraven los seus ab los nostres, eren bé apreses los navarreres; <b>mas</b> tantes eren les sobres, que ells són molts, e nós som poch, que alò nos tenia dan.	140	146



Ocorrências de <i>però</i>		
Dados	Página	Prgfo
E sus en la truna on cantaven los clergues fo aquí Don Ferrando e Don Guillem de Muntcada, e Don Pero Ahonés e Don Pero Fferrandes d'Açagra e Don Nuno, qui.s pensaven que fos de la nostra partida, mas <b>emperò</b> tots eren uns.	27	22
“Dona –dix él-, no plorets, <b>pero</b> tant vos porets conortar, que per <i>las lágrimas que hombre geta perde la sayne que homne ha</i> .	28	22
“En Ramon, lo rey ha feyta folia, mas <b>emperò</b> a bon respit lo podem tenir d'armes e de tot bon feyt, pus així s'enfeloní cant no fo a la batayla”.	73	61
Car aquels qui morts són han més de terra que nós, que han la glòria de Déu. <b>Però</b> lo conseyl que jo y do, però salvan lo conseyl que vós me donats, lo y do.	92	79
Car aquels qui morts són han més de terra que nós, que han la glòria de Déu. Però lo conseyl que jo y do, <b>però</b> salvan lo conseyl que vós me donats, lo y do.	92	79
E, can fom de prop d'él, levà's ab sa capa blanca, <b>però</b> vestia .I. gonió dejús la capa dejús guardacors que vestia de xapsir blanch.	99	87
E, quan hoïren aquesta bona paraula que jo.ls deya, acadaren-se e tolgueren-se de la malea que havien començada. <b>Però</b> no asseguran nós tant als bisbes ni al prebost que ja gosassen exir de la Almudayna per tot aquel dia entrò que.l poble fo aquedt, que.ls dixem que comptariem e puys dariem lur part.	102	91
E nós responem-los que ben sabia él que totstamps l'avia amat e honrat, a él e a l'Espital, e que fariem ço de què éls nos pregaven volenters e de bon grat, e que.ns playà molt; mas aquest era lo major enbarch que nós haviem, per ço car la terra era ja partida e l'aver, e que n'i havia molts d'aquels qui havien presa lur part e que.s n'eren anats, que, en altra manera, leu nos era de fer. “ <b>Però</b> per tot açò no romandrà que jo no us ajut en tal manera, que vosaltres partrets demi pagats”.	105	95
E ajam Ramon d'Ampúries, qui sap les parts de vosaltres, <b>emperò</b> vosaltrs no poriets dar alqueria que a .I. no la hagués hom a pendre; mas prenga hom terras segons les parts que vosaltres havets preses, e ab la terra e ab la alqueria que nós li darem haurà sa part convinentment.	106	96
E regoneguem que daven meylor conseyl e seguim aquel; <b>emperò</b> pesà'ns molt can no poguem fer aquel ardit.	108	98
E fèu-se en axí: els nostres combatien-los per la entrada que era de la cova; e la muntanya era tan fort e tan alta, que feya punta; e la roca exia a fora, e en mig d'aquila roca eren les coves feytes, que neguna peyra que vengués desús no podia fer mal a les conves on los moros staven, <b>però</b> en les barraques que éls havien feytes, en algunes d'aqueles podien tirar pedres.	109	100
Don Nuno, bé.ns sembla que us digua ver lo rey e que us diga raó; <b>però</b> fets axí: vaja menjar lo rey e vós, e, quan haurets menjat, enviats hic companya, e acordarem con ho farem.	110	101
E nós reposam aquí esperan aquel dia. <b>Però</b> en endemig, sinó .II. dies que.ns durà .I. poch de pa que haviem, lo derrer dia passam, nós e Don Nuno bé ab .C. hòmens que y menjaven, ab .VII. pans; e.ls de la ost no havien pa, sinó que trobaven forment en les alqueries dels sarrins e torraven-lo e menjaven d'aquel.	110	102
E, quan nós hoïm aqueles noveles, pesà'ns molt, <b>però</b> ab tot lo pesar que nós n'aviem conortam-nos, que més valia a preu de nós la conquesta que nós haviem feyta de pendre Maylorques, que.l goany que faérem d'aver aquel regne;	114	106
E fèu-nos parlar pleyt aquel que havien feït cap seyor, e havia nom Xuaip e era estat de Xiver, de tots sarrins de les mentayes e dels castells, que, si nós li haviem mercè e li fayem bé, que él nos retreie los castells e les montanyes en tal manera, <b>però</b> , que él pogués onradament viure.	119	113
Seyor, vós me faés carta que, si jo prenia algun logar de moros, que fos meu. <b>Però</b> , tant és lo bé que vós me havets feyt e.l que.m deïts que.m farets, que bé és raó que, si jo us pusch fer algun servici, que.l vos faça.	135	137
E vuyl-vos-ho més dir de ma boca, que no que altres fossen entre nós e vós. <b>Però</b> en aquesta manera, que no diguen los hòmens que alguna cuberta no y havem: que nós volem afiyllar-vos, e vós e tot qu affiyllets-nos;	137	139
E nós, quan hoïm la paraula, plach-nos molt, que ben semblava que de gran amor li venia. <b>Però</b> que.l pregàvem que no li pesàs e que.ns acordariem ab aquels nobles qui eren venguts ab nós e que al vespre tornar l'hiem veer e que li respondriem.	137	140
E fo aquesta la resposta al segon dia bon matí: que gran cosa era que ell, qui era tan veyl, s'aventuràs ab .II. persones aytals con nós e nostre fiyl érem; mas, <b>però</b> , per la gran amor que él nos havia, ab que nós li ajudàssem del rey de Castela, qui li faya tort e que.l deseretava, que u faria, e que.l rey metria nostre fiyl que y fos ab nós en u;	138	141

## ANEXO F – Dados do catalão - séc. XIV – Contes i Faules

Mes e variantes: 37 dados

Però e variantes: 29 dados

**Total: 66 dados**

Ocorrências de <i>mas</i>	
Dados	Página
E de continent los sarraïns s'alegraren, dient que aparia que veritat llurs havien dita en la nau, e que gran miracle era aquest que havia fet llur ermità, e que gran cosa era la secta de Mafomet. <b>Mas</b> Nostre Senyor, qui la sua honor, virtud e glòria no vol sia dada a estranys com diu ell mateix per Isaïas, dient (capítulo XL, v. 1º): <i>Gloria meã alteri non dabo</i> , e majorment a hom damnat, així com és aquell malvat Mafomet, per tal obrí l'enteniment a um d'aquells mercaders crestians qui eren aquí; e conec e creu, en la manera de l'apellar los aucells, que allò era ficció, e dix aitals paraules a l'ermità Sarraí:	16
- Cert, lo venir dels aucells primers bé apar que ab art cautelosa fon fet, car si per virtud de Déu e d'aquest hom vinguessen, Aixà mateix se vingueren ara; <b>mas</b> en açò percebé's clarament que los aucells aquells per tal vingueren llavors car són-hi nodrits. -	17
- Jatsia que io sia hom gran pecador davant la cara del meu Senyor Jesucrist, per estirs, no per mèrits meus, <b>mas</b> a glòria e honor sua e a confirmació de la santa fe catòlica, confiant de la sua sagrada paraula, qui diu que totes coses són possibles en aquell que sencerament creu, e confiant en Ell, manaré a qualsque aucells que vulles, ací o en altre lloc, que vinguen;	18
Un hom havia en Barcelona qui havia la muller foro reversa e maliciosa, e especialment era tocada d'aquella malícia (qui els és sobre totes altres coses) de gelosia; e per aquesta sua maícia faïa grans enuigs al marit. Emperò lo marit veïa que era casta e que li servia noblement en les altres coses; amava-la molt, e posà en son cor que la suportàs en les altres coses, e que per molt que ella faés ne digués per sa malícia, que ell no la provocàs jamés a ira, per tal que no tornàs orada. <b>Mas</b> que quan ella seria torbada, així com havia acostumat, que ell la gitàs de l'excés de la ira, e la envergonyís per altra via.	26
E havia aquí mateix, prop d'ells, una dona vídua famosa fort de gran riquesa, <b>mas</b> era tan terrible en sa conversació que negun no la podia sofrir;	28
- Senyors, hom qui res se preu totes maneres deu cercar a abonança as muller ans que la fira; car ferir és gran minva de la dona e major del senyor, e après de tota la casa, en quat l'hom fa parlar de si mateix a tot res; emperò a qui negunes armes no valen, recórrega a la tempesta, ço es, al ferir, qui són les pijors; <b>mas</b> per sa pròpria honor a servir face-ho tostemp ab temprança. -	34
E com lo marit se gloriejàs molt en los bells cabells que ell havia, ella um jorn, ell durment en sa falda, li tolc los cabells; de la qual cosa ell fo après fort torbat; <b>mas</b> ella l'hac de continent asuaujat.	36
Per tal diu que no deu hom tant lleixar créixer lo foc fins que no es puixa apagar; <b>mas</b> així com diu lo moral filòsof: " <i>Principiis obsta</i> ", ço és, al començament del mal li deu hom tostemp eixir a camí;	38
- Tostemp havia oït dir que perillosa cosa era estar entre pagesos, <b>mas</b> ara dic que és cosa mortal, car no usen de raó e creen tost tota follia, e sobte són avalotats e no guarden dret ne envers, e tostemp se deliten en minves e en dejecció d'hom d'estament e d'honor. -	40
¡Llavors no em coneixies, <b>mas</b> ara em coneixeràs així com deus!	43
Segons que veig, io he pres lo colp, <b>mas</b> tu n'has hagut lo profit.	47
E ell dix-los així: - Vosaltres sòts? Véus ací deu florins per amor de Déu. Hajats-ne bom sopar, e pregats Déu per mi. - Emperò ell no els dona res. <b>Mas</b> los primers, cuidant-se que los darrers ho haguessen rebut, e los darrers fiant-se per los primers, haguere-li grans gràcies e partiren d'ell.	49
"Lo bon llit que tenits vos empatxa que lo ventre no pot fer as labor <b>mas</b> si jaiets així com vostre pare, no hauriets mester metge, ni porga, ne crestiri, ço és, jaguéssets en terra, e aqui mal cubert;	55
"Lo bon llit que tenits vos empatxa que lo ventre no pot fer as labor <b>mas</b> si jaiets així com vostre pare, no hauriets mester metge, ni porga, ne crestiri, ço és, jaguéssets en terra, e aqui mal cubert; llavors lo fred vos faria temprar. <b>Mas</b> io hi sé altra medecina que abans us hauria porgat, ço és, per lo ventre bona llançada qui fos de part a part, qui tot vos buidaria, e no hi caldria altra art; e llavors amar-vos hien les dones, car seriets gallard.	55

- Sènyer, ver és que frares menors no mengen carn quan no n'han, <b>mas</b> quan Déus los en dóna ne poden menjar en còpia, així com ara veets que faç io. -	58
D'una dona he llegit que havia la cara torta, e com faés comprar mirall a la sirventa e es miràs e es veés la cara torta, no ho imputava a sa própria cara, <b>mas</b> al mirall, e barallava la serventa dient-li per què havia comprat mirall tort.	63
- Dona, la tortura aqueixa no és en lo mirall, <b>mas</b> en la vostra cara, qui és torta e dolenta; e vós contra natura volets-la fer dreta.	63
Lo terç diu que no respòs res, mas ris-se en si mateix e baixà lo cap ab falsa ullada, e, suspirant, lleixà-la estar.	65
- Senyora – dix ell - , plàcia-us que ma follia no vullats gardar, <b>mas</b> pensats que ço que io faç per vós no ho faç io, mas fa-ho amor, qui em fa fer continents e obres d'hom orat;	65
- Senyora – dix ell - , plàcia-us que ma follia no vullats gardar, mas pensats que ço que io faç per vós no ho faç io, <b>mas</b> fa-ho amor, qui em fa fer continents e obres d'hom orat;	65
que envers les menaces d'aquesta dona, lo primer s'era mostrat no cavaller, <b>mas</b> pagès e vil hom, en quant havia llejament respost a dona defenent a sa honestetat.	66
- Açò io no sé, <b>mas</b> tothom sap que tu portes un bell llagostí en la cara.	76
E acordaren de servir llur jurament e de no consentir al Rei per res en aquella demanda. <b>Mas</b> estec entre ells contesa qui faria la resposta al Rei, car temia cascun de si mateix per les menaces que lo rei havia fetes davant ells, si li deïen de no.	88
Deus saber que pres lo bou e lo gall, e anà-se'n al mercat e a fora, lo bou que el donàs per dotze diners, e lo gall per cent sous, <b>mas</b> no volia vendre la un sens l'altre.	94
Los compradors meravellaven-se d'aquests aitals preus, <b>mas</b> veent que ella no volia vendre la un sens l'altre, pensaren que per a ells aitant los valia dar cent sous per lo gall e dotze diners per lo bou, com fer per lo contrari, pus que la un no es podia vendre sens l'altre.	94
Dix la dona que hoc, <b>mas</b> que hom ne demanàs a ell.	98
E volc dir que neguna amor no dura entre ells si doncs lo servei no nodreix l'amor; per què, apar que llur amor no és amor d'ells, <b>mas</b> és amor del servei.	123
Sàpies, doncs, que jatsia que l'hom sia foro desconeixent, emperò alguns pocs n'hi há qui són coneixents. <b>Mas</b> entre ton estol e col.legi n'há d'així vils, que són sens fé e sens llig e sens tota coneixença del món, e encara pijors quel'hom, segons que veuràs si ho vols oir;	129
E responc-vos primerament a açò de què em pregats, que davall aquí a vós, que io cridaré tan bé que vós e els altres me porets bem oir. <b>Mas</b> , emperò, de lluny nos raonem, car si no us plaïa ço que us diré e en fe m'auceïets, iria's per aital;	131
car príncep qui res no té secret no és bo, ni consell qui es descobre no és consell, <b>mas</b> és parleria d'arlots e de gent de mala ventura.	131
- Cegonya, per ma fe vós m'havets bé deshonorat, e a mi e a mon consell; <b>mas</b> per ço com io veig que vós diets veritat e que us mou bon zel així a parlar, e veig que de mi no esperats en res més valer, io veig que a intenció havets pura, faç-vos-en aquelles gràcies que puc, ofírent-me a tot servei que fer-vos puixa;	132
E si res li demanats, per molt que l'hajats servida, no us repondrà dret ne a profit, <b>mas</b> va per marrades, e fa cercle sobre terra de si mateixa, e met dins lo cap, per guisa que james no pot hom veure què fa ne què diu, ne què vol fer, ne què entén ne què pensa;	135
Per què, farem així primerament: que sia decret perpetual que en casa real no hi hage llop, ne serp, ne ofecial; <b>mas</b> vós veurets que lo decret no es servarà, car negun rei no hi venrà ne el volrà.	137
- Si tu m'haguesses dit que tan mala cosa fos pintar ni que tant hagués a costar, null temps no m'ho fóra acordada; <b>mas</b> , pus sé que tan gran pecat és, hauré paciència en la cara, que tostemos d'aquí avant la portaré d'una part pelada, e l'altre ab pél.	141
- Bé par que poc sabeu, car io sol no em mouria de mon lloc; <b>mas</b> can me fossen prop saltaria ara de ça, ara de lla, e pendria mil voltes, a les quals ells no sabrien eixir a camí. -	142
Ne grat ne gràcies a tu, <b>mas</b> a ma bona estúcia que el t'he sabut sostraure.	145
per què en lo cant apellat “quinta” o “octava”, lo papagai n'era mestre, <b>mas</b> en lo cant de “gros bordó” lo senyor d'ase ne faïa meravelles.	154

<b>Ocorrências de emperò</b>	
<b>Dados</b>	<b>Página</b>
Aquesta sabia l'art de nigromància complidament, e si fon pregat per lo dit Rei En Jacme que li ensenyàs la dita art; e null temps no la li volc ensenyar, al.legant que mal n'usaria. <b>Emperò</b> , per tal quant amava pus cament lo Rei Frederic de Sicília, atorgà-ho en aquell après grans e llongs prec.	20

Aixa com neguna malícia no fos que ell no guarís, aquella <b>emperò</b> no poc guarir, la qual lo empatxava de no ensenyar a negun la dita art.	20
Un hom havia en Barcelona qui havia la muller foro reversa e maliciosa, e especialment era tocada d'aquella malícia (qui els és sobre totes altres coses) de gelosia; e per aquesta sua maícia faïa grans enuigs al marit. <b>Emperò</b> lo marit veïa que era casta e que li servia noblement en les altres coses;	26
- Senyors, hom qui res se preu totes maneres deu cercar a abonança as muller ans que la fira; car ferir és gran minva de la dona e major del senyor, e après de tota la casa, en quat l'hom fa parlar de si mateix a tot res; <b>emperò</b> a qui negunes armes no valen, recórrega a la tempesta, ço es, al ferir, qui són les pijors; mas per sa pròpria honor a servir face-ho tostemps ab temprança. -	34
E Pere, entrant, fèu gran reverència al dit Arnaud, ço és, reverència així com a rei, <b>emperò</b> Arnaud no s'hac cura d'ell;	42
- Sènyer, no us carregueu molt en carn ni en vi, car gran perill vos seria; <b>emperò</b> bé porets beure lo brou de la gallina. -	46
E ell dix-los així: - Vosaltres sòts? Véus ací deu florins per amor de Déu. Hajats-ne bom sopar, e pregats Déu per mi. - <b>Emperò</b> ell no els dona res. Mas los primers, cuidant-se que los darrers ho haguessen rebut, e los darrers fiant-se per los primers, hagueren-li grans gràcies e partiren d'ell.	49
E, jatsia açò sia ficció poética, <b>emperò</b> prova assats lo nostro propòsit.	68
- Doncs – dix lo picaplet – ara poràs denegar lo deute a ton compare davant lo jutge. – E llavors lo pagès consentí que ho negaria. - <b>Emperò</b> – dix lo picaplet - , quan io t'haja defès, tu em daràs lo cabrit. -	81
L'abat de Cluïc, qui era hom poc e grosset de ventre ( <b>emperò</b> era sant hom e bo) faent reverència, a París, a la Regina de França, reptà fort les sues donzelles perquè es pintaven e anaven tan dissolutament;	86
- Io faré aquesta desposta volenter, per honor de Déu e per amor de veritat, e per honor de la ciutat e de la sua feeltat. - <b>Emperò</b> – dix ell - , per tal quant lo Rei ha menaçat, vosaltres farets així:	89
E al primer crit qui es faça dins la casa on nòs serem, tota la ciutat repic e vinga al real per fer ço que nòs manarem; <b>emperò</b> la persona del Rei tostemos salva. -	89
- Senyor, nòs som ací per dar resposta a la vostra demanda; <b>emperò</b> ans que us diga la resposta qui m'és comanada per la ciutat, propòs a vós, per servir feeltat a vós e a la vostra casa, que com io us entena respondre segons Déu e veritat e dret e bona consciència, si negun se mou tant ne quant, ensenyant que la vulla impugnar ab eficàcia, que de present ha ací a morir sens tota misericòrdia, tostemps salvada de la vostra persona tota sola, e no altra; e puis vinga lo fet a què puixa.	90
- Qui ens ve detràs, si és diable, així ens aconseguirà fugent com estant, si és hom, no ens calhaver paor d'ell, car molts som. <b>Emperò</b> prengam pedrès e iscam-li a camí, e vejam quin continent farà. -	97
- Per tal quant deïts que ha poc seny li perdó la mort, <b>emperò</b> per raó que d'aquí avan se sàpia mills guardar de fer semblants oradures, en la part que ha pecat aquí serà punida.	106
- Sènyer, vós sabeu la minva e vergoya que, ara ha un any, io rebí en casa d'aital pagès. Per cert io la tornaré a venjar. <b>Emperò</b> vull-vos-ho dir abans. -	111
E així com la grua hac pres l'os e el tenc casi fora ( <b>emperò</b> encara era dins la boca del llop), lo llop estrenc lo coll de la grua e tolc-li lo cap, e puis menjà-la's tota.	118
Per totes aquestes coses e per moltes d'altres lo lleó volc aquí concloir que l'hom era fort coneixent, e més que altra bèstia. - <b>Emperò</b> – dix lo lleó – cascun diga sos vijares, car io ho escoltaré ab plaer. -	122
car, senyor, vós veurets per experiència que ell no és coneixent a Déu ne a sos angels ne jamés no n'ha memòria sinó ab desplaer, o fort poc, com <b>emperò</b> per Déu sia ço que és e per sos àngels sia servit contínuament ab gran diligència.	123
car ne a altre cavall que hagués no fèu semblant cortesia, com <b>emperò</b> n'hagués d'altres excel.lents qui el serviren excel.leentment.	126
E ab un poc de lleig pa que em dóna ell, passe tota ma vida, e ab los ossos que ell gita al sòl. E, <b>emperò</b> , quan só vell e no puis treballar, bastonejant gita'm de casa, ne li membra del servei passat;	128
Sàpies, doncs, que jatsia que l'hom sia foro desconeixent, <b>emperò</b> alguns pocs n'hi há qui són coneixents.	129
E responc-vos primerament a açò de què em pregats, que davall aquí a vós, que io cridaré tan bé que vós e els altres me porets bem oir. Mas, <b>emperò</b> , de lluny nos raonem, car si no us plaïa ço que us diré e en fe m'auceïets, iria's per aital;	131

per què apar que açò dejats lleixar estar per vostra honor. <b>Emperò</b> , pus que Déus vos fa gràcia que havets tan gran zel de punir pecat de desconeixença, prec-vos comencets als vostres primerament.	133
Així mateix vejats en general e entenets a tots quanta curials havets, e especialment aquells qui us són pus acostats e a qui fets més de bé; car com tots aquests mais vegem, negun no us en vol res dir, ans és pijor, que com tots reben de vós vida e honor, e vegem que vós siats vícios e tacat de molt mal vici e pecat, per los quals sòts a Déu e al món fort odiós e encorrets per açò perill de perdre l'ànima e lo cos; <b>emperò</b> , ja per això negú no us n'informa ne us n'acienta, ans vos lleixen caure a tot vostre pes, tements perdre llurs emoluments temporals, los quals amen més que a vós.	136
E jatsia que entre les bèsties n'hi hage de fort corteses e bé satisfiaents a aquells qui els donen vida, així com les ovelles, qui donen carn, llet e llana e fems prou, e així mateix lo cavall, e lo bou, e l'ase, e el cà, e altres damunt nomenats; <b>emperò</b> pus magnífics són encara los aucells e pus coneixents, segons que damunt és dit, jatsia que llurs beneficis amagats e alts no sien per tots coneguts en esta vida, segons que dien los filòsofs.	139
Es ver que ha n'hi alguns entre si que són males bèsties e fort desconeixents, e aquests són los pardals, que per molt de bé que hom los faça no cessen de menjar lo blat dels camps; <b>emperò</b> , per açò los majors aucells los puniesen, car mengem-los-se quan los poden trobar.	140
Respòs la sirventa de casa que li plaia molt, <b>emperò</b> que primerament li havia a llevar tot lo pèl de la cara; e plac a la somera que així es feés.	141
- Cert, més li costarà que a tu; <b>emperò</b> tu hás já pagat per ton pintar e madona pagarà can sia morta, car menjar-li han vermes la cara, e els diables portar-se n'han sa ànima. -	141

ANEXO G – Dados do catalão - séc. XV – *Epistolari del Segle XV*

*Mes* e variantes: 19 dados

*Però* e variantes: 18 dados

**Total: 37 dados**

Ocorrências de <i>mas/mes</i>	
Dados	Página
Si fos la mia ventura que en aqueixa casa no estiguésseu, hauria plaer de parlar-vos, <b>mas</b> pus no puc, hauré-us a molta gràcia de saber la vostra voluntat per vostra lletra.	26
Moltes coses restarien si lo temps nos ho consentís, <b>mes</b> estam en negocis prou, màxime tenint en la testa la nostra partença per Cort romana a la primavera, e per causa d'aquella tenim moltes ocurrencies e negocis.	36
La causa de la present és per avisar-vos de nostra sanitat, que som sanes e alegres, a la mercè de Déu e de la sua beneita Mare; de la qual me plauria saber de vós e de madona vostra e de tots los parents e amics. <b>Més</b> , sènyer e car frare, vos avís com per un jove criat vostre, al qual dien Bernat, me fes a saber que si io volia ana aquí, que vós daríeu o colocaríeu mès filles, nebodes vostres, em bona part,	70
Així, sènyer, avís-vos que, si vós voeu dar orde que io vaja ab mes filles aquí, io só contenta d'anar, per què us prec me trametau vostra entenció e lletra, per la qual io e mos amics hajam a creure d'anar en segur aquí. <b>Més</b> , sènyer, me dix lo dit Bernat, criat vostre, que vós manejàveu aquí un matrimoni ab un jove mercader de divuit anys e que li volíeu dar la casa de Barcelona ab ma filla;	71
Així, sènyer, ço que vosaltres fareu seré contenta, car oncle los sóu e crec hi gordareu lo millor. <b>Més</b> , sènyer, vos avís com aquí és la galera "Cornuda" e han-hi mes por força En Bernat, criat vostre, per què vejau si el ne poreu traure, que sa muller n'està ab prou ànsia.	71
Per amor de Déu, treballau-m'hi un poc a tant que treballàs per los contraris; e de ço no pus. <b>Més</b> , vos prec que a la Davallada del Pou Nou està un ferrer que diuen Antoni Arau, e sa muller ha nom Na Francina;	76
Jo li escrisquera ara, <b>mes</b> no he temps.	80
Per què, car frare, vos prec haja de vostres lletres e d'En P. Perpinyà, car, Déus volent, jo tantost torn aci en Càller, per què sia-us avís. <b>Més</b> , car frare, vos prec que [si] lo senyor mon pare vos deia que li escrivísseu, que vós per amor mia ho vullau fer, així com jo per vós faria;	80
e a vós a la satisfacció que de cada dia virtuosament m'obligau, ni tenui raó de grair-me lo record dieu que no contrastant lo major contrpès he hagut de vós en ma absència, que ab molta raó só tengut egolar-vos ab aquell en totes coses qui a bé e a honor satisfacen. <b>Mas</b> tenui justa querella inculpar-me d'ingrat, com aquesta és la primera, oferint-me a l'esmena e correcció que mes faltes per vostre valer m'obliguen;	84
les quals ara faç traure altra volta, en forma que sens aquelles no poguera vendre dits censals; <b>mes</b> confiu en Déu que ara ne faré fi, e molt prest;	85
Prec Nostre Senyor Déus que en tota honor jo us ho puixa satisfer, amén. <b>Més</b> , mossèn, me feu menció en vostra lletra com haveu mester dues gerres d'oli per a vostra casa; per què, mossèn, vos ne tramet dues gerres així fi com puixa ésser e'l món.	89
e vejats si es porà obtenir, car molt lo hi estimaré, tant com si em dóna cent florins; al qual mi comaneu molt infinidament. <b>Mas</b> , vos escriví sobre lo fet del catiu, en quin punt estaven los testimonis devia dar la part, e si són publicats, digau-me com fan per i, car io no n'he rebut res ni sé què dien.	94
Avisau-me llargament, io us ne prec molt, com va la mia casa e açò per correu; e duplicau les lletres per correu. <b>Més</b> , vos he escrit llargamente de Xàtiva, e per quant no sé si haureu rebudes les lletres, vos tornaré a escriure a ple.	94
Per què, si pus ne voleu, trameteu-me devés saques e diners per lo dit patró, e sia avisat per vós. <b>Més</b> , me trameteu los diners d'aqu[e]i peraire, qui són cinquanta sous;	105
Agleriu-me ab En J. Muntamany qui m'ha mès en compte los saquins a trenta ser sous e vós digués-me que anaven a tresta sis sous. <b>Més</b> , m'avisau què és del fet d'En Moragas.	105

Emperò no vos ne vull dir pus, car per ventura no me'n creuríeu, <b>mas</b> prec contínuament a Déu en breu nos vejам, car certament ab afecció ho esper.	107
Lo senyor e ell són fort desavenguts per certa taca[n]yeria sua, ne vol entre les altres malícies li entre en casa; com sia aquí a consolar-vos-heu, <b>més</b> és mester que el festegeu així com ací feu a nós.	109
De mi vos dic, germà, com estí sà, mercè a Déu, <b>més</b> molt enujat per ocasió de la terra e de la gent, qui és molt mala;	140
Avui, quinze dies hic som que encara no havem començat a carregar, per ocasió d'altres naus qui eren primeres, <b>més</b> tenim fiança ab Déu que per tota aquesta senmana qui ve (qui serem en agost) serem desempatxats e tirarem nostre bon viatge si palurà a Nostre Senyor.	140

<b>Ocorrències de <i>però/emperò</i></b>	
<b>Dados</b>	<b>Página</b>
Feu-me a saber, cara filla, que us sou departida de vostre marit i ell de vós. N'he massa gran desplaer; <b>emperò</b> no hi puix fer pus, sinó que us prec, cara filla, que façau com a bona dona.	30
Especialmente volièm saber e lo fillet si era mort, així com nos han dit, de què, si ver és, havem hagut gran desplaer vostra cosina germana e jo. <b>Emperò</b> , sobre totes coses, Déus vos sal la un a l'altre, e Déus que us dó salut e bona paciència, car ja veets lo món con va.	38
Per ço que, pus ab la sua carn no em puix aconsolar, m'aconsole ab queacom de l'hàbit que ha lleixat e em sia mills memòria a pregar a Déu per ell. Protestant, <b>emperò</b> , que si per sa malaltia o sepultura havia més despès que no val ço que há lleixat e ço que us há servit, que no ho entén haver demanat, ans entén fer-ne vostre voler, com d'um bom amic a altre se pertany.	47
Ací s'há feta veda no es trasqués gra de la vegueria, <b>però</b> per dues càrregues ab dificultat n'he hagut llicència.	48
Aquests jorns passats he rebut dues vostres, a les quals ab la present al mester vos respondré e breu, com la sustància d'aquelles sia solament sobre lo desig que haveu de venir en les parts de ça per aturar en casa de mossèn Mateu Pujades, que us dic hi trobaria grandíssim pler de vostra venguda, e Déus que us n'acomplezca vostre desig e us lleix venir ab salvament. <b>Però</b> , en tant com dieu que voleu estar en casa de mossèn Mateu, vos dic que a mi par vos fos molt més útil estar en casa d'un secretari que no de mossèn Mateu,	52
De l'oli vos faç avis que n'hi há molt poc, <b>emperò</b> , fins ací, no és pujat a més de deu sous per cànter, que són tres cortans, tres... d'aqueixa mesura.	57
Molt magnífic e més virtuós germà: Gran temps de voltres lletres no he rebudes, e só cert en part io me'n só estat causa; <b>però</b> en dies passats vos escriví: pens no rebeu la lletra.	74
perquè havia dies no n'havíeu sabut res e que pensàveu que jo fos en la taula del General, que així vos ho havien dit, <b>però</b> qu no n'havíeu lletra mia, per ço n'estàveu ab desig.	89
De mi, io no recep res de mossèn de Catània, <b>però</b> lo germà vos té la mateixa voluntat, e prec Déu a vós e vostra casa vos dó bona sanitat e llonga vida	100
No em pensava que tan molestament io sofrís aquella. <b>Emperò</b> no vos ne vull dir pus, car per ventura no me'n creuríeu, mas prec contínuament a Déu en breu nos vejам, car certament ab afecció ho esper.	107
Si deliberes de venir, atura't aquell poc que t'hic aturaràs a mossèn Felip, <b>però</b> vina-te'n tantost: si hic eres la nit, parteix lo matí; si hic eres a dinar parteix lo daprés dinar.	113
e hi dugy;u-li que em plaia bé, <b>però</b> que no hagués falla;	116
No és sens meravella ia si vós estau ni haveu estat meravellat e mi per ço com no us he complit en ço qu devia; <b>però</b> , en veritat, no és estada bé ma culpa, que tants afers he haguts i he que a mala pena h i puc donar cap.	120
però, en veritat, no és estada bé ma culpa, que tants afers he haguts i he que a mala pena h i puc donar cap. <b>Però</b> pens qe d'uimés hauré'm pres d'acabat, e io de present seré aquí e contentar-vos-he a tot vostre voler, sens tota falla e prest;	121
e aquests vos recoman a vós e son pare, <b>emperò</b> , sobre tots, a Na Francina, perquè és dona.	131
Item vos prec, per lo dit portador me trametats alguns cuerns de paper o llibres de què io faç menció a Jaume, mon fill; <b>però</b> és ops que sien embolcats en un tros de drap encerat, nou o vell, que el dit Jaume podrà trobar en lo meu escriptori o en algun alquibanc, o fora, en alguna post.	134
Per allò ha estat, <b>però</b> , Déu volent, ell hi partrà dins tres o quatre dies e, sens dubte, ell vos portarà recapte de tot, així del vostre com del feït d'En Joan Eiximenes, lo qual vos prec me saludets molt.	138
La comare vull que se'n torn aquí per lo primer bon passatge, segons escrit vos he, <b>però</b> ella met peus en paret, dient que si d'ací la llance mai tornarà en Barcinona, majorment no trobant-hi sos fills.	142

## ANEXO H – Dados do catalão - séc. XVI –Los Col.loquis de la Insigne Ciutat de Tortosa

Mes e variantes: 57 dados

Però e variantes: 43 dados

**Total = 100 dados**

Ocorrências de <i>mas/mes</i>	
Dados	Página
L'estiu, a la veritat, és baix pit, i humil, <b>mas</b> no desconvenient a l'escriptura de col.loquis;	42
Senyor Fàbio, o la vista m'engana o és aquell cavaller que allí està parlant ab lo mecader, don Pedro, nostre amic; <b>mas</b> , com hauria fet cosa tan nova de no haver descavalcat en ma casa tenint-la per tan sua?	49
Ell és sens falta; jo, ab tot, ja coneguí tantost en lo tall i en lo brio que era valencià, <b>mas</b> no creia que fos don Pedro.	50
La gran, sí, <b>mes</b> la portella, no, que mai se tanca;	50
<b>Mas</b> , com estan, a propòsit, aquells hostals allí per a remediari semblant necessitat com la que anit tingué lo senyor don Pedro!	51
Sí estan, per cert, i també estan bons per als qui no volen ésser vists; <b>mas</b> jo poc los emplee per ad aquest fi,	51
I així no pot quadrar lo que ell diu, que en aquell temps, no sols lo rei, <b>mas</b> tots los escrits del rei parlaven català, i així pogué restar la llengua catalana i no l'aragonesa.	52
En nostres dies sí, <b>mas</b> en lo temps atràs no la tenien sinó per molt grossera, com a la veritat ho era, i per ço tinguda en menys que la d'ací.	52
Igual seria tenir los diners que a elles; <b>mas</b> d'això de guardar-les, promet-vos que ho fan, i tant!	55
De tal manera haveu cobrada la vostra raó que par que no hi ha que replicar, <b>mas</b> en la real veritat gran engany i bescompte reveu, senyor, en això;	56
També tenim aqueix breu ací en Catalunya; <b>mas</b> , senyor, això que dieu és malícia i ràbies que pocau a l'obra;	57
No só tan ambiciós com això, <b>mas</b> no puc deixar de dir la veritat, que per un moro la diré, i aparia que la corona fos més instrument per al mal que per a reparo del mal.	57
Cert és que jo no he de parlar sinó coses que jo pense que bonament puc parlar, <b>mas</b> ni aquelles per ésser cosa del papa les aclariria,	59
I és cert que segons lo que en ell se conegué en los principis de son potificat, i per la relació que tenim de la bondat sua i santedat, ell és un príncep molt singular, <b>mas</b> a vegades, los qu estan prop dels prínceps són causa que la bona naturalesa que en ells ha se gaste, com és de creure que serà estat ara en lo papa.	59
I és cert que segons lo que en ell se conegué en los principis de son potificat, i per la relació que tenim de la bondat sua i santedat, ell és un príncep molt singular, <b>mas</b> a vegades, los qu estan prop dels prínceps són causa que la bona naturalesa que en ells ha se gaste, com és de creure que serà estat ara en lo papa. <b>Mas</b> si per cas, en lo que entenc dir, erre, vija per no dit ara per llavors.	59
No, jo tampoc ho voldria creure, <b>mas</b> així es diu.	60
Ara deixem d'això, que a la veritat no és de creure; <b>mas</b> lo rei de França, no tenia treva ab lo rei don Felip?	60
Sí tenia, <b>mas</b> per a fer aquesta en companya del papa ha volgut rompre-la,	60
Per ço, senyor, si massa m'estrenyeu, diré que ara no sols devia deixar de demanar lo papa lo que demana, <b>mas</b> , si lo que li resta li prenien, no hi devia fer resistència alguna per no torbar la unitat dels prínceps cristians per a contra lo turc,	62
I així s'és mostrat ésser veritat en infinites voltes, que per voler guardar lo papa allò, i per voler cobrar açò, cada dia ha de tenir en sa mà, no lo bàculo pastoral per a guardar i guiar les ovelles, <b>mes</b> l'espada i llança per a degollar i estripar los hòmens.	64
No em par a mi mal lo que diu lo senyor Lúcio, <b>mas</b> , com se poria fer això?	65
No em desagrada lo que haveu dit, iestic ja, a la veritat, prou satisfet de vostres raons; <b>mas</b> en lo que toda a la guerra que aqueixos dos prínceps tenen, dic que és molt gran infelicitat la del rei don Felip,	65
Jo crec bé per a mi que ell ho té ben considerat, <b>mas</b> està tan après i tan subordinat a sos parents, que no està en mà sua fer altra cosa.	66
Sí, cert; i nosols en tota esta terra, <b>mas</b> en quasi tota Espanya,	67
Lo cos de l'Església, a la veritat, no és ric, <b>mes</b> los donatius ho són prou.	68



que no sols se seguí aquest mal de restar com resten tan pobres los canonicats, que no és poca desgràcia; <b>mas</b> seguí-se'n altre major,	69
En bona hora donàs lo que és obligat conforme a la taxa, que prou se contentaria lo capítol, <b>mas</b> ni açò ni allò dóna.	71
I sabem de cert que moltes cases no viuen sinó d'herbes i garrofes, <b>mas</b> no per això veig que es mou a fer caritats més del que solia, o si fa, és tan poc que no fa cap a res.	71
Encontinent los feren fer com millor pogueren, i perquè d'açò no fossen per so veïns descoberts, no gosaren acomanar-los a mariner ningú que els portàs, <b>mas</b> fabricaren una caixa i posaren dins aquella los dos davant-altars ab un escrit	76
<b>Mas</b> és fort cosa la del senyor Lúcio que mai se burla en donar de menjar.	80
<b>Mas</b> no sé jo d què donau, senyors, vosaltres culpa, que si lo poc he perdut, ser[à] per carta de menys i no per carta de més.	80
Senyor, d'aqueix refrany o proverbi abús n'han fet los maliciosos, que, en la real veritat, no s'és introduït per denotar misèria, sinó per denotar molta abundància; <b>mas</b> perquè los de Barcelona són tinguts en opinió de gent .... s'és vengut a creure que lo refrany fonc introduït per a denotar misèria.	81
A la veritat, si de rael se prenia, seria molt llarga, <b>mas</b> per ad aquest propòsit sols diré que aquesta "taula de Barcelona" se diu perquè en Ramon Berenguer,	81
Bé m'agrada; això serà, sens falta. <b>Mas</b> , que de refranys i quan sentenciosos se troben i es parlen en Catalunya!	82
trobam que no hi ha nació en Espanya que tan arrimada i enfosquida sia estada en tot temps [com] la castellana, qu casi mai ha sabut eixir de los térmens, no dic per a dominar, <b>mas</b> per a gosar guerrejar regnes estranys,	84
i també la jornada que Ramon Muntaner escriu que feren los catalans en Constantinoble, aon tant se detingueren i tantes haçanyes hi obraren, no sols a honra i glòria, <b>mas</b> encara de tota Espanya;	84
que li envià a mossèn Pere de Montcada ab deu galeres molt ben adreçades, que no sols lo servien ab gran valentia i destresa en la mar, <b>mas</b> , saltats en terra, foren la principal part de la victòria;	85
Està molt ben tocat tot i és cosa aqueixa molt de ponderar, <b>mas</b> no entenc jo això que dieu que los aragonesos dien segon al primer i quart al tercer.	85
Catalunya, emperò, no té compte ab aquells, puix no regnaren en ella, <b>mas</b> sols conta los que après han tengut aquells noms,	86
dic-vos que jo no hi sé pendre paciència, majorment com los veig unes afectacions tan descomedides que no tenen par, i açò n sols en paraules, <b>mas</b> també en escriptures.	87
Havia de considerar que allí, segons lo propòsit seu, no s'havien de posar los reis per ésser reis, <b>mas</b> per ser il.lustres;	87
<b>Mas</b> mirau Florián d'Ocampo, que ab tota sa autoritat i gravetat no ha dubtat de dir en les sues històries,	92
També estava jo en lo mateix, <b>mas</b> frai Gaubert Fabricio de Vagad, coronista d'Aragó a qui es dóna molta fe, ho afirma, i encara dient que ab menos dies se donà lo socorro.	95
i així, ab tot que no li fos pròspera la fortuna a don Hugo, <b>mas</b> per a la prova de son valor no és mester sinó mirar lo principi i lo fi seu:	97
los pecadors benaventurats, quat gran engany reben, i quant ignorants són, i quant cegos d'enveja i maícia van, que aquesta província no sols és Espanya, <b>mas</b> és la millor Espanya	97
Ni tampoc ho ignoren los castellans, <b>mas</b> , per no donar-nos lo que és nostre, no sols ho volen ignorar, mas volen-ho negar.	98
Ni tampoc ho ignoren los castellans, mas, per no donar-nos lo que és nostre, no sols ho volen ignorar, <b>mas</b> volen-ho negar.	98
Ara, Déu sap si són causa ells de molts mals que no serien en lo món si ells no fossen. <b>Mas</b> , mirau lo que ara han fet en Ostia, que, après d'haver-la guanyada los espanyols, l'han tornada ab traïció, dos capitans castellans, al papa.	98
E senyors, si tot ho volgués dir com ho sé, com vos mostraria clarament qu totes estes diferències que vui són entre lo papa i lo rei do Felip les han causades castellans! <b>Mas</b> deixem-ho, que no fa dir tot.	98
Les coròniques del comte Ramon Berenguer tracten que mossèn Guillem Ramon de Montcada i mossèn Pere de Sentmenat foren los primers que saltaren en la murada i epr ço guanyaren corona mural, per lo qual los donà, lo comte, après, los dos dels tres castells. <b>Mas</b> la corònica dels genovesos, que de la presa de Tortosa i d'Almeria tracta, diu que la Suda no es prengué a força d'armes,	101
- Eixa casa de Montcada és estada en Catalunya molt il.lustre?	106

- <b>Mas</b> il.lustríssima podera dir molt complidament, així en calitat com en cantitat; però aquí està lo senyor Lúcio que ho sabrà, crec, per lo que haurà llegit i oït.	
Jo bé tinc notícia de l'eixida d'aqueix dâpifer de ma casa, <b>mas</b> no sabia de son succés, i alegra'm que tan bé se sien sustentats allà.	108
I encara discorre aquesta sentència per altres paraules que acumulen lo negoci, <b>mes</b> les que he dites són les substancials i fundamentals.	113
Los aragonesos és bé veritat que, pux ells mateixos se cobraren lo regne de poder de moros, elegiren rei i feren los pactes i furs, i posaren entre ells i lo rei un jutge a son plaer, que és lo justícia d'Aragó, lo qual té tanta jurisdicció, preeminència i autoritat com tots sabem. <b>Mas</b> los ciutadans d'ací, sé que no guanyaren ells mateixos la ciutat, que lo comte, los genovesos, los templers, lo senyor de Montpeller, lo Montcada i, finalment, tots los altres catalans la guanyaren.	113
que primerament no és obligada a passatges de prínceps, ni a sometents, ni altres mil coses de menys substància a què los vassalls són obligats a sos reis i senyors. <b>Mas</b> sobre la causa de tanta llibertat i jurisdicció, de la qual vós, senyor don Pedro, tanto vos meravellau, passà açò:	115
No hi cal gens dubtar. <b>Mas</b> lo que après se'n seguí i lo que après se'n féu, en lo que tractam de les llibertats, fa prou testimoni i prova que he dit.	116
I que si altres pobles en Espanya havien seguit tan cruel i atroç parer, que eren estats infels i sens fe, los quals posaven tota sa benaventurança i glòria en les coses mundanes; <b>mas</b> que a ells convenia considerar que eren cristians als quals, encara que per llurs pecats algunes vegades nostre Déu los perseguesca, però que no els desempara per a sempre.	117

<b>Ocorrències de però</b>	
<b>Dados</b>	<b>Pàgina</b>
I per ço, jo, conforme a esta doctrina, no havia o no devia posar la mà em escriure lo que va em estos sis col.loquis, perquè em la part de l'obra la dificultat era gran, com se porà comprendre per lo discurs d'ella, i per la part mia l'habilitat és poca. <b>Però</b> per parèixer-me que a deixar jo de posar-la-hi, deixara per ventura de saber-se lo que tant a l'honra i reputació d'aquesta ciutat de Tortosa,	41
L'estiu, a la veritat, és baix pit, i humil, mas no desconvenient a l'escriptura de col.loquis; <b>però</b> certifique a Vostra Senyoria que en lo que toca a escriure veritat, en quant possible és estat, he procurat seguir lo que han deixat per cosa més certa los més verdaders autors.	42
I ab tal que lo subjecte que jo he pers per a posar la mà a la ploma és Tortosa, la intenció i propòsit principal meu, <b>emperò</b> , és estat escriure algunes coses de Catalunya,	42
I sé que fóra millor que de res d'aquelles torbacions no es tractara per no reduir a la memòria llàstimes velles i danys irreparables que se'n seguiren, <b>però</b> puix n han dubtat malèvolos d'escriure contat descomediments [que] han escrit en ofensa de la nació catalana,	43
Que no les entenguen los que no són llatins, no els serà, <b>emperò</b> , impediment per a l'entendre l'obra en tot lo demés.	43
Sí, <b>però</b> les forces i potència principal, tota o quasi, era de Catalunya, i per ço se reservà allí la llengua ctalana i no l'aragonesa.	51
Ja sé que això escriu Pere Antoni, <b>però</b> no té força l'opinió sua, perquè aquelles donzelles no poblaren sinó sola València,	52
i en Sardenya, la qual conquistà l'infant don Alfonso que après foc rei d'Aragó, tenen també la llengua catalana, bé que allí tots n parlen català, que en moltes parts de l'illa retenen encara la llengua antiga del regne, <b>però</b> los cavallers i les persones de primor i finalment tots los que negocien parlen català, perquè la catalana és allí cortesana.	52
I no dic que la castellana no sia gentil llengua i per tal tinguda, i també confesse que és necessari saber-la les persones principals, perquè és l'espanyola qu en tota Europa se coneix, <b>però</b> condemne i reprove l'ordinàriament parlar-la entre nosaltres,	53
i és molt al revés del que pensau, que encara que les dos coses sien profanes, que això jo ho atorgue, i per ço no dignes en quant profanes, d'ésser admeses dins casa sagrada; <b>però</b> , per quant les armes són senyal de l'art militar, i la milícia és instituïda principalment per a orpimir i aniquilar l'enemic de justa guerra,	56
Prou ho veem, senyor don Pedro. <b>Però</b> d'això se'n té la culpa lo papa, que aquixa guerra prou la podria ell excusar i per ço, així com als coronats opremixen per sa culpa, com tinc dit, així també mouen la guerra al papa per sa culpa.	58
Sí, <b>però</b> lo papa demanava sixò per via de dret, instant-ho lo fisc de la cort sua, i lo rei defensar per via de dret.	60
Prou sé jo què pretén en los d'Itàlia i en los de Borgonya, <b>però</b> seria llarg de contar.	61

Sia en bona hora tan sant i tan sòbrio com vós voleu que sia, que també me'l vull jo; <b>però</b> , lo major de tots los prínceps, sinó l'universal príncep de la Isglésia, no voleu que visca com a príncep?	64
i açò no sols seria convenient remei per a viure ab la magestat que deu lo vicari de Jesucrist, <b>però</b> als prelats i als altres eclesiàstics los seria salut disminuir-los les rendes,	64
Així és veritat, <b>però</b> gran alívio los és que la culpa no sia estada sua.	65
Aquix serà per ventura son intent, <b>però</b> no lo de sos parents,	67
No cumple tenir cuidado que falte missa, que dende les set hores fins a les onze n'hi ha en Santa Cándia continuament, <b>però</b> podem-nos passejar per la seu i veurà lo senyor don Pedro lo que novament s'és obrat en ella.	67
Sí, <b>però</b> això és quan l'amor i caritat abunda, i quan s'ha més lo bé comú que lo particular.	68
És llarg negoci, <b>però</b> jo li mostraré aon està en lo breviari i allí lo porà llegir a son plaer,	74
<b>però</b> si voleu saber-ho, oïu-me, que jo us mostraré:	84
Catalunya, <b>emperò</b> , no té compte ab aquells, puix no regnaren en ella, mas sols conta los que après han tengut aquells noms,	86
que no sols eren iguals als més senyalats reis de Castella, <b>però</b> , encara, segons ma opinió, los foren de conegut avantatge.	87
Lo qual Rocabruna, la nit abans de la batalla, per tenir notícia de la valentia dels acusadors, s'absentà, de manera que jamás aparegué, deixant lo comte enemic de la necessitat, <b>però</b> per ço lo valerós comte no desmaià um pèl, ans com dit he, combaté virilment fins alcançar complida victòria.	90
Encara no va tant encarit com se mereix, <b>però</b> si m'oïu bé coneixereu que dic veritat.	93
si après, <b>emperò</b> , li succeïa mal l'obra, no era culpa sua que, com sabeu, en la mà del capità està ordenar i proveir bé la batalla,	96
I combateren d'allí ab gran esforç i ab molta fúria; <b>però</b> fons derrocat lo terç del dit castell de fusta ab la infinitat de pedres grossíssimes que los moros ab enginys tiraven,	100
Jo les hi he vistes, allí, prou vegades, <b>però</b> par-me que les han mudades en la frontera d'aqueixa mateixa casa.	102
Té raó lo senyor don Pedro, <b>però</b> així estaran per ara.	103
si bé que la casa dos vegades és eixida d'aquell poder per certes coses, <b>però</b> finalment ella hi és tornada i, per a vui, com he dit, la posseeixen;	104
Açò serà possible, que no hi haurà d'eixes cases sinó una; <b>però</b> d'aquell llinatge ja sabem que n'hi ha encara, en Catalunya, molt principals.	104
No tan complidament, a la veritat. <b>Però</b> totavia porten les armes i posen lo nom en los actes i firmes;	105
Ab tot que per a vui ja no és tanta cosa com solia, <b>però</b> en altres temps sé dir-vos que tenia mil vassalls la casa Despuig, en aquell comtat de Rosselló.	105
Mas il.lustríssima podera dir molt complidament, així en calitat com en cantitat; <b>però</b> aquí està lo senyor Lúcio que ho sabrà, crec, per lo que haurà llegit i oït.	106
És cosa molt certa que la família dels Montcada és estada molt noble, no sols per a Catalunya, <b>però</b> per a tota Espanya i França,	106
- A bona fe, per a vui encara està ab gran honra i reputació. - Sí està, <b>però</b> , a respecte del temps antic, porem dir que casi no és res.	106
Deixem de tractar de la calitat, que tostemps és una mateixa; <b>però</b> en la cantitat vull dir que lo que toca a l'estat és ara casi nores a respecte del que solia, i com que s'aprima la casa.	106
<b>Però</b> lo que acabau de dir ara, senyor Fàbio, que així s'és sustentada, vos diré lo que he oït dir,	107
la fidelitat se reservà i volgué que el tinguessen per sobirà senyor i també volgué posar lo veguer de la mà sua, com per a vui lo posa lo rei per a fer execució de qualssevols provisions que per los oficials de la ciutat se proveixen. <b>Però</b> està tan restret en son ofici que, si no fa sinó lo que fer pot, no farà casi res més d'executar,	111
Jo ho diré, <b>però</b> primer vull que entangau, senyor don Pedro, que aqueixa jurisdicció ja està més evacuada del que seria mester.	113
Mirau, senyors; al rei no li lleveu res del seu, <b>però</b> tampoc no us consell que li doneu res del vostre, perquè a ell no li farà fretura, i poreu-la fer a vosaltres.	114
totavia les coses de Tortosa, en lo que toca a privilegis i llibertats, sós tantes i tan admirables en general i en particular, que són difícils de creure, i han menester molt espai per a contar-les; ni les creurà ningú, sinó que anem ab los actes en les mans. <b>Però</b> , puix parle ací, dins la mateixa ciutat, que tinc en la mà la prova, no dubtaré de dir-ho, que acerca d'açò he llegit i oït.	114
i que si altres pobles en Espanya havien seguit tan cruel i atroç parer, que eren estats infels i sens fe, los quals posaven tota sa benaventurança i glòria en les coses mundanes; mas que a ells convenia considerar que eren cristians als quals, encara que per llurs pecats algunes vegades nostre Déu los perseguesca, <b>però</b> que no els desempara per a sempre.	117